

Linda e Perigosa

Erin Yorke

Clássicos da Literatura Romântica

NOVA CULTURAL

Copyright © 1990 by Susan McGovern Yansick e Christine Healy

Publicado originalmente em 1990 pela Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Título original: **An American Beauty**

Tradução: Cecília Florence Borges Rizzo

Copyright para a língua portuguesa: 1991

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar - CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil - Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento no Círculo do Livro S.A.



***Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.***

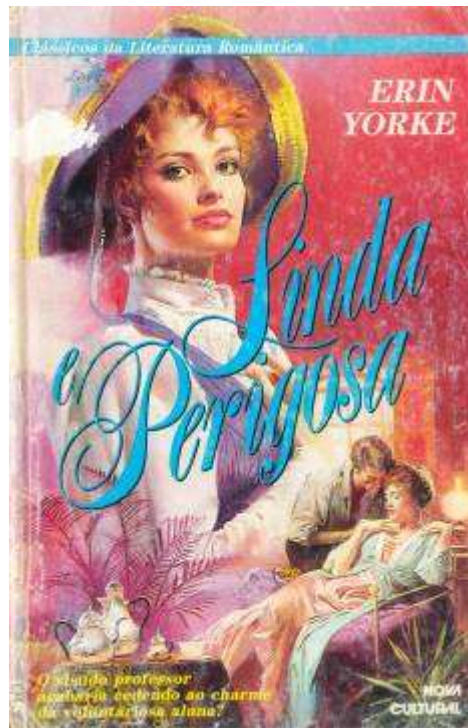
Disponibilização: **ROSANGELA**

Apoio: **contribuintes da caixinha**

Digitalização: **Palas Atenéia**

Revisão: **Cynthia**





O contido professor acabaria cedendo ao charme da voluntariosa aluna?

Uma hora de atraso para a aula! Ainda sem conhecer a Srta. Clarissa Manning, ela já conseguia irritá-lo. Como pudera aceitar o cargo de instrutor de uma jovem rica, fútil e que, com certeza, achava mais importante arrumar os cabelos do que estudar?, perguntava-se Brandon Phillips. Então, quase explodindo de raiva, viu-a entrar na sala com ares de rainha.

Clarissa analisou-o como quem se prepara para entrar numa batalha. Apesar de atraente, a expressão severa a desagradou à primeira vista. Os olhos azuis a fitavam, gélidos. Mas Clarissa sorriu. Seria um prazer acabar com a pose de seu arrogante professor!

Erin Yorke é o pseudônimo usado pela dupla de escritoras Christine Healy e Susan Yansick. Uma é solteira, livre de compromissos amorosos e vive no campo. A outra é casada, mãe de dois filhos e adora a agitação urbana. Ambas, entretanto, consideram a diferença de seus estilos de vida como um fator que enriquece seus livros, verdadeiros reflexos de suas múltiplas e maravilhosas experiências.

CAPÍTULO I

Num gesto nervoso, Lavínia Cooper afofou os cabelos rui-vos, cujo brilho começava a esmaecer, e observou as visitas que saboreavam as iguarias preparadas pelas criadas para o chá. Embora as senhoras presentes, todas de meia-idade, compartilhassem não só de sua mesa como também o interesse por jardinagem, ela não conseguia se esquivar de uma certa ansiedade. E se os bolinhos estivessem meio queimados ou a geléia ácida demais? Responsabilidades de qualquer natureza, mesmo as relacionadas com uma recepção simples, sempre a perturbavam. Entretanto, para seu prazer, via que tudo corria muito bem nessa tarde. E então, quase terminada a reunião social, podia, finalmente, começar a relaxar.

Ao reclinar-se no encosto macio do sofazinho elegante, suspirou satisfeita. Solteira e aos quarenta e seis anos de idade, levava uma vida movimentada mas ao mesmo tempo serena. Isso não acontecia com as amigas casadas, o que podia constatar pelos comentários ouvidos no momento e em outras tantas ocasiões. Considerava as amigas culpadas pela situação. Ao aceitar um marido, a mulher se sujeitava a uma sobrecarga dupla, que se triplicava com o nascimento dos filhos.

Lavínia sentia-se aliviada por haver escapado desse tipo de vida tumultuada. Para continuar a existência tranqüila, havia até internado a sobrinha, vinda de Filadélfia para passar uma temporada em Londres, numa escola para moças no campo. A instituição visava preparar e aperfeiçoar as alunas para a vida social, ponto deficiente na educação da sobrinha, argumentava Lavínia com o cunhado, a fim de explicar a atitude. Na verdade, tinha agido assim para não tumultuar a rotina a que estava acostumada. Sem dúvida, a academia para moças fora uma alternativa brilhante para a obrigação de receber, em sua casa de Londres, Clarissa, a sobrinha de espírito alegre e independente.

Lady Gwendolyn Briarley desceu da carruagem diante da elegante residência londrina. Apesar de sentir-se aliviada por alcançar o destino, conservava a expressão de aborrecimento pelo motivo desagradável da viagem.

A proprietária da imponente casa de pedra podia ser uma senhora distinta, exemplo de comportamento social impecável e aceita nos mais altos

círculos, mas *lady* Gwendolyn encontrava-se disposta a pôr um fim em qualquer ligação com Lavínia Cooper e sua família. Erguendo mais ainda o pescoço duro, olhou para o interior escuro da carruagem até a vista cair sobre a moça petulante, posta recentemente sob seus cuidados, mas que deveria ser devolvida sem demora.

Clarissa Manning encontrava-se sentada bem quieta, sem demonstrar ser uma adolescente de dezoito anos, caprichosa e independente. As feições delicadas, de acentuada beleza, davam-lhe um aspecto quase angelical, até que se observassem os olhos castanho-escuros. Neles fulguravam desafio e independência, traços tão perturbadores na opinião da mestra Briarley. O brilho daqueles olhos escuros e de expressão inteligente era uma lembrança da rebelião que, havia pouco, invadira os corredores da Academia Briarley para Moças, o que indicara a *lady* Gwendolyn a única medida correta a ser tomada. Quem diria que Lavínia Cooper tinha uma sobrinha desse tipo? Mas Clarissa era americana e esse fato, na mente de *lady* Gwendolyn, explicava tudo.

Com um aceno de cabeça, curto e desdenhoso, ela apontou para a casa. Para maior aborrecimento da matrona inglesa, a moça audaciosa obedeceu sem demonstrar o mínimo embaraço pelas circunstâncias. A despudorada Srta. Manning deveria sentir-se humilhada, ou pelo menos amedrontada, em tal situação. Afinal, ela era a primeira moça a ser expulsa da Academia Briarley, em condições tão deploráveis!

Lady Gwendolyn olhou para o maço grosso de cabelos compridos e ruivos que segurava nas mãos. Enquanto isso a Srta. Manning, sem um traço de arrependimento, descia à calçada. Seus caracóis cor de cobre, recentemente tosados, tinham a mesma tonalidade das madeixas em posse da velha senhora e, agora, exibiam-se ao olhar do mundo inteiro. Sem a preocupação de cobrir o estrago com uma boina adequada, ou baixar os olhos em sinal de compunção, Clarissa encarava com firmeza a expressão severa de *lady* Gwendolyn. Aliás, o esboço de um sorriso vitorioso curvava os lábios da moça, o que só serviu para exacerbar mais a mestra Briarley.

Indignada, a fundadora da Academia Briarley subiu os degraus à porta da residência de Lavínia Cooper. Sentia-se impaciente para devolver-lhe a sobrinha petulante e regressar logo à sanidade de sua escola. Lá reinava respeito absoluto a boas maneiras e comportamento apropriado, além de uma atmosfera calma. Tudo Voltaria ao normal após a expulsão da americana presunçosa de seu recinto. Num gesto determinado, ergueu a pesada aldrava de bronze e bateu-a com força.

— Ai, Clarissa! — gemeu Lavínia após as senhoras curiosas da Sociedade de Horticultura terem saído. — Imagine, ser trazida aqui pela mestra Briarley em pessoa, e bem no meio de uma recepção de minha sociedade de jardinagem!

— Ora, titia, as coisas não são tão ruins como pensa — consolou-a Clarissa, embora o estado emocional de Lavínia fosse mais resistente do que sua paciência. — Tenho certeza de que suas amigas não perceberam o propósito da visita de *lady* Gwendolyn.

— Não perceberam, diz você? — lamuriou-se Lavínia enrolando e esticando o lencinho de linho. — Que outra explicação plausível devem ter conjecturado ao verem chegar com você, sem ser anunciada, a fundadora da Academia Briarley? Que respostas darei quando começarem a fazer alusões discretas à situação?

— Se achar necessário dizer algo, conte-lhes a verdade.

— A verdade?! — repetiu Lavínia, incrédula.

— Bem, então diga-lhes que estive doente e *lady* Gwendolyn achou melhor me entregar a seus cuidados até me restabelecer completamente — sugeriu Clarissa ao ver que a tia dava importância exagerada à opinião de outras pessoas. — Tal história justificaria também meus cabelo?, cujo corte, se não me engano, você não gostou.

— Não há do que gostar, Clarissa, eles ficaram reduzidos a quase nada — reclamou Lavínia.

Virando-se para não continuar diante da tia nervosa, Clarissa pôs-se a andar de um lado para o outro da saleta. Dessa forma, também dava vazão à energia acumulada sem causar transtornos. Os olhos castanho-escuros brilhavam radiosos, evidenciando o temperamento explosivo sugerido pelos caracóis cor de cobre e desmentindo a imagem de moça comportada que as feições delicadas e a pele alva apresentavam. Embora de silhueta esguia, Clarissa possuía energia e determinação quando se tratava de satisfazer os próprios desejos. A jovem americana reconhecia as boas intenções da tia a seu respeito, porém duvidava que ela ainda se lembrasse dos anseios da mocidade. Sob os raios de sol filtrados pela janela da sacada, a figura da senhora trazia-lhe recordações da mãe falecida, e isso acalmava suas tendências intempestivas.

— Tia Lavínia — começou com suavidade —, não sou mais criança, apesar da atitude de papai. Não preciso de uma escola sofisticada para moças, de onde elas saem como salsichas no açougue: idênticas na aparência e no conteúdo. Independente como você sempre foi, morando sozinha, sem

dúvida concorda que uma mulher, mesmo aos dezoito anos, deva ser capaz de escolher o próprio futuro.

— Talvez eu concordasse se estivéssemos falando de uma jovem realmente dessa idade — admitiu Lavínia —, mas é você o tópico de nossa conversa, e provou ainda não ter alcançado essa faixa etária! Moças bem-comportadas não se entregam a acessos de birra, Clarissa. Acima de tudo, mostram-se sempre atenciosas.

Ao enfatizar as últimas palavras, a bem-educada Srta. Lavínia Cooper estraçalhou o lençinho de linho.

— Não está sendo justa comigo, titia.

— Ora, menina, veja o que me levou a fazer! Um dos lenços dados por sua avó quando fui apresentada à sociedade! Quanto a ser justa, não é preciso. Pelo menos temporariamente, você está sob minha tutela. Sente-se e me ouça antes que eu comece a passar mal. Meu coração já não é mais muito forte, sabe disso.

Fitando a sobrinha, indignada, Lavínia tirou os óculos, ajeitou os cabelos ruivos e apontou para o assento ao lado.

A semelhança física entre ambas revelava-se na teimosia dos queixos erguidos e na tonalidade dos cabelos. Os da mais velha, já um tanto desmaiados, lembravam o sol no ocaso de verão; os da jovem assemelhavam-se à radiossidade matinal do astro na primavera.

Com uma careta de desgosto, Clarissa sentou-se na cadeira em frente à tia. Não estava disposta a ceder um milímetro sequer no que, previa, seria um duelo de vontades. Se ao menos o pai tivesse permitido que ficasse em Filadélfia ou o acompanhasse na viagem de conferências, refletiu, brava. Em vez disso, ele a exilara numa instituição estranha que deveria equipá-la com toda a sorte de inibições. Tudo porque ela exibira um centímetro de tornozelo quando sentara na plataforma do orador, durante um simpósio. Não podia ser culpada pelo fato de ter despertado mais a atenção dos rapazes na audiência do que as palavras do Dr. Manning. Embora o pai houvesse se aborrecido de maneira pouco comum, Clarissa jurara que não continuaria pagando pelo incidente. Ao ouvir Lavínia limpar a garganta, fitou-a com determinação.

— Bem, minha querida, apesar de não desejar vê-la insatisfeita, James Gregory entregou-a a meus cuidados. Não importam as dificuldades, vou ter de enfrentar a incumbência. Não que eu me ressinta da responsabilidade. Como sabe, gosto muito de você.

— E eu de você, titia. Por isso mesmo, não entendo por que não aceita

minha necessidade de independência. Em minha terra, sou livre para fazer o que desejo sem dar importância a regulamentos absurdos.

— Por seu comportamento, isso tornou-se óbvio. Mas este não é o país das liberdades, apesar de já estarmos em 1893. Não concordo com a maneira drástica da mestra Briarley expulsá-la por ser individualista, porém você deve concordar que regulamentos foram feitos para serem observados. Se não fosse por isso, por que o Senhor nos teria dado os dez mandamentos? Há de convir que, por milhares de anos, eles têm servido a seu propósito, certo? — E, sem esperar comentários da sobrinha, Lavínia prosseguiu:

— De qualquer forma, Clarissa, você tem de concordar que o Dr. Manning, quer dizer, seu pai, ficará aborrecido se eu não providenciar a continuação de seus estudos. Caso não possa, de fato, retornar à Briarley, estou certa de poder colocá-la em outra instituição acadêmica. Talvez você possa usar uma peruca. Elas estão muito em moda.

Clarissa não prestava grande atenção às palavras da tia, mas a ameaça de voltar ao exílio provocou-lhe reação imediata e vigorosa.

— Não! — protestou, levantando-se, e, ao tomar as mãos de Lavínia nas suas, prosseguiu: — Se fizer isso, prometo retornar em menos de um mês! As alunas dessas escolas não fazem nada sem antes consultar o manual de etiqueta. É o único livro lido por elas. Nenhuma age com espontaneidade. Tal método de vida é completamente estranho para mim! — Solto as mãos da tia e, incapaz de se manter parada, caminhou até a janela. — Quanto a meus cabelos, foi a maneira que encontrei de me diferenciar do tipo tradicional de alunas de Briarley. De cabeças ocas, elas não conseguem pensar por si mesmas. Além do mais, titia, fiquei muito bem com os cabelos curtos e pretendo mantê-los cortados.

Voltando a sentar-se em frente a Lavínia, sorriu satisfeita com a própria audácia.

— Clarissa, moças finas, mesmo aos dezoito anos, não procuram detalhes que lhes fiquem bem. Trata-se de uma questão muito plebéia, e isto se aplica também a você, apesar de ter sido criada como americana — repreendeu Lavínia.

— *Sou americana, titia!*

— É verdade, mas com algum esforço poderemos vencer esse obstáculo, ou pelo menos escondê-lo. Seria bom se você desse valor à importância de decoro e probidade, tópicos que, infelizmente, foram negligenciados após o falecimento de sua mãe. — Notando o brilho de revolta nos olhos da sobrinha, Lavínia resolveu usar uma tática mais persuasiva. — Sinto tantas

saudades dela, ainda mais em momentos como este.

— Na vida existem coisas muito mais importantes do que decoro e probidade. Os regulamentos de outras pessoas são insignificantes para mim.

— Estou justamente falando dessa atitude, mocinha; depois do que você fez, como vou olhar para meus amigos, ser vista na sociedade?

— Não ligo a mínima para o que a sociedade pensa sobre meus cabelos tosados.

Lavínia não deu atenção à afirmativa desafiadora de Clarissa e continuou:

— Os cabelos são mais um exemplo de sua leviandade e de uma falta de respeito egoísta pelas outras pessoas. Seu pai, com toda a certeza, vai me culpar por mais esse terremoto na vida dele, pois fui eu quem lhe recomendou a Academia Briarley. É um homem excelente, mas percebeu que não é muito fácil para ele criar a filha de maneira apropriada, depois de ter tentado. Caso você continue a estudar em algum outro lugar, não vou me sentir uma velha inútil ao enfrentar o desapontamento dele. Aliás, esse seu comportamento absurdo só dá o direito a seu pai de se sentir frustrado.

— Papai conhece bem meu temperamento — defendeu-se Clarissa.

— Pode ser, menina, porém ele deixou o seu bem-estar sob meus cuidados, e eu falhei — queixou-se Lavínia. — Sua mãe não deve descansar em paz por eu não conseguir tomar conta direito de sua única filha.

O suspiro sentido de Lavínia repercutiu na saleta e Clarissa avaliou as opções. Vendo a impossibilidade de convencer a tia sobre a perda de tempo em estudos e também levada pelo afeto dedicado a ela, refreou a índole desafiadora e propôs, em tom comedido:

— Se você insiste em continuar minha educação acadêmica, talvez eu possa assistir às conferências na University College. Fica bem perto daqui e, segundo eu saiba, eles aceitam a frequência de moças desde 1872.

— Porém não de moças de nossa classe, Clarissa. Trata-se de uma escola sem preocupação religiosa, que atende às necessidades do povo comum. De forma alguma, jovens criadas sob os princípios da Igreja pensariam em frequentá-la, muito menos a filha de minha irmã.

Ao ouvir a porta da escola pública fechar-se, Clarissa ponderou sobre outra alternativa. Embora a idéia de um professor particular fosse detestável, a ida para outra escola como a Academia Briarley era mais ainda. Claro, aulas em casa não significavam que ela não pudesse agir com liberdade e, com certeza, o professor não a toleraria por muito tempo. Seria mais fácil livrar-se dele do que ser expulsa de Briarley. Não fazia objeções em adquirir

conhecimento, aliás possuía mais instrução do que muitos rapazes, porém preferia dirigir o curso de seus estudos.

— Titia, se eu concordar em ter aulas particulares aqui, você desiste da idéia de me matricular numa dessas suas escolas adequadas?

— Aqui?! — exclamou Lavínia, pressentindo o fim repentino de sua vida organizada.

Surpresa com a hesitação da tia, Clarissa resolveu usar um pouco de chantagem emocional.

— Exato. Você seria o exemplo perfeito de bom comportamento, e eu me sentiria mais próxima de mamãe.

— Bem, eu poderia ajudá-la em questões de etiqueta e bordado. Isso sem falar em meu jardim famoso. Tal solução talvez seja possível. Mas não sei qual seria a reação de seu pai. Ele quer que você estude história inglesa e os clássicos. Por que o Dr. Manning acha que uma mulher possa precisar de tais conhecimentos vai além de meu entendimento — opinou Lavínia, exasperada. Ela, claro, não poderia discutir sobre política, ou assuntos afins, em sociedade. Muito melhor falar a respeito de jardins, moda e até mesmo do tempo.

— Não acha que as mulheres têm a mesma capacidade intelectual dos homens e, portanto, elas podem aprender o que desejarem? — questionou Clarissa, exaltada com o comentário convencional da tia.

— Aprender, sim. Porém isso não quer dizer que possam exhibir os conhecimentos em público. Ora, Clarissa, pense em Maria Antonieta e Helena de Tróia. Elas não são lembradas por sua capacidade intelectual! Inteligência jamais foi predicado de uma dama. Caso você tenha a infelicidade de possuí-la, deve fazer o possível para esconder esse fato.

— Tenha a santa paciência, titia! Essa torrente absurda de conselhos me lembra Custer!

— Quem?

— O general George Armstrong Custer, um soldado americano que foi massacrado por causa de seu próprio comportamento rígido. Ninguém da tropa dele sobreviveu ao ataque indígena em Little Big Horn. Foram todos escalpados.

— Aí está um bom exemplo do que acabei de dizer. Como um trecho tão horripilante da história pode fazer parte da conversa de um salão elegante? Além do mais, você não tem autoridade para falar em escalpos depois de haver arruinado os lindos cabelos. Talvez seja melhor mesmo você estudar aqui em casa para que eu possa fiscalizar o conteúdo de seu aprendizado. —

Clarissa reprimiu um sorriso ao dar-se conta da vitória. — Até certo ponto, claro. Não disponho de muito tempo livre. As obrigações sociais me mantêm bastante ocupada.

— Naturalmente, titia — concordou Clarissa depressa. — Para essa solução dar certo, você precisa cooperar com o professor que eu contratar para lhe dar aulas — declarou Lavínia no tom mais severo e autoritário já ouvido por Clarissa, mas prosseguiu em outro menos enérgico, como se pensasse em voz alta: — Se o professor for um aluno de Direito e eu abordar o assunto com seu pai, enfatizando sua instrução elaborada, talvez ele aceite mais facilmente a saída de Briarley e não se aborreça tanto.

— Isso mesmo, titia. A melhor maneira para se conquistar a boa vontade de papai é misturar a advocacia bem-amada ao assunto em pauta. Sua idéia é excelente — elogiou Clarissa, pensando em quanto tempo levaria para escapar de tais aulas.

O Dr. Michael Humphrey, catedrático de Direito, sentou-se à escrivaninha de seu escritório na University College. Com expressão pensativa, colocou de volta, no envelope, a carta que acabara de ler. Retirou os óculos e começou a limpá-los, hábito adquirido ainda nos tempos de estudante.

Então a filha de James Gregory Manning precisava de um professor particular? Curioso. A razão pela qual a tia da moça resolvera requisitar um de seus estudantes fugia-lhe à compreensão. Graças à sua didática exigente, eles já tinham ocupações suficientes com os próprios estudos. Sem dúvida, alguém do campo da teologia, filosofia ou até mesmo de literatura estaria mais aparelhado para o cargo de instrutor de uma jovem.

Todavia, ele não desejava ofender Manning ou qualquer membro de sua família. O americano mantinha com ele relacionamento profissional, além de ser considerado uma das maiores autoridades em Direito Internacional. Com isso em mente, Humphrey resolveu atender ao pedido da Srta. Cooper. Poria um aviso no quadro e entrevistaria os candidatos, a fim de selecionar uns dois ou três, que enviaria para a inspeção da interessada.

Escreveu o aviso e deixou-o ao lado da carta da Srta. Cooper, na escrivaninha. Ao consultar o relógio de bolso, Humphrey verificou estar quase na hora da aula para os primeiranistas, período em que tentava expandir-lhes o intelecto ainda mal desperto. No ano letivo seguinte, alguns poderiam ser considerados intelectuais. Ele apreciava o desafio, mas duvidava que os alunos também o apreciassem.

Ao juntar papéis de várias pilhas sobre a escrivaninha, seus olhos caíram

na lista de advogados famosos que pretendia convidar para a recepção dos alunos do terceiro ano. Era de opinião que seus rapazes poderiam se beneficiar do contato com essas personalidades de seu relacionamento, e estava decidido a oferecer-lhes a oportunidade. Sob uma inspiração repentina, acrescentou o nome de Manning à lista. Afinal, se podia ajudar na educação da filha do americano, não havia mal em convidá-lo para uma função social escolar. Na verdade, Manning ainda estaria no continente, mas ao chegar à Inglaterra se veria obrigado a visitar a escola. Os alunos mais adiantados conheceriam, então, uma das figuras mais proeminentes do Direito Internacional.

Endireitando os óculos e a toga acadêmica, Humphrey assumiu a máscara severa sob a qual escondia o prazer sentido no preparo dos futuros advogados da Inglaterra. Aqueles que sobrevivessem ao curso ministrado por ele jamais se intimidariam num tribunal, pensou satisfeito. Percebeu, então, que sorria um pouco e tratou de corrigir depressa o deslize.

Deixando a porta do escritório entreaberta, como sempre fazia quando contava com pouco tempo, o professor dirigiu-se com passos determinados para a sala de aula.

Do vão de uma escada próxima, Preston Waverly-Smythe observou a passagem de Humphrey pelo corredor e, depois de verificar a ausência de qualquer outra pessoa, entrou no escritório do mestre. Desde o segundo ano, ele adquirira o hábito de visitar as salas dos professores quando estes se encontravam em outro lugar. Tais incursões quase sempre provavam ser bem rendosas. Anotações sobre aulas futuras, tópicos para novos estudos e pesquisas haviam-no ajudado bastante a alcançar a posição de aluno excelente. Seu único competidor para a nota mais alta com honra ao mérito e para o período de residência prestigioso, após a formatura, era Brandon Phillips. Um João-ninguém, sem eira nem beira, ele tinha conseguido convencer a maioria da escola a aceitá-lo.

Desde o primeiro encontro de ambos, Preston tinha pressentido algo diferente e perigoso no caráter de Phillips. Embora quase sem um centavo, ele mostrava-se capaz de alcançar qualquer objetivo imposto a si mesmo. Tratava-se de um homem cheio de habilidades e propósito. Um pretensioso desse tipo, Preston sabia, podia ser impiedoso, caso fosse pressionado em excesso. Contudo, a noção de honra de Phillips dava a Preston uma grande vantagem. A integridade moral do homem era tão arcaica quanto a de Humphrey e a do pai de Preston. Esse era o único ponto vulnerável do colega, refletiu o intruso com um sorriso afetado. Vasculhando

apressadamente os papéis do professor, Preston decidiu encontrar logo uma maneira de derrubar Brandon Phillips.

Nesse dia, Humphrey parecia não ter deixado nada de muita utilidade. Havia um aviso para aulas particulares, sem dúvida de interesse para o pobretão do Phillips, alguma correspondência e a lista de convidados para a recepção dos alunos daí a dias. Percorrendo os nomes, Preston não detectou novidade alguma até ler o último: James Gregory Manning! Ali estava um convidado de grande prestígio. O velho Humphrey era mais bem relacionado do que Preston imaginara. Seria bom pesquisar alguns textos de Manning em Direito Internacional. O conhecimento das realizações de um homem jamais deixou de encantar esses velhos e imponentes asnos da advocacia. Preston sabia que, se conseguisse arrancar uma carta de recomendação de Manning, Brandon Phillips não seria mais uma ameaça à sua carreira.

Colocou a lista de volta na escrivaninha e começou, por força de hábito, a examinar a correspondência de Humphrey. Nada lhe despertava interesse, mas, de repente, deparou-se com um envelope sobrescrito por caligrafia feminina. Então, concluiu malicioso, o velho tinha o seu lado humano! Certo de se divertir com a leitura da carta, abriu-a. Mal reprimiu uma exclamação de surpresa ao se inteirar do conteúdo. O professor particular do aviso era para a filha de Manning!

Lá estava uma oportunidade de ouro. Encontraria uma razão altruísta para se candidatar ao pedido de Humphrey sem, contudo, revelar que conhecia a identidade da aluna. A Srta. Cooper, por ser uma dama da sociedade, o escolheria para o cargo. Daí em diante, seria fácil. Inundaria pai e filha com intelectualidade e encanto. Ganhar dinheiro de maneira tão honesta também serviria para impressionar seu pai. Ah, tudo estava correndo muito bem! Logo, o Dr. James Gregory Manning teria um novo afilhado e Brandon Phillips ficaria ao deus-dará, previu satisfeito.

Tendo o cuidado de deixar tudo como encontrara, Preston Waverly-Smythe saiu do escritório de Humphrey com passos lépidos. A boa sorte desse dia merecia ser comemorada.

Iluminado por velas e bicos de gás, o interior do Solitary Lion estava na penumbra, o que não impedia o ambiente de efusividade. Os lambris escuros de madeira realçavam a alvura das paredes acima, onde se viam pendurados canecões para cerveja. Os bancos, acetinados pelo uso de quase quinze décadas, mostravam-se convidativos, e até mesmo as mesas, arranhadas pelo passar constante dos canecões, mas muito bem cuidadas, incentivavam a aproximação. Tratava-se de um lugar agradável, cujo ótimo sortimento de

vinhos, cervejas e licores tornara-o muito popular entre os homens de todas as classes. Sem exceção, todos lhe reconheciam a hospitalidade.

O proprietário simpático, os preços razoáveis e a falta de pretensão faziam do Solitary Lion o retiro preferido para os rapazes da universidade nas vizinhanças. Como sempre, a parte detrás da taverna abrigava grupos de estudantes. Alguns reuniam-se para apreciar a camaradagem dos colegas; outros, a fim de exercitar a inteligência em discussões filosóficas. Não importava o propósito da visita, todos chegavam dispostos a contribuir para o bom humor reinante entre as paredes do Solitary Lion.

Dois rapazes desse tipo encontravam-se sentados a uma pequena mesa no canto mais afastado da taverna. Um era alto, corpo musculoso, e apresentava um ar de autoridade e mistério. Por sua atitude, tornava-se evidente que era alguns anos mais velho que o companheiro. As feições marcantes e bem-feitas, os cabelos loiros e os olhos azul-escuros seriam suficientes para chamar a atenção, porém isto já ocorria devido à expressão de domínio inata e natural.

O mais jovem, de altura média e constituição franzina, possuía uma cabeleira farta e negra, cujos caracóis caíam-lhe na testa. O sorriso freqüente e animado e o brilho dos olhos castanhos mostravam seu entusiasmo pela vida.

— Olhe, Brandon, ela é uma criaturinha delicada e deliciosa — dizia ele.
— Talvez eu esteja me apaixonando.

— Ned — começou o outro —, você se apaixona pelo menos duas vezes por mês, e vai ficar enamorado dessa menina até outra belezinha sacudir a saia para o seu lado. Ainda bem que essas moças não o levam a sério, caso contrário, você já teria arrasado metade dos corações femininos de Londres e seria réu numa série de processos por quebra de promessa.

— Mas, Brandon, é difícil escolher alguém num grupo tão grande de coisinhas lindas. Não entendo como um homem, nesta minha fase da vida, pode se decidir por uma só. Além do mais, um flerte inconseqüente é muito agradável. Você deveria experimentar. Ia fazer-lhe bem.

— Com a responsabilidade dos estudos, não disponho de tempo para esse tipo de coisa e, para ser franco, meu amigo, nem você — argumentou Brandon um tanto exasperado.

— Só porque conta uns poucos anos a mais do que a maioria dos estudantes, você não precisa agir como um velho. Fala igualzinho a meu pai.

Ned afastou os ombros para trás, ergueu o queixo e empinou a barriga antes de fazer uma imitação das palavras do pai, *lord* Geoffrey Newcomb, conde de Hammerford:

— Ned, meu rapaz, isso não está certo. Aqui estou eu, um recém-agraciado com título honorífico por meus esforços em favor do ensino público, curador da chamada escola de tijolos vermelhos, fundada para a educação do homem do povo, atrapalhado com um filho que se recusa a estudar! Eu o mandei para a University College numa demonstração absoluta de fé na capacidade da instituição para oferecer instrução tão sólida quanto a das mais antigas e veneráveis instituições. Entretanto, o que você faz, seu malandro irresponsável? Não estuda e perde tempo com tolices, a ponto de nenhum de seus professores o achar qualificado para prestar exames! Eu deveria deserdá-lo, meu rapaz. Veja se, daqui em diante, se esforça um pouco mais.

— Você é incorrigível! Não sei por que seu pai não o abandona de vez — comentou Brandon rindo, sem querer, da maneira precisa com que o amigo imitava *lord* Geoffrey.

— Você sabe exatamente por quê. Sou o único filho homem e o mais novo, depois do nascimento de sete filhas. Sem muita razão, o meu velho gosta de me agradar de vez em quando — afirmou Ned sem constrangimento. — Afinal, sou um sujeito charmoso.

— Sem dúvida, especialmente aos olhos das mocinhas de Londres. Não o culpo por isso, nem posso reclamar de seus estudos neste semestre. Você melhorou bastante.

— Graças a você, Brandon — declarou Ned, sério. — Como meu professor particular, sua paciência foi imensa. Sem sua ajuda, eu já teria sido mandado embora da escola há muito tempo.

— Ora, Ned, não é bem assim — protestou Brandon, embaraçado com a gratidão do aluno. — Seu pai me paga muito bem pelas aulas, e eu acho que ele tem o direito de receber o valor do dinheiro empregado.

— Pode ser, porém ele não lhe paga para ser meu amigo. Para mim, você se tornou o irmão que nunca tive.

— Obrigado, Ned, mas você vai acabar descobrindo que irmãos mais velhos não são sempre muito agradáveis de se ter. Um bom exemplo é agora eu lhe dizer que está na hora de irmos para casa. Você já bebeu o suficiente por uma noite.

— É muito cedo ainda! — reclamou Ned. — Você já devia ter aprendido a se divertir um pouco, Brandon.

— Não se impressione. Em tempos idos e antes de minha situação mudar, aproveitei bem a vida. Aliás, era bem parecido com você.

— Acho essa questão muito injusta, Brandon. Se o seu tio entendesse um

pouco de negócios, não teria dilapidado os bens da família em aventuras marítimas. Você, então, teria ficado em condições financeiras muito boas quando ele morreu.

— Apesar de minha falta de dinheiro, as coisas não são tão pretas assim, Ned. As circunstâncias me ensinaram a ter autoconfiança, e aprendi muito com os erros de meu tio. Ele era um cavalheiro honesto, que confiou em pessoas erradas. Descobri a necessidade de ser mais seletivo.

— De fato. Você identificou logo Waverly-Smythe. Ele é mesmo um malandro, capaz de atacá-lo por trás.

— Não exagere, Ned — disse Brandon, esforçando-se para não sorrir.

— É verdade, e eu me preocupo com você.

— Eu agradeço, mas não se envolva, Ned. Essa competição é estritamente entre mim e Waverly-Smythe.

— Ele não passa de um patife da pior espécie!

— Não vou discutir com você. Mas lembre-se, ele é um sujeito muito determinado e quer, tanto quanto eu, conseguir o estágio-residência com Dobson e Whittaker.

— Claro! Como você, ele está decidido a entrar numa das quatro Inns of Court! Só elas podem dar o abençoado diploma de advogado aqui na Inglaterra. Só que os motivos dele não podem ser honrosos. Além disso é preciso um padrinho para ser admitido numa delas, e a família de Waverly-Smythe tem dinheiro para pavimentar o caminho. Mas ouvi dizer que ela não vai ajudá-lo se não se sair bem na universidade. Ele se meteu em encrencas em York antes de vir para cá estudar.

— Não importam seus motivos, Ned, Waverly-Smythe é tão determinado quanto eu. Não se esqueça de que indivíduos desse tipo podem ser perigosos. Fique longe dele. Agora, seja cordato, beba o resto de sua cerveja e vamos embora. Amanhã cedinho há uma palestra que não quero perder.

— Só mais uma, Brandon. Depois, prometo ir para casa. Além do mais, preciso gastar dinheiro aqui para ajudar o proprietário a sustentar a mulher e os filhos. Você não quer que os coitados morram de fome, não é?

Divertido, Brandon olhou para o amigo. Gostava muito dele. Neste semestre, o rapaz havia se aplicado bem aos estudos, e um pouco de recreação não lhe faria mal, aliás, nem a ele mesmo. Concordou com o pedido e acomodou-se melhor, a fim de apreciar outra hora a mais no lugar agradável.

Ao sorver a cerveja, Brandon foi tomado por uma sensação rara de bem-

estar. O aluno podia lucrar com o seu conhecimento, porém Ned o havia lembrado que, na vida, existiam outras coisas além de luta. Afinal, ela encerrava prazeres também, fato de que ele havia se esquecido nos últimos anos.

Depois que a situação dos negócios do tio se tornara conhecida, Brandon vira-se forçado a abandonar os próprios planos e a trabalhar durante três anos. Só assim tinha conseguido impedir que os credores tomassem a frota mercante da família. Com esforço e perseverança, tinha pago as dívidas e vendido a firma, mas não sobrou quase lucro algum. Havendo se desincumbido da obrigação, Brandon viu-se livre finalmente para se dedicar ao estudo de Direito. A situação financeira era precária, porém, orgulhoso, jamais pedira dinheiro emprestado aos amigos da família. Com aulas particulares, suplementava o orçamento. Fora assim que conhecera Ned, seu aluno preferido.

Nesse momento, influenciado pela alegria descontraída do amigo, Brandon reconheceu já ter enfrentado privações suficientes. Por que não gastar um pouco de dinheiro a mais e divertir-se um tanto?

Ned e Brandon conversavam animados quando foram interrompidos pelas palavras de outro estudante.

— Tenho uma novidade que talvez o interesse, Phillips — contou o recém-chegado. — Humph acaba de colocar no quadro uma nota pedindo um professor particular. — Não havia detalhes, mas pensei logo em você.

— Ah, Brandon, nada de arranjar mais trabalho. Se está precisando de dinheiro, posso falar com meu pai para aumentar seu pagamento.

— De jeito nenhum, Ned, mas obrigado da mesma forma. Seu pai já é mais do que generoso quanto a meu salário. Além disso — Brandon continuou rindo —, se você não desistir dessa boa vida, *lord* Geoffrey terá sorte se puder pagar o preço atual das aulas. Nem sei como você não acabou ainda com os bens da família. Seu pai não vai precisar deserdá-lo, pois você gastará tudo em pouco tempo! — caçoou Brandon.

Ned riu bem-humorado e, em pouco tempo, os três entretinham-se falando sobre os rigores dos estudos nesse semestre. Tão distraídos se encontravam que não percebiam a entrada e saída dos fregueses do Solitary Lion.

Ao entrar na taverna, Preston Waverly-Smythe sentia-se ansioso para comemorar as descobertas feitas no escritório de Humphrey. Embora não pudesse revelar as razões, estava de muito bom humor. Aproximou-se do bar e pediu um canecão de cerveja enquanto cumprimentava alguns conhecidos

com acenos e sorrisos pomposos. Quando os olhos se acostumaram à penumbra, percorreu-os à volta. Reconheceu Ned Newcomb, cuja família influente poderia lhe ser muito útil. Preston já ia procurá-lo, mas viu, do outro lado da mesa, envolvido pelas sombras, Brandon Phillips. A cerveja em sua boca tornou-se mais amarga do que deveria ser.

CAPÍTULO II

Em contraste, na manhã seguinte, Lavínia Cooper deliciava-se com os aspectos doces da vida.

— Ai, d. Lavínia, não consigo entender onde alguém foi encontrar flores de pessegueiro nesta época do ano. São lindas! — comentou Ellen, sem esconder a admiração pela mulher capaz de provocar um tributo floral tão elegante.

— Ora, Ellen, sabe muito bem que isso não passa de um gesto simples de amizade — disse Lavínia corando, enquanto a criada colocava o vaso na mesa do café da manhã. — Obrigada, Ellen. Para mim, é só, mas, quando Clarissa descer, sirva-lhe o café.

— Pois não.

A empregada saiu da sala, e Lavínia pôde admirar as flores mais à vontade. Como a Sra. Greenaway tinha sido inteligente ao atribuir significados a flores, a fim de que buquês encerrassem algo além da beleza decorativa. Eles transmitiam mensagens a quem conhecesse o código.

— Titia, que arranjo extraordinário! As flores são de sua estufa ou alguém especial as mandou? Qual foi o motivo? Hoje não é seu aniversário, eu sei.

Clarissa sempre iniciava o dia no auge de um entusiasmo só alcançado por outras pessoas ao redor do meio-dia. Ela jamais lhes notava a reticência matinal.

— Clarissa, sente-se e pare um pouco de falar, por favor. Até os passarinhos têm mais bom senso e não cantam sem interrupção. As flores são de uma pessoa amiga da Sociedade de Horticultura, a quem prestei um serviço de ordem social. Satisfeita? — indagou Lavínia antes de tomar um gole de chá. — Preciso me preparar para escolher, hoje, um dos candidatos ao cargo de seu professor particular.

— Candidatos?! Não me diga que estudantes de Direito estejam mesmo dispostos a me dar aulas!

Clarissa não reprimiu a surpresa. Havia considerado a possibilidade de ninguém responder ao pedido da tia. Agora, imagens vagas de rapazes estudiosos e disciplinados arrefeciam sua alegria.

— Não sei se o professor Humphrey mencionou o fato de você ser

mulher e, como tal, não possuir a inteligência masculina, o que dificultaria o aprendizado. Mas a sua condição se tornará óbvia quando a conhecerem. Bem, vou entrevistar dois e só espero que sejam cavalheiros. Bobagem. Se não fossem, o professor não os teria recomendado.

A senhora atraente e fina observou a sobrinha. Apesar do comportamento pouco convencional, Clarissa não deixava de despertar o interesse masculino por sua beleza. Até mesmo o mais estudioso dos homens não poderia ignorá-la. Era difícil imaginar se tal fator agiria como bênção ou maldição, refletiu Lavínia.

— É verdade — admitiu Clarissa, relutante.

Michael Humphrey era um homem cuja opinião o pai valorizava bastante. Mas talvez ela conseguisse tornar insuportável a tarefa de lhe dar aulas. Com exceção do pai, Clarissa jamais conhecera um homem que não pudesse manipular, especialmente quando se tornava voluntariosa. Os olhos brilharam ameaçadores enquanto passava manteiga nas torradas.

— Você concordou em cooperar — lembrou-lhe a tia em tom severo, ao mesmo tempo que Ellen entrava na sala com um pacote nas mãos.

— Para d. Clarissa. O Dr. Manning mandou da Espanha.

— Ah, meu pai sempre se lembra de mim!

— Por que ele mandou para cá? James Gregory não pode saber ainda de sua expulsão — disse Lavínia, preocupada.

— Titia, eu já lhe contei que Briarley é uma prisão. As alunas não podem receber presentes lá a não ser que sejam entregues pessoalmente por um membro da família. Papai deve ter se lembrado disso — comentou Clarissa ansiosa ao rasgar o papel.

Dentro havia uma carta e dois embrulhinhos.

— Este é para você, titia — informou, entregando um deles e abrindo o outro, que, desapontada, largou no colo.

— O que você ganhou de seu pai? — perguntou Lavínia ao mostrar o próprio presente, um leque de varetas de marfim ligadas por renda preta finíssima.

— Que lindo, titia! — exclamou Clarissa. — Papai é sempre tão correto na escolha de presentes.

— Tem razão. O que ele lhe mandou?

Ruborizada, Clarissa levantou as mãos e exibiu um par de pentinhos de ébano, com botõezinhos de rosa esculpidos nas bordas.

— Clarissa, eles são perfeitos para seus cabelos, ou melhor, seriam!

— Basta, titia. Os pentinhos poderão esperar, bem como minha educação

acadêmica!

— A decisão cabe a mim, minha querida — rebateu Lavínia. — Você vai ver. Acabaremos satisfazendo a vontade de seu pai e as nossas necessidades.

— Assim espero.

Eu também, pensou Lavínia com o olhar preso nas flores de pessegueiro.

— D. Lavínia, o Sr. Waverly-Smythe está aí para falar com a senhora sobre aulas particulares — anunciou Ellen.

Distraída com sonhos de olhares amorosos e palavras carinhosas, Lavínia voltou à realidade ao ouvir a criada.

— Ah, sim. Mande-o entrar.

Com os óculos na ponta do nariz, na esperança de parecer uma pessoa culta, em pé e de ombros erguidos, a fim de dar a impressão de ter mais do que um metro e cinquenta e sete centímetros de altura, Lavínia cumprimentou o candidato.

— Boa tarde, meu rapaz. Fico satisfeita que pudesse ter vindo num dia tão frio. Sabe, só há mais um pretendente ao cargo. Talvez procurar um professor particular entre os estudantes de Direito não tenha sido uma boa idéia. Mas, em minha opinião, vocês devem ser de moral e caráter sólidos. Também, segundo o Dr. Manning, o curso de Direito é muito amplo e profundo, o que os deixa preparados a ensinar qualquer matéria à minha sobrinha, quer dizer, dentro dos limites da propriedade. Não estou insinuando que possam introduzir algum tópico censurável. Ora, esqueci minhas boas maneiras. Por favor, sente-se.

Preston aproveitou a pausa de Lavínia para falar. Alto, porte elegante, feições atraentes, cabelos escuros, ele não estava acostumado a ouvir as pessoas por muito tempo.

— Não se preocupe, Srta. Cooper. Deve ter outras coisas mais urgentes em sua mente do que questões de boas maneiras. A responsabilidade por sua sobrinha, por exemplo.

Um osso jogado a um cachorro esfaimado não seria apanhado com maior presteza.

— Ah, Sr. Waverly-Smythe, nem imagina o esforço que venho empregando para o bem-estar da menina. Meu maior cuidado é com seus estudos na ausência do Dr. Manning. Um professor competente vai me aliviar bastante — confessou Lavínia ao sacudir o lençinho perfumado no ar.

— Posso lhe garantir que qualquer um de nós da universidade, embora eu queira me recomendar primeiro, está bem preparado para ajudá-la no aperfeiçoamento escolar de sua sobrinha. Também, esse trabalho será um

prazer, especialmente se a aluna for tão encantadora quanto a tia.

Lavínia sorriu, lisonjeada.

— Ora, muito obrigada, o senhor é um genuíno cavalheiro. Não esperava outra coisa, pois meu cunhado fala muito bem dos atuais estudantes de Direito. Como deve saber, ele é advogado e escreveu livros importantes sobre Direito Internacional. Para ser honesta, lamento a sorte dos alunos obrigados a ler tais trabalhos. Tentei uma vez, mas dormi na primeira página.

— Eu, pessoalmente, considero os escritos do Dr. Manning de grande valor, mas, mudando de assunto, se me der licença, quem mais a senhorita disse que se candidatou ao cargo?

— Ai, ai, não acho que tenha lhe contado, não é mesmo? Não considero correto revelar a identidade de seu concorrente. Por que não falamos sobre suas qualificações? Como o Dr. Manning é o pai de Clarissa, preciso escolher um professor que corresponda às idéias peculiares dele sobre a educação de uma moça: deve ir além do desenvolvimento dos dotes femininos. Eu discordo. A mulher foi feita para ser mimada.

— Sem dúvida, Srta. Cooper — declarou Preston sem saber se defendia a educação da mulher ou o ponto de vista da interlocutora. Diplomáticamente, evitou ambas as questões. — A senhorita mencionou minhas qualificações. Sou terceiranista da jurisprudência britânica. Meu avô foi membro do conselho de ministros e meu pai é juiz em York. Como eu desejasse construir minha reputação por esforço próprio, vim estudar em Londres. Eu não ficaria surpreso se meu pai conhecesse o Dr. Manning por intermédio das várias organizações jurídicas a que ele pertence.

— Ora, essa seria uma coincidência muito agradável — afirmou Lavínia, satisfeita com os antecedentes familiares e o tom suave do rapaz. — Brandon Phillips tem ligações tão boas como as suas? Misericórdia! Não foi minha intenção...

— Brandon Phillips?! Por favor, Srta. Cooper, ele está longe de ser bem relacionado — protestou Preston, sem esconder o aborrecimento provocado pelo nome do infeliz rival. — Ele mal tem dinheiro para custear os estudos e, de forma nenhuma, possui família que possa ser mencionada. Não é de nossa classe. Phillips tem de dar aulas particulares para cobrir os gastos com alimentação e moradia. Não sei por que se dá a esse trabalho. Ele deveria se satisfazer em ser empregado de algum advogado no campo.

De repente, ao dar-se conta dos comentários maldosos, Preston controlou-se e continuou em tom conspiratório:

— Bem, foi isso que ouvi outras pessoas comentarem. Não gosto de

bisbilhotar a respeito dos desafortunados. Por outro lado, eu lamentaria ver uma dama de seu quilate e encanto, Srta. Cooper, ser iludida pela aparência de intelectualidade apresentada por Phillips. Mas isso seria impossível com a sua vivência, imagino.

— Tem razão — concordou Lavínia, animada. — Pelo menos, costumo detectar sinceridade nas pessoas. Mas diga uma coisa, Sr. Waverly-Smythe, por que está interessado em dar essas aulas? Não acredito que o pagamento...

— Não se trata de interesse financeiro — interrompeu Preston. — O conhecimento é uma das maravilhas da vida. A leitura dos trabalhos do Dr. Manning enriqueceu muitíssimo meus estudos. Acho que esta é a oportunidade de lhe retribuir, de maneira humilde, o que ele me deu.

— Titia, o chá está pronto?

A voz de Clarissa precedeu sua chegada à sala. Parou junto à porta e olhou interessada para o rapaz atraente.

— Ah, desculpem se eu os interrompi.

Preston levantou-se no mesmo instante e curvou-se cerimoniosamente enquanto Lavínia fazia as apresentações.

— Clarissa, este é o Sr. Waverly-Smythe, candidato a ser seu professor particular. Aqui está a minha sobrinha, Sr. Waverly-Smythe, a Srta. Clarissa Manning.

Enquanto os dois jovens trocavam amabilidades, Lavínia os observou com interesse. Notou o rubor leve nas faces da sobrinha quando o rapaz lhe segurou as mãos num cumprimento um pouco longo demais.

— Titia, posso mostrar o jardim-de-inverno ao Sr. Waverly-Smythe enquanto você pede o chá? São quase quatro horas — lembrou Clarissa, sorrindo satisfeita para o rapaz bonito, bem diferente do estudante aborrecido que ela havia imaginado.

— Não acho que hoje seja uma boa oportunidade para isso, minha querida. Já tínhamos terminado nossa conversa e o Sr. Waverly-Smythe pode ter outros compromissos. Não devemos tomar-lhe mais tempo.

— E amanhã, titia? — insistiu Clarissa.

Sempre vigilante quando se tratava da sobrinha imprevisível, Lavínia detectou-lhe o olhar especulativo dirigido ao rapaz e o sorriso satisfeito deste. Por que Clarissa a colocava em situações embaraçosas?, questionou-se frustrada enquanto procurava uma resposta negativa e delicada ao mesmo tempo. Felizmente, encontrou uma perfeita.

— Lamento, mas amanhã também não será possível, minha querida —

respondeu Lavínia com tristeza convincente. — Vou assistir a uma conferência da Sociedade de Horticultura e você tem hora marcada com a Srta. Simmons, minha costureira. Como vai ficar em Londres, precisa de vestidos novos.

— Eu sei, mas até a hora do chá estarei de volta — argumentou Clarissa.

— Não creio. A Srta. Simmons é minuciosa e demorada. Além do mais, preciso que você e Ellen, que vai acompanhá-la, façam umas compras para mim lá perto do ateliê.

— Então, numa outra data qualquer — teimou Clarissa.

— Claro, minha querida — concordou Lavínia, aborrecida com a desinibição de Clarissa. — Peço-lhe compreensão, Sr. Waverly-Smythe, porém ainda não estou bem ajustada a esta nova situação em minha casa. Talvez possamos marcar um chá para um futuro próximo — sugeriu com o sorriso usado por pessoas distintas ao adiar um convite por tempo indeterminado.

— Eu o acompanho até a porta, titia.

— Muito bem. Dentro de um ou dois dias, Sr. Waverly-Smythe, eu lhe mandarei minha resposta quanto às aulas. Até mais ver — despediu-se Lavínia ao levantar-se e estendeu a mão. — Apreciei nossa conversa — acrescentou.

De uma distância discreta, Lavínia observou a despedida dos dois jovens. Embora as palavras fossem apropriadas, a expressão de ambos era bastante reveladora. Com o olhar Clarissa flertava abertamente, e era evidente o interesse de Preston.

Talvez a idéia de contratar um estudante de Direito não fosse muito prática, refletiu Lavínia. Entrevistaria o outro candidato e, se ele não se mostrasse mais conveniente do que o primeiro, seria preciso procurar o tal professor em outro lugar, possivelmente entre os aposentados que haviam sobrevivido aos embates da carreira. Assim de momento, não podia se lembrar de nem um de seu relacionamento social.

Não é que não houvesse simpatizado com Waverly-Smythe, pelo contrário, achara-o encantador, reconheceu Lavínia pensativa. Entretanto, não seria aconselhável favorecer um namoro antes de verificar os antecedentes do rapaz, obrigação sua como guardiã da sobrinha. Na verdade, já era tempo de Clarissa sossegar sob o& cuidados e mimos de um marido. Mas essa questão deveria aguardar até que o cunhado viesse buscar a filha. Quantos problemas mais a menina lhe causaria?

— Sr. Phillips, ouvi falar tanto a seu respeito por intermédio de um

colega seu, o Sr. Waverly-Smythe. É como se eu já o conhecesse. — “Misericórdia, talvez eu não devesse mencionar isso! Não, de jeito nenhum!”, censurou-se Lavínia nervosa, sacudindo o lençinho. — Não quer se sentar? Acabamos de tomar chá e posso pedir um para o senhor.

— Não, Srta. Cooper, obrigado. Mas, diga-me, por que esteve conversando com o Sr. Waverly-Smythe? — perguntou Brandon Phillips, confuso.

— Bem, entenda, ele... Para ser franca, ele e o senhor foram os únicos que responderam ao meu pedido para um professor particular. Isso não me deixa muita escolha. Não quero dizer que o senhor não seja... isto é, se o professor Humphrey... Ora, eu...

Ali estava um homem que se sentiria à vontade na presença de nobres e plebeus, e Lavínia não tivera a intenção de insinuar o contrário. Sempre que cometia uma indiscrição, embaraçava-se e não era capaz de explicar o pensamento.

— Não se aflija, Srta. Cooper — disse Brandon com suavidade, pois certamente a compreendia. — Por que o Sr. Waverly-Smythe está interessado em dar as aulas? Ele não tem a mínima preocupação financeira.

— De acordo com o que me disse, ele aprecia ajudar outras pessoas a encontrar prazer em adquirir conhecimento. Mas cá entre nós — murmurou Lavínia em tom confidencial —, tenho medo de que ele esteja atraído pelos encantos de minha sobrinha. O Sr. Waverly-Smythe não escondeu o interesse por ela, aliás, recíproco. Sabe, Clarissa está sob meus cuidados e eu preciso ficar atenta. Ela é uma belezinha. Dizem que puxou a mim — gracejou.

“Deus queira que a semelhança seja apenas física”, refletiu Brandon. Seria um castigo tentar ensinar qualquer coisa a uma cabeça oca como a de Lavínia Cooper aparentava ser.

— E o senhor, por que está interessado em ser professor de Clarissa? Devo preveni-lo, às vezes ela pode se tornar insuportável. Tem experiência em lecionar para moças? O Sr. Waverly-Smythe não mencionou esse detalhe, mas minha impressão é de que não tem.

— Nem confessaria a ninguém — comentou Brandon.

— E quanto ao senhor?

— Há bastante tempo dou aulas a alunos da universidade e posso providenciar cartas de recomendação. Entretanto, se ficar com as de sua sobrinha, só vou conservar mais um aluno, muito meu amigo, Edward Lowell Newcomb.

— Ah, o filho de *lord* Geoffrey Newcomb? Então, eu mesma posso

verificar suas referências. *Lord Geoffrey* e eu somos velhos... quer dizer, nós nos encontramos, às vezes, em reuniões da Sociedade de Horticultura. — Respirou aliviada. — Gosta de flores, Sr. Phillips?

— Nunca as observei muito, Srta. Cooper.

— Não se pode ignorar as belezas da vida, Sr. Phillips — censurou Lavínia. — Lembre-se dos lírios do campo. O Senhor os criou para mostrar como cuida daqueles a quem ama.

— Pode ser, Srta. Cooper, mas nem sempre ele mostra amor. Não se esqueça de Job.

Satisfeita por ele se mostrar familiarizado com as Sagradas Escrituras, Lavínia estudou-lhe as feições viris e bonitas. Notou um senso de propósito emanado do temperamento do rapaz. Ele não parecia ser alguém cujas vicissitudes da vida pudessem derrotar. Um professor para Clarissa precisava manter-se imune a seus caprichos femininos e à sua habilidade de manipular pessoas. O aspecto autoritário desse homem o ajudaria, ou prejudicaria, a controlar a sobrinha?, indagou-se. Duas personalidades fortes poderiam não se entender.

— Srta. Cooper?

A voz de Brandon trouxe-lhe a atenção de volta à entrevista. Apanhada de surpresa no exame do candidato à sua frente, Lavínia corou esperando não ser mal interpretada. Constrangeu-se a tal ponto que não conseguiu pensar em nada para dizer no momento.

— Não quer me perguntar mais alguma coisa, Srta. Cooper? — sugeriu Brandon com delicadeza, pondo fim à situação incômoda de Lavínia. Embora um tanto pedante, ela também era simpática.

— Sim, claro. Se eu o contratar como professor de Clarissa, o senhor será capaz de resistir-lhe aos encantos, a fim de não prejudicar o trabalho? Eles são numerosos e eu gostaria que o senhor se restringisse à sua educação acadêmica.

— Naturalmente. Compreendo que ela se pareça com a senhora, mas creio poder controlar a situação. Não posso desperdiçar nem tempo nem dinheiro com romance. No final deste ano letivo, pretendo conseguir uma bolsa de estudos, e isso constitui minha prioridade no momento.

— Agora estou confusa. O senhor já não está terminando o curso na University College, cujo estudo é gratuito?

— Para ser advogado, Srta. Cooper, é preciso fazer um estágio de vários semestres numa das Inns...

— Inns?! Cada vez entendo menos.

— Inns of Court. São cinco: Gray, Lincoln, Barnard, Inner Temple e Middle Temple — explicou Brandon. Porém, como o ar de incompreensão de Lavínia persistisse, ele entrou em detalhes: — São escolas de Direito datadas dos séculos XIII e XIV, quando a prática da advocacia limitava-se ao clero. Hoje, os aspirantes à profissão filiam-se a uma das Inns, a fim de obter experiência prática. Isso pode ser feito enquanto cursam a universidade, mas, no meu caso, não foi possível financeiramente. Todos os anos, entretanto, Dobson e Whittaker, dois dos advogados de maior prestígio na Inglaterra, patrocinam a entrada de um dos formandos da University College numa das Inns. Espero ser o escolhido deste ano.

— Sei, sei. Deve ser bom ter o futuro delineado como o seu, e eu desejo-lhe sorte. Mas há outras questões que, no momento, exigem minha atenção. Sou uma pessoa muito ocupada e quero informá-lo de que, caso o senhor seja o meu escolhido, não pretendo estar presente às aulas. Dirigir a casa com eficiência bem como atender meu interesse por jardinagem tomam muito meu tempo e energia. Por isso mesmo, torna-se imperioso que eu escolha o instrutor de minha sobrinha criteriosamente. Tenho muitas responsabilidades, Sr. Phillips.

— Óbvio, senhorita, mas creio poder me desincumbir do trabalho sem dificuldade — respondeu Brandon ao se levantar e dando a Lavínia mais uma oportunidade de observar-lhe a postura máscula e imponente. — Obrigado por considerar a possibilidade de me contratar.

— Passe bem, Sr. Phillips. Tão logo tome uma decisão, eu o avisarei.

Brandon curvou-se atencioso e deixou a sala, enquanto Lavínia o seguia com o olhar. Prestativa, a criada surgiu de algum lugar a fim de lhe abrir a porta.

De uma das janelas do segundo andar, Clarissa viu Brandon descer os degraus em frente à porta de entrada. Detectou traços abomináveis de autoconfiança e domínio masculino na maneira de andar do rapaz. A observação baseava-se em sua determinação de detestar qualquer pretendente a ser seu professor, exceto o simpático Sr. Waverly-Smythe. Resolvida a revelar a preferência e a descobrir as intenções da tia, Clarissa foi procurar Lavínia.

— Aí está você, minha querida — disse Lavínia ao alcançar o último degrau da escada.

— Titia, eu ia descer para falar com você — informou Clarissa enquanto Lavínia seguia pelo corredor.

— Vai ter de falar e me acompanhar ao mesmo tempo, pois estou com

muita pressa. Há um jantar hoje da Sociedade de Horticultura e eu pretendia não ir por causa de sua situação. Mas acabo de receber uma notícia horrível sobre a invasão e tive de mudar meus planos.

— Invasão?! A Inglaterra está em guerra?

— Não, porém é quase tão catastrófico. São as peônias. Elas deveriam ser o centro das decorações desta noite e foram infestadas por formigas. Só Deus sabe como vamos solucionar o problema. De qualquer forma, Clarissa, tente compreender por que sou forçada a sair e deixá-la em casa, jantando sozinha. Lamento muitíssimo, ainda mais porque hoje a cozinheira se esmerou em pratos especiais, contando com minha presença — declarou Lavínia ao entrar no quarto e ir direto ao guarda-roupa.

— Não se preocupe comigo, titia. Posso muito bem arranjar algo para me distrair.

— Vai ser difícil escolher um vestido. As cores da decoração iam ser branca e lilás. Agora, não estou a par das novas, pois tudo depende das flores disponíveis nas estufas. Como não posso me vestir de maneira que harmonizasse com os arranjos, talvez não seja má idéia constituir-me um destaque. Naturalmente, como uma das organizadoras do evento, serei reconhecida por todos. Mesmo assim não sei o que usar. Entende meu dilema, Clarissa? — perguntou, frustrada, estado em que ficava sempre que mudava de planos.

— Por que não põe o de seda marfim com forro de renda no decote? É lindo, e ficaria mais ainda sem a renda. Posso tirá-la para você — ofereceu-se Clarissa, e sorriu ao ver o olhar surpreso da tia. — Sei que uma dama deve se apresentar com propriedade, mas não há nada impróprio quando se trata de realçar a aparência. Por isso mesmo, pretendo melhorar meu guarda-roupa com a ajuda de sua costureira, titia. Os vestidos trazidos de Filadélfia estão muito fora de moda.

Embora não fosse verdade, Clarissa se convencera disso depois de conhecer Preston.

— Bobagem, minha querida. Se você usasse um saco de estopa, ele ficaria elegantíssimo em seu corpo. Mas você vai gostar do trabalho da Srta. Simmons, tenho certeza. Afinal, que vestido ponho? O lilás, com as ametistas de sua avó, ou o branco-marfim, com o camafeu dela?

— Sem dúvida, o branco. Ele dá um brilho especial à sua pele. Você provocará a inveja das mulheres e o interesse dos homens — afirmou Clarissa, confiante. — Na verdade, qualquer um dos dois vestidos seria uma boa escolha, o que não acontece na decisão sobre os candidatos a instrutor.

Não acha que o Sr. Waverly-Smythe é o mais adequado para me dar aulas?

— A questão é sobre o quê — resmungou Lavínia.

— Não ouvi o que disse, titia.

— Tem razão a respeito do branco, minha querida, mas não por que eu queira provocar inveja ou interesse de alguém. Venha ajudar-me a pentear os cabelos — pediu, sentando-se à mesinha de toalete. — Estou muito contente por você ter concordado em receber as tais aulas. Adaptar-se a novas situações é sinal de maturidade. Você ainda acabará sendo uma mulher fina e educada — garantiu a matrona ao entregar a escova e o pente à sobrinha.

— Obrigada, titia, mas você ainda não disse quem vai me ajudar a ser a tal moça fina — reclamou Clarissa.

Observando a expressão impaciente da sobrinha no espelho, Lavínia não resistiu à tentação de fingir não tê-la compreendido.

— Ora, Clarissa, nós não concordamos que eu a ajudaria no aprendizado das artes femininas, tais como bordado e etiqueta? Não me diga que, depois de ver dois estudantes de Direito, resolveu dispensar minha colaboração. Ai! Mais cuidado com esse pente, mocinha!

— Desculpe, titia. Estou esperando minha primeira aula com certa ansiedade e gostaria de saber quem vai dá-la. Você ainda não me falou sobre sua escolha.

— Você fez um trabalho lindo com o meu cabelo. Obrigada. Quanto à decisão sobre seu instrutor, não posso dizer nada ainda. Em vez disso, vamos falar sobre sua ida ao ateliê da Srta. Simmons, amanhã. Como sabe, Ellen irá acompanhá-la. Não quero saber de vestidos com decotes exagerados. Você é muito nova para exibir seus encantos dessa forma.

— Exibir, titia?! — exclamou Clarissa, duvidando ter ouvido bem.

— Digamos, chamar a atenção sobre si mesma. Os homens são humanos, Clarissa, e as mulheres não devem tentá-los além do razoável. Por favor, feche os botõezinhos aí nas costas do vestido. Eles são lindos mas impossíveis de manusear num lugar tão fora de alcance. Voltando a você, seu rosto bonito já chama atenção suficiente sem que você precise recorrer a seus outros atrativos. O Sr. Waverly-Smythe a observou bastante esta tarde — comentou Lavínia.

— Só trocamos amabilidades, titia. Confesse, Preston não é o seu escolhido?

— Ah, já estão se tratando pelo primeiro nome? Mesmo sem ser apresentada ao outro, você já se decidiu, não é? — comentou Lavínia, sorrindo da falta de sutileza da sobrinha e fitando-a, desconfiada. — Não

posso lhe responder porque eu própria não sei ainda. No jantar, hoje, vou poder investigar as referências dos cavalheiros. Aí, então, tomarei uma decisão. O escolhido, bem como você, serão logo informados. Não devo entregar minha sobrinha a qualquer um. Tenho de tomar minhas precauções. Posso ficar sossegada quanto a seu comportamento desta noite, aqui sozinha? Distraia-se olhando meus figurinos e escolha os modelos de acordo com o orçamento de seu pai — recomendou.

— Está bem, titia. Acha que a modista poderá terminar meus vestidos antes da primeira aula?

— Não acredito. Porém o propósito de seus estudos não é capturar o coração do instrutor, Clarissa, e sim adquirir conhecimentos sobre História inglesa e os clássicos. Até amanhã, minha querida.

— Há vários tipos de aprendizado, tia Lavínia, e para essas aulas apresentarem algum resultado, vou garantir a escolha do currículo, pode acreditar — murmurou Clarissa bem baixo a fim de não ser ouvida.

A manhã do dia seguinte passou sem sinal de Lavínia, que havia deixado a casa em Hertford Court bem cedo. Como a escolha do professor ainda permanecesse em segredo, Clarissa resolveu esquecer o assunto e dedicar-se à escolha dos novos vestidos. Naturalmente, preocupava-se se um determinado modelo agradaria mais a Preston do que outro.

Rodeada por peças de tecido no ateliê de costura, Clarissa sentia-se bem à vontade. A costureira mostrava ser inteligente e estar disposta a realçar-lhe a silhueta, mais preocupada com a individualidade da freguesa do que com os ditames da moda. Incentivada por ela e Ellen, Clarissa escolheu três modelos e pensou em encomendar calções de ginástica para a dar de bicicleta. Todavia, o aborrecimento que causaria isso a Lavínia não compensaria o prazer.

Depois de marcar hora para a primeira prova dos vestidos Clarissa permaneceu alguns minutos conversando com a Srta. Simmons à porta do ateliê.

Embora não muito, o tempo passado ali foi suficiente para indicar sua partida ao homem que se encontrava na livrai do outro lado da rua, à espera do aparecimento de Clarissa, naquela área de comércio sofisticado. Apanhando as compras ele deixou a loja e atravessou o pavimento de paralelepípedo que separava as duas calçadas. Com dois livros sob o braço, e outro aberto entre as mãos, o rapaz dava a impressão de estar imerso na leitura; todavia, os olhos não viam as letras quando os passos seguiam para coincidir com os de Clarissa.

— Mil perdões — soou a voz de timbre agradável e aparente sinceridade quando ele se chocou de leve com a jovem americana.

— Não tem importância — respondeu Clarissa ao virar rosto para o imprevisto ambulante. — Ora, Sr. Waverly Smythe! — exclamou animada. — Não esperava encontrá-la tão cedo!

— Muito menos, eu — mentiu Preston. — Se não fosse, minha curiosidade intelectual ter me levado à livraria ali do outro lado da rua, não haveria esta feliz oportunidade.

— Tem razão — concordou Clarissa, sorrindo satisfeita. — Como está quase na hora do chá, Ellen e eu estamos ind. para casa. Já que o destino nos reuniu, por que não nos acompanha? — convidou.

— Será um prazer, Srta. Manning, caso sua tia não ofereça objeções.

— Ellen observou a dupla e limpou a garganta baixinha

— Desculpe, d. Clarissa, por me intrometer, mas d. Lavínia ainda não estará em casa quando chegarmos lá.

— Não faz mal, Ellen, você e a cozinheira serão minhas guardiãs. Tia Lavínia não terá do que reclamar. Uma situação assim não provocaria comentários nos Estados Unidos.

Ellen não respondeu. Tinha cumprido a obrigação. No lugar da Srta. Manning faria a mesma coisa. Afinal, o cavalheiro em questão parecia respeitoso e lhes oferecia um sorriso bem simpático. Além do mais, talvez ele entrasse e saísse da casa em Hertford Court antes de sua dona chegar.

— Infelizmente, esta é a Inglaterra, Srta. Manning.

— Concordo, mas sou americana. Venha conosco, Sr. Waverly-Smythe — insistiu ela, tomando-lhe a mão e caminhando em direção à carruagem. — Vamos viver despreocupadamente e compartilhar uma xícara de chá esta tarde.

Mesmo se não quisesse ir, Preston não teria coragem de resistir à tentação oferecida por uma jovem tão encantadora. Sorrindo, ofereceu-lhe o braço. Alegre, Clarissa antecipava o prazer das horas que passariam juntos quando Preston fosse seu professor. Não lhe restava a menor dúvida de que a tia escolheria esse rapaz para lhe dirigir os estudos.

CAPÍTULO III

Dois dias mais tarde, o professor contratado para Clarissa Manning dirigia-se para a casa de Lavínia Cooper em Bloomsbury. Seus movimentos precisos, ao atravessar o bairro elegante, indicavam personalidade resoluta. Embora o andar fosse coordenado e gracioso, a aparente determinação tornava Brandon Phillips mais parecido a um leão à espreita do que a um cavalheiro londrino prestes a se encontrar com uma jovem da elite. Não importava o destino, seus gestos indicavam vigor e independência, o que revelava uma característica indomável de temperamento, que mesmo a criação afetuosa não tinha conseguido erradicar.

As roupas, apesar de muito limpas e de indicarem a perícia de um bom alfaiate, mostravam-se um tanto fora de moda. O tecido marrom e excelente do terno já apresentava a maciez provocada pelo uso contínuo e contrastava com a silhueta esguia, mas musculosa. Entretanto, a autoconfiança afastava a atenção do vestuário, e Brandon não parecia deslocado numa das áreas residenciais mais elegantes de Londres. Aliás, até seis anos atrás ele tinha vivido num bairro semelhante e não se deixaria impressionar com as fachadas imponentes das casas pelas quais passava.

Apesar da atitude descontruída, a presença de Brandon ali chamava atenção. Muitos olhares femininos, encantados com a estatura soberba e as feições atraentes, dirigiam-se a ele.

Seu rosto era bem bonito. A testa larga e o nariz aquilino combinavam com as maçãs altas do rosto e com o queixo angular. Porém a atração maior provinha do brilho dos olhos azul-escuros, que lembrava os primeiros raios de sol invadindo a névoa matinal. Os lábios, por não estarem contraídos em determinação, arqueavam-se quase sorridentes.

Nesse momento, Brandon sentia vontade de rir da ironia de seu novo trabalho. Incrível permitir-se contratar como instrutor de uma jovem mimada, cujo pai, rico e indulgente, achava-a capaz de assimilar os rudimentos do ensino superior! Ele não sentira muito entusiasmo para se candidatar ao cargo e, se não fosse pela insistência do velho Humphrey, não o teria feito.

O estranho do caso residia no fato de Waverly-Smythe também ter se interessado em dar aulas à sobrinha da Srta. Cooper, refletiu Brandon ao se

aproximar do destino. O que o seu competidor teria a ganhar com o cargo? Não devia se incomodar com esse detalhe, pois, apesar de Waverly-Smythe ser tão sofisticado e convincente, a tia da moça não o escolhera.

Ah, essa mulher! Deus o ajudasse para que a sobrinha não fosse igual, rezou franzindo a testa, mas sem muita esperança. Por que a moça não pudera continuar na Academia Briarley, instituição destinada a desenvolver as graças femininas de suas alunas em vez do intelecto? Se a nova aluna não tinha conseguido assimilar ensinamentos sobre vida social, como esperar que entendesse tópicos de natureza cultural? A tia, fútil e tola, poderia ter se encarregado de ensinar-lhe costura, música e como dirigir uma casa. Afinal, isso era tudo o que uma jovem da alta classe desejava e precisava saber para arranjar casamento. Provavelmente, o tempo gasto nas aulas o deixaria frustrado em vez de melhorar a mente da aluna, refletiu não muito animado.

Entretanto, Brandon não costumava perder tempo com os aspectos desagradáveis da vida. Existiam outros. Talvez a situação não fosse de todo intolerável. A moça poderia ter capacidade para decorar e repetir os ensinamentos, mesmo se não os entendesse. Caso tal não ocorresse por absoluta falta de inteligência, ele esperava que, pelo menos, a aluna fosse bonita. Admirá-la ajudaria a tornar as horas em sua companhia menos aborrecidas. Apesar de já fazer algum tempo que não levava uma mulher para a cama, de forma alguma Brandon era insensível à visão de tornozelos bem-feitos e de seios disfarçados sob blusas discretas.

Na verdade, na sua atual rotina, não importava se a moça fosse feia e sem inteligência. A família ia lhe pagar um régio salário, suficiente para satisfazer suas necessidades financeiras.

Com passos firmes, Brandon subiu os três degraus largos diante da porta de mogno engastada nas pedras cinzentas da residência de Lavínia Cooper. Levantou a aldrava de bronze e bateu-a anunciando sua chegada. Só então, notou-lhe o desenho. Tratava-se de uma cabeça de leoa rugindo, orlada com uma grinalda de margaridas. Devia ser o resultado de algum capricho tolo da dona da casa. Sorriu ao comparar a imagem de determinação feminina da fera com o aspecto indeciso da matrona de meia-idade e com o da sobrinha, que devia se parecer com ela. Quando a porta foi aberta, ele não se sentiu como se estivesse entrando na cova de um animal predador. Sem dúvida, agüentaria o tempo passado ali e sairia ileso. Uma leoa feroz! Ridículo!

Brandon foi levado a uma saleta pela criada bonitinha e sorridente. A decoração do aposento refletia a excentricidade da Srta. Cooper. Havia excesso de aparadores e mesinhas entalhadas, além de móveis estofados.

Tapetes das mais variadas origens transformavam os passos por espaços exíguos em verdadeira aventura. Embora sofisticado, o aspecto geral desconcertava Brandon pela desordem na apresentação das peças. Só faltava ali a sobrinha da Srta. Cooper. Com certeza, bem-educada, ela não desejara esperá-lo sozinha e logo apareceria acompanhada pela tia, para uma apresentação formal.

Brandon preferiu sentar-se numa poltrona ao lado da janela. Enquanto esperasse pela Srta. Manning, poderia distrair o olhar com coisas mais interessantes do que a saleta entulhada de móveis e enfeites.

Logo, tinha a atenção tomada por grupos de pessoas que entravam ou saíam do parque do outro lado da rua. Após algum tempo, ouviu a aproximação de passos leves. Abriu depressa a gramática de latim e assumiu expressão séria para enfrentar a aluna retardatária. Manteria a severidade ao aceitar-lhe as desculpas pelo atraso e depois sorriria, a fim de não assustá-la logo no início. Apesar de estar em falta, Clarissa Manning era mulher, portanto criatura bem mais frágil do que os rapazes a quem costumava lecionar.

Contudo, em vez da contrita Srta. Manning, quem entrou na saleta foi a criada que lhe abria a porta. Ela não se intimidou com seu ar austero e, bem amável, informou-o de que a patroa viria vê-lo dentro de alguns minutos. Não aceitaria uma xícara de café enquanto esperava?, ofereceu sorridente.

Surpreso, Brandon só conseguiu recusar a bebida com um gesto de cabeça. A empregada, num requebrar provocativo, desapareceu novamente deixando-o ainda mais irritado com as impertinências das mulheres daquela casa. Criada assanhada, matrona ridícula, *aluna ausentei* Ainda não conhecia pessoalmente a Srta. Manning e ela já conseguia irritá-lo, como havia temido.

Arrumar os cabelos talvez fosse mais importante para ela do que apresentar-se ao professor, concluiu com o passar dos minutos e o crescer da impaciência.

Mais um quarto de hora se esgotou antes de Brandon consultar o relógio de bolso. Criaturas malditas!, praguejou mentalmente. Como podiam tratá-lo com tamanho pouco caso? Se não houvesse cancelado as aulas dos outros alunos, já teria abandonado essa casa havia algum tempo. Infelizmente, sua situação financeira estava nas mãos da Srta. Cooper e da sobrinha pretensiosa. Por isso, permaneceu à espera.

De repente, os pensamentos foram interrompidos pela entrada alvoroçada de Lavínia, que ainda colocava os últimos grampos nos cabelos. Ao se deparar com Brandon sozinho na saleta, ela não escondeu a

consternação e o constrangimento. Um suspiro de desalento escapou-lhe dos lábios. Sua vulnerabilidade era tão evidente que ele não teve coragem de reclamar da situação.

— Ai, meu Deus — murmurou como se falasse consigo mesma. Em seguida fitou Brandon, que se levantara para cumprimentá-la, e perguntou em voz estridente: — O que Clarissa fez para o senhor dispensá-la tão cedo? Sei que a menina pode acabar com a paciência de um santo, porém acha sensato deixá-la escapar antes da hora logo no primeiro dia? Não tenho a pretensão de ensiná-lo a conduzir suas aulas, contudo não ignoro que, para lidar com minha sobrinha, é preciso pulso firme.

— Para tanto, Srta. Cooper, eu teria de botar-lhe a mão primeiro.

— Sr. Phillips! — exclamou Lavínia, corando.

— Apenas uma figura de linguagem, Srta. Cooper — respondeu Brandon com uma ponta de irritação na voz bem modulada. — Estou tentando lhe dizer que, para tratar a Srta. Manning com firmeza, eu precisaria, antes, ter o prazer de conhecê-la. Ela deveria ter aparecido aqui quase uma hora atrás para começarmos a aula.

— Onde estará ela? — indagou Lavínia, arregalando os olhos num pânico crescente.

— Não faço idéia. A senhorita é a guardiã de sua sobrinha e deveria saber de seu paradeiro.

— Naturalmente — concordou Lavínia, cuja confusão aumentava. — Só pode ter havido algum mal-entendido, Sr. Phillips, eu garanto. Clarissa sabe muito bem que é imperativo cuidar dos estudos e, com certeza, vai explicar a ausência. Não nos resta alternativa senão esperá-la. Graças a Deus disponho de tempo agora para lhe fazer companhia. Sente-se outra vez, por favor.

Vinte minutos mais tarde, Brandon continuava acomodado na poltrona junto à janela. Cansado da conversa dispersiva de Lavínia, ele mal lhe prestava atenção. Esqueceu-a completamente quando, olhando distraído para o parque, viu um casal sair dele. Sentiu-se curioso ao reconhecer Preston Waverly-Smythe, mas passou a ignorá-lo depois de contemplar a moça ao lado. Alta e esguia, ela movia-se com sensualidade ressaltada pelo corte elegante do casaco, que não lhe escondia as curvas bem-feitas. Sob o chapeuzinho, o rosto emoldurava-se por caracóis do tom mais puro de cobre já admirado por Brandon. Havia um quê de selvageria neles que tentava as mãos a tocá-los e sentir-lhes a maciez sedosa. Displicente, Brandon continuou a observar a moça, até a excitação crescente lembrá-lo de que, havia bom tempo, não apreciava uma mulher.

Apesar do desconforto, ele persistiu em olhar a jovem flertar com o companheiro por meio de sorrisos sugestivos jamais empregados por moças finas. Contra toda a lógica, ficou furioso ao vê-la estender os dedos esguios, que Waverly-Smythe roçou com os lábios. Essa reação só podia ser o resultado do tempo passado nesse ambiente desagradável, concluiu Brandon. Nunca sentira inveja de Waverly-Smythe.

— Eu sabia que ela devia ter uma boa desculpa! — exclamou Lavínia ao lado. — Aí está Clarissa.

Brandon desviou o olhar do casal e o procurou pela saleta.

— Onde? — perguntou, não vendo ninguém.

— Ali, vindo para casa. Minha sobrinha é a moça com seu amigo, o Sr. Waverly-Smythe.

Então essa era a Srta. Clarissa Manning? Se o comportamento observado instantes atrás fosse indicativo, a intenção da moça era seduzir um dos instrutores, concluiu Brandon, furioso. Sua beleza não justificava a atitude irresponsável dessa manhã. Ambos tinham perdido tempo enquanto ela fazia companhia a um tipo como Waverly-Smythe. A Srta. Cooper tinha razão. A sobrinha precisava de orientação educativa e em mais de um sentido da palavra.

Ao ouvirem a porta de entrada abrir e fechar, Lavínia apressou-se em avisar Clarissa da presença do instrutor. Para ela, a aparição de Preston nessa manhã tinha algo a ver com o fato de a sobrinha haver esquecido de fazer as compras na véspera. Era também uma boa explicação para a xícara a mais usada na mesa do chá no dia anterior. A menina tinha de compreender que tal comportamento era inaceitável, reagiu aborrecida, começando a externar as idéias em tom severo mas controlado.

Da saleta, Brandon esforçou-se para não ouvi-la. A fim de manter o mínimo de tranqüilidade, voltou a olhar para a rua. Isso só serviu para aumentar-lhe a raiva, pois viu Waverly-Smythe distanciar-se da casa numa atitude bem animada.

Alguns minutos mais tarde, Brandon continuava sozinho na saleta. Irritadíssimo, batia a ponta do pé num gesto nervoso. Já não mantinha a expressão de severidade atenciosa com que pretendia impressionar a aluna. Ao ouvir passos atrás de si, virou-se da janela para encarar a Srta. Clarissa Manning e perguntar-lhe em voz ríspida:

— Não sabe que é muito grosseiro manter pessoas à sua espera?

Embora fervendo por dentro, Clarissa reagiu ao ataque com um olhar indiferente e imperturbável. Para começar, não queria esse indivíduo como

professor e, ainda por cima, ele a censurava de maneira arrogante!

Estudou-o com o interesse de alguém que se prepara para entrar em batalha. Apesar do aspecto atraente, ele tinha um ar provocativo e perigoso. Era preciso controlá-lo e ela sentia-se segura de poder fazê-lo. Em suas experiências no trato com homens de várias idades, aprendera que um sorriso tímido, o bater insinuante dos cílios e a exposição de alguns centímetros de tornozelo logo lhe dariam vantagem em qualquer circunstância.

Sem desviar o olhar, Brandon ficou à espera de desculpas, mas em vão. Como a moça petulante ousava fitá-lo com um sorriso ingênuo? Embora ela apresentasse uma imagem sedutora e adorável, ele sabia tratar-se de uma pose estudada. Havia pouco, sua atitude com Waverly-Smythe não demonstrara candura nem timidez. Ressentia-se por ela tentar ludibriá-lo e estava disposto a provar que não era um idiota vulnerável às manipulações de moças voluntariosas. Ficava claro que a aluna se acostumara a impor as vontades, porém isso ia mudar, e já, decidiu Brandon, sentando-se a fim de iniciar a aula.

Pensando apenas na estratégia para adquirir controle, Clarissa moveu-se cheia de graça ao se acomodar numa cadeira bem junto à de Brandon. Inclinou-se um pouco para ele e, com a mão estendida, disse com voz insinuante:

— Muito prazer, Sr. Phillips. Sou Clarissa Manning.

— Muito prazer?! — vociferou Brandon, pondo-se em pé e tentando disfarçar o efeito da voz melodiosa. — O que há de errado em dizer: “Lamento muito, Sr. Phillips, por tê-lo feito esperar?”. Tem noção de como me pareceu grosseira por não estar aqui na hora marcada?

— Sim, de fato cheguei um pouco atrasada — concordou Clarissa, no mesmo tom suave, ao fitá-lo por entre os cílios longos e densos.

Começava a se impacientar com esse tipo autoritário e imune a seus encantos, porém não demonstrou o sentimento. Ele provava ser um desafio maior do que imaginara, reconheceu Clarissa ao recolher a mão estendida no ar.

— Atrasadíssima, Srta. Manning — corrigiu Brandon dominando a tentação de retribuir-lhe o sorriso lindo. — Por alguma razão inexplicável, seu pai e sua tia acharam necessária a sua instrução. Fui contratado para ensinar-lhe latim e os clássicos, porém agora percebo ser preciso dar aulas sobre boas maneiras também.

Clarissa apertou os dentes imperceptivelmente e decidiu fazer uma

última tentativa para transformar esse louco num ser humano mais cordato. Fitou-o com olhar lânguido e curvou os lábios, num trejeito considerado adorável por outros rapazes. Entretanto, o homem teve a coragem de continuar repreendendo-a, exaltado.

— A senhorita deverá chegar na hora marcada na próxima aula, pois atrasos não serão mais tolerados. Espero ter sido claro. Os colonos ainda falam de modo semelhante ao inglês do rei, não é verdade?

— Sim, Sr. Phillips — respondeu Clarissa baixinho e com outro sorriso encantador.

Brandon começou a lamentar o tom ríspido com que se expressara. Talvez a aluna não tivesse intenções tão malévolas, como tinha imaginado. Todavia, o remorso durou pouco. De pé e enquanto desabotoava o casaco, ela proferiu palavras destoantes da voz meiga e cadenciada.

— Já que estamos esclarecendo certos pontos, Sr. Phillips, quero explicar como me sinto em relação às aulas. Não preciso de instrução dada por um indivíduo provavelmente menos inteligente e culto do que eu. Ainda mais tratando-se de uma criatura intolerável!

Clarissa sorriu intimamente ao ver as mãos de Brandon crisparem-se e os olhos escurecerem na luta pelo domínio das emoções. Tirou o casaco, exibindo uma blusa branca que lhe realçava os seios bonitos e uma saia que revelava melhor suas curvas bem-feitas. Animada, percebeu o conflito de Brandon entre a irritação e o interesse por seus atrativos.

— Não tenho necessidade de seus préstimos, Sr. Phillips. Entenda, meu pai possui vasta cultura e eu o ajudei em pesquisas durante muito tempo.

Ciente da nova tática para diminuir-lhe a raiva, Brandon exasperou-se mais e respondeu em tom desinteressado:

— Isso só prova que a senhorita sabe ler e escrever. Minha tarefa não será tão árdua como presumi.

Sem se dar por vencida, recusando-se a demonstrar o aborrecimento pelo comentário cáustico, Clarissa perguntou, enquanto tirava o alfinete do chapeuzinho elegante:

— Sabe por que fui obrigada a sair da escola e voltar para casa?

— Com certeza pelo fato de ser incorrigível.

— De forma alguma, Sr. Phillips — garantiu ao retirar o chapéu que prendia os cabelos cortados rente.

Sorriu ao constatar o choque mal disfarçado de Brandon ao ver os caracóis curtíssimos e semelhantes a uma touca cor de cobre sobre sua cabeça.

— Não se preocupe, Sr. Phillips — aconselhou feliz por ter aberto uma

brecha na barreira de gelo do professor. — Não fui mandada embora por causa de alguma doença que derrubasse meus cabelos. Fui expulsa porque me recusei a permitir que a Academia Briarley me moldasse no tipo de moça simplória e de cabeça oca tão apreciado por seus compatriotas. Cortei meus cabelos num ato de rebeldia. Como era obrigada a levar uma vida de freira, achei melhor me parecer com uma. *Lady* Briarley classificou minha atitude de vergonhosa. Eu, porém, a encaro como indicativa de meu anseio por liberdade, traço muito comum entre meus conterrâneos. Provavelmente, isso é desconhecido ao senhor e ao resto dos ingleses, amantes da tradição e do convencionalismo.

Os olhos azul-escuros de Brandon lembravam nuvens tempestuosas e foi com esforço imenso que ele manteve a voz calma.

— Um pouco de convencionalismo não lhe faria mal, Srta. Manning. Quanto a me descrever suas transgressões infantis é uma perda de tempo lastimável. Acabarei me atrasando para uma palestra.

— Por favor, não me deixe detê-lo por nem mais um segundo — pediu Clarissa num fingimento óbvio de consideração. — E não se aflija. Darei um jeito para que seja pago pela aula de hoje.

— Receberei meu dinheiro porque farei jus a cada centavo. Não irei embora antes de estudarmos a lição programada. Como afirmou ser instruída, tente ler César — ordenou Brandon, deixando de lado a gramática latina e pondo-lhe nas mãos o volume intitulado *Guerras Gálicas*.

Clarissa abriu o livro e iniciou a leitura:

— A Gália toda é dividida em três partes...

Ao terminar uma tradução impecável do trecho, olhou triunfante para Brandon.

— Provei o que lhe disse, Sr. Phillips?

— Essa é uma passagem famosa. Talvez a senhorita tenha decorado a tradução. Antes de nossa próxima aula, leia os três primeiros capítulos sobre as origens da civilização ocidental — determinou ele, entregando-lhe outro livro grosso. — Reconheço ser injusto de minha parte esperar que tenha comportamento apropriado se não faz idéia do conceito de civilização.

— Vou ler se tiver tempo — respondeu Clarissa. — Já fiz planos para passar esta tarde e início da noite em companhia do Sr. Preston Waverly-Smythe. Lamento, mas o compromisso tem prioridade.

Clarissa gostou de ver a raiva revelada pela tensão dos músculos no rosto de Brandon. Preston tinha falado a verdade ao afirmar que Phillips era muito desagradável e, por isso, ambos se detestavam. Irritada com o fato de

seus encantos não terem subjugado o ar de superioridade e o autocontrole de Brandon, ela jurara portar-se com rebeldia, em vantagem própria. Se ele não desistisse de dar as aulas, haveria de se tornar maleável. Com exceção do pai, Clarissa nunca havia conhecido um homem que não pudesse ser manipulado. Não tinha dúvida alguma de que, com paciência, conseguiria a submissão de Brandon Phillips.

CAPÍTULO IV

— Agora chega, Brandon! — explodiu Ned, exasperado, ao fechar o livro com um gesto brusco.

Os olhos azuis de Brandon semicerraram-se para fitar o aluno do outro lado da mesa na sala de estudos, junto ao quarto de Ned.

— Qual é a razão dessa revolta? — perguntou numa voz despida de emoção.

— Ainda pergunta?! — exclamou Ned, incrédulo. — Desde que chegou, você não fez outra coisa senão resmungar e implicar comigo, apesar de eu jamais ter me aplicado tanto numa aula. Alguma coisa está errada, Brandon, e eu, como seu aluno castigado e amigo particular, exijo saber do que se trata.

— Não há motivo para se afligir — resmungou o homem alto e loiro, constrangido pelo resultado do mau humor que não conseguira esconder. — Vamos reabrir o livro e eu prometo ser o sujeito agradável de sempre.

— Nada disso, Brandon, você não pode me tapear — afirmou Ned num tom mais ameno, mas persistente. — Conte logo o que aconteceu para deixá-lo nesse estado.

— Não passa de um resto de irritação provocada cada vez que vejo minha nova aluna — explicou Brandon, esforçando-se por parecer desinteressado. — Peço desculpas por meus maus modos. Podemos voltar agora aos estudos?

— Não tão depressa — protestou Ned. — Essa sua nova aluna parece ser bem mais estimulante do que todos os tópicos de estudo desta tarde. Fale a respeito dela. É linda? — indagou com os olhos brilhando de curiosidade.

— Bonita o suficiente — resmungou Brandon, sem saber por que se dava ao trabalho de responder.

Sentia-se perdido pela maneira com a qual a Srta. Manning, continuamente, conseguia perturbá-lo.

— Então, meu caro, não vejo razão para problemas — declarou Ned, enfático.

— Mas há, eu lhe garanto. Você não faz idéia de como Clarissa Manning é desagradável.

— Ora, eu nunca vi uma jovem linda que pudesse ser irritante ao mesmo tempo — afirmou Ned, sorridente.

— Isso é verdade — concordou Brandon, relaxando as feições tensas e sorrindo também. — Você é mimado por todas elas. Houve até aquela criatura audaciosa que cavalgava em pêlo no espetáculo do P. T. Barnum.

— Ah, Eliza! — suspirou Ned com olhar sonhador. — Foi seu desembaraço o que mais me encantou, tanto no espetáculo como fora dele.

— Tenha paciência, Ned. Uma artista de circo?!

— Não vejo nada de errado com isso. Até a rainha Vitória sempre apreciou Barnum.

— De fato, mas não como você, que se divertiu com sua artistazinha — rebateu Brandon, sério.

A única resposta de Ned foi um sorriso matreiro.

— Você não tem jeito — concluiu Brandon ao deparar com um grampo de cabelo no chão, perto de sua cadeira. Curvou-se e o apanhou. — Por acaso isto aqui é seu, Ned?

— Agora é, já que a jovem dona o esqueceu.

— Acho bom tomar mais cuidado, Ned. Se alguém descobrir que você anda recebendo moças em seus aposentos, é bem capaz de contar a seu pai. Que desculpa dará a ele?

— Sempre existe uma saída. E, afinal, que culpa tenho eu se as meninas me acham irresistível?

— Também um bom partido. Continue assim e, antes de se dar conta, estará na frente do altar.

— Chega de falar de mim — disse Ned depressa, mudando para um assunto mais interessante. — Quero ouvir alguma coisa sobre a sua Srta. Manning.

— Não é a *minha* Srta. Manning! — afirmou Brandon, enfático. — Também não há muito para contar. Só posso dizer que se trata da moça mais teimosa que já tive a infelicidade de conhecer. Desde a minha contratação pela tia, duas semanas atrás, só dei três aulas e a moça não terminou nenhuma das leituras que eu marquei. Durante os comentários dos trechos, ela faz questão de demonstrar a grosseria típica americana.

— Ah, então o problema é esse. A Srta. Manning é do tipo independente e não se deixa impressionar por sua presença. Talvez se você a lisonjeasse um pouco em vez de dar suas ordens infernais, as coisas seriam diferentes. Seus aborrecimentos com a moça terminariam tão logo ela descobrisse o sujeito afável que você é, tenho certeza — concluiu Ned com uma ponta de ironia.

— Jamais agirei dessa forma! — explodiu Brandon irritado, pois, mesmo nesse momento, imagens dos olhos castanhos e da silhueta esguia de Clarissa

inundavam-lhe a mente. — Sou pago para ensinar e não para agradar à filha mimada de uma família rica.

— Caso a tratasse com mais cordialidade, você obteria benefícios melhores do que os esperados, claro.

— Ouça bem: não sou pretendente da moça, não tenho de conquistá-la e não tenciono fazê-lo jamais!

— Tudo bem. Então, trate de ignorar sua atitude em relação a você.

— Impossível!

— Nesse caso, meu velho, lamento dizer que você encontrou uma parceira à sua altura — declarou Ned sem piedade.

Apressada, Lavínia desceu a escada e encontrou Clarissa diante do espelho do vestíbulo, beliscando as faces. O vestido novo para a tarde, amarelo-claro, chamava a atenção pela simplicidade. A saia justa delineava os quadris com perfeição, mas atrás, como único enfeite, um drapeado enfatizava o arredondado das nádegas. Em contraste, o vestido de Lavínia exibia metros de renda no decote, punhos e bainha. Embora diferentes em idade, toalete e temperamento, tia e sobrinha se completavam. Clarissa reconheceu o fato ao vê-las refletidas no espelho e ficou satisfeita. Isso só poderia ajudá-la na execução do plano preparado para essa tarde.

— Clarissa, minha querida, não creio que estejamos agindo de maneira apropriada. O convite não veio em nosso nome, mas no de seu pai.

— O envelope estava sobrescritado para Dr. Manning e família. Como ele ainda não chegou, não pode ir; porém a família, sim — explicou Clarissa ao arrumar a peruca feita com os próprios cabelos ruivos. — Não deve se afligir tanto com as convenções sociais, tia Lavínia, como fez quando passeei pelo parque com Preston. Em Filadélfia, isso seria aceitável. —, Lá, pelo jeito, *tudo* é aceitável. O que quer dizer com *Preston*? Já chamei sua atenção por isso. Você conheceu o Sr. Waverly-Smythe há pouco mais de duas semanas e não devia usar o tratamento familiar. Eu nem havia ainda me recuperado de sua expulsão de Briarley quando a vi sair do parque em companhia do Sr. Waverly-Smythe, e sem uma acompanhante. Passam-se duas semanas e descubro que vamos a uma reunião social para a qual não fomos devidamente convidadas. Você não se importa com sua reputação nem com o meu coração?

— Já discutimos bastante esse assunto, titia.

— *Eu* argumentei, e você ignorou minhas palavras.

— Tia Lavínia, seu comportamento certinho é suficiente para nós duas. Quanto à reunião desta tarde, o comitê de recepção não vai se opor à nossa

presença. Quem não receberia bem uma mulher linda e conhecida na sociedade, acompanhada da sobrinha?

— Tem certeza? — indagou Lavínia, tomando o lugar de Clarissa em frente ao espelho para verificar-lhe a opinião.

— Absoluta. Sabe muito bem como a Sociedade de Horticultura depende de seus esforços em tudo. Não acha que sua presença hoje vai acrescentar elegância feminina à recepção?

— Talvez possamos mesmo dar um certo brilho a uma reunião aborrecida. Olhe, vá me esperar na carruagem. Vou daqui a uns dois minutos — disse Lavínia, pondo-se a cantarolar em seguida, enquanto, diante do espelho, afofava as rendas do vestido.

Sentada na carruagem à espera da tia, Clarissa pensava animada na situação estimulante que a aguardava essa tarde. Quando o convite para a recepção do departamento de Direito da University College chegara, ela não tinha se entusiasmado. Não pretendia gastar uma tarde conversando, em lugar do pai, com catedráticos aborrecidos, alguns dos quais já conhecia e até admirava a competência.

Sua nova amizade com Preston não a teria feito desistir de ficar em casa; contudo, a maneira turbulenta pela qual travara conhecimento com Phillips, aquele selvagem, forcara-a a mudar de idéia. Sem dúvida, o dever obrigaria os estudantes do último ano a estarem presentes na recepção, e Clarissa desejava que o horrível Brandon Phillips a visse numa reunião social para verificar o quanto ela era admirada e perseguida por rapazes interessados. Ele se mostrara imune a seus encantos desde o primeiro encontro e a tratava como criança. Nesse dia, porém, teria a satisfação de mostrar-lhe como outros homens a achavam atraente e desejável.

“Isso mesmo”-, refletiu Clarissa com um sorriso de expectativa. Nessa tarde, surgiria a oportunidade de conquistar uma certa vitória sobre o professor antipático.

Atenciosa, Clarissa circulava conversando pela sala da recepção. Um bom número de estudantes a seguia, inclusive Preston. Quando ouviu pela terceira vez a história peculiar de como os ossos de Jeremy Bentham, filósofo e jurista inglês, tinham vindo descansar sob a entrada principal da universidade, ela começou a estranhar a ausência de Brandon e a se cansar do papel de moça admirada.

Lavínia, embora não saísse de seu lado como uma guardiã competente, apreciava muitíssimo as amabilidades que os rapazes lhe dirigiam pelo fato de ser a tia da jovem encantadora. A certa altura, puxou o braço de Clarissa e

disse:

— Olhe, aquele não é o seu professor? Nossa, como ele é bonito! — exclamou sem pensar, mas acrescentou depressa: — Não que o senhor não seja atraente também, Sr. Waverly-Smythe.

Clarissa relanceou o olhar por Preston e tentou disfarçar, sorrindo, o deslize da tia. Reconhecia uma certa verdade nas suas palavras, pelo menos nas últimas. Preston era atraente com seus olhos verdes e cabelos pretos. Além do mais, ele a mimava bastante. Possuía tudo o que ela sempre desejara encontrar num pretendente. Apesar disso, Clarissa observou interessada a entrada de Brandon na sala.

Talvez algumas pessoas o achassem bonito, e ela até concordaria não fosse a expressão severa e aborrecida que Brandon assumia em todos os seus encontros. Nesse momento, entretanto, ele sorria, e a curiosidade de Clarissa foi despertada pela maneira afável com que ele cumprimentava os colegas. Porém, quando o olhar de ambos se cruzou, o sorriso desapareceu para dar lugar ao ar de desagrado. Clarissa não se deixou abater. Passou o braço pelo de Preston e pediu-lhe para que a levasse até a poncheira, perto da qual estava Brandon.

Ao caminhar, Clarissa mostrava-se de uma vivacidade estonteante. Conversava animada enquanto os olhos brilhavam sedutores. Entusiasmado com a atenção recebida da filha do Dr. James Gregory Manning, Preston não resistiu à tentação de fitar, com expressão de superioridade, o rival que ainda ignorava a filiação ilustre da aluna. O prazer aumentou ao notar a irritação de Brandon, cujo olhar dardejava faíscas de raiva. Todavia, quando Clarissa virou-se para constatar o efeito de sua presença em companhia de Preston, percebeu no instrutor um sorriso de desdém. Ele era intolerável, pensou. Furiosa, disse em tom frio:

— Ora, Sr. Phillips, não esperava encontrá-lo numa reunião social. Imaginava que o senhor gastasse seu tempo livre em algum lugarzinho horrível, devorando trechos e trechos de livros enfadonhos.

— Enganou-se, Srta. Manning. Gosto muito de me encontrar com pessoas cuja companhia me é agradável. Por falar em trechos, calculo que já tenha lido os marcados para a aula de amanhã.

— Ai, não — respondeu Clarissa com preocupação fingida. — Não tive tempo, pois Preston tem me mantido muito ocupada desde a última aula.

Por essas palavras, Brandon entendeu que Clarissa viera à recepção por causa de Preston, e exasperou-se com as atenções dirigidas pelo adversário à aluna. Mas, acima de tudo, irritou-se consigo mesmo por se afligir com a

maneira de a Srta. Manning gastar suas horas livres. Isso não lhe dizia respeito! Escondendo a reação, comentou em voz calma:

— Srta. Manning, caso se aplique, será capaz de fazer suas leituras e reter os conhecimentos, tenho certeza. Pelas minhas observações, concluí que sua mente, embora limitada, pode absorver novos conhecimentos, ainda mais se estiver desanuviada como no momento.

Afastou-se sem dar oportunidade à extravagante Clarissa de responder-lhe. Pelo resto da tarde, a beldade ruiva observou, a distância, a descontração com que Brandon apreciava a recepção sem, ao menos, lhe dirigir um olhar. Odiava-o por considerá-la uma cabeça oca.

Foi preciso um grande esforço para Clarissa se controlar e continuar conversando sorridente com Preston. Jurava provar a Brandon Phillips como, na realidade, era inteligente. Haveria de demonstrar sua capacidade intelectual, maior do que a da média das pessoas, não porque desejasse conquistar a opinião favorável do professor e sim pelo desafio oferecido.

Ao entrar na saleta, Brandon surpreendeu-se ao ver Clarissa sentada no chão e imersa na leitura de um livro. Pela aparência, ela estava à espera do início da aula. Assim acomodada, ele era obrigado a reconhecer o quadro encantador apresentado pela aluna. Ela vestia-se de verde. A blusa, de tom claro, delineava-lhe o busto com perfeição, e a pala de tecido fino, que exibía um decote discreto, não escondia o acetinado da pele. As mangas bufantes terminavam justas do cotovelo ao punho. A saia, verde-escura, lembrava a exuberância de uma floresta no verão, quando se podia gozar das dádivas da natureza. O efeito geral era estimulante, e Brandon percebeu que mesmo o seu autocontrole disciplinado não o impedia de apreciar a beleza de Clarissa.

Ela mantinha a cabeça curvada sobre o livro que segurava no colo. Os cabelos curtos formavam uma auréola ruiva, que contrastava com a alvura do pescoço e das faces.

Clarissa ergueu o olhar e fitou-o com tanta meiguice que Brandon chegou a duvidar tratar-se da mesma jovem irascível com quem se encontrara na recepção da véspera. Sem se dar conta fitou-a também com brandura, num reconhecimento de seus atributos femininos. Clarissa respirou aliviada por sua toalete cuidadosa surtir o efeito desejado.

— Bom dia, Sr. Phillips — murmurou na voz melodiosa que Brandon lutara tanto para apagar da memória nas últimas três semanas.

— Bom dia, Srta. Manning — respondeu ele ao sentar-se numa poltrona à sua frente, junto a uma mesinha em que tinham sido colocados papel, tinteiro e caneta.

Clarissa virou-se para ele e os joelhos de ambos quase se tocaram. Sua expressão irradiava simpatia, e Brandon temeu afogar-se no brilho dos olhos castanho-escuros.

— Muito bem, Srta. Manning, creio que estamos prontos para iniciar a aula. Leu os capítulos que recomendei? — perguntou ele certo de ouvir os protestos habituais.

— Li, sim. Mas já estudei muito a história da civilização ocidental. Tão logo aprendi a ler, os livros sobre ela estiveram ao meu alcance, e cada instrutor empenhou-se em me explicar essa matéria até o ponto de saturação. Não suporto mais ouvir falar no assunto, fique certo.

— Sei — respondeu Brandon, satisfeito por não haver se iludido com a falsa trégua da aluna e imaginando se a pretensiosa não lhe armava um ardil.

— Está tentando me dizer mais uma vez que estas aulas não têm sentido e devem terminar porque eu não posso lhe ensinar nada novo?

— Não, de forma alguma, Sr. Phillips. Acredito sinceramente que o senhor tenha conhecimentos em outras áreas, às quais nunca fui exposta. Na verdade — continuou Clarissa em tom confidencial —, eu queria tirar vantagem de sua cultura e lhe pedir que me ensinasse certas matérias proibidas, até agora, para mim.

Seduzido por sua beleza Brandon levou uns dois segundos para registrar o sentido das palavras. Ao fazê-lo, assustou-se. O que teria ela em mente? Toda cautela seria pouca. Mantendo a compostura, perguntou:

— Posso saber o quê, exatamente, pretende estudar?

— Isto — respondeu Clarissa rindo ao entregar-lhe o livro que estivera lendo.

Brandon apanhou-o e arqueou as sobrancelhas ao ler o título e o nome do autor: *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin.

— Srta. Manning, onde conseguiu este volume? Livraria alguma venderia obra tão controvertida a uma jovem de família. Ela não fez nada além de provocar clamores de ordem teológica e filosófica. Muitos a considerariam a um passo da indecência — concluiu enfático.

— O modo como o livro do Sr. Darwin veio parar em minhas mãos é irrelevante — declarou Clarissa, enfrentando a luta cuja vitória seria da mais bem aparelhada. — Quanto a ser apropriado, lamento dizer que minhas idéias a esse respeito vão muito além das convenções de sua sociedade. Reflita, Sr. Phillips. Como temos mesmo de suportar a companhia um do outro, por que não tornar esse tempo proveitoso? Deixe-me aprender algo novo.

Então, o gesto de amabilidade dessa manhã tinha seu propósito, reconheceu Brandon, agastado. Mesmo assim, o interesse de Clarissa por Darwin o impressionava. Havia subestimado sua inteligência. Seria divertido ver o quanto aprenderia nesse campo, refletiu, embora seu beicinho amuado sugerisse coisas bem diferentes das que ele gostaria de lhe ensinar.

— Naturalmente, Sr. Phillips — continuou Clarissa, olhando-o de soslaio —, se não conhece as teorias de Darwin, o senhor poderá lê-las antes de nossa próxima aula a fim de estar preparado para discuti-las.

Agora, *ela* tentava lhe passar tarefas, Brandon reconheceu, atônito com sua audácia. Por que ela se tornava endiabrada quando, havia pouco, fora tão angelical?, indagou-se.

— Estou bem familiarizado com o livro, Srta. Manning — respondeu em tom severo. — Entretanto, acho sua curiosidade por ele bem chocante. Duvido que sua tia o aprove como tópico para nossas aulas.

— Minha tia jamais se oporia a qualquer coisa ensinada por você. Vamos lá, Brandon — murmurou ao colocar a mão sobre a dele —, seja meu amigo além de professor.

Embora desejasse resistir à súplica, Brandon foi incapaz. Nesse momento, satisfaria qualquer vontade de Clarissa. Preocupado com isso, apressou-se em assegurar um relacionamento civilizado entre ambos.

— Muito bem, Srta. Manning, mas só se prometer completar outros trabalhos determinados por mim daqui em diante. Não posso permitir que a aluna decida o programa das aulas e do curso em geral.

— Ah, muitíssimo obrigada! — agradeceu Clarissa com um sorriso sincero dessa vez. — Prometo cooperar mais. Se vamos, de fato, ser amigos, deve me chamar de Clarissa.

— Como queira. Agora vamos ver o que apreendeu das idéias de Darwin.

Procurando uma posição mais confortável no chão, Clarissa surpreendeu-se ao sentir remorsos por haver manipulado Brandon Phillips. Apesar de satisfeita com o resultado, esperava sinceramente que ele lhe tivesse percebido as intenções e cedido por concordar com seus princípios. Por seu lado, refletiu numa tentativa de acalmar a consciência, ela havia feito concessões. Mesmo com esse raciocínio, envergonhava-se do estratagema. Tal comportamento não a perturbaria, caso se tratasse de Preston ou de qualquer outro rapaz. Seria possível que, no íntimo, desejasse realmente a amizade de Brandon Phillips?

Algumas semanas mais tarde, Clarissa encontrava-se perplexa diante do

guarda-roupa. Não fazia idéia do que vestir. Deveria ser algo para lhe realçar a aparência e ainda não visto por Brandon. Por que não mandara fazer mais roupas? Não estava ansiosa para impressioná-lo, garantiu a si mesma, porém uma mulher tinha a obrigação de sempre se apresentar da melhor maneira possível. Finalmente, decidiu usar uma saia marrom e uma blusa bege. Essas cores acentuavam o castanho escuro dos olhos e a tonalidade ruiva dos cabelos.

Vestida, examinou-se no espelho com olhar crítico. Ficou satisfeita. Todavia, de nada adiantava o seu aspecto. Elegância e encanto jamais afetavam a atitude circunspecta do professor. Naquele dia, iriam ler e analisar poesias. Embora o campo pudesse ser promissor, Clarissa tinha certeza de que Brandon escolheria poemas apropriados. Provavelmente, seriam de Tennyson, o poeta laureado cujo trabalho tornara-se popular desde seu falecimento seis meses antes. Clarissa gostaria bem de ler o romântico *Idílios do Rei* na presença do professor jovem e bonito. Mas ele, com certeza, selecionaria uma ode grave, criada em comemoração a algum fato cívico. O homem nunca pensava em alguma coisa que não fosse séria?, indagou-se desanimada.

Mais uma vez, Clarissa lamentou não ter sido Preston o escolhido para lhe dar aulas. Quem sabe, então, Brandon Phillips a veria como mulher e não como uma simples estudante.

A bem da verdade, não podia se queixar da maneira como ele a tratava. Após terem chegado a bons termos, Brandon provara ser uma companhia interessante e atenciosa. O problema residia no fato de o professor ser educado demais. Gostaria de saber se ele, durante as aulas, não reparava em seus olhos, cabelos, boca, da mesma forma que ela observava os dele. Com toda a certeza, não, admitiu, desapontada.

Afinal, esse ponto não tinha importância, pois não alimentava sentimentos afetivos em relação a ele, consolou-se. Frustrava-se porque Brandon, além de inteligente, era um homem bonito e o primeiro a ignorar-lhe o flerte sutil e seus encantos.

Surpresa por continuar pensando no professor atraente, Clarissa concluiu que a preocupação nascia do desafio apresentado por esse tipo de homem. Se conseguisse afastá-lo da saleta de Lavínia e dos livros, talvez Brandon acabasse apreciando-lhe a juventude e a feminilidade.

Brandon sorriu ao dar-se conta de como apressava os passos, quanto mais se aproximava da residência Cooper em Hertford Court. Sem dúvida, o andar acelerado devia-se à expectativa de gozar da companhia de Clarissa

Manning.

Depois que o relacionamento entre ambos passara a ser cordial, Brandon descobrira que a beleza da jovem igualava-se à conversa inteligente e à mente sagaz. Ele interessava-se cada vez mais pela moça descontraída e achava difícil concentrar-se em sua instrução e não no brilho de seus olhos.

Maldição! Visões de Clarissa Manning insinuavam-se em sua mente com frequência exagerada, até mesmo quando tentava dedicar-se aos próprios estudos. As imagens da aluna linda provocavam-lhe excitação inconfundível, e ele imaginava como conseguiria dar aula sem revelar a atração que sentia.

Não, essa manhã não seria possível ficar com Clarissa, a portas fechadas, enquanto Lavínia Cooper ia cuidar do jardim de alguém. Brandon sabia que se encontrava lascivo demais para se sujeitar a tal situação. Um passeio seria a solução, resolveu entusiasmado. Um lugar público onde Clarissa encontrasse prazer e ele, distração. Talvez um museu como a National Gallery. Tinha certeza de não encontrar objeções à idéia e a exporia antes de a Srta. Cooper sair para cuidar de flores e jardins.

— Sair?! Deseja levá-la para ter aula fora daqui? — perguntou Lavínia de olhos arregalados. — Por quê? Concordo que arte seja um tópico valioso, mas minha biblioteca contém excelentes edições e não precisam sair com este tempo ruim. — Srta. Cooper, com a sua licença, atrevo-me a discordar.

Uma educação sólida não se baseia mais só em livros — declarou Brandon em tom firme, não deixando opções a Lavínia. — Não existe comparação entre uma tela original e uma reprodução. Com a sua sensibilidade, deve entender esse ponto. — Bem, Sr. Phillips, não quis sugerir o contrário, mas um museu?! Todos os meus amigos têm telas em suas casas e muitas são valiosas, tenho certeza. Eu poderia arranjar para o senhor acompanhar Clarissa com o objetivo de vê-las.

— Srta. Cooper, por favor, compreenda que museus, embora constituam um conceito relativamente novo, destinados a receber pessoas de todas as classes sociais, não são locais de diversão para tipos vulgares, mas instituições acadêmicas fundadas pelo nosso governo para proteger e fomentar a arte verdadeira. Eles são muito respeitados e está se tornando muito em moda ser visto em um deles, especialmente levando-se em consideração o apoio e as visitas ocasionais da realeza. Mais da metade da população de Londres já foi à National Gallery ver *A Virgem das Rochas* de Da Vinci.

— *A Virgem das Rochas*? — balbuciou Lavínia.

— Exatamente — respondeu Brandon exasperado e tentado explicar à

mulher que, se ela insistisse em deixá-lo a sós com Clarissa essa manhã, havia o risco de a palavra virgem deixar de fazer parte do vocabulário da sobrinha. — Ainda não ouviu falar que a tela custou ao museu a quantia exorbitante de nove mil libras? Certamente não teriam gasto tanto dinheiro se não fosse em defesa da grande arte — explicou com a paciência quase esgotada.

— Sr. Phillips, tenho um compromisso e não posso acompanhá-los. Ellen também não pode fazê-lo por estar de folga. Não concordo em deixá-lo levar minha sobrinha à National Gallery sem outra companhia.

— National Gallery? — indagou Clarissa animada ao entrar na saleta. — Ai, tia Lavínia, você tem de me deixar ir. Não conheço ainda esse museu.

— Sabe muito bem, Clarissa, que me preocupo bastante com sua reputação — censurou Lavínia. — Você não está na sua sociedade americana, em que moças e rapazes têm permissão para se misturarem a esmo.

— Srta. Cooper, pense, por favor. Sou o instrutor de sua sobrinha e não o pretendente à sua mão. Não existe impropriedade alguma em levar a Srta. Manning ao museu como parte de uma educação acadêmica.

— Não, não existe de fato — concordou Lavínia um tanto relutante ainda, mas com medo de precisar alterar os próprios planos. — Minha carruagem poderá levá-los e voltar aqui para me apanhar. Meu compromisso é um pouco mais tarde. Mas o senhor terá de providenciar transporte de aluguel para a volta.

— Certo, Srta. Cooper. Trarei sua sobrinha para casa a tempo de tomar o chá.

— Como você é esperto, Brandon! — elogiou Clarissa enquanto ele a ajudava a subir na carruagem. — Nem pode imaginar como eu precisava sair um pouco desta casa.

— Ah, posso, sim — respondeu Brandon, lembrando-se das razões que o tinham instigado a sugerir o passeio.

Clarissa virou a cabeça e fitou o rapaz atraente, que se acomodava na outra extremidade do banco. Havia algo estranho na voz dele ou seria imaginação sua? Movendo-se para espiar pela janelinha do lado de Brandon, sentou-se bem junto a ele.

— Pensei ter visto alguém conhecido — explicou.

— Devo pedir ao cocheiro para parar?

— Não, eu me enganei. Vamos continuar — disse Clarissa com um sorriso inocente e cativante.

“Deus do céu!”, refletiu Brandon, nervoso. Havia se preocupado em não resistir aos encantos de Clarissa na saleta e agora via-se junto a ela num

ambiente muitíssimo mais confinado. Só mesmo à custa de um grande esforço não a tomou nos braços para ensiná-la o que acontecia quando um homem achava uma mulher sedutora. Gostaria bem de expandir sua educação!

Para Brandon, as horas gastas no museu corriam depressa demais. Apanhava-se observando Clarissa com a mesma atenção dispensada às obras de arte expostas. Sem questionar os motivos de sua opinião, ele considerava-lhe a beleza esfuziante superior à das formas criadas por pincéis nas telas, não importava a perfeição do trabalho.

Durante a visita, tornou-se evidente que a aluna achava o museu um espetáculo entusiasmante. Para ela, cada nova sala constituía uma surpresa e precisava ser estudada nos mínimos detalhes. Nenhum trabalho artístico escapava de um exame minucioso, embora Brandon tentasse chamar-lhe a atenção para as obras de maior valor. Como seu conhecimento de História da Arte fosse bem amplo, o contato com essa mostra abria novos, horizontes em sua experiência. Seu sorriso de prazer tentaria o próprio Da Vinci a capturá-lo numa tela, refletiu Brandon, encantado.

— Venha ver este quadro pequeno, Brandon. A moça podia ser eu, caso eu tivesse vivido duzentos anos atrás.

Ao observar a tela de Rembrandt, *Mulher no Banho*, ele foi forçado a reconhecer a semelhança entre a imagem do quadro e a jovem aluna.

— Sim, ela é uma criaturinha irrequieta, apanhada no único momento calmo do dia. Mas duvido que você consiga ser tão tranqüila.

— É muito real, não acha? Sua expressão reflexiva exprime tanta naturalidade! Rembrandt devia saber em que ela pensava para retratá-la com essa fidelidade.

— Isso não é difícil quando a modelo é também amante do pintor.

— Amante?! — repetiu Clarissa com olhar malicioso. — Então, existem homens que, apesar de inteiramente devotados ao trabalho, se deixam atrair por uma mulher linda?

— Assim de momento, não posso me lembrar de alguém que não a achasse lindíssima — disse, olhando para Clarissa e não para a tela de Rembrandt. — De fato — acrescentou em voz suave —, ela se parece com você.

— Ora, Sr. Phillips — provocou Clarissa —, não é que acaba de me fazer um elogio?

— Apenas uma observação. A beleza merece reconhecimento, mesmo partindo de seu instrutor. Como tal, devo lembrá-la de que está na hora de

irmos embora.

— Por favor, Brandon, não podemos ficar só mais um pouquinho? Ainda resta tanto para ser visto — argumentou Clarissa com seu sorriso sedutor.

Brandon gostou da naturalidade com que ela lhe pronunciava o nome. Aliás gostou demais, censurou-se.

— Não acho sensato preocupar sua tia, retardando a volta — aconselhou.

— Tem razão. Mas, antes de irmos, deixe-me ver o que há naquela salinha ali do outro lado — pediu Clarissa.

— Não acho que haja nada, mas vá verificar. Clarissa apressou-se e ele a seguiu mais devagar. Do lado de fora da porta, ouviu:

— Brandon, você precisa entrar aqui. Existe algo que exige sua atenção.

Ao juntar-se a ela, Brandon viu que a sala estava sendo preparada para uma exibição, porém nada ainda pendia nas paredes. Surpreso, perguntou:

— O que poderia exigir minha atenção aqui?

— Isto — respondeu Clarissa ficando na ponta dos pés e beijando-o numa das faces. — Eu queria lhe agradecer por me haver trazido aqui. Foi o dia mais agradável que eu passei na Inglaterra.

Reconhecendo a sinceridade de Clarissa, Brandon ficou agradavelmente atônito com seu gesto impulsivo. Embora fosse um beijo puro sob todos os aspectos, provocou-lhe sensações bem diferentes. Sem medir as palavras, disse:

— Se eu soubesse que esta seria a minha recompensa, já a teria trazido ao museu há muito tempo.

— Agora que sabe, pode planejar outras atividades instrutivas como a de hoje — respondeu Clarissa toda sorridente.

Sentindo ainda na pele o contato leve de seus lábios, Brandon apanhou-se imaginando uma repetição do beijo. Apesar de ser um pensamento agradável, alarmou-se por uma questão de honra e também de senso prático. Estava sendo pago pela família da aluna para lhe dar aulas de certas matérias e não para ensinar-lhe como uma mulher e um homem reagem a uma atração mútua. Além do mais, ele não tinha nada para oferecer à moça no momento, a não ser sonhos futuros. O melhor seria manter a distância entre ambos. Clarissa Manning era uma tentação grande demais.

Ao olhar para Clarissa, percebeu que ela esperava uma resposta à sua proposta de novos passeios. Disse depressa:

— É o que veremos. Agora, vamos pegar nossos casacos no vestiário. Preciso devolvê-la depressa à sua tia, senão outras saídas ficarão proibidas. Também preciso cuidar de meus livros. Depois de amanhã, serei submetido a

uma das sessões de tortura de Humphrey, apelidadas de exames.

Ao vestir o casaco, Clarissa não sabia se sentia desapontamento ou esperança com a reação de Brandon. Ele não mostrará entusiasmo diante de sua sugestão, mas também não a recusara. Tentou justificar a falta de ânimo do professor com a preocupação provocada pelo exame e avaliação final do curso.

Brandon achou melhor deixar Clarissa no vestíbulo do museu enquanto ia buscar uma carruagem de aluguel, e apreciou as gotas geladas de chuva no rosto afogueado. Elas o ajudaram a cair na realidade e a apagar a fagulha de paixão resultante do beijo impulsivo de Clarissa. “Deus misericordioso!”, censurou-se ao ir até o quarteirão seguinte à procura de transporte. Estava ficando quase tão irresponsável quanto Ned. Imagine correr o risco de perder o controle só por causa de um beijinho no rosto, mesmo sendo dado por uma criatura linda e sedutora como Clarissa Manning.

— Ah, aqui está você, bem junto à porta! Que sorte a minha! — exclamou uma voz masculina e familiar, tirando Clarissa dos devaneios sobre o dia agradável.

— Você, Preston? O que está fazendo aqui?

— Eu me convidei para tomar chá em casa de sua tia. Fui até lá e encontrei a Srta. Cooper, que tinha acabado de chegar, preocupadíssima com você nessa chuva. Quando me contou onde estava, ofereci-me para vir procurá-la. Além de a salvar da chuva e do vento, achei que poderia ajudá-la a escapar de uma tarde enfadonha na companhia de Phillips.

— Para ser sincera, tive um dia adorável — confessou Clarissa, cansada das críticas constantes de Preston em relação a Brandon.

— Ainda bem — disse Preston com raiva por Clarissa encontrar prazer na companhia do rival, mas não o demonstrou. — Todavia, agora, acho que você vai gostar de ir para casa e tomar um chá bem quente. A carruagem de sua tia está aí fora.

— Ora, e Brandon? — indagou Clarissa enquanto Preston tentava conduzi-la pelo braço.

— O que tem ele?

— Brandon foi buscar uma carruagem de aluguel. Temos de esperá-lo. Tia Lavínia não vai se importar em servir chá para mais uma pessoa.

— Não vai ser preciso. Phillips já está a caminho dos cômodos onde mora.

— Como?! — exclamou Clarissa, desapontada.

— Eu o encontrei a poucos passos daqui. Quando lhe disse que vinha

buscá-la, ele a deixou sob meus cuidados e comentou precisar de tempo, a fim de estudar para o exame de Humphrey — mentiu Preston.

Tendo conseguido uma cópia do exame, ele sentia-se satisfeito por não precisar perder tempo com os livros.

— Sei — murmurou Clarissa.

Não se atrevia a pronunciar nem mais uma sílaba com medo de revelar sua mágoa. Logo após receber um beijo, Brandon Phillips fora embora, deixando-a sob os cuidados de outro rapaz. Teria tia Lavínia razão ao afirmar que os homens não apreciavam mulheres desinibidas e afoitas? Ou quem sabe, pensou Clarissa triste, era dela que Brandon não gostava.

Ao se apressarem em direção à carruagem, Preston sorriu, imaginando a reação de Phillips quando voltasse e não encontrasse Clarissa à espera dele. Todavia, achava prudente deixar um recado com o porteiro do museu, avisando-o de que a senhorita tinha ido para casa em companhia de um cavalheiro enviado, pela tia, para levá-la. Preston não desejava que sua tarde fosse interrompida pelas batidas de Phillips na porta da Srta. Cooper, para relatar o desaparecimento de Clarissa. Quando o rival descobrisse que a aluna havia voltado para casa, ele não teria outra alternativa senão ir para seus aposentos. Afinal, o pobretão era apenas o instrutor de Clarissa e, como tal, não tinha o direito de questionar as ações da patroa.

Quanto a Clarissa, não lhe faria mal pensar que Phillips preferia os livros à sua companhia. Afinal, ela vinha mencionando o nome dele com muita frequência.

Após acomodar Clarissa depressa no interior da carruagem, a fim de evitar um encontro desastroso com Phillips, ele a informou que ia indagar sobre uma exposição na semana seguinte, pela qual se interessava. Voltou logo, tendo deixado o recado para o rival com o porteiro. Sem perda de tempo, sentou-se ao lado de Clarissa, estranhamente quieta, e bateu no teto indicando ao cocheiro que partisse. No instante seguinte, Brandon descia de outro veículo a poucos metros atrás.

Brandon reconheceu a carruagem da Srta. Cooper, surpreendeu-se ao vê-la se afastar e mais aturdido ficou quando ela fez a curva da esquina, permitindo a identificação dos passageiros. Depois da demonstração afetiva de momentos atrás, Clarissa o deixava para ir em companhia de Waverly-Smythe.

Pelo meio de transporte, tornava-se óbvio o apoio da Srta. Cooper, concluiu Brandon. Até podia compreender que ela se deixasse influenciar por Preston, mas não aceitava a deserção repentina de Clarissa.

Pensou na maneira pela qual ela havia lhe agradecido a vinda à National Gallery. Apesar do frio, o rosto abrasava-se ao imaginar quantos beijos Preston receberia no caminho a Hertford Court.

Sua primeira impressão sobre Clarissa Manning, achando-a mimada e voluntariosa, tinha sido correta, admitiu Brandon, furioso. Quantas vezes não dissera a Ned que estudantes sérios só tinham a perder distraíndo-se com moças? Devia ter dado ouvido às próprias palavras.

Com o coração tão vazio quanto a carruagem, Brandon a dispensou. Não fazia sentido gastar dinheiro em conforto se podia muito bem ir a pé até onde morava. A caminhada não seria agradável, mas a chuva esfriaria a raiva atizada pela americana volúvel. Os livros queridos o esperavam, refletiu, decidido a não perder mais tempo pensando na sobrinha da Srta. Cooper. A dedicação ao estudo bastaria para erradicar lembranças da sua aluna e das emoções que ela lhe havia despertado.

CAPÍTULO V

— Maldição! Tente aprofundar a experiência de alguém, fazer mais do que a obrigação e veja o que acontece! Atchim! Passa a noite em claro com um resfriado desgraçado e não consegue ler uma única página de um livro! — trovejou Brandon ao preparar mais um bule de chá.

Homem forte, que raramente se via vítima de uma enfermidade, ele se ressentia do desconforto.

— O Conselho da Rainha que vá para o inferno! Não existem regras seguidas pela sociedade. Se o idiota do Waverly-Smythe não houvesse aparecido ontem, nós teríamos voltado de carruagem e eu não ficaria encharcado de chuva — argumentou Brandon, continuando a falar sozinho para dar vazão à raiva.

Por conveniência, ele não reconhecia o fato de que começara a se molhar no instante em que deixara o museu para ir procurar uma carruagem. Isso sem falar na necessidade de caminhar de Hertford Court até onde morava. Pondo uma quantia generosa de rum no chá, ele aspirou o vapor e espirrou de novo.

— Como posso me concentrar na maldita matéria de Humphrey, doente desse jeito? A moça pode ter um rosto de anjo, mas eu preferia não receber a bênção de ser seu professor. Ela só significa problemas, desde a preferência estranha pela matéria a ser estudada até por se decidir pela companhia de um cretino como Waverly-Smythe. O que ela viu no idiota? Atchim!

— Deus do céu! Onde você foi arranjar um resfriado? — perguntou Ned ao abrir a porta, entrar e sentar-se sem precisar de convite. — Vi sua lâmpada acesa bem tarde ontem à noite quando passei por aqui. Está estudando muito? Ansioso com os exames?

— Tentando estudar — resmungou Brandon, aliviado por ter alguém com quem desabafar. — Não sou como alguns colegas que preferem gastar o tempo namorando moças da elite. Posso citar o nome de um. Ele que vá para o inferno. Graças aos olhos meigos de uma moça temperamental, não consegui . estudar nada ontem à noite.

— Você?! Dois dias antes dos exames gastando tempo com um rabo-de-saia? Não acredito! Você deve estar brincando. Mais parece história do velho Ned antes de você me reformar. Brandon Phillips jamais apreciaria graças

femininas com um exame no horizonte — provocou Ned.

— Não me amole! Por que todo mundo pensa saber tudo a meu respeito? Eu estava falando daquela irritante Srta. Manning, minha aluna.

— Sei. Então ela conseguiu quebrar sua couraça? Você não é o primeiro homem que, convencido de ser imune a um palmo de rosto bonito, descobriu estar enganado.

— Não se trata disso — protestou Brandon, exasperado.

— Acho trabalhoso demais dar aulas para moças.

— Pois eu sempre considereei ensinar algo para uma jovem bonita uma experiência muito estimulante.

— Estou falando sobre instrução formal — mentiu Brandon não só para Ned como para si próprio.

— Claro! Em que mais você pensaria além de livros, mesmo levando em consideração o sexo fraco? — ironizou Ned.

— Mas não precisa se preocupar. O velho Waverly-Smythe está cuidando das horas de lazer de sua pupila.

— Ele, outra vez? Ontem o infeliz interrompeu uma sessão muito instrutiva lá no museu. Onde você os viu?

— Se eu estivesse atrás de uma menina bonita, talvez tentasse encontrá-la, mas não fui eu quem os viu e sim meu pai. Ele mencionou ter estado com a Srta. Cooper, a sobrinha e Waverly-Smythe numa apresentação beneficente, no teatro, onde foram ver a divina Sarah Bernhardt. Pelo que contou, ele conhece a Srta. Cooper da Sociedade de Horticultura e encontraram-se no intervalo da peça. Não duvido que a velha raposa Waverly-Smythe empenhava-se em granjear simpatia. Aliás, como sempre.

— Isso não é amaldiçoadamente típico? A implicante e zelosa Srta. Cooper hesitou em me dar permissão para levar a sua preciosa e queridinha sobrinha ao museu, entretanto, acolheu de braços abertos a companhia daquele infeliz. Depois de confessar sua preocupação com as intenções dele em relação a Clarissa, deixa-o acompanhá-las ao teatro. Ned, jamais acredite numa mulher. São todas umas fingidas e não existe uma única honesta entre elas — garantiu Brandon, enfático, e espirrou em seguida. — Isto também é culpa dela.

— Bem, eu posso ser meio degenerado, porém qualquer alternativa a mulheres não me atrai, meu velho — declarou Ned.

— E pela sua braveza vejo que você se sente da mesma maneira.

— Sobre o que está falando? Apesar de me ter como seu professor, você está ficando cada vez mais obtuso — reclamou Brandon, descontando no

amigo a raiva pelo mundo.

— Nada muito importante. Encare a situação por um ângulo mais positivo. Se Waverly-Smythe desperdiçou a noite de ontem se divertindo, a vantagem foi sua que ficou em casa estudando — consolou Ned.

— Tentando estudar, mas duvido ter aprendido alguma coisa. Depois dos acontecimentos de ontem à tarde, não consegui me concentrar nos livros.

— Está bem, então. Tome um pouco deste rum puro e esqueça os aborrecimentos de ontem. Quando terminei meus exames hoje de manhã, aliás fui muito bem, comprei umas garrafas para comemorarmos. Se, como o cirurgião Joseph Lister afirma, o álcool possui de fato poderes anti-sépticos, talvez a bebida acabe com seu resfriado, além de melhorar seu humor.

— A inquisição de Humphrey é amanhã — argumentou sem muita energia enquanto Ned lhe enchia o copo.

— Não seja ridículo! Você é tão competente em Direito Internacional que o próprio Humphrey o convidou para liderar, na semana passada, o resumo do curso. O exame escrito não passa de mera formalidade para você. Além do mais, é preciso relaxar. Bebamos à saúde das mulheres fingidas!

— Que se afoguem nas próprias lágrimas quando descobrirem a verdadeira índole dos Waverly-Smythe deste mundo!

— brindou Phillips para, em seguida, esvaziar o copo e enchê-lo outra vez. — Provavelmente, não existe um homem que não tenha sido ferido pelas palavras de uma mulher caprichosa. O problema é que somos gentis demais para lhes dizer umas verdades — queixou-se entre um gole e outro.

— Duvido que a Srta. Manning tenha se dado conta do quanto o ofendeu, meu velho — murmurou Ned ao sentir um calor gostoso espalhar-se pelo corpo.

— Você não entendeu, Ned. A moça não significa nada para mim — disse Brandon depressa, negando-se a admitir, mesmo a si próprio, o quanto ficara magoado com a rejeição de Clarissa. — A atitude da tia é que me aborrece.

Embora Ned notasse o colorido anormal nas faces de Brandon, aceitou suas palavras, atribuindo a veemência ao efeito do álcool somado à raiva e não à ambivalência de sentimentos.

— Ora, não sei por que deixa a velha perturbá-lo desse jeito — disse Ned ao servir outra dose de rum para ambos.

— Porque ela é minha patroa — respondeu Brandon, percebendo que a bebida começava a lhe acalmar as emoções agitadas e também a aumentar sua paciência com um Ned repentinamente bronco.

A sensação era confortável e, na presente condição, Brandon não via motivo para não prolongá-la com a ajuda de mais bebida. Embora não se esquecesse do exame iminente, também se lembrava das noites passadas esvaziando garrafas em companhia dos marinheiros do tio. Nunca havia sofrido efeitos desagradáveis e, com toda a certeza, o pequeno abuso dessa noite também não o afetaria. Ademais, pensou, precisava fazer algo a fim de exorcizar da mente as visões de Clarissa.

— É muito perturbador, Ned, constatar que a pessoa que lhe paga o salário diz uma coisa e faz outra bem diferente — continuou Brandon, numa tentativa de esquecer a americana de cabelos cor de cobre e de concentrar o aborrecimento na tia. — Nunca sei o que ela espera de mim. O seu comportamento foge à lógica.

— Por que você não diz a essa boboca de meia-idade e miolo mole o que pensa a seu respeito? — sugeriu Ned numa voz pastosa.

— Eu deveria — concordou Brandon e, sem um único traço de inibição, ergueu o copo no ar. — A todos os homens vítimas de mulheres fingidas! Que vocês possam criar coragem para lhes revelar sua opinião sobre elas e seus tormentos. Está me ouvindo, Lavínia? Você não passa de uma velha tola, fora de moda e toda enfeitada como se tivesse mil pretendentes. Enquanto isso, ignora a criatura tentadora sob o seu próprio teto. Waverly-Smythe vai ser a ruína de sua sobrinha, acredite, Cooper. Cuidado com o sujeito. Certo, Ned?

— Sem dúvida, Bran, meu velho. Por favor, me sirva mais uma dose antes que você acabe com a terceira garrafa. Obrigado. Você é muito bom.

— Aí está outra coisa que preciso me lembrar de dizer a Cooper. Sou um homem muito bom e bem melhor do que aquele desgraçado. Não concorda, Ned?

O amigo não respondeu, pois já cochilava em frente ao fogo. Desanimado com a indiferença do companheiro, Brandon esticou o braço e apanhou um caderno de uma pilha ao lado. Talvez devesse recordar alguns dos pontos para o exame.

Contudo, não chegou a ler meia dúzia de páginas quando o efeito da bebida, o calor do ambiente e a raiva cobraram o seu preço. Largado na poltrona, ele adormeceu profundamente.

A madrugada acinzentada anunciava um dia mais sombrio do que a tristeza de Brandon quando ele abriu os olhos. Esmorecido, dirigiu-se ao fogo e apanhou o copo. No chão, perto da lareira, Ned continuava ressonando sem se mexer. Brandon porém, perseguido pela imagem de Clarissa, não

conseguia dormir mais. A vibrante vivacidade e interesse que Clarissa manifestava pela vida tinham lhe invadido o coração e se apossado do lugar ocupado, até então, pela primeira amante, a Justiça. Beber sem moderação não era hábito de Brandon, porém ele não estava sóbrio para reconhecer o fato ou outras mudanças provocadas por Clarissa em seu comportamento.

Em vez de reavivar o fogo para afugentar o frio e a umidade, Brandon levantou-se trêmulo e procurou as garrafas trazidas por Ned. Juntando os restos de todas, conseguiu ainda uma boa dose. Embora o calor dado pelo rum não lhe esquentasse a alma como as lembranças de Clarissa o faziam, a bebida era uma companhia preferível à da moça em questão. Pelo menos, sabia o que esperar dela.

A aluna, por outro lado, o enlouquecia por ser tão imprevisível. Ele havia concluído que Clarissa estava gostando das horas passadas no museu e da sua companhia. No entanto, quando a deixara a sós por uns instantes, ela havia desaparecido com Waverly-Smythe. Tudo por culpa de Lavínia, não só a interferência do infeliz em seus planos como também a ida de Clarissa ao teatro com ele. Como a suposta guardiã tolerava comportamento tão irresponsável?

Esvaziando até a última gota do copo, Brandon tomou uma decisão. Ia questionar a Srta. Cooper, segundo o conselho de Ned. A matrona não servia para cuidar da sobrinha, nem mesmo para orientá-la. Onde estava a família de Clarissa? O pai, fosse ele quem fosse, não percebia o perigo de confiar a filha a Lavínia? Qualquer pessoa que encorajasse as intenções de Waverly-Smythe não podia ter bom senso. Alguém acostumado a proclamar o zelo pelo respeito e pela boa reputação deveria reconhecer a superficialidade do cavalheirismo de Waverly-Smythe. Brandon exporia esses pontos à Sra. Cooper logo cedinho, antes de enfrentar o exame. Só assim baniria Clarissa e sua guardiã ineficiente da cabeça, para poder se concentrar na tarefa acadêmica. De seu êxito dependia a qualificação para ser ele o estudante recomendado a Dobson e Whittaker.

Movimentando-se tão depressa quanto a cabeça zonzia lhe permitia, Brandon lavou o rosto e fez uma toalete rápida. Depois de jogar um cobertor sobre Ned, vestiu o sobretudo e apanhou a toga e o barrete no cabide junto à porta. Determinado, partiu rumo a Hertford Court.

— D. Clarissa, acorde, por favor — chamou Ellen com a voz aflita. — Eu não a incomodaria assim tão cedo, mas a Srta. Cooper ainda não apareceu lá embaixo. O Sr. Phillips está aí e não quer ir embora.

— O Sr. Phillips, aqui? Às seis e meia da manhã?

— Isso mesmo, e ele não parece muito bom. Quer por toda a lei falar com a Srta. Cooper. Afirmo precisar avistar-se com ela antes de fazer um exame e não acredita que a patroa não esteja em casa.

— Titia não está aqui a esta hora? Por quê?

— Bem, ela às vezes, quer dizer... A Srta. Cooper gosta de se levantar de madrugada e ir passear no parque para apreciar a natureza. Mas o que digo para o seu professor?

— Vou descer logo para falar com ele. Faça-o entrar na saleta e acenda o fogo da lareira, por favor, Ellen.

— Pois não.

Antes de a criada deixar o quarto, Clarissa já se encontrava diante do guarda-roupa, pensando no que vestir. Se o problema era urgente, não havia tempo para se arrumar adequadamente. Mas como aparecer em roupas de dormir? Ora, não se tratava de uma visita social, pensou, lembrando-se do conjunto de camisola e penhoar de cetim rosa-champanhe.

Sem titubear, Clarissa despiu a camisola de cambraia azul e vestiu a outra com seu complemento por cima.

Compradas em Paris no ano anterior, as peças tinham sido um presente do pai. Embora o tecido opaco respeitasse as regras da modéstia, ele flutuava de maneira sensual e instigante. Apressada, Clarissa lavou o rosto, escovou os cabelos e desceu para verificar o que a aguardava.

À espera na saleta, Brandon sofria os efeitos dos abusos cometidos na véspera e durante a madrugada. A caminhada até a casa da Srta. Cooper, em vez de lhe clarear a mente, tinha-a tornado mais pesada. O aroma das plantas de Lavínia e o calor da lareira logo lhe provocaram sono.

De repente, surgiu um anjo à frente dele, mas vestido de rosa-champanhe e não de branco. A túnica longa e solta caía dos ombros, destacando o pescoço gracioso. Ao olhar para os caracóis cor de cobre à volta das feições delicadas do visitante celestial, Brandon teve certeza de estar no paraíso.

— E então, Sr. Phillips? Vai passar a manhã inteira sentado aí, olhando para mim? Entendi que tinha um assunto urgente para tratar com minha tia. Em sua ausência, posso ajudá-lo?

Clarissa aproximou-se mais e ficou surpresa com a aparência desmazelada do professor. Pior ainda, observou uma falta completa de boas maneiras. O que estaria errado?

— É possível — murmurou Brandon.

Olhou novamente para a criatura linda à frente dos olhos. Seria ela, de

fato, a aluna Clarissa? A mente recusava-se a aceitar o fato, não importava o quanto ele piscasse os olhos e sacudisse a cabeça. Não, essa moça elegante não era alguém a quem ele pudesse ensinar algo, exceto, talvez, as emoções do amor. Fez um esforço para se levantar, a fim de cumprimentá-la, mas afundou de volta na poltrona quando a saleta começou a girar à sua volta.

— Sr. Phillips, acredito que esteja embriagado!

— Apenas por beber a visão de sua beleza, embora eu me atreva a dizer que, se a provasse, o efeito seria muito mais poderoso.

O autocontrole dominado pelo álcool, Brandon viu-se entregue ao instinto e à aparência sedutora da aluna. Apanhando a mão de Clarissa, levou-a aos lábios, no que imaginava ser um gesto romântico. Porém, antes de poder apreciá-la, ela a puxou num movimento brusco.

— Brandon Phillips! Como se atreve a aparecer aqui nesse estado? Ainda mais depois de ter me abandonado ontem!

— Eu?! — exclamou Brandon com veemência, mas o esforço provocou-lhe um latejar agudo na cabeça. — Foi você quem me desertou — acrescentou baixinho.

— Aí está uma prova do quanto bebeu — respondeu Clarissa. — O que minha tia diria se o visse agindo como um tolo?

As palavras penetraram a névoa do álcool e lembraram Brandon do propósito da visita.

— Ah, isso mesmo, Srta. Manning. Sua tia, a sempre certinha Srta. Cooper, tão afeita a formalismos que protesta contra uma excursão educativa ao museu, mas aprecia as atenções de Waverly-Smythe permitindo-lhe que a acompanhe por aí... ao parque, à recepção na universidade e ao teatro. Só Deus sabe aonde mais ele a levou!

Até então brava com a embriaguez óbvia de Brandon, Clarissa começou a achar a cena divertida ao reconhecer-lhe o ciúme pelo tom possessivo. Talvez ele a tivesse notado não só como aluna.

— A respeito do museu, Brandon, Preston me disse que tia Lavínia o tinha mandado para...

— Está vendo? Outro exemplo da falta de bom senso de sua tia — interrompeu ele.

— Por quê? O que Preston tem a ver com isso?

— Ele é um malandro, Clarissa. Dissimulado, usa jovens atraentes, aproveita-se delas e depois as descarta. Não entendo por que ele está tão interessado em você.

Apesar de não ter intenção de lançar dúvidas sobre as características

sedutoras de Clarissa, a mente confusa de Brandon o tinha feito sem que ele percebesse. Por isso, não entendeu quando ela reagiu, brava.

— Muito obrigada pela sua avaliação de meus encantos, professor. Ficaria mais grata ainda caso se lembrasse por que queria falar com minha tia urgentemente.

— Ah, sim — começou Brandon, sacudindo a cabeça numa tentativa de clareá-la, porém parou logo. — Ora, já expliquei. Ela precisa ficar de sobreaviso em relação ao Sr. Waverly-Smythe. Ele não é o cavalheiro que aparenta ser. Não consegui estudar de tanta preocupação com o que estava acontecendo. Se não a avisasse, eu não poderia mais estudar nem dormir.

Embora ainda desconfiada das intenções de Brandon, ela não lhe questionou a solicitude.

— Pelo jeito, você encontrou uma outra maneira para passar o tempo ontem à noite. Uma garrafa, ou duas?

— Sei lá! Mas não adiantou nada. Não pude concentrar a mente nos estudos com você no meu coração.

— Talvez você deva descansar um pouco, Brandon. Enquanto isso, vou providenciar um café para nós — disse Clarissa, surpresa. — Para ir bem no exame desta manhã, você precisa estar com a cabeça desanuviada e não nessa confusão.

Por não querer chamar a atenção das criadas sobre o estado de Brandon, Clarissa foi à cozinha, sem chamar nenhuma delas. Não deixava de ser extraordinário que esse homem tão severo e eficiente se tornasse indeciso e sem fala por sua causa. Esse aspecto de Brandon despertava-lhe um instinto protetor que ignorava possuir. Imagine, preocupar-se com ela! Não havia reconhecido esse tipo de interesse nele. Tentara despertá-lo no museu, mas quando Brandon foi embora sem se despedir, deixando-a entregue às atenções de Preston, ela havia perdido a esperança.

Mas ali estava ele falando sobre um tal de aviso. Se Brandon não se preocupasse de fato com ela, não teria vindo, ainda mais antes do maldito exame. Em troca, ela se afligiria o dia inteiro com ele e a prova acadêmica. Mas querer preveni-la contra um cavalheiro como Preston era demais! Até onde a tolice dos homens podia chegar?

Quando Clarissa voltou à saleta com o café, encontrou Brandon estirado no sofá, dormindo a sono solto. A toga, o barrete e as botas estavam no chão ao lado. Ela colocou a bandeja numa mesinha e, em silêncio, o observou. Esse era um homem que, sem sombra de dúvida, atingiria seus alvos. O vigor de sua determinação podia ser detectado na postura: braços cruzados no peito e

mãos fortes de prontidão para desempenhar qualquer tarefa. Porém foi o rosto de Brandon que lhe prendeu a atenção. Pela primeira vez, reconheceu nele sinais de vulnerabilidade.

Admitiu que ele se preocupara com seu bem-estar como tinha dito. Notou os círculos escuros sob os olhos, a testa franzida e a palidez do rosto. Esta última podia ser atribuída ao abuso alcoólico. Ansiava por estender a mão e alisar-lhe a testa, porém hesitou. O queixo, que antes lhe parecera revelar teimosia e irritação, agora indicava virilidade. Uma sombra de sorriso curvava-lhe os lábios. Talvez o Sr. Phillips viesse a ser bem mais do que seu instrutor. Todavia, não contava com tempo no momento para explorar tal possibilidade. Precisava despertar Brandon e mandá-lo fazer a prova.

Sentando-se na beirada do sofá, ela o tocou no ombro. Brandon, semi-inconsciente, abriu os olhos e viu o sonho tornar-se realidade. Puxou Clarissa, com delicadeza, para mais perto e começou a acariciar-lhe o pescoço e os cabelos curtos. Havia muitos aspectos da personalidade que o professor mantivera escondidos, descobriu Clarissa. Ao mesmo tempo e sem esperar, deliciava-se com a sensualidade revelada no momento. Agindo mais por influência do álcool do que por iniciativa própria, Brandon surpreendeu seu anjo tornando-o submisso.

— Clarissa Manning, você é uma tentação muito grande para qualquer homem resistir. Você está me levando à beira da loucura. Quero queimar seus lábios com beijos como a sua imagem abraçou minha alma.

Brandon soergueu o corpo de encontro ao encosto do sofá a fim de acomodar Clarissa ao lado. Baixando o rosto, saboreou suavemente a boca receptiva sob a dele. Devagar, ele foi cedendo à carência imperiosa e aumentando a pressão dos lábios até Clarissa aceitar-lhe a língua e beijá-lo com a mesma impetuosidade. Estavam sozinhos num mundo de descobrimentos e sensações estimulantes.

Quando o corpo de Clarissa começou a vibrar sob o calor de Brandon, seu coração exultou de alegria. As pulsações apressadas e os arrepios ao longo da espinha eram-lhe reações desconhecidas em seus dezoito anos de idade. Se ela soubesse ler a mensagem, descobriria estar pronta para o amor. Em sua inexperiência, entretanto, ignorava até onde poderia permitir que o desejo a conduzisse. Sentia-se inebriada e incapaz de refletir com racionalidade.

Apenas quando a mão direita de Brandon desceu por suas costas numa pressão exigente, ela se alarmou e tentou escapar do abraço possessivo.

— Cuidado, anjinho. Como não tem asas, pode se machucar se

experimental fugir voando — murmurou ele.

Nesse momento, tudo o que Brandon desejava era manter essa criatura fascinante junto a si. A sua relutância repentina o instigou a insistir com palavras meigas, mas convincentes. Todavia, a paixão e os efeitos do álcool toldavam-lhe a mente normalmente lúcida. Quando falou, não soube se expressar de forma adequada para tranquilizar a Clarissa arredia.

— Fique pertinho de mim, Clarissa. Não vou machucá-la, prometo. Só quero senti-la bem junto. Posso ser seu professor, mas isso não é razão para se assustar. Sou homem também e embora não esperasse sentir atração por uma mulher inteligente, não me importo de você ser uma. Sua beleza é muito maior do que o seu intelecto.

— É mesmo?! — exclamou Clarissa, furiosa.

As emoções desordenadas a fizeram tomar o elogio desastrado como um insulto. Na pressa de escapar dos braços de Brandon, caiu no chão.

— O que houve? — perguntou Brandon surpreso, pois acabara de afirmar que, além da inteligência, o seu anjo possuía uma beleza maior ainda.

Ao levantar-se, trêmula, Clarissa recusava-se a reconhecer que a causa verdadeira de sua reação às palavras de Brandon era o medo da virilidade dele. Sem se dar conta, agarrou-se à primeira tábua de salvação.

Que grandessíssimo atrevido! E ela lhe permitira certas liberdades! Esse arremedo idiota de professor, após os momentos mais encantadores de intimidade experimentados por ela, havia tido a audácia de chamá-la de estúpida! Embora ainda sentisse o calor dos beijos apaixonados nos lábios, falou no tom mais gélido possível:

— Sr. Phillips, acredito que tenha de estar na universidade em pouco mais de uma hora, apesar de não entender como vai conseguir fazer um exame de qualquer tipo nessas condições.

— Talvez um exame não, mas eu poderia fazer uma prova de amor com você — disse Brandon frustrado e com o ego ofendido. — Porém eu nunca tive de forçar uma mulher e preferia que você se entregasse a mim de vontade própria.

— Para um intelectual, você é estúpido demais! Jamais me terá, se depender de mim — garantiu Clarissa.

— Poderia manter essa atitude orgulhosa se voltasse a sentir meus lábios nos seus? Vamos ver? — sugeriu Brandon, mal conseguindo pronunciar as palavras e ao tentar, sem sucesso, capturar Clarissa.

— Acho bom se preparar para a sua conquista acadêmica e esquecer esta pessoal, Sr. Phillips. Como considera a inteligência um dom masculino, tente

provar a sua agora — provocou Clarissa ao colocar-lhe uma xícara vazia nas mãos trêmulas e se virar, em seguida, para apanhar o bule.

Ele tinha de ficar sóbrio e ir embora. Depois disso, não se importaria com o que acontecesse a Brandon Phillips.

— Isso é tudo que receberá de mim. Como deve perceber, não estou interessada em suas brincadeiras amorosas — disse ela, aproximando-se para servir o café.

— Mas há cinco minutos, estava. Lembra-se de como se sentiu?

Persistente, Brandon estendeu a mão para acariciar-lhe a coxa tentadoramente próxima. Com o gesto desastrado, só conseguiu desviar o jato de café, do bule para a xícara, sobre a mão.

— Pelo amor de Deus, criatura! Não pode prestar mais atenção ao que faz? Ai, está quentíssimo! — gritou Brandon levantando-se depressa e sacudindo o líquido escaldante dos dedos.

Atordoado, o movimento brusco o fez perder o equilíbrio. No instante seguinte, estendia-se no chão, a cabeça rente à perna de um dos aparadores de Lavínia.

Duvidando das próprias forças, mas não querendo atrair a atenção das criadas para a situação embaraçosa, Clarissa lutou para puxar Brandon de volta para o sofá. Foi uma tarefa insana, pois ele dormia a sono solto e quase não cooperou. Além do abuso da bebida, essa queda tornava quase impossível acordá-lo, concluiu ela ao avaliar as opções.

Deixou a saleta e respirou aliviada quando constatou que a cozinheira já tinha saído para fazer as compras diárias no mercado. Felizmente, não teria de perder tempo respondendo a perguntas inoportunas. Localizou logo os objetos que procurava e voltou para junto de Brandon com uma bacia de água fria, ataduras, toalhas e um ungüento de ervas, recomendado pela tia para qualquer ferimento. Depois de lavar e enxugar a mão dele, Clarissa ficou mais tranqüila ao verificar que a queimadura, embora vermelha, não exigia cuidados médicos.

— Ai, o exame! Com essa mão não vai poder escrever por uma semana, pelo menos! Acorde, Brandon! Vamos, abra os olhos e fale comigo — pediu, sacudindo-o pelos ombros, mas a única resposta foi um gemido abafado.

Tinha de existir um meio de forçar Brandon a comparecer ao exame final. Segundo Preston, todos os estudantes de Medicina, Direito e Ciências eram obrigados a prestá-lo. Seriam mais de quatrocentos ao todo, monitorados por vigilantes de fora da universidade. Ninguém perceberia o estado de Brandon.

— Pela corte de Belzebu! — exclamou Clarissa com brilho no olhar e uma idéia em ebulição na cabeça. — Ninguém o reconheceria, aposto, e, muito menos, uma outra pessoa que lhe tomasse o lugar.

A idéia começou a tomar vulto. As botas de Brandon eram muito grandes, mas a toga serviria para disfarçar-lhe a silhueta esguia e o barrete assentaria perfeitamente nos cabelos curtos. Por ter ajudado o pai em pesquisas, seu conhecimento em Direito Internacional era bem grande. Com toda a certeza, conseguiria escrever uma longa dissertação sobre o assunto. Se tivesse coragem e se atrevesse, seria preferível do que a ausência de Brandon no exame, raciocinou.

Um ronco e um soluço confirmaram sua avaliação das condições do professor. Nesse estado, ele não conseguiria provar o valor acadêmico e garantir a entrada nas Inns of Court. Não lhe restava outra alternativa senão substituí-lo, resolveu. O único problema seria se Brandon recobrasse logo a consciência e aparecesse antes do final do exame. Contudo, isso poderia ser evitado.

Clarissa cruzou a saleta e abriu um armário onde Lavínia guardava a garrafa de seu melhor conhaque. Ao encher bem um copo, justificou a ação como sendo para o bem de Brandon, embora não soubesse por que se dava ao trabalho depois do péssimo comportamento dele nessa manhã.

— Brandon, levante um pouco a cabeça. Assim. Agora, tome isto. Muito bem, mais um pouquinho. Vamos, beba tudo.

Devagar, ela conseguiu fazê-lo ingerir a bebida e, para sua satisfação, Brandon voltou a dormir profundamente.

Depois de trancar a porta da saleta à chave e rezar baixinho, Clarissa chamou Ellen. Deu-lhe ordens para mandar trazer a carruagem à frente da casa a fim de levar o Sr. Phillips à universidade para fazer um exame.

— Como ele se atrasou por minha culpa, acho justo ajudá-lo a chegar a tempo ao compromisso. Tia Lavínia concordaria, tenho certeza.

— Sim, senhora. Vou já providenciar.

— Diga para Andrew esperar no pátio. O Sr. Phillips vai sair tão logo termine de tomar café. Depois de me vestir, vou voltar à saleta para pôr em dia minha correspondência e estudar. Tocarei a sineta quando quiser o almoço. Mas, por favor, Ellen, não quero ser interrompida por razão alguma.

— Muito bem, d. Clarissa. O que devo dizer a d. Lavínia caso ela chegue antes de a senhora tocar a sineta?

— Que estou muito ocupada e a verei à mesa do almoço.

Depois de Ellen se afastar, Clarissa apanhou as botas, o sobretudo, a toga

e o barrete de Brandon, que havia escondido num canto do vestíbulo ao sair da saleta. Em seguida, dirigiu-se a uma entrada nos fundos da casa onde tinha visto umas roupas extras do jardineiro. Felizmente, o Sr. Norris era magro e baixo. De posse de um par de calças escuras e de uma jaqueta, que já tinham visto dias melhores, subiu correndo ao quarto. Vestida, examinou-se ao espelho e não se achou ridícula, mas estranha. Pôs ainda o sobretudo de Brandon e o gorro de lã do Sr. Norris bem puxado sobre a cabeça.

Rezando mais uma vez, deixou a casa com a toga e o barrete sobre o braço e com o coração aos pulos.

— Hoje provaremos a minha inteligência, Sr. Phillips — disse baixinho, ainda magoada com o comentário dele a esse respeito. — A minha caligrafia diferente da sua será justificada pelo ferimento de sua mão direita, e este haverá de ser o melhor exame que o senhor já terá escrito.

Clarissa atravessou o pátio da universidade a passos largos, tentando andar como os outros rapazes. Deus lhe desse coragem. Em casa, pensara ser muito simples, mas já começava a duvidar. Se fosse descoberta, Brandon seria punido.

Uma vez sentada na sala, sua autoconfiança retornou. Era inteligente, conhecia o assunto, e seu disfarce perfeito, especialmente com os óculos da tia, não iria traí-la. Os vigilantes não conheciam Brandon, e só Preston, sentado a umas dez fileiras à frente, talvez pudesse reconhecê-la. Mas duvidava.

Os vigilantes entraram e, antes de Clarissa poder rezar pela última vez, ouviu a ordem amedrontadora.

— Estudantes, os senhores têm três horas. Abram os livretos de instrução e iniciem o exame.

CAPÍTULO VI

Com o gorro bem puxado sobre a cabeça, Clarissa encetou a volta, a pé, para Hertford Court. A carruagem, tendo deixado o suposto Sr. Phillips na universidade, havia retornado para casa. Ela andava apressada, o rosto voltado para baixo a fim de evitar a fúria do vento e da chuva. Graças à gola levantada do sobretudo, ela parecia um rapaz trabalhador enfrentando o mau tempo no cumprimento da obrigação.

Clarissa sentia-se no auge da euforia. A sorte tinha lhe dado uma oportunidade de ouro para provar sua capacidade intelectual a Brandon Phillips. Sorriu satisfeita ao imaginar a surpresa do professor ao descobrir que ela possuía inteligência suficiente para executar algo de que ele, nas condições do momento, não pudera se desincumbir.

Mal conseguia acreditar no sucesso da missão. Sentara-se numa sala da universidade, a única mulher entre os membros do “sexo superior”, e não tinha sido descoberta. Na verdade, as portas estavam abertas às mulheres havia duas décadas, mas bem poucas se aventuravam a freqüentar aulas e, muito menos, a fazer exames ao lado dos homens. Isso denegriria a feminilidade, além de ser exaustivo. Tal posição obstinada mantinha Clarissa longe das instituições de educação superior. Ela não desejava simples migalhas, mas a refeição completa.

Mesmo os defensores da instrução feminina alegavam a necessidade de oferecer uma distração à mulher, um tipo de passatempo para as mais arrojadas. Todavia, eles não concordavam em lhes proporcionar algo que estimulasse o raciocínio e as levasse a questionar a obediência ao marido ou o seu lugar na sociedade. Tal atitude poderia satisfazer mulheres como Lavínia Cooper, porém jamais a Clarissa. Por isso mesmo, ela exultava com o sucesso do dia.

“Muito bem, Brandon”, pensou, “o que você vai dizer quando descobrir que fui eu a responsável por sua aprovação em Direito Internacional? Você não conseguiria assinar nem o próprio nome, imagine compor uma dissertação coerente sobre o assunto. Impossível!”

Os olhos de Clarissa brilhavam ao lembrar-se do que havia escrito. Sua argumentação fora bem-feita, estava segura, e a posição assumida tratava-se da única plausível. O cunho dado na dissertação sobre as legalidades

imperialistas era original e refutava as atitudes superadas do passado. Sem dúvida, fora um trabalho brilhante, que seria elogiado como mais uma demonstração fora do comum da intelectualidade de Brandon. Só depois de ele ter recebido as aclamações merecidas, ela lhe revelaria ser a responsável por resultados tão maravilhosos. Em particular, claro. A verdade limitaria bastante a autoconfiança insuportável de Brandon. Clarissa antecipava o momento de triunfo, embora num canto do coração e para surpresa sua, vibrasse uma alegria sincera por haver ajudado o instrutor.

Apesar de Preston ser um bom sujeito, era Brandon quem precisava da bolsa para uma das “Inns of Court”. Além do mais, depois de Brandon tê-la abandonado no museu e aparecido pela manhã em casa de Lavínia, Clarissa tinha passado a preferir a companhia dele à de Preston Waverly-Smythe. Depois de começarem a estudar Darwin, ele tinha apresentado outros tópicos interessantes, como a filosofia cética de George Bernard Shaw e as idéias de Oscar Wilde. As aulas ofereciam, então, um aprendizado muito a gosto de Clarissa.

Brandon tentara iniciar uma nova matéria esta manhã, refletiu ela, corando. Ele podia não ter sido sincero. Apenas o efeito do álcool tinha subjugado sua reserva habitual. Sem a máscara de intelectual confiante, Brandon se mostrara vulnerável como uma criança, humano. Porém ele não tinha agido como um menino, advertiu-se.

Ao lembrar-se das palavras murmuradas e dos beijos exigentes dele, o rubor se acentuou. Sensações vagas e irreconhecíveis aceleraram sua respiração. Isso era absurdo, refletiu numa tentativa de afastar os pensamentos sobre Brandon e as reações que eles lhe provocavam. Afinal, o professor estava embriagado e não pronunciara uma única palavra com sinceridade. Ou talvez tivesse?, indagou-se.

Envolvida com as reflexões, Clarissa ignorava a chuva e o vento fortes e quase ultrapassou a entrada da casa da tia. Apressada, dirigiu-se à porta dos fundos. Se conseguisse chegar ao quarto sem ser vista, teria um problema a menos para resolver. Tão logo entrou, ouviu a cozinheira e Ellen conversando na sala ao lado. Já ia subir a escada de serviço quando descobriu que ela e Brandon eram o assunto dos comentários das criadas. Surpresa, permaneceu onde estava.

— Eu lhe garanto uma coisa, a nossa mocinha está conduzindo o cavaleiro Phillips numa contradança muito alegre — disse a cozinheira.

— Pode ser, mas é ele quem marca o compasso — afirmou Ellen.

— Não sou de falar sem ter certeza, minha menina. Guarde minhas

palavras. Esses dois vão acabar parceiros na dança da vida. Ora, qualquer bobo pode ver que o rapaz está apaixonado por ela. Outro dia, fui até a saleta à procura da patroa e encontrei os dois terminando a aula. D. Clarissa tinha a cabeça curvada sobre o livro e ele a olhava com a maior paixão deste mundo.

— Mas — aparteou Ellen —, não acho que ela retribua a admiração amorosa do professor. Ainda hoje, enquanto você estava no mercado, os dois discutiram bastante.

— Estou sempre nesse maldito mercado quando as coisas acontecem nesta casa. Com tantas plantas e estufas não se encontra nada comestível entre elas — queixou-se a cozinheira. — Paciência! Conte o que aconteceu.

— Ah, você precisava ter ouvido o tom da briga. O pior foi a patroa não estar, para resolver a questão.

— Pelo jeito, a Srta. Lavínia Cooper voltou aos velhos hábitos. Deus a ajude. Mas, continue.

— Não tenho muito para contar. Eles discutiram em voz alta e, depois, tudo silenciou. Quando dei por mim, a Srta. Manning estava por aí procurando ataduras. Eu daria um mês do meu salário para saber o que aconteceu atrás daquela porta grossa. Se está fechada, não se ouve uma palavra dita na saleta. Deve ser por isso que a Srta. Cooper gosta de receber visitas lá. Depois de algum tempo, d. Clarissa avisou que não queria ser perturbada por ninguém e o Sr. Phillips foi para a universidade. Desde então, a porta da saleta está fechada. Na minha opinião, d. Clarissa se trancou num acesso de raiva e mau humor. Os dois não se comportam como um casal de namorados.

— Ah, eles discutiram porque nossa menina é muito independente, e ele, teimoso. O Sr. Phillips deve ser o homem mais tentador que ela já encontrou. É justamente a firmeza de caráter dele a raiz da atração.

— Discordo. O homem tem outros encantos. É bonitão e tem um físico e tanto. Só imagino como deve ser ágil entre os lençóis. É um páreo duro para a nossa fogosa senhorita — opinou Ellen.

O rosto de Clarissa queimava, vermelho. Afastou-se depressa por não querer se inteirar mais das especulações das criadas, mas ainda ouviu os últimos comentários.

— Aposto como logo vou ter de preparar os quitutes para uma festa de casamento — afirmou a cozinheira.

— E, pela aparência do futuro noivo, a de batizado não vai ser muito depois — previu Ellen, rindo.

— Atrevidas! — protestou Clarissa tão logo entrou no quarto e fechou a

porta. — Mesmo se existisse um namoro entre mim e Brandon não seria da conta delas — acrescentou ao sentar-se à mesinha de toalete e olhar-se no espelho. — A imaginação dessas criaturas vai além do ridículo! Brandon não está interessado em mim, nem eu nele. Tudo não passa de um flerte inconseqüente, inclusive os acontecimentos desta manhã — declarou com veemência e quase se convenceu, mas lembrou-se dos beijos ardentes e viu a própria expressão refletida no espelho.

A jovem no cristal corava com a reminiscência das intimidades compartilhadas com Brandon Phillips e ansiava por repeti-las. Podia ser essa a sua própria imagem?, indagou-se. A brincadeira com Brandon fora tão perigosa a ponto de fazê-la perder mais do que estava disposta a apostar? No olhar vindo do espelho, Clarissa leu a resposta. Brandon Phillips tinha conquistado um lugar em seu coração.

A descoberta amedrontou Clarissa. O que sentia por Brandon era cem vezes mais forte do que imaginava alimentar por Preston embora este fosse muito atraente também. Isso mudava tudo. A satisfação resultante do feito acadêmico da manhã diminuiu e a preocupação tomou seu lugar. Brandon compreenderia suas razões para fazer o exame em lugar dele, ou tomaria sua atitude como uma brincadeira de mau gosto com o propósito de embaraçá-lo, expondo-o ao ridículo? Precisava descobrir se Brandon a amava como pensava a cozinheira. Talvez isso não passasse de imaginação romântica da criada. Seria tão bom se pudesse conversar com alguém experiente. Claro, Lavínia estava fora de questão.

A tia já devia ter voltado havia muito tempo, ponderou Clarissa ao levantar-se num pulo e começar a trocar de roupa. Precisava chegar à saleta antes de Lavínia descobrir seu logro. Não estava com disposição para suportar-lhe as palpitações, tampouco tomá-la como sua confidente. Se a tia ficasse a par do episódio poderia, sem querer, informar Brandon de uma situação da qual Clarissa começava a achar melhor mantê-lo alheio. Brandon tinha uma noção de honra muito grande e seria capaz de confessar, a qualquer um, que alguém fizera o exame por ele. Por que não pensara nisso antes?, censurou-se enquanto se aprontava rapidamente para descer.

Enrolou as roupas do jardineiro e enfiou-as embaixo da cama. Depois de colocar a toga de Brandon numa sacola, alisou o vestido azul-claro que havia vestido. Apanhou ainda as botas e deixou o quarto.

Não vendo ninguém no vestíbulo, Clarissa abriu a porta da rua, bateu a aldrava, fechou a pesada folha de mogno e foi para a saleta. Deviam pensar que Brandon acabara de voltar.

Encontrou o professor como o havia deixado: dormindo profundamente. Com a cabeça inclinada para um dos lados, os cabelos caíam desalinhados na testa. As feições mostravam-se relaxadas, quase infantis, que provocou um enternecimento muito grande em Clarissa. Todavia, ela se controlou a fim de tomar medidas urgentes e necessárias.

Tirou a toga da sacola e colocou-a no encosto do sofá. Em seguida, dirigiu-se à escrivaninha, molhou o mata-borrão no tinteiro e voltou para junto de Brandon.

“Deus bondoso, dê-me coragem”, rezou ao tomar-lhe a mão esquerda e sujar os dedos, indicador e polegar, com a tinta de escrever. Estremeceu quando Brandon se mexeu um pouco, mas sossegou ao vê-lo se aquietar outra vez.

Depois de pôr de volta o mata-borrão na escrivaninha, Clarissa colocou as botas molhadas em frente à lareira acesa. Em seguida, tocou a sineta com energia. Retornando ao lado de Brandon, perdeu-se em reflexões enquanto lhe alisava os cabelos despenteados. Nesse instante, Ellen surgiu e observou a cena sem disfarçar o interesse.

— Ai Ellen, acho que o Sr. Phillips está febril — disse Clarissa depressa, a fim de disfarçar o gesto em que fora surpreendida. — Talvez ele se encontre apenas exausto com o trabalho desta manhã na universidade e com a volta para cá, açoitado pela tempestade. Pus as botas dele em frente à lareira para secar e queria que você se incumbisse do sobretudo. Também está molhado. Peça à cozinheira para nos mandar caldo de carne bem quente, pão com manteiga e café. Bastante café. Sem dúvida o Sr. Phillips vai estar morto de fome ao acordar.

Clarissa conseguiu esconder o nervosismo enquanto fitava Ellen para ver o quanto de sua história era aceita sem indagações. Como não visse sinais de incredulidade, aventurou-se a perguntar:

— Onde está minha tia?

Foi a vez de Ellen ficar nervosa.

— Não sei ao certo, d. Clarissa. Acho que ainda não voltou para casa.

— Como assim? É muito estranho que ela continue a apreciar a natureza com esse mau tempo.

— Pode ser que, quando a tempestade começou, d. Lavínia tenha ido visitar algum conhecido — sugeriu a criada um tanto aflita.

— Assim espero. Mas Ellen, você está meio esquisita. Suspeito que esteja me escondendo alguma coisa.

— Não sei o que quer dizer, d. Clarissa — defendeu-se Ellen ao sair

apressada rumo à cozinha.

“Curioso”, refletiu Clarissa sentando-se na poltrona junto à janela. As informações vagas sobre o comportamento da tia não faziam sentido. O fato em si não tinha importância e até fora útil para desviar a atenção de Ellen da situação na saleta; todavia, dava margem a especulações.

Enquanto esperava pelo retorno da criada, dúvidas começaram a tomar vulto na mente de Clarissa. O que iria fazer?, questionou-se. Antes de se dar conta do sentimento especial por Brandon, não havia se preocupado com a reação dele à sua audácia de fazer o exame. Aliás, chegara a considerar que uma explosão de raiva lhe causaria extrema satisfação. Agora, entretanto, a história era outra. Debatia consigo mesma se deveria, ou não, confessar tudo a ele. Deus do céu, precisava tomar uma decisão e acordar Brandon logo.

Porém, a reação de Brandon ao que lhe contasse não constituía sua única preocupação. Até então, ela havia apreciado os duelos verbais entre ambos. Uns poucos beijos e carícias ardentes tinham lhe roubado esse prazer.

O problema era se Brandon correspondia a seus sentimentos ou apenas se mostrara amoroso por estar embriagado. Ela não podia estimular as emoções recém-descobertas antes de receber algum sinal do professor. Caso o fizesse, estaria lhe dando uma posição vantajosa no relacionamento entre os dois, e isso Clarissa não desejava. Equilibrar a atração por esse homem e seu senso de independência ia exigir uma grande habilidade. Não tinha certeza se seria capaz de sair-se bem.

Ellen entrou com a bandeja mas foi embora logo, deixando a porta entreaberta e rindo das palavras carinhosas murmuradas por Brandon, em estado de sonolência. Com toda a certeza, ia correndo fazer um relatório completo à cozinheira, calculou Clarissa ao fechar a porta. E quanto mais tempo Brandon permanecesse ali, mais assunto as criadas teriam para falatórios. Era preciso acordá-lo.

Aproximando-se do professor adormecido, sacudiu-lhe de leve o braço e chamou-o com a voz mais delicada possível. Não obteve resultado algum a não ser palavras incoerentes e um movimento dele para acomodar-se melhor no sofá. Achando que teria mais êxito um pouco depois, Clarissa foi até a janela para ver se a chuva havia amainado.

— Por Deus, não! — exclamou aflita. Horrorizada, viu a tia descer de uma carruagem de aluguel

parada em frente da casa. Correu de volta para junto do sofá, determinada a não permitir que Lavínia encontrasse Brandon ali, naquele estado. Levada pelo desespero, desistiu de acordá-lo de maneira suave.

Sacudiu-o com força enquanto dizia:

— Brandon, sente-se. Minha tia acaba de chegar. Vá para o inferno, homem, e trate de acordar!

Os sonhos de Brandon foram interrompidos por um zum-zum incômodo e impossível de ser ignorado. Aborrecido, entreabriu os olhos para ver do que se tratava. Focalizar as imagens não era fácil, pois tudo rodopiava à sua volta. Estaria ele novamente em um dos navios do tio?, indagou-se perplexo. Impossível. Esses móveis e a silhueta feminina não seriam encontrados num cargueiro.

Sentou-se depressa e descobriu que qualquer movimento brusco intensificava o latejar agudo na cabeça. Teria ele sido golpeado por trás e, depois narcotizado? Com todos os diabos, onde se encontrava, imaginou, lutando para recobrar de vez a consciência e clarear o raciocínio.

Piscou os olhos numa tentativa de enxergar melhor, mas o esforço foi mais prejudicial do que útil. As pálpebras pesadas fecharam-se novamente e o corpo acomodou-se no encosto do sofá a fim de aliviar as pontadas na cabeça. No mesmo instante, o barulho irritante recomeçou, aumentando seu desconforto. Pouco a pouco, o zum-zum começou a se substanciar. Brandon sorriu satisfeito ao perceber que o reconhecia como uma voz feminina, embora não muito delicada e gentil.

— Acorde, seu bêbado irresponsável! A situação é seriíssima e você sorri como um idiota. Não temos mais tempo para brincadeirinhas bobas. Acorde já!

A mulher misteriosa a seu lado, infelizmente, parecia ser uma bruxa, refletiu Brandon com raiva crescente e disposto a não se submeter a seu palavreado ferino. Com um grande esforço, arregalou os olhos e os manteve abertos até tudo parar de rodopiar e ele conseguir distinguir alguns objetos.

Não, percebeu, não estava num navio, mas numa saleta. Mais uma vez a voz feminina penetrou-lhe a mente tão aguda e incisiva como antes. Deus do céu, teria ele corneado um cavalheiro e se encontrava na iminência de ser apanhado em flagrante?

Desesperado, percorreu o olhar pela silhueta esguia até encontrar o rosto. Depois de um instante, as feições tornaram-se reconhecíveis. Clarissa Manning! Nada a temer, suspirou, aliviado. Ela não era do tipo sedutor, embora lembranças vagas de lábios saborosos assaltassem-lhe a memória para seu desconforto físico e emocional. Maldita moça! Ela nunca lhe proporcionava a mínima paz!

De repente, Brandon viu-se com uma xícara de café em uma das mãos,

pois a outra estava enfaixada. Ao mesmo tempo, Clarissa sentava-se numa cadeira em frente a ele e dizia com voz meiga, como se nada houvesse de anormal:

— Que amabilidade sua, Brandon, de aparecer por aqui. Observou-a cético ao mesmo tempo que recordações, imaginárias ou reais, de beijos ardentes voltavam-lhe à mente.

Contudo, suas feições permaneciam tão impassíveis e puras que tudo não podia passar de parte de um sonho. No esforço para separar fantasia da realidade, ele ouviu a porta de entrada abrir-se e fechar-se e passos ecoarem escada acima. Logo depois, um relógio bateu. Duas horas! O exame tinha sido às nove!

Aflito, ele vasculhou a memória e não se lembrou de nada exceto de ter vindo ali bem cedinho por alguma razão obscura. Estaria nessa casa desde então e perdido o exame por culpa do entorpecimento alcoólico, proporcionado pela generosidade de Ned e pela sedução emanada de Clarissa Manning? A náusea, que sentia, nascia não só do horror de haver estragado a carreira por causa de uma jovem presunçosa que não se importava com ele como pelo excesso de álcool ingerido.

Brandon sorveu alguns goles do café e observou a aluna bem-comportada por sobre a borda da xícara de porcelana fina. Não podia descartar a atração alarmante exercida por Clarissa. Lutou contra visões suas numa túnica rosa-champanhe. Claro, nunca a tinha visto em roupas íntimas. Tais imagens, surgidas de repente e de maneira tão vivida, validavam a hipótese de que a moça representava algo além de uma atração momentânea. A idéia só serviu para deixá-lo mais perplexo.

Havia ele sacrificado todo o passado por uma juvenzinha delicada que não conhecia o significado de uma luta por algo precioso? Precisava descobrir se estava ali desde o amanhecer. Todavia, não podia admitir a falta de memória a Clarissa depois de ter lhe falado tanto sobre a dedicação ao estudo. Não seria sensato indagar o que havia acontecido desde o momento em que chegara ali. E por que a mão direita estava enfaixada e doía tanto? Talvez, durante uma conversa casual, Clarissa deixasse escapar algum indício revelador dos fatos. Tratava-se esse do único caminho a seguir e que lhe permitiria escapar sem provar ser um grandessíssimo idiota.

— Ótimo café, Clarissa. A Srta. Cooper conhece as boas marcas — comentou, cauteloso.

— Obrigada. Mas qualquer coisa quente seria estimulante com este tempo — disse Clarissa, apontando para a janela.

Chuva! Ela não estava caindo quando chegara ali, pensou convencido. Olhou várias vezes para os pés e mal acreditou estar descalço. O que *havia* acontecido na saleta?

— Onde estão minhas botas? — perguntou consternado.

— Ora, Brandon — murmurou Clarissa resolvida a enfrentar a situação com impudência —, estão em frente ao fogo onde as coloquei para secar. Depois de andar nessa chuva, chegaram aqui bem molhadas. Ainda estão úmidas. Você não vai querer ir embora com esse tempo, não é? Acabaria pegando um resfriado. Eu gostaria muitíssimo de passar esta tarde horrível em sua companhia.

Aí estava uma resposta muito estranha para a pergunta, refletiu Brandon, desconfiado. Essa não era, definitivamente, a jovem Manning que ele conhecia. Por que, de repente, uma criatura tão irrequieta e provocadora como Clarissa tornava-se meiga e atenciosa? A resposta provável encheu-o de medo. Todavia, as botas estavam mesmo molhadas e isso queria dizer que ele não passara todas aquelas horas ali e não tivera a oportunidade de... Não que não desejasse, admitiu ao descansar o olhar na silhueta graciosa e tentadora. Maldição! Voltava a pensar nela dessa forma quando deveria estar preocupado com o futuro.

Abaixando-se para pegar as botas e calçá-las, Brandon notou que os dedos da mão esquerda estavam manchados de tinta de escrever. Sentiu esperança de haver prestado o exame apesar de, sem dúvida, tê-lo feito com uma caligrafia horrível, já que a mão direita estava enfaixada.

Clarissa permanecia calada, os olhos castanho-escuros brilhando e os lábios curvados num sorriso sedutor. Por que ela o fitava como se esperasse algum sinal? Deus do céu, precisava sair logo dali e ir procurar Ned. Uma vez dominado o pânico, talvez o amigo o ajudasse a esclarecer o mistério.

Brandon acabava de se levantar e pedir o sobretudo quando Lavínia, afobada como sempre, entrou na saleta.

— Olá, Clarissa querida. Boa tarde, Sr. Phillips. Tenho certeza de que trabalharam bastante hoje, esquecidos do resto do mundo — disse ela com uma nota de esperança na voz. — Desejo que tenha aprendido bastante, minha cara.

— Para ser sincera, titia, não fui uma boa aluna esta tarde, porém não por culpa de Brandon. Ele mostrou-se bem determinado a me ensinar — respondeu Clarissa com uma docilidade estranha.

Brandon corou ligeiramente. Não sabia se a alusão de Clarissa referia-se

a algo fora dos livros de texto.

— Você deve obedecer às instruções do Sr. Phillips. Antes de se dar conta, será uma moça culta e educada — Lavínia garantiu com olhar alheio.

— Pois saiba, titia, que sob a orientação de Brandon venho aprendendo uma variedade bem grande de coisas — disse Clarissa com um leve rubor e expressão cândida.

A ansiedade de Brandon cresceu. Tinha de escapar daquela sala cujo ar o oprimia, embora não afetasse nenhuma das duas mulheres. Ellen apareceu e entregou-lhe o sobretudo. Aliviado, sentiu a umidade do agasalho. Se ele e as botas estavam naquelas condições era sinal de que haviam enfrentado a tempestade. Mas, por Deus, por que não se lembrava de nada?

E por que Clarissa se mostrava tão encantadora quando o fitava como se ambos tivessem um segredo em comum? Como um animal acuado pelo predador, despediu-se a fim de desaparecer dali. O desespero aumentou ao sentir a mão delicada no braço, detendo-o.

— Brandon, imagino como deve estar exausto após ter se submetido ao exame. Mas não acha que a execução de um trabalho tão árduo merece ser comemorada? Tia Lavínia e eu vamos a um concerto esta noite e há mais lugares em nosso camarote. Não gostaria de nos acompanhar?

Como ele poderia comemorar qualquer coisa antes de descobrir os acontecimentos daquele dia?, Brandon indagou-se frustrado. Àquela altura só tinha certeza de uma coisa: o sorriso encantador da aluna relacionava-se com o tumulto de suas emoções. Por isso, respondeu lacônico:

— Como disse, Srta. Manning, estou muito cansado. Entenda, o meu salário, apesar de generoso, não me permite extravagâncias como concertos. Eu a verei na próxima aula, no horário de sempre.

— Ora, foi ingenuidade minha esperar que comemorasse seu sucesso em minha companhia e de tia Lavínia. Naturalmente, vai se divertir com os colegas, beber um pouco, não é? Não se preocupe, pois nós não dependemos de sua pessoa, eu lhe garanto — declarou Clarissa com expressão impassível e voz suave. — Passe bem, professor.

Ela esperou até a porta da rua se fechar após a saída de Brandon para subir ao quarto e dar vazão aos sentimentos confusos. Atirou-se na cama e deixou as lágrimas correrem.

— Que homem insuportável! — soluçou desconsolada. Como fora tola ao imaginar que Brandon fosse humano e capaz de se apaixonar por alguém, pensou revoltada. Estendeu o braço, apanhou o livro de história na mesinha-de-cabeceira e atirou-o longe. Em seguida, foi a vez do caderno em cujas

páginas havia anotado dúvidas para Brandon esclarecê-las durante a aula. Arrancou-as e, depois de picá-las, jogou os pedaços em direção ao livro. A explosão, em vez de acalmá-la, deixou-a mais agitada ainda. Pouco se importava com a aparência bonita de Brandon, ou se ele fosse o homem mais atraente que já tinha visto, pois era também o mais convencido, obstinado e dominador. De nada adiantava se os sorrisos raros dele lhe tirassem o fôlego. Como gostaria de enfeitiçá-lo para, depois, o rejeitar. Tornara-se evidente que ele não se sentia atraído por sua beleza e encantos como a cozinheira imaginava. Brandon só a notaria se ela usasse venda nos olhos, uma túnica grega e carregasse a balança da justiça. Que monstro!

Pouco depois, ouviu uma batida leve na porta antes de Lavínia abri-la e entrar no quarto.

— Ai, titia, por que não despede Brandon Phillips? Eu o detesto!

— Isso é bom, minha querida — respondeu Lavínia distraída ao afagar a cabeça da sobrinha. — Se você não gosta mesmo dele, não há razão para se aborrecer com a sua recusa em nos acompanhar ao concerto. Como pode censurá-lo por agir corretamente? Ele está certo em manter o relacionamento entre vocês dois em bases impessoais. Se eu achasse que ele se deixaria seduzir por sua beleza, não o teria contratado. Agora, seja boazinha e arrume esta desordem. Não quero ouvir reclamações de Ellen.

Enquanto Clarissa apanhava os pedaços do caderno e os atirava ao fogo da lareira, Lavínia curvou-se a fim de apanhar o livro. Ao fazê-lo, avistou um rolo de roupas embaixo da cama. Puxou-as, aborrecida, pois a sobrinha devia saber que ordem e asseio eram qualidades indispensáveis. Não conteve uma exclamação de surpresa e levou a mão ao coração ao identificar um par de calças de homem.

— Clarissa! — murmurou ofegante ao mesmo tempo que se sentava numa cadeira. — Você não tem consideração por minha saúde? O que isto significa? Como vou explicar tal atitude a seu pai?

— Tenha paciência, tia Lavínia — respondeu Clarissa exasperada. — Essas roupas são do jardineiro.

— Do nosso? Do Sr. Norris? Mas ele é mais velho do que eu! Bem sei que não se deve confiar naqueles que dedicam a vida a cuidar de plantas. Esse negócio de mexer com terra fértil e semear deve produzir efeitos colaterais. Clarissa, estou muitíssimo chocada e desapontada com você!

— Tia Lavínia, não fique histérica! Como pode imaginar uma coisa dessa a meu respeito?

— Nada sobre você me surpreende mais. Se não está tendo um

relacionamento com o jardineiro, o que as roupas dele fazem em seu quarto?

— Eu as tomei emprestadas, titia. Achei que seria divertidíssimo andar pela cidade disfarçada de rapaz. Com meus cabelos curtos, foi muito fácil. Ninguém percebeu — explicou Clarissa, achando que a meia verdade era melhor do que a revelação dos fatos ou uma mentira deslavada.

— Você achou engraçado passear por Londres vestida de homem, expondo sua silhueta e pernas à população em geral? Você foi longe demais! Tenho sido tolerante em excesso, mas vou me corrigir bem depressa.

Clarissa já estava muito aborrecida e com os nervos à flor da pele por causa de Brandon e não se encontrava disposta a suportar o falatório da tia. Além disso, ofendera-se com a suposição a seu respeito e o jardineiro.

— Minha querida tia, tudo não passou de uma brincadeira inofensiva e ponto final.

— Pois não vejo o caso dessa forma! O seu constante comportamento indecente me deixa desanimada. Só Deus sabe como tentei encaminhá-la bem, mas de nada adiantaram meus esforços. Estou cansada, Clarissa. Jamais tentei fazer uma coisa dessa na mocidade. Suas ações só servem para indicar que seu pai não a educou como deveria. Enfim, como esperar isso de um homem e, acima de tudo, de um americano!

— Por mais que eu goste de você, tia Lavínia, não vou admitir crítica alguma sobre meu pai. Quanto a seus esforços para me transformar numa dama, eles têm sido bem poucos. Você gasta muito mais tempo com suas flores do que comigo. Vive saindo correndo para as tais reuniões da Sociedade de Horticultura e, se estivesse em casa esta manhã, teria me impedido de agir de maneira indecorosa. Por onde andou você?

— Bem... eu... fui — gaguejou Lavínia confusa e vermelha até a raiz dos cabelos. — Fui cuidar de negócios de minha sociedade de jardinagem.

— Durante a tempestade?!

— Não costume questionar seus superiores, Clarissa. Isso não é elegante. Além do mais, é você quem me deve respostas e não o contrário.

— Titia, não fique brava comigo. Papai está viajando há tanto tempo e você sai quase todo santo dia. Eu fico sozinha e depois sou repreendida por procurar distrações.

— Talvez tenha razão — cedeu Lavínia, levada pela simpatia e não mais sentindo palpitações. — Eu a deixo sem companhia durante horas, mas isso não quer dizer que esteja gastando meu tempo com frivolidades. A Sociedade de Horticultura é muito importante e útil. Quando o filho do Príncipe de Gales, o querido Eddy, morreu de repente deixando a noiva, a princesa May,

viúva antes de se casar, foi a Sociedade de Horticultura que conseguiu uma grinalda de flores de laranjeira para ela colocar no esquite. Quem, a não ser nós, teria arranjado isso em pleno inverno? Veja, minha querida, meu trabalho é importante.

— Nunca duvidei, tia Lavínia, porém isso não alivia minha solidão — queixou-se Clarissa, embora pensasse mais em Brandon do que no abandono da tia.

— Gosto muito de sua companhia, minha querida — afirmou Lavínia com meiguice. — Mas se eu precisar largar o tipo de vida que tenho levado até agora, o que será de mim quando seu pai vier buscá-la?

— Não quero que você desista de suas atividades — garantiu Clarissa, sincera. — Porém há dias em que fico tão aborrecida aqui sozinha que gostaria de ir com você às reuniões.

— Ah, isso seria impossível — respondeu Lavínia depressa, ruborizando-se outra vez. — Nossa sociedade é muito fechada. Entretanto, acho que tenho uma solução para o nosso problema. O Sr. Phillips vai entrar em férias. Talvez eu consiga convencê-lo a lhe dar mais aulas. Não concordo muito com a instrução d& moças, mas, nesta situação, não vejo mal algum em lhe proporcionar um pouco mais.

— Não quero gastar mais tempo na companhia daquele tirano intratável! — protestou Clarissa, pensando mais no homem rude daquela tarde do que no apaixonado da manhã.

— Não vai ser tão ruim assim, garanto. O Sr. Phillips é simpático e, talvez, eu permita mais idas ao museu.

— Ele pode não aceitar sua proposta, titia.

— Não creio. O Sr. Phillips é um homem cordato. Vou já escrever-lhe um bilhete e mandar entregá-lo.

— Se espera uma resposta afirmativa, prepare-se para lhe pagar um salário maior. Pelo jeito, esse professor pensa em mim em termos de dinheiro — reclamou Clarissa, deprimida.

— Não se preocupe, minha querida, e deixe tudo aos meus cuidados — recomendou a tia, dirigindo-se à porta. — Ah, por favor, Clarissa, devolva as roupas do jardineiro com a maior discrição possível. Não convém dar motivo para falatório às criadas.

CAPÍTULO VII

Com passos lépidos e um largo sorriso, Ned entrou nos aposentos de Brandon à tardinha daquele dia.

— Que ambiente mais lúgubre! — exclamou, abrindo as cortinas. — Isto aqui continua parecendo o necrotério que deixei hoje de manhã! Existe um novo mundo lá fora, meu velho.

— O que está tentando fazer? Deixar a umidade horrível entrar aqui dentro? — desaprovou Brandon, fechando as cortinas. — Ainda não me livrei do maldito resfriado.

Atormentado com lembranças confusas da tentação satisfeita e com o olhar magoado de Clarissa quando se recusara a acompanhá-la ao concerto, Brandon não estava disposto a suportar brincadeiras.

— Bobagem! Você bebeu o suficiente, ontem à noite, para acabar com umas dez gripes. Esta sala precisa ser arejada. Mas vamos falar a sério. Você conseguiu, Brandon!

— Consegui o quê? — perguntou o outro, alarmado.

— Você é um gênio, um campeão, o melhor da Inglaterra, não, do mundo — declarou Ned entusiasmado, batendo nas costas do amigo. — Parabéns!

— Vejo que você não se recuperou de nossa noitada com as garrafas. Do que está falando?

— Hoje foram colocadas no quadro as notas dos estudantes dos primeiros anos, *mon professem*: E você, Brandon, teve o mais absoluto êxito ao fazer com que eu, Edward Lowell Newcomb, herdeiro de *lord* Geoffrey Lowell Newcomb, conde de Hammerford, fosse aprovado. Recebi a primeira colocação, embora não com honra ao mérito.

— Bom trabalho, Ned, mas o esforço foi seu e não meu. Os parabéns são para você, amigão.

Mesmo no estado de euforia em que se encontrava, Ned percebeu a falta de entusiasmo de Brandon.

— Só isso? Bom trabalho, parabéns? Vá para o inferno, Brandon! Nós tínhamos combinado uma grande comemoração, caso eu passasse nos exames, mesmo sem distinção. Posso entender sua preocupação ontem, mas agora, não. Ouvi falar que o tema de Humphrey girava sobre a soberania e

expansão do império. Como durante o semestre você pesquisou e preparou quatro trabalhos sobre a política internacional e imperialista britânica, só pode ter escrito a melhor dissertação de sua classe, hoje, no exame. Não dá para relaxar um pouco e compartilhar do meu triunfo? Embora falasse com uma ponta de irritação na voz e caminhasse impaciente pela sala, Ned estava resolvido a esperar pela resposta de Brandon. Depois de alguns momentos de silêncio, o amigo levantou a cabeça e falou desanimado:

— Essa é a minha dúvida maldita, Ned. Não posso me lembrar do assunto do exame e, muito menos, de tê-lo feito. Havia tinta em meus dedos, porém só me recordo que, a certa altura, eu beijava um anjo.

— Entendo por que está com a mão enfaixada. Se gostou do tópico escolhido por Humph, não precisava ter beijado o velho. Não foi sensato de sua parte e o resultado foi o homem tê-lo atacado. Ainda bem que ele não atingiu uma parte mais delicada de sua anatomia.

— Pelo amor de Deus, Ned! Ou pára de dizer asneiras ou vá embora daqui. Não dá para perceber que não estou com disposição para aturar seus disparates? Não consigo distinguir a realidade da fantasia a respeito dos acontecimentos desta manhã. Ontem à noite, você defendeu a idéia idiota sobre minha atração por Clarissa e, agora, não tenho certeza se, na verdade, não a possuí.

— Você?! Não diga absurdos! Vou ajudá-lo no que puder — prometeu Ned, sentando-se numa cadeira em frente à de Brandon. — A última coisa de que me recordo de ontem à noite foi abrir a terceira garrafa de rum. Quando acordei hoje de manhã, você já tinha saído para a universidade, presumo.

Com os ombros curvados, numa postura tão diferente da habitual, Brandon relatou as atividades da manhã o quanto podia se lembrar delas. Informou ter chegado a Hertford Court, onde não encontrara a Srta. Cooper. Havia sonhado com um anjo sensual, vestido com um túnica rosa-champanhe. Sofrerá uma dor aguda e acordara com a mão enfaixada. Brandon não escondeu nada de Ned, nem mesmo os olhares sugestivos de Clarissa, seu convite inesperado para acompanhá-la ao concerto e a expressão magoada com a recusa dele.

— O pior — concluiu — é que nada está claro em minha mente, exceto a partir do momento em que Clarissa me acordou, supostamente depois de eu ter voltado do exame. Só Deus sabe o que fui fazer lá de novo.

— Com certeza ainda queria falar com a Srta. Cooper. Essa foi a razão de sua primeira ida.

— Não acredito, mas pode ser. Não penso em outra coisa senão na visão

de Clarissa. Seu perfume, o aveludado da pele, o sabor dos lábios me perseguem sem cessar. Não posso me livrar dela, real ou imaginária.

— Bem, ela não dever ser assim tão boa, se você não se recorda de detalhes excitantes — brincou Ned, mas ao ver o olhar furioso de Brandon, acrescentou depressa: — Desculpe o gracejo, meu velho. Mas você acredita mesmo que a Srta. Clarissa Manning, de Filadélfia, ia lhe permitir tais liberdades como imagina e, mais tarde, não dizer nada sobre o seu comportamento afrontoso?

Brandon não respondeu e refletiu sobre a pergunta.

— O mais provável — continuou Ned — é que o rum tomado ontem à noite mais o seu esforço intelectual ao prestar o exame combinaram-se para presenteá-lo com uma fantasia desejável enquanto a moça ausentava-se da saleta para pedir o seu almoço. Não me contou que o seu beijo no museu quase o fez mudar de idéia a seu respeito até a aparição de Preston? Quanto a seu perfume, ele devia estar impregnado no sofá.

— Talvez...

— Nada de talvez neste caso, não importa o quanto você acredite que Clarissa o deseja. Sinto muito a franqueza. Por mais negligente que a Srta. Cooper seja, como você afirma, moça nenhuma, mesmo uma tão independente como essa americana, se atreveria a abraçá-lo amorosamente no sofá de manhã para, à tarde, o tratar com naturalidade como se quisesse provocar-lhe uma crise de insanidade mental.

— Você deve ter razão, Ned. Entretanto, todos os meus sentidos reagem tão completamente a Clarissa que eu poderia jurar a veracidade dos acontecimentos.

— Lamento, mas continuo afirmando que isso não passa de uma manifestação de sua vontade. Chega de conjecturas. Vamos sair para jantar. Papai mandou convidá-lo para ir lá em casa. Ele quer comemorar meu sucesso nos estudos e acha que você deve receber parte das homenagens.

Quando Brandon hesitou e sacudiu a cabeça numa recusa, Ned pressionou-o.

— É óbvio que você se excedeu trabalhando demais e precisa de uma folga. Seu cérebro deve estar muito sobrecarregado, senão você não teria imaginado uma história tão fantasiosa. Vamos embora para degustar uma ótima refeição e aproveitar a companhia um do outro.

— Está bem — concordou Brandon, rindo. — De fato, não tenho gasto muito tempo comigo mesmo ultimamente. Agora nas férias, pretendo mudar isso. Um pouco de companhia feminina seria bem estimulante.

— Assim é que se fala. Amanhã à noite vou levá-lo a Holborn. As moças lá...

Chegavam à escada e foram interrompidos por um mensageiro com um envelope para Brandon. O rapazinho informou-o ainda de que esperaria pela resposta. Intrigado com a urgência, Brandon abriu a carta, leu-a depressa e a passou a Ned com um suspiro aborrecido.

Meu caro Sr. Phillips,

Espero que não se importe de tratá-lo por “caro”, mas a palavra me parece a mais certa. Embora não queira aborrecê-lo, é imperativo que venha me ver amanhã, sem falta, às nove horas em ponto. O senhor deve estar a par do que vem acontecendo a Clarissa, ousa afirmar, e, depois dos acontecimentos desta manhã, torna-se imprescindível que conversemos sobre seu relacionamento, passado e futuro, com ela. Não posso enfatizar o suficiente a urgência do assunto, mas o senhor há de convir que certas coisas não devem ser confiadas ao papel. Até amanhã, espero.

L. Cooper

— Sim, tudo bem — murmurou Brandon ao menino. — Diga à senhora que estarei lá — acrescentou ao dar-lhe umas moedas e dispensá-lo.

Enquanto o rapazinho se afastava, Brandon fitou Ned com expressão indagadora.

— Então, ainda acha que eu estava fantasiando? Esta carta é, ou não, uma intimação para discutirmos não só o comportamento de Clarissa como o meu também?

— Não é possível ter *certeza* — contemporizou Ned. — Esse bilhete pode ser mera coincidência com o seu sentimento de culpa, o qual, em minha opinião, você não deveria alimentar. Pelo que me contou acerca da Srta. Cooper, ela apenas está se referindo à maneira desinibida da sobrinha agir, muito diferente da maioria das moças inglesas.

— Estou preocupado. Sinto existir algo no ar para me surpreender, ainda esta noite, e deixar tudo pior ainda — reclamou Brandon.

— Bobagem. É sempre mais escuro antes do amanhecer. Pense bem. Visitar a adega de meu pai vai clarear esta noite. Sabe, desde que minha madrastra, Elsbeth, deixou Londres em companhia do jardineiro, papai coleciona safras muito especiais de vinho para alegrar momentos de depressão. A bem da verdade, ele tem andado de excelente humor ultimamente. De qualquer forma, temos uma ótima seleção de vinhos a nossa disposição. Vamos embora, meu amigo. A boa vida nos espera.

— Está bem. Afinal, não tenho nada para fazer até amanhã cedo — disse Brandon, seguindo o amigo.

Tinha os ombros curvados como se carregasse o peso do mundo. Não se importava com o destino dessa noite, apenas se preocupava com as intenções de Lavínia a respeito de seu comportamento, fosse lá o que tivesse feito.

Lord Geoffrey Lowell Newcomb, nono conde de Hammerford e membro do conselho de curadores da University College, sorriu para o retrato do antepassado, na parede acima da lareira da biblioteca, enquanto polia o monóculo. Homem de pequena estatura, mantinha um porte aristocrático, permitindo que os anos passados no exército marcassem-lhe a postura. Apenas o prateado nas têmporas o convencia de que a aparência não era a mesma de vinte e cinco anos atrás. Guardou o lenço no bolso da jaqueta e murmurou pensativo:

— Bem, nem todas as mudanças foram para pior. Há vinte e cinco anos não existia Edward Lowell Newcomb e esta casa fervia com o barulho das sete filhas de Annabelle. Eu imaginava que jamais teria paz. Mas todas se casaram e foram embora. Até Elsbeth me abandonou. Naturalmente, a sua fuga com o jardineiro não pode ser comparada com a partida de Annabelle — refletiu, ao bater a cinza do cachimbo. — As meninas tinham razão. Eu me casei cedo demais, após a morte de Annabelle, para saber o que desejava. Porém a cama de um homem tem de ser aquecida e Elsbeth sabia fazer isso muito bem.

— Quem sabia fazer o que muito bem, papai? *Lord* Geoffrey apressou-se em abraçar o filho.

— Ah, Ned, não dê atenção aos resmungos de um velho. Eu pensava em voz alta, mas nada de importância. Deus meu, fiquei tão orgulhoso de você hoje, meu rapaz. Vi suas notas no quadro da universidade e queria que todos soubessem de seu sucesso. Tive vontade de convidar a escola inteira para uma bebida, mas isso demonstraria minha falta de confiança em você, o que não é verdade. Você apenas levou mais tempo do que a maioria dos rapazes para amadurecer.

Batendo nas costas do filho, o conde virou-se para cumprimentar Brandon e lhe servir uma bebida.

— Phillips, como posso lhe agradecer por conduzir meu filho ao caminho dos estudos? Bebo à saúde de ambos, exemplos dignos da mocidade atual em sua luta para obter o melhor!

“Deus do céu”, pensou Brandon. “O homem se encontra com Lavínia Cooper no teatro e, dois dias depois, já fala com a mesma loquacidade.”

— Obrigado, senhor, por suas palavras amáveis, porém não fiz mais do que outro instrutor teria feito por Ned. O crédito é dele, e não meu, por haver

conseguido o primeiro lugar. Não concorda?

— Bobagem, Brandon, você também deve ter brilhado em seu exame. Amanhã, as notas serão colocadas no quadro e a sua será com honra ao mérito, aposto — disse Ned.

— Então, filho, esse deve ser o seu alvo para o próximo semestre: o primeiro lugar com honra ao mérito. Mas como posso esperar isso de você na chegada da primavera? Nessa época, os interesses de um rapaz são com o romance, embora os seus sejam, o ano inteiro, pelas mulheres. Quem será a próxima, Ned? Uma artista, uma governanta ou, quem sabe, uma índia do Wild West Show de Cody? — O conde suspirou. — Phillips aqui demonstra a superioridade da conquista de um indivíduo que não se deixa seduzir por tais distrações.

— Como o senhor as evita, papai? — sugeriu Ned com uma ponta de irritação.

— Talvez, de vez em quando, eu me distraia com as florzinhas, mas não com freqüência. Mas Phillips, como machucou a mão? Como está enfaixada, deve ser um ferimento grande.

— Não muito, senhor. Foi uma queimadura, mas para ser sincero, não me lembro...

— Impossível, meu rapaz — interrompeu /O/Y/Geoffrey. — Como não ter consciência de uma queimadura? Seria compreensível se houvesse ocorrido durante uma batalha, como me aconteceu na Criméia, em 1854.

— Brandon fica alheio a tudo quando está estudando, papai. Uma acha de lenha caiu da lareira e ele a apanhou sem notar que punha a mão na parte em brasa — explicou Ned depressa e fez um sinal de advertência a Brandon.

— Deus misericordioso, Phillips! Admiro e recomendo dedicação ao estudo, mas não a esse ponto extremo. Seja mais cuidadoso da próxima vez. Aceitam outra dose? Afinal, estão em férias. Aliás, bem merecidas.

— Aceito, senhor, obrigado — respondeu Brandon.

— Talvez, papai. O jantar não está atrasado? Já passa das oito e o senhor sempre exige pontualidade.

— Não em tudo, filho. Um pequeno atraso no encontro com uma mulher provoca um certo estímulo. Quanto ao jantar, dei ordens para ser servido um pouco mais tarde. Um de seus colegas da universidade prometeu me trazer uma fotografia, tirada por ele mesmo, de uma nova espécie de jasmim, originário do norte de Bornéu. Bem, convidei o rapaz para jantar conosco. Ele se chama Waverly-Smythe.

Fez-se um silêncio tenso após as palavras do conde. Embora surpreso, ele

o justificou com a provável fome dos dois jovens e tentou animá-los.

— Tenham só um pouco de paciência. Quando nos sentarmos à mesa, vocês terão a oportunidade de satisfazer o apetite com um ótimo cardápio. Escolhi também vinhos de colheitas especiais para acompanhá-lo.

— Está bem, papai. Já falei sobre sua adega para Brandon. Por que não me contou ter convidado Waverly-Smythe?

— Não pensei, Edward, que precisasse de sua permissão para convidar alguém à minha casa. Há outras facetas de minha vida que não lhe dizem respeito. Foi a Srta. Cooper quem nos apresentou, outra noite, num espetáculo beneficente em Covent Garden. O Sr. Waverly-Smythe, além de se dedicar à fotografia, é um grande entendido no cultivo de *Gracillimum jasminum*.

— Waverly-Smythe interessa-se pelo cultivo de várias coisas — comentou Brandon evasivo.

Especialmente, refletiu, quando o alvo se tratava de alguém que pudesse ajudá-lo no progresso da carreira. Maldição! Ele devia ter dado importância à premonição quanto ao dia ruim transformar-se numa noite pior. Se tivesse ficado em casa, não seria obrigado agora a suportar a companhia do rival. Depois dos acontecimentos estranhos desse dia, o homem poderia, muito bem, conquistar o patrocínio de Dobson e Whittaker a Inns of Court. O melhor seria alegar uma indisposição repentina e pedir licença para ir embora antes de se deparar com aquele infeliz. Já ia pôr em prática a idéia quando surgiu um criado e anunciou:

— *Lord Geoffrey*, o Sr. Waverly-Smythe.

— Obrigado, Martin. Avise a cozinheira que vamos passar para a sala de jantar imediatamente. Sigam-me, cavalheiros.

A saída da biblioteca, o conde encontrou Preston e, com a mão em seu ombro, conduziu-o para o jantar de comemoração enquanto dizia:

— É um prazer revê-lo, rapaz. Importa-se se jantarmos já? Garanto-lhe que haverá bebida suficiente para regar a refeição. Caso contrário, eu lhe serviria uma antes.

A uns passos atrás, Brandon e Ned trocaram olhares irritados e algumas palavras murmuradas.

— Espero que os vinhos mencionados sejam, de fato, excelentes, Ned. Para enfrentar esta noite com um mínimo de civilidade, vou precisar deles. Se o maldito fizer alguma referência ao exame de hoje, ou a Inns of Court, não garanto resistir à tentação de esbofeteá-lo.

— Sinto muito, Brandon. Se eu soubesse desse convite de meu pai,

teríamos ido comemorar num outro lugar qualquer. Preston não dá ponto sem nó. Ele só pode estar bajulando meu pai a fim de conseguir uma recomendação para o comitê de bolsas, não acha?

— Claro. Ele sabe que seu pai só pode recomendar um de nós dois. Com o seu sucesso na escola, Waverly-Smythe está com medo de não ser o escolhido de *lord* Geoffrey. Vamos desafiá-lo de uma vez por todas.

O nono conde de Hammerford recostou-se na cadeira à cabeceira da mesa e, surpreso, ouviu a conversa animada, ou melhor, quase exaltada. Como não apreciasse uma refeição silenciosa, havia selecionado vários tópicos para entreter a mente dos jovens convidados. Todavia, a sua ajuda não estava sendo necessária, exceto para acalmar o vigor das discussões.

— Cavalheiros, cavalheiros, esta não é a sala de uma taverna. Por favor, não falem tão alto. Sempre ouvi seus professores dizerem que se reconhecia uma testemunha confiável por sua fala comedida e baixa.

— Minhas desculpas, senhor, mas tenho de discordar de Phillips. O governo Liberal, sob Gladstone, vai levar o Império à ruína. Afinal, o primeiro-ministro é chamado de “o velho”. Certo?

— Errado — contestou Brandon. — O termo é “o grande velho”.

— Espalhafatoso seria mais adequado para justificar seu esquema em favor do homem do povo. Naturalmente, esse tipo de idéia tem a sua aprovação, Phillips.

— Explique-se melhor, por favor — pediu Brandon com expressão calma, mas em voz gélida. — Talvez você não ache que a classe trabalhadora mereça uma porção maior das riquezas do Império.

— Não creio que Preston tenha querido dizer tal coisa — interferiu *lord* Geoffrey com o intuito de evitar um confronto desagradável entre os dois convidados. — Se esse fosse o caso, ele não estudaria na University College, uma instituição criada para o homem do povo. Não concorda que, com os recursos da família, Preston poderia freqüentar uma de nossas universidades mais antigas e da elite? Tenho certeza de que ele, como nós, apóia as reformas patrocinadas pelo partido de Gladstone.

— É claro, senhor — mentiu Preston, mudando depressa de opinião a fim de agradar o anfitrião influente. — Minha preocupação é outra bem diferente. Como Gladstone, aos oitenta e três ou oitenta e quatro anos, vai ter habilidade para arquitetar as mudanças tão necessárias à Inglaterra? Isso sem falar no compromisso assumido com a Irlanda, que poderá provocar a queda do governo antes de ser possível implementar as reformas em benefício da classe trabalhadora.

— Entenderam, rapazes? — perguntou *lord* Geofffrey. — Nós todos pensamos da mesma forma. Mas já nos delongamos demais à mesa. Vamos tomar o café e licores na biblioteca?

Como era fácil satisfazer idiotas, ponderou Preston, orgulhoso pela habilidade com que tinha convencido o pai de Ned. Esses idealistas insípidos sempre se contentavam com palavras de simpatia e jamais desconfiavam que um homem inteligente, como ele, talvez não expressasse a verdade. E, sem dúvida, ele era bem mais esperto do que o estudioso Phillips. O boboca nem tinha descoberto que Clarissa Manning era filha do famoso James Gregory Manning, uma das maiores autoridades mundiais em Direito Internacional. Embora Phillips fosse o professor da mocinha, ele era o namorado. Se alguma ajuda fosse dada por Manning no estabelecimento de uma carreira jurídica, haveria de ser para o namorado e não para o professor da filha.

Ao aceitar um charuto do conde, Preston preparou-se para apreciar o resto da noite. Estava mais do que satisfeito com o seu quinhão na vida. Tinha a sua fotografia, os estudos e, logo, estava convencido, teria uma entrevista com Dobson e Whittaker.

Tendo conseguido transferir os convidados belicosos para outro ambiente, o conde achou que também poderia dirigir a conversa para um tópico menos controvertido.

— Brandon e Preston, contem a este velho como foi seu exame desta manhã. Que argumentos usaram para satisfazer as exigências de Humphrey?

Distraído em acender o cachimbo, ele não notou a consternação expressa nas feições de Brandon. Preston, entretanto, não perdeu tempo em responder.

— Senhor, como lhe garanti na outra noite no teatro, tenho plena confiança em minha capacidade. Defendi em minha dissertação a única maneira legítima de encarar o assunto. Fiz umas poucas referências à posição de Disraeli em 1872 e à intervenção de Clives na Índia. Para ser honesto, foi um exame fácilimo. Não concorda, Brandon? Ou você anda hipnotizado com os olhos de uma certa pessoa, a quem dá aulas, para poder se concentrar nos próprios estudos? — provocou Preston, convencido de que a ética de Brandon não o permitia imiscuir romance em seu trabalho, mas resolvido a dar-lhe alfinetadas.

— O que têm os olhos de Ned a ver com essa história? — perguntou o conde, confuso.

— Não são os meus, papai.

— O Sr. Waverly-Smythe estava se referindo à minha outra aluna, a Srta. Clarissa Manning. Ele também tentou obter o cargo de seu professor. Por sua

maneira de falar, deduz-se que não se conformou ainda por ter perdido, outra vez, para um competidor melhor.

— Engano seu, Phillips. Saiba que quando visito a moça é por prazer e não por dinheiro. Creio que em sua situação financeira, você não tenha outra escolha.

Mal Preston terminava de falar, Brandon já se encontrava em pé à frente dele. O conde, entretanto, se posicionou depressa entre ambos.

— Calma, Brandon, Preston não tinha intenção de insultá-lo, tenha certeza.

— Nesse ponto discordamos, senhor, ele quis me ofender. Mas por respeito à sua pessoa, vou apenas dizer que a responsabilidade cabe à guardiã da moça. Se ela tivesse um mínimo de bom senso, cuidaria da Srta. Manning de maneira adequada em vez de suspirar tanto no lencinho perfumado e permitir que a sobrinha se associasse com alguém do tipo de Waverly-Smythe.

— Um instante, meu rapaz. O que está insinuando a respeito da Srta. Cooper?

— Nada., senhor. Peço desculpas por haver me excedido e licença para me retirar.

Sem nem mais uma palavra, Brandon deixou a biblioteca tão furioso quanto, dois dias antes, tinha voltado do museu. Acostumado a traçar uma linha entre o certo e o errado, não conseguia distinguir variantes de cinzento e, muitas vezes, via-se dominado pelas emoções em situações pessoais.

— Brandon — chamou Ned, alcançando-o no vestíbulo.

— Por favor, me deixe em paz. Reconheço ter sido rude e me antagonizado com seu pai. Mas a presunção de Waverly-Smythe, a intimação de Cooper, a tentação de Clarissa, caso tenha existido, e a minha incerteza sobre os acontecimentos desta manhã esgotaram a minha paciência. Esta cartada perdi para Waverly-Smythe, porém ele que tome cuidado. Jamais me arrancará a bolsa para a residência nas Inns of Court.

Na rua escura, Brandon extravasou a frustração nos passos pesados que ecoavam no calçamento. Mal suportava o peso no coração.

CAPÍTULO VIII

Como tudo havia mudado desde a sua primeira caminhada por essa rua, refletiu Brandon. Ao dirigir-se a Hertford Court na manhã seguinte, em resposta ao chamado de Lavínia, lembrava-se de que, apenas um mês atrás, tinha ido conhecer a nova aluna. Dessa vez, provavelmente, ia ao encontro de múltiplas acusações. Talvez tivesse de enfrentar o fim da carreira mesmo antes de iniciá-la, caso suas vagas sensações de paixão fossem precisas.

Se ao menos se lembrasse dos acontecimentos da véspera, poderia preparar uma defesa, mas sem idéia alguma do que se passara, seria forçado a aceitar as acusações e a declarar-se culpado. Alegar ignorância da lei seria ridículo. Se houvesse ultrapassado os limites impostos pela sociedade, não ficaria isento da punição. Maldita Clarissa Manning! Ela havia virado sua vida de cabeça para baixo e parecia se divertir muitíssimo com isso. Antes de conhecê-la, tinha um futuro bem planejado. Talvez até fosse forçado a incluir Clarissa nele, ao lado da Justiça.

Naturalmente, Brandon admitia, caso tivesse seduzido e comprometido a moça, seria obrigado a lhe oferecer seu nome. Embora o instinto de preservação se revoltasse com a idéia, por uma fração de segundo ele se viu apreciando a perspectiva. Para ser honesto, achava Clarissa encantadora quando se aplicava ao estudo. Às vezes, ao debaterem algum ponto controvertido, seus olhos faiscavam e ela se inflamava, exaltada. Porém com o tipo certo de amor e carinho, ela poderia se tornar submissa. Brandon sabia que seria um prazer imenso tentar amansá-la, não importava quais fossem os resultados do esforço.

Sim, a vida ao lado de Clarissa talvez não fosse desagradável, ponderou Brandon. Entretanto, lembrou-se de sua obstinação e habilidade em irritá-lo quando ela seguia a própria vontade e não a sua. Clarissa era a única moça que conseguia tirá-lo do sério.

Ao alcançar o destino, Brandon bateu a aldrava. Já não achava mais engraçada a leoa com a grinalda de margaridas. Considerava-a o símbolo das mulheres predadoras que o aguardava atrás dessa porta, com rugidos ferozes, a fim de arrancar-lhe a liberdade. Jurava que, antes de ser aprisionado, rugiria também.

Depois de ser recebido com um olhar sorridente e malicioso de Ellen,

Brandon foi conduzido à sala de jantar da Srta. Cooper. Lá encontrou-a sozinha sentada à cabeceira da longa mesa de cerejeira. Onde estaria a adorável Clarissa?, indagou-se irônico. Recolhida ao quarto para se recuperar do assalto que seu corpo lindo parecia ter provocado?

— Sr. Phillips, fico contente por ter vindo — declarou Lavínia, levantando o olhar da torrada com geléia, para ele. — Sente-se aqui ao meu lado direito e me acompanhe no café da manhã. Como pode ver, a cozinheira se esmerou bastante — acrescentou com um gesto em direção às travessas com ovos, presunto, tomates e peixe grelhados, torradas, pãezinhos doces e geléia.

Brandon estranhou a hospitalidade de Lavínia em tais circunstâncias, porém sentou-se, como fora convidado. Bem apropriado, considerou ao contemplar a mesa farta. A última refeição lauta para o condenado. A idéia matou-lhe o apetite e ele recusou até mesmo uma xícara de chá. Atônito, pôs-se a ouvir Lavínia falar sobre banalidades sem a mínima alusão ao motivo pelo qual o chamara ali.

Ele achava essa tática evasiva e interminável muito pior do que a explosão antecipada. Apesar de sentir uma ponta de simpatia pela situação dessa senhora, desejava que ela entrasse logo no assunto. Preferia vender a alma ao diabo a ter de ajudá-la, confessando-se culpado de um crime que não tinha certeza de haver cometido. Viu-se num banco de réus imaginário e compreendeu os sentimentos de acusados enquanto esperavam para ser interrogados. Jurava lembrar-se dessa emoção se tivesse a sorte de se tornar advogado.

Interrompendo a conversa incoerente, Lavínia instou com Brandon para comer algo.

— Veja, não posso dar conta de tudo isto — argumentou ao apontar para as travessas. — E Clarissa perdeu a vontade de comer depois das ocorrências de ontem. Mas sobre isso, falaremos mais tarde quando eu estiver preparada para não extravasar as emoções que acometem as mulheres em momentos de aflição — declarou e serviu-se de outro pãozinho doce. Já era um começo, ponderou Brandon com uma ponta de alívio ao perceber que Lavínia, apesar dos rodeios, dirigia-se ao ponto crucial.

— Entenda, Brandon, não é uma tarefa fácil tomar conta de Clarissa. Posso tratá-lo pelo primeiro nome? Afinal, o seu relacionamento com minha sobrinha praticamente o tornou membro da família.

Brandon apertou os lábios ao ouvir o comentário.

— Acho muito difícil falar com *você*, Brandon, a respeito da última

aventura de Clarissa. Mas o seu envolvimento com ela e os vários ensinamentos que lhe vem ministrando me aconselham a pedir o seu auxílio para colocá-la, outra vez, no caminho certo. Concorde comigo? — indagou Lavínia com um suspiro queixoso. — Não saberei enfrentar meu cunhado e informá-lo da situação, se o assunto não estiver resolvido.

A essa altura, Brandon gostaria de indagar detalhes. O que havia acontecido na véspera? Se ia pagar pelo crime, merecia saber de tudo para saborear recordações. Contudo, um homem não podia perguntar francamente a uma senhora fina como havia lhe comprometido a sobrinha. Como questionar Lavínia, uma mulher solteira? Não, ela jamais teria auto controle suficiente para lhe contar o que havia acontecido, e ele não sabia se seria capaz de suportar um provável acesso de lágrimas. Já resolvera que, se houvesse de fato feito amor com a moça, agiria da maneira honrada agora. Concordar com a Srta. Cooper sem argumentar tornaria a questão mais fácil para todos.

— Minha cara Srta. Cooper, com a máxima sinceridade quero lhe dizer que não tenho conhecimento da referida situação. Porém, se transgredi, estou pronto para endireitar tudo — declarou Brandon, pensando, sem querer, nos lábios de Clarissa e na freqüente expressão tempestuosa dos olhos castanhos.

Que grande desafio tentar inflamá-los com a paixão!

— Ai, Brandon, eu sabia que podia contar com você. Que criatura sensível e de princípios! Mas estou plenamente convencida de que a culpa desse caso deplorável cabe só a Clarissa — afirmou Lavínia, sem reparar na expressão confusa de Brandon. — Embora minha sobrinha aprecie o que você lhe ensina, não acho certo uma jovem de sua idade aprender tanto. A maioria dos homens, você deve concordar, não escolheria uma moça tão instruída para esposa. Mas, como você demonstrou boa vontade, quero que a inunde com novos conhecimentos e a mantenha ocupada dia e noite. Bem, isso é maneira de falar. Só assim, espero, ela se tornará mais maleável e dócil.

Brandon semicerrou os olhos azul-escuros e a fitou. Teria Lavínia idéia do que estava sugerindo?, indagou-se.

— Claro, minha sobrinha vai se mostrar relutante ao fato de tê-lo constantemente a seu lado, porém você vai saber como convencê-la.

— Ela vai protestar, com toda a certeza. A Srta. Manning jamais facilitou as coisas para mim. Vou fazer o possível para levá-la a entender que o nosso novo relacionamento é inevitável — prometeu Brandon, prevendo a batalha à frente.

Agora que tinha se comprometido a proteger a reputação de Clarissa, ela

poderia rejeitar a idéia de casamento.

— Brandon, por causa dos acontecimentos de ontem, acho que você deve assumir suas novas obrigações o mais depressa possível — declarou Lavínia.

— E se Clarissa fizer objeções?

— Ela perdeu esse direito ontem. Essa é uma questão para ser resolvida só por nós dois.

— Se pensa dessa maneira, quando posso ver Clarissa a fim de informá-la de nossa resolução?

— Daqui a pouco. Ela está na saleta recebendo a visita do Sr. Waverly-Smythe.

— De Waverly-Smythe?! — perguntou Brandon, incrédulo.

Clarissa não tinha noção de decência? E como a tia permitia tais liberdades nas atuais circunstâncias?, indagou-se, sentindo a raiva surgir.

— Sim, sim. Mas como disse, você vai vê-la em questão de minutos. Ah, Brandon, você não imagina como me sinto aliviada com a sua promessa em me ajudar a controlar essa menina. Nem queira saber como fiquei chocada ao encontrar, ontem, as roupas do jardineiro no quarto de Clarissa.

— As roupas do jardineiro?! — trovejou Brandon, os olhos azuis soltando faíscas.

Que diabo estaria acontecendo ali? Quem teria comprometido Clarissa, ele ou o jardineiro? Não estava disposto a pagar pelo erro de ninguém. Empalideceu ao pensar em outras mãos acariciando Clarissa, mesmo assim, declarou:

— Acho melhor, Srta. Cooper, cancelarmos o nosso acordo. Eu não fazia idéia de que Clarissa mantinha um relacionamento com o jardineiro.

— Brandon! Não é o que está pensando, porém *quase* tão horrível — protestou Lavínia, empalidecendo também.

Havia dado uma impressão errada da situação e precisava corrigi-la, embora achasse difícil falar sobre esse assunto.

— Clarissa continua pura e sua virtude não merece dúvida. Ela achou que seria uma grande aventura andar pelas ruas de Londres vestida de homem. Por isso, apropriou-se das roupas do Sr. Norris, o nosso jardineiro. Ele trabalha para a família há mais de trinta anos e sofre tanto de reumatismo que mal pode levantar a enxada. Ele não poderia... Ela não... — Lavínia gaguejou, vermelha até a raiz dos cabelos. — Foi esse disfarce bobo que me aborreceu muitíssimo. Nunca sei o que a menina vai aprontar. Entende por que preciso de sua ajuda? Se você pudesse vir aqui todos os dias para lhe dar aulas e mantê-la ocupada com os livros, eu ficaria mais sossegada sabendo

que ela não estaria aprontando artes. Se seu pai descobrir que andou com calças de homem por aí, não sei o que vou fazer.

— Então, quer que eu lhe dê aulas extras? Por isso me mandou chamar?

— murmurou Brandon, perplexo.

A um aceno afirmativo de Lavínia, sentiu-se um tanto desapontado. Visões de Clarissa com uma túnica rosa-champanhe e de beijos apaixonados tinham de ser relegados ao mundo dos sonhos. Devia se sentir animado porque não fora chamado para sacrificar a liberdade pela honra maculada de Clarissa, mas no fundo lamentava livrar-se de um compromisso que poderia ser muito agradável.

— Quantos dias mais, por semana, você dispõe para se dedicar à minha sobrinha? — perguntou Lavínia.

— Não posso assumir um compromisso até saber do resultado do meu exame, Srta. Cooper. As notas devem sair esta tarde. Só então, lhe darei uma resposta.

— Se puder, mande um bilhete ainda esta noite, Brandon. Sei que posso confiar em você — acrescentou, tocando-lhe a mão enfaixada e reavivando a dor adormecida.

Ao deixar a sala de jantar, Brandon começou a achar graça de sua apreensão a respeito da vinda até ali. Como tinha sido bobo! Ned estivera com a razão o tempo todo. Isso o deixava com o espírito bem mais leve. Agora, só tinha de se preocupar com o resultado do exame. Talvez isso também se resolvesse de maneira satisfatória.

No momento em que atravessava o vestíbulo a fim de apanhar o sobretudo oferecido por Ellen, ouviu a porta da saleta se abrir e um riso feminino escapar por ela. Em seguida, Clarissa surgia em companhia de Preston. Ao vê-lo, ela tornou-se séria. Só conseguia pensar em sua recusa em acompanhá-la ao concerto. Isso instigou-lhe o sarcasmo.

— Muito bom dia, Sr. Phillips. Parece estar de muito bom humor. Vai ver, foi pago pelo tempo gasto comigo.

— Minha cara Srta. Manning — começou Brandon em voz calma e tendo o cuidado de esconder a raiva que a presença de Waverly-Smythe lhe provocava —, com certeza sabe que todo o dinheiro da Inglaterra não seria suficiente para me compensar pelas horas perdidas em sua companhia. Minha satisfação deve-se ao fato de estar eu de saída. Passe muito bem — despediu-se e saiu deixando Clarissa furiosa.

“Essa moça impertinente se atreve a me provocar em frente de Waverly-Smythe”, pensou Brandon, enfurecido, enquanto descia os degraus de

mármore junto à porta. E o que a diabinha estava fazendo com esse infeliz, outra vez? Não era possível que estivesse em seu juízo perfeito quando pensara em se casar com uma criatura tão irresponsável, não importava o que houvesse feito. Qualquer júri sensato o absolveria, mesmo se a tivesse matado, quanto mais se a tivesse apenas atacado. Clarissa era a moça mais provocadora que ele já tivera o desprazer de encontrar, concluiu Brandon.

Apesar da raiva, ele não conseguia deixar de imaginar como os quadris arredondados e as pernas esguias de Clarissa se revelariam sob um par de calças de homem. Para aborrecimento e desconforto dele, achou a imagem muitíssimo excitante.

Clarissa, entretanto, imaginava que apenas o seu temperamento fora provocado pela saída de Brandon.

— Preston, esse homem me enlouquece! — confessou com o olhar na porta.

Lamentava profundamente que não existisse uma lei contra rudeza, pensou, brava. Se houvesse uma, Brandon Phillips já estaria na prisão havia muito tempo. Ela adoraria vê-lo trancafiado. Não podia esperar pelo momento em que lhe cortaria as asas ao ouvi-lo se vangloriar do sucesso no exame. Sujeito mais convencido! Como se sentiria quando soubesse que fora ela a autora da dissertação brilhante?

— Não dê tanta importância a ele, Clarissa querida. Trata-se de uma questão de berço — consolou-a Preston. — Ele deve ter se aborrecido ao nos ver juntos e felizes como os jovens devem ser. É voz corrente que Phillips não sabe se divertir. Só não entendo a razão de tanto mau humor. Afinal, terminamos os exames e estamos em férias.

— Ah, é mesmo. Como foi o de ontem? — perguntou Clarissa tentando recuperar a calma, pois Brandon Phillips não merecia sua perturbação.

— Não apresentou dificuldade alguma. Aliás, dissertar sobre Direito Internacional foi a coisa mais fácil que já me pediram na universidade.

— Como assim? — indagou Clarissa um tanto desapontada.

— Eles apenas queriam justificativas legais para as atividades imperialistas da Grã-Bretanha.

— Não estou entendendo — declarou Clarissa começando a se afligir. — O professor não deixou a questão aberta a interpretações individuais com o fito de classificar o aluno de acordo com a sua habilidade de defender a posição escolhida? — perguntou cheia de dúvidas.

— De forma alguma. Você acha, Clarissa, que nossos professores de Direito nos encorajariam a tomar posições contrárias à política da monarquia

e do governo? Eles preparam advogados que possam providenciar sanções legais para as tendências expansionistas de Sua Majestade. Humphrey conta com nosso talento para, daqui a dez anos, nos candidatarmos aos Conselhos da Rainha e, daí em diante, só representar os interesses da monarquia. Não caberia a nós tomar o partido das nações menos dispostas a serem incluídas no Império. Como seu país é auto-suficiente e meio isolacionista, você deve ter dificuldade em entender a realidade da situação. Mas esse não é um assunto para a sua linda cabecinha. Você não precisa se preocupar com questões tão profundas, basta cultivar sua beleza. E isso, você faz muito bem.

— Você é muito gentil, Preston — murmurou Clarissa.

Sentia-se apavorada. Sua dissertação no exame de Brandon baseara-se numa concepção errada do que ensinavam e exigiam na universidade. Fora impulsiva e ingênua demais e, graças a isso, tinha escrito a dissertação menos apropriada possível. Embora furiosa com Brandon poucos instantes antes, seu coração confrangia-se por ele e por si mesma.

Deus do céu, Brandon lhe torceria o pescoço quando descobrisse a verdade. Visões intimidadoras da fúria dele a fizeram ignorar a presença de Preston, cuja voz a arrancou das negras conjeturas.

— Clarissa, minha querida, você não está prestando atenção em mim. Parece se encontrar em um outro mundo. Está sonhando com um vestido novo para nosso próximo encontro?

— Mais ou menos isso — respondeu Clarissa retornando à situação presente, na qual, se desse atenção ao companheiro, abafaria o remorso crescente.

Brandon podia ser irritante, mas não merecia ter as perspectivas de um bom futuro arrancadas de maneira tão abrupta. O raciocínio de que o instrutor seria reprovado, com a ausência do exame, não a consolava. O fato de ele parecer ignorante ao examinador era muito pior, ponderou Clarissa. Sua incursão ao mundo acadêmico provocava resultados não imaginados. Tinha sido muito orgulhosa ao pensar que poderia escrever a respeito de um assunto sobre o qual conhecia muito pouco. Mesmo assim, tinha apresentado defesa sólida de seu ponto de vista e não havia provas ainda de haver falhado. Talvez existisse alguma esperança.

Todas essas reflexões provocavam-lhe um grande mal-estar e ela sentia a necessidade de ficar sozinha. Já ia apresentar uma desculpa e se despedir de Preston, quando se viu abraçada pela cintura e beijada. O gesto audacioso a tomou de surpresa, porém não provocou a mesma sensação deliciosa como quando Brandon lhe dispensara carícia semelhante. Suspirou desanimada

por se sentir atraída pelo homem cuja carreira, possivelmente, ajudara a destruir.

Preston entendeu mal sua reação e a tomou como encorajamento à liberdade tomada. Porém, ao erguer a mão e tocar um de seus seios, Clarissa o empurrou, alarmada.

— Minha querida, perdoe minha ousadia — desculpou-se com preocupação fingida. — Não imagina como fico enfeitiçado junto a você. Até me esqueço de ser respeitoso e gentil.

— Está perdoado, Preston — respondeu Clarissa, ansiosa por se ver livre dele e disposta a representar o papel de moça frágil a fim de conseguir o propósito. — Estou com uma forte dor de cabeça e preciso descansar. Por favor, Preston, vá embora.

— Claro, minha querida. Em sua inocência, você não reconhece o desejo, seja ele seu ou meu. Mas um dia, Clarissa, um dia... — murmurou Preston, deixando a insinuação no ar ao sair apressado.

Outras conquistas o tinham ensinado que certas coisas não especificadas produziam um efeito melhor do que quando esclarecidas com palavras. Sorria satisfeito ao abotoar o sobretudo e enfrentar o vento frio de março.

Embora Preston achasse Clarissa cativante em sua beleza, considerava-a inteligente e teimosa demais para seu gosto. Em qualquer outra circunstância não pensaria em se envolver com uma moça desse tipo, mas, em se tratando da filha do Dr. Manning, estava disposto a seduzi-la. Como seu pretendente adorado, seria fácil obter o apadrinhamento do pai na profissão. Ele valeria bem mais do que a recomendação de *lord* Geoffrey Newcomb e até do próprio Humphrey. Isso mesmo. Uma palavra do Dr. Manning o colocaria numa posição superior à de Brandon Phillips para conseguir a bolsa de estudos. Tal honra poderia, muito bem, restituir-lhe o lugar perdido no testamento do pai, ponderou esperançoso.

Ao pensar no pai, imaginou se Phillips já tinha descoberto quem era o de Clarissa. Tinha sérias dúvidas. Além da extrema beleza de Clarissa, ela era filha de J. G. Manning e ninguém se atreveria, nem mesmo Phillips, a tratá-la de maneira rude como ele o fizera momentos atrás. Enfim, isso não pesava na balança. O pobretão era honrado demais para tirar vantagem de uma situação como essa e a prova residia na atitude dele de ainda há pouco.

Na tarde desse dia, os estudantes de Direito do último ano aglomeravam-se à porta do escritório do Dr. Humphrey para ver as notas do exame de Direito Internacional afixadas no quadro ao lado. Determinado a elucidar as dúvidas, Brandon caminhou até lá com passos firmes. Percorreu

os olhos pela lista e suspirou aliviado ao ler seu nome. Antes de ter tempo para verificar a nota na coluna ao lado, sentiu-se puxado pelo braço e ouviu a voz arrogante de Waverly-Smythe.

— Aqui está você. Quero lhe dizer umas palavrinhas sobre seu comportamento impertinente com a Srta. Manning esta manhã. Tenha paciência, Phillips. Minha opinião negativa a seu respeito piorou muito. Sua atitude deixou bem claro o lugar que merece na sociedade. Não importa o quanto gente de sua classe receba de instrução, vocês continuam fora de lugar junto a pessoas finas. Elas só os receberão como subalternos.

— Vai se surpreender com minha confissão, Waverly-Smythe — respondeu Brandon no mesmo tom e disfarçando o ódio sentido. — Não quero ser recebido por uma sociedade que também aceita você. Segundo as hipóteses de Darwin, nós todos temos uma origem comum. Pelo que vejo, o ramo de minha família evoluiu, o seu, não.

O comentário de Brandon provocou risadas nos outros estudantes à volta. Irritado, Preston afastou-se, mas não sem antes dizer em tom de advertência:

— Espero, Phillips, que sua situação em Direito Internacional seja tão divertida quanto suas palavras sobre mim.

Brandon virou-se depressa para o quadro e voltou a percorrer os olhos pela lista. Lá estava seu nome, porém na coluna ao lado não havia nota. Suspirou amargurado e já ia embora para lamentar, em privacidade, a perda de um futuro promissor, quando a porta do escritório do Dr. Humphrey se abriu mostrando a cabeça encanecida do professor.

— Phillips, ouvi sua voz aí fora e resolvi chamá-lo para uma conversa urgente.

Tão logo Brandon entrou, o professor ordenou-lhe:

— Sente-se, Phillips. Você deve saber que quero interrogá-lo a respeito de seu exame — acrescentou o mestre, observando com atenção as reações do discípulo.

— Sim, senhor — respondeu Brandon, sem pestanejar.

— A sua dissertação me deixou perplexo, Phillips — confessou Humphrey, e Brandon se surpreendeu por ter, de fato, escrito uma.

O professor vasculhou uma pilha de livretos até encontrar um com o nome de Brandon, que separou e entregou a ele.

— Embora em linguagem fluente e argumentação articulada — continuou Humphrey —, você escolheu uma posição absolutamente inaceitável. Exijo uma explicação.

Brandon abriu o livreto na primeira página e notou logo a caligrafia estranha e um tanto trêmula. Mas lembrou-se de que, na ocasião, estava embriagado e com a mão direita machucada. Aliás, ela continuava enfaixada, detalhe este observado pelo professor atento. Por essa razão, ambos concluíram que a letra pertencia a Phillips.

Brandon leu o tema e seus detalhes e, como não se lembrasse de nada, passou à dissertação. À medida que prosseguia na leitura, foi tornando-se rubro de consternação. Alguns dos argumentos usados jamais lhe tinham passado pela mente, pelo menos enquanto sóbrio, e outros ele era sagaz demais para mencioná-los num exame de Direito Internacional. Embora encarasse a expansão do Império com certas restrições, não se atreveria a condená-la em tal situação. O Dr. Humphrey, monarquista convicto, não aceitaria opinião semelhante.

Maldição! Como pudera escrever tamanho lixo? Nunca discutira idéias como essas com os colegas, aliás, com ninguém... exceto Clarissa Manning! Por Deus, a miserável o tinha influenciado muito mais do que imaginara. Novamente, no espaço de poucas horas, revoltou-se contra a criatura que havia transformado sua vida organizada no mais absoluto caos.

Embora costumasse assumir toda a responsabilidade por seus atos, inclusive por esse exame pavoroso, Brandon não conseguia isentar Clarissa de parte da culpa. Maldita! E maldito ele também por se deixar influenciar pelas tolices ditas por ela! Só por causa de um par de olhos castanho-escuros e tornozelos lindos, saíra por aí repetindo suas idéias. E num exame! Afinal, era ele o professor ou o aluno de Clarissa nessas últimas semanas?

— Phillips! — chamou o mestre depois de observar seu semblante por algum tempo.

— Senhor?

— Que diabo aconteceu com você? — perguntou, impaciente, pois este era o seu aluno exemplar.

— Não posso me lembrar, senhor — respondeu Brandon, resignado com o desmoronamento de seu futuro, porém orgulhoso demais para inventar desculpas.

— Não se lembra?! Eu não esperava ouvir isso de uma pessoa de sua capacidade. Você tem uma boa cabeça, foi o que sempre pensei, e é um pouco mais velho do que seus colegas. Por isso, não posso aceitar sua explicação.

— Se deseja algo aquém da verdade, posso lhe dizer o que quiser ouvir, mas com toda a honestidade, não me lembro do seu tópico nem de minha resposta.

— Você estava doente?

— A julgar pela minha dissertação, eu não devia estar muito bem, sem dúvida.

— Se você se encontrava indisposto, a atitude inteligente seria mandar um bilhete me avisando. Eu teria conseguido permissão para lhe dar o exame numa outra data. Mas você o prestou e foi reprovado. Estou de mãos amarradas.

— Tenho consciência disso, senhor.

— Bem, eu não o chamei aqui para repreendê-lo, Phillips. Ao contrário do que dizem a meu respeito, não gosto de punir meus alunos, especialmente os melhores. A questão é que não posso escrever a carta de recomendação como prometi se não aceito seu exame.

— Eu compreendo, senhor — respondeu Brandon, ansioso por sair logo dali.

— Em nome de Deus, o que vamos fazer para resolver esse impasse? — perguntou o professor com expressão preocupada.

— Não sei, Dr. Humphrey — respondeu Brandon com uma ponta de esperança.

— Temos de fazer algo, Phillips. Estou ciente de sua situação financeira precária. Sem a bolsa de estudos para Inns of Court, você teria de abandonar os planos para ser advogado. Eu consideraria isso uma perda lastimável para a Justiça — confessou Humphrey.

— Obrigado, senhor — disse Brandon, sorrindo com o elogio inesperado.

— Não precisa se desmanchar em sorrisos bobos. Você ainda tem muito para aprender a fim de se tornar um advogado competente. A primeira coisa é saber guardar suas opiniões para si mesmo, especialmente num tribunal. Eu não me importo com suas idéias sobre o Imperialismo Britânico, mas espero que saiba justificá-las em termos jurídicos. Quanto à minha razão para querer recomendá-lo é uma questão de eliminação. Você é um pouquinho melhor do que o seu colega Waverly-Smythe. Também mais inteligente.

— Muito obrigado, Dr. Humphrey — agradeceu Brandon com sinceridade e começando a se animar.

— Não precisa me agradecer, Phillips, pois ainda não fiz nada além de ressaltar a sua estupidez. Mas tenho um plano para ajudá-lo. Durante as férias, vou lhe dar trabalho extra. Para começar, quero a defesa jurídica da posição de Cecil J. Rhodes na África. Se eu considerar satisfatório o resultado de seu esforço, adiarei a carta de recomendação até o fim do próximo semestre. Então, se você conseguir a primeira colocação em minha classe e

tiver aprendido algo sobre Direito Internacional, escreverei a Dobson e Whittaker recomendando você. Fui claro?

— Bastante, senhor. Obrigado — respondeu Brandon ao levantar-se e apertar a mão do mestre.

— Sim, bem... — gaguejou Humphrey, embaraçado. — Vá embora, Phillips, e trate de completar o trabalho sobre Rhodes até a semana que vem. Então, lhe darei outro tópico. Quero que dê o máximo de si, pois não me contentarei a não ser com a perfeição.

Brandon saiu do escritório de Humphrey entre deprimido e esperançoso. Estava tristíssimo com o fracasso do exame. Mas o velho feitor tinha se mostrado quase humano e lhe dado uma outra oportunidade para se tornar advogado. Ia ser difícilimo, sabia, conseguir o primeiro lugar na classe de Humphrey com a reprovação em sua ficha. Precisaria se esforçar ao limite máximo de sua capacidade para obter êxito.

Outros problemas continuavam sem solução. Lavínia Cooper esperava que ele se encarregasse da sobrinha nas próximas semanas. Essa moça! Mais uma vez, Brandon ouviu o comentário sarcástico de Clarissa nessa manhã e continuou a ressentir-se dele.

A bem da verdade, admitiu Brandon certo de estar sendo magnânimo, ele não tinha sido muito delicado ao recusar o convite de Clarissa para ir ao concerto na noite anterior. Porém ela devia ter notado o quanto estava aborrecido. Ele não havia se comportado de maneira habitual por um bom período após o exame, aliás, nem nas horas que o antecederam. Para ser honesto, reconhecia não ser mais o mesmo desde que conhecera Clarissa Manning. Por mais indelicado que houvesse sido na tarde anterior, ela poderia ter se mostrado compreensiva e não lhe dirigir palavras sarcásticas na presença de Waverly-Smythe, pensou com orgulho ferido.

A lembrança de Clarissa saindo da saleta pelo braço do rival enfureceu Brandon. Essa explosão de emoções não lhe era peculiar, reconheceu ele, tentando se controlar. Mas como todos os demais problemas, ela era provocada por Clarissa Manning. Quando não estava em sua companhia, pensava a seu respeito. Em suma, ela consumia-lhe grande parte do tempo. O exame da véspera era uma prova cabal do fato.

Enfim, quem era ela?, indagou-se irritado. Ora, Clarissa não passava de uma criança brincando de adulta enquanto ele, por Deus, era um estudante de Direito e não uma babá. A Srta. Cooper que procurasse outra pessoa para cuidar da sobrinha impertinente, resolveu Brandon ao se aproximar de casa. Ele tinha coisas mais importantes para fazer, especialmente os trabalhos

determinados por Humphrey.

Ainda essa tarde, começaria a planejar a defesa de Rhodes e tão logo terminasse o esboço da estratégia jurídica, iria informar a Srta. Cooper de sua demissão. Isso resolvido, Brandon subiu a escada para seus aposentos com um brilho de determinação nos olhos azuis.

— Como pode ver, meu querido — começou Lavínia ao levantar a taça de champanhe aos lábios —, finalmente, resolvi nosso problema causado por Clarissa. Tenho certeza de receber uma resposta afirmativa de Brandon Phillips. De amanhã em diante, serei uma mulher desimpedida. Gosto muito de minha sobrinha, mas, para cuidar dela de maneira apropriada, perco muito tempo. Você tem sido bem paciente, reconheço e aprecio sua atitude.

— Talvez aprecie minhas outras qualidades ao desenrolar da noite — comentou o companheiro.

— O que está insinuando? — perguntou Lavínia ao aconchegar-se junto do corpo másculo ao lado.

A resposta foi uma sugestão murmurada em voz rouca e apaixonada. ,
— Devo dar um exemplo?

— Já faz algum tempo. Não sei ao certo o que você quer dizer — provocou Lavínia.

— Você é mesmo uma gatinha faminta! Estivemos juntos quarenta e oito horas atrás.

— Cada hora era como um século — garantiu Lavínia com um sorriso faceiro. — Mas voltando a falar em Brandon. Foi uma idéia excelente contratá-lo por mais tempo. Ele vai manter minha sobrinha ocupada, pois não tolera suas bobagens.

— Phillips é um rapaz direito e exerce boa influência, embora seja um tanto temperamental às vezes.

— Talvez de sangue quente como a maioria de vocês homens. Ele se comporta muitíssimo bem com Clarissa e eu confio plenamente nele. Brandon já conseguiu várias mudanças em minha sobrinha.

— O mesmo digo eu a respeito de Ned. Mas chega de falar nas crianças e vamos nos concentrar em atividades mais adultas — disse ele ao começar a beijar-lhe, uma a uma, as pontas dos dedos.

— Ah, meu querido, se Ned, quando acabar de crescer, for igual a você, será um homem e tanto! — murmurou Lavínia enquanto os beijos de *lord* Geoffrey afastavam de sua mente todo e qualquer pensamento sobre Clarissa.

CAPÍTULO IX

— Oito e meia? Maldição! — praguejou Brandon ao consultar o relógio de bolso.

Até aquele momento não tinha conseguido fazer nem a metade do esboço. Geralmente, desincumbia-se desse tipo de trabalho com a máxima facilidade, mas nesse dia, enfrentava verdadeira luta. A causa seria a complexidade do caso, ou a sua ansiedade provocada por lábios saborosos e olhos sorridentes? Desanimado, tentou encontrar uma resposta.

— Que inferno! — voltou a praguejar, dessa vez com voz trovejante, esmurrando a escrivaninha.

Mesmo longe dessa criatura, ela não lhe dava sossego. Porém isso ia acabar logo, decidiu determinado ao levantar-se e apanhar o sobretudo no cabide junto à porta.

Iria nesse exato momento pôr um fim nesse enfeitiçamento absurdo! Uma vez cortado o seu relacionamento com a diabinha, ele se sentiria melhor. Pelo menos, se concentraria mais nos estudos em vez de ficar imaginando como seria recebido por ela quando se encontrassem. Por Deus, Clarissa o tinha levado à beira da loucura ao beijá-lo com tanta doçura para, no dia seguinte, o tratar com desprezo.

Ao sair na noite fria, Brandon pensou em adiar a ida à casa da Srta. Cooper, porém como tinha prometido lhe dar uma resposta ainda nesse dia, resolveu ir em frente. A passos rápidos, pôs-se a caminhar pelas pedras do calçamento e, á cada um, sua raiva contra Clarissa Manning aumentava.

— Não, não senhor, sinto muito — declarou Ellen constrangida, lembrando-se do comportamento insistente do Sr. Phillips da última vez em que não encontrara a patroa em casa. — A Srta. Cooper foi jantar em casa de amigos e só voltará muito tarde. Ela não o esperava, mas eu a avisarei de que esteve aqui — prometeu a criada, tentando, sem conseguir, fechar a porta.

— Não queira impedir minha entrada. Se sou bem recebido à luz do dia, não vejo por que não ser também após o pôr-do-sol. A Srta. Cooper me pediu para lhe trazer uma resposta o mais depressa possível.

— Não fui avisada de nada — argumentou a criada.

— Porque não lhe diz respeito — respondeu Brandon, sem esconder a irritação.

As dificuldades do dia tinham-lhe esgotado a paciência e não era possível, mesmo, aturar a impertinência da serviçal, reagiu, bravo. Não iria embora sem ver Clarissa primeiro.

— O senhor precisa compreender. Aqui é uma residência de mulheres. Não costumamos receber homens, quer dizer, visitas de cavalheiros à noite. Quer deixar comigo a resposta à Srta. Cooper? — sugeriu Ellen, apreensiva com o olhar faiscante do Sr. Phillips e ansiosa por vê-lo pelas costas.

Ele era um homem difícil de ser ignorado e o seu pulso disparava com a proximidade dele, tornando difícil tomar uma decisão acertada.

— Vá para o inferno! Está mesmo resolvida a me mandar embora, não é? Aposto como não faria o mesmo com o Sr. Waverly-Smythe. Diga que ele não é bem-vindo aqui depois do escurecer — desafiou Brandon, surpreendendo Ellen ao dar um passo para a frente e tirá-la do caminho.

Sem saber que resposta o acalmaria, ela sacudiu a cabeça num gesto afirmativo, para desmenti-lo, em seguida, com outro negativo.

— A Srta. Manning está na saleta, suponho. Não precisa me anunciar. Conheço o caminho — declarou Brandon, disposto a não se deixar tratar como se fosse um vendedor qualquer.

— Não, senhor. Ela está no jardim-de-inverno, lá em cima. D. Clarissa gosta de flores quase tanto quanto d. Lavínia. Ela sempre fica lá à noite, para ler — explicou Ellen, vendo a impossibilidade de convencer esse indivíduo teimoso a ir embora.

Gostaria bem se um homem desse tipo a procurasse.

— Não se preocupe, Ellen — disse Brandon enquanto subia a escada em tom menos rude. — Não vou roubar a prata-ria nem macular a reputação de ninguém desta casa, dou-lhe minha palavra de honra.

Ele virou o rosto por sobre o ombro e sorriu-lhe como se pedisse desculpas pela maneira rude de tratá-la. Tanto as palavras como o gesto convenceram Ellen a não alertar a cozinheira, como havia planejado. Fechou a porta, rezou pelo coração da patroa, caso ela viesse a saber da visita, e retirou-se para seu quarto. Se d. Clarissa tivesse puxado pela tia, controlaria o rapaz insistente sem a ajuda de ninguém.

Ao chegar ao topo da escada, Brandon hesitou. Decidido a falar com Clarissa, esquecera-se de perguntar onde ficava o jardim-de-inverno. Vendo-se à frente de uma fileira de portas, ao longo do corredor, não sabia qual delas abrir. Com toda a certeza, o jardim deveria dar para o sul a fim de receber mais sol, provavelmente sobre a cozinha e do lado oposto de onde se encontrava. Dirigiu-se para lá e experimentou a porta que julgava ser a

procurada. Aberta, ela deixou escapar um calor aconchegante e a visão encantadora de Clarissa com a cabeça curvada sobre um livro.

Sem ser percebido, ele entrou e observou-lhe o brilho dos cabelos cor de cobre sob a luz de gás. A imagem dissipou-lhe a raiva. Ela vestia a saia cinzenta e blusa branca usadas no primeiro encontro de ambos e sua aparência era de absoluta calma, especialmente se comparada à agitação que lhe provocava. Como podia ela incendiar-lhe o espírito e, ao mesmo tempo, mostrar-se tão pura?

— Clarissa? — murmurou ele ao tirar o sobretudo.

— Brandon! Pelo amor de Deus, o que está fazendo aqui? Tia Lavínia saiu.

Surpresa com a aparição súbita do homem em quem não parava de pensar, Clarissa não usou um tom de voz muito receptivo. Por que teria ele vindo? Haveria descoberto sua participação no exame? Preston dissera que as notas seriam afixadas no quadro essa tarde.

— Uma pessoa, geralmente, cumprimenta a visita antes de questioná-la, Srta. Manning.

Seu desejo por ela era intenso, porém não reconhecendo o motivo da exaltação, Brandon caiu na já familiar armadilha das palavras ríspidas de Clarissa e provocou novas.

— Boa noite, Sr. Phillips. Se pensa que não tenho nada melhor para fazer do que receber visitas inesperadas a esta hora da noite, engana-se. Devo pedir para se retirar — disse ela, ainda magoada com a recusa em acompanhá-la ao concerto. — Espero que não tenha bebido outra vez. A lição de ontem deve ter-lhe servido bem — acrescentou, refugiando-se numa estratégia ofensiva.

— Ah, sim. Ontem foi um dia inesquecível, para aborrecimento meu — declarou Brandon ao aproximar-se da lareira e encostar a testa escaldante no consolo de mármore.

Observou as chamas vorazes consumirem a lenha da mesma forma com que Clarissa lhe destruía o autocontrole.

— Aborrecimento?! Duvido — desafiou Clarissa ao se aproximar da figura imóvel do instrutor e imaginando o que teria acontecido para trazê-lo ali depois da partida abrupta dessa manhã. Nervosa demais para ser delicada, falou com franqueza: — Talvez esteja preocupado com sua situação financeira, mas pode ficar sossegado, vai me dar mais aulas. Eu gostaria bem se você não tivesse sucesso em tudo.

— Em se tratando de você, não tenho nenhum — resmungou Brandon, revelando mais do que desejava e exasperado com a facilidade de Clarissa em

detectar seu ponto fraco e atacar.

Por que não se mantinha calmo ao lado dela? Não deveria ter vindo. Essa conversa não ia levar a nada.

— Agora, está falando por enigmas e já é muito tarde para adivinhações. Se pretende demonstrar a habilidade de advogado, não vai me impressionar.

Ela sabia que deveria perguntar qual havia sido o resultado do exame em vez de espicaçá-lo, porém não conseguia formular as palavras.

— Você jamais se impressiona com nada a não ser quando Waverly-Smythe está por perto. Pois devo lhe informar que seu pretendente bajulador tirou uma nota excelente.

Graças a Deus ele começava a tocar no assunto, pensou Clarissa, que, sem ver-lhe o rosto, não podia observar a expressão angustiada.

— E mesmo? Com certeza, você agora vai se vangloriar da sua, não é?

— Infelizmente, não — respondeu ele lacônico. — Talvez sua tia tenha contratado o professor errado.

— Sempre afirmei isso — disse ela com um sorriso forçado e tentando se acalmar.

Então a dissertação de Preston tinha sido melhor do que a de Brandon. Isso, claro, não queria dizer fracasso. Ele, todavia, não se contentaria com o segundo lugar. Pelo menos, ficara registrada a presença dele ao exame. Graças a ela.

— Vamos nos sentar no sofá para você me falar sobre seu exame — convidou ela, tomando-lhe o braço.

Porém quando Brandon se acomodou, Clarissa, nervosa demais, pôs-se a caminhar de um lado para o outro.

— Na realidade, não me recorde de haver comparecido ao exame e, pelo resultado obtido, teria sido melhor se não houvesse — contou Brandon, sem saber por que o fazia com tanta sinceridade.

Ao notar-lhe a angústia na voz e nos olhos, Clarissa se apavorou.

— Está insinuando que foi reprovado? Eles não poderiam fazer isso a você, quer dizer, não creio que o reprovassem por causa de uma única dissertaçãozinha.

— Eu jamais usaria o diminutivo para classificar um exame dos alunos do último ano. Não fui reprovado, apesar do trabalho apresentado. Mas merecia ter sido, reconheço — murmurou Brandon, desconsolado e com a cabeça entre as mãos.

Ele não entendia essa confissão franca, pois se achava ali para resolver o futuro e não para angariar simpatia.

Preocupada com Brandon, Clarissa viu a necessidade de aliviar-lhe o sofrimento e acalmar o próprio sentimento de culpa. Aproximou-se por trás do sofá e colocou as mãos nos ombros dele num gesto de atenção. Devagar, como se seus dedos agissem por vontade própria, começaram a massagear os músculos tensos do pescoço de Brandon. Quando ele suspirou, mas sem oferecer resistência, sugeriu:

— Tire a jaqueta e deixe-me acalmar sua aflição enquanto me fala sobre o que aconteceu.

Por não contar havia muito tempo com o carinho atencioso de uma mulher, Brandon aceitou a sugestão sem questionar. Em instantes, começava a sentir o efeito dos dedos mágicos.

— Vá um pouco para lá e me deixe sentar a seu lado — pediu Clarissa, desejosa de afastar a barreira do móvel. — Agora, vire-se de costas para mim e relaxe.

Mais uma vez, ele a atendeu, permitindo que lhe tocasse o corpo como o fazia com o coração.

— Não sei como me explicar. Eu devia ainda estar embriagado ou delirando, para escrever tamanho lixo.

— Você leu a dissertação? — indagou Clarissa, amedrontada.

— Por alto, mas o suficiente para identificar idéias completamente estranhas a mim. Até você, acredito, pensaria duas vezes antes de confiar ao papel fantasias tão liberais, ainda mais sabendo quem as iria ler. Eu não podia estar em meu juízo perfeito quando as escrevi.

Enquanto ele descrevia os argumentos tradicionais da posição monarquista, Clarissa debatia se deveria ou não interrompê-lo. Ele precisava saber de sua participação no exame, porém o instinto a avisava de que esse não era o momento oportuno. Brandon começava a relaxar e não havia necessidade de provocar-lhe novos aborrecimentos.

Embora tivesse sido o sentimento de culpa seu primeiro motivo para acalmá-lo, uma outra emoção bem diferente a instigava a prosseguir e ser mais ousada. Escorregou as mãos pelos ombros de Brandon e tentou soltar os primeiros botões da camisa. Os dedos tremiam tanto que se não fosse a ajuda dele não teria conseguido. Afastando um pouco a peça, teve um acesso melhor aos músculos contraídos das costas. Condoeu-se muitíssimo com o mal que lhe provocara. Na tentativa de aliviá-lo, foi se tornando lânguida com o contato da pele quente. Distraída, aproximou-se mais e, sem pensar nas conseqüências, beijou-o na nuca.

Um estremecimento percorreu o corpo de Brandon. Com a mão

esquerda, tomou a dela e a levou aos lábios.

— Clarissa — murmurou em tom meigo, beijando a pele sensível da palma. — Uma vez, sonhei que você era o meu anjo e agora tenho a prova de como a fantasia pode se tornar realidade.

— Brandon, estou tristíssima com o resultado de seu exame. Talvez se não tivesse gasto tanto tempo comigo...

Dedos firmes em seus lábios a impediram de continuar. Sorridente, Brandon virou-se mais e tomou Clarissa nos braços. Não podia acreditar que a tinha tão perto, com a cabeça apoiada em seu peito nu e inebriando-o com um perfume suave. Esse era um momento de ternura. Anseios mais fortes talvez viessem depois.

— Não diga nada. Agora não é hora para tristezas — sussurrou ele ao delinear o contorno de seus lábios com o dedo, inflamando-os de desejo e tornando Clarissa o recipiente do amor e não a instigadora.

Maravilhada como seu corpo ajeitava-se tão bem ao de Brandon, Clarissa esqueceu as preocupações com o exame e aconchegou-se mais. A véspera não existia mais e o amanhã estava longe ainda. Essa noite Brandon lhe pertencia e ela não permitiria que nada interferisse na intimidade de ambos.

Como se através de um acordo mútuo, deram-se conta de estarem prontos para ingressar num universo onde palavras não eram necessárias. Os toques carinhosos de Brandon provocavam respiração entrecortada e suspiros em Clarissa. Ele a beijou nas pálpebras, no nariz, atrás da orelha e na pele sedosa do pescoço antes de chegar à boca. Encontrou lábios entreabertos e exigentes. Beijaram-se num troca plena de paixão crescente até serem dominados pela impaciência.

Ansioso por prolongar esses momentos e não querendo que a descoberta maravilhosa fosse desvirtuada por uma satisfação apressada do desejo, Brandon interrompeu o beijo e colocou novamente a cabeça de Clarissa de encontro ao peito.

— Clarissa, tem certeza... — Hesitou um instante, pois custava-lhe muito oferecer oportunidades de evasão. — Nós não precisamos...

— Nunca tive tanta certeza de alguma coisa em minha vida, Brandon — interrompeu Clarissa com ingenuidade.

Com a vulnerabilidade demonstrada na manhã do exame, ele havia lhe roubado o coração. Pois devia possuir o resto também, refletiu ela ao ficar em pé e começar a desabotoar a blusa. Ansiava por livrar o corpo daquelas limitações.

— Não, eu faço isso — disse Brandon numa voz rouca de antecipação.

Afagou-lhe os seios por sobre o tecido da blusa e pôs-se a despi-la bem devagar, apreciando cada detalhe. Clarissa tinha vontade de gritar de impaciência. Finalmente, viu-se diante dele como Eva um dia havia seduzido Adão no paraíso, a beleza do corpo jovem revelada em toda a sua glória.

Sabendo, sem sombra de dúvida, que essa seria a primeira vez de Clarissa, Brandon tomou-a nos braços num misto de reverência e determinação. Desejava proporcionar-lhe uma noite muito especial. Fitou-a, e a sua expressão de confiança era tudo que precisava ver em seus olhos. Só então, despiu-se.

— Venha cá — chamou-a para junto da lareira onde estendera a manta encontrada no sofá.

Ajoelhados, ele reacendeu-lhe a paixão com novos beijos e carícias nos seios até os mamilos, eretos, clamarem por mais atenção. Um a um, tomou-os na boca enquanto os dedos traçavam círculos cada vez mais abaixo em seu corpo, até quase incendiá-la.

— Ai, Brandon — gemeu Clarissa tentando controlar a respiração a fim de aquietar o coração disparado.

Jamais havia sido tomada por sensações semelhantes. Era como se cada fibra de seu corpo, pela primeira vez, houvesse despertado. Arqueou o corpo para trás e estremeceu ao sentir os dedos de Brandon em seu ponto mais sensível.

— Brandon?

A palavra era mais uma súplica do que uma indagação. Depressa, ele a fez deitar-se e cobriu-lhe o corpo com o dele. Ao mesmo tempo que lhe tomava a boca, vencia a proteção da natureza. Sentiu Clarissa estremecer involuntariamente e recuou um pouco para, em seguida, iniciar os impulsos rítmicos que os levariam ao êxtase. Por instinto, abraçou-o e imitou-lhe os movimentos. Eles lhe proporcionavam um prazer sem par e muito mais intenso do que jamais pudera imaginar.

— Ai... ai... Brandon!

Com exclamações de euforia, alcançaram o auge da paixão, unidos em um só corpo.

— Sim, meu amor — sussurrou Brandon.

Para ele, não deixava de ser irônico encontrar prazer tão intenso e completo com uma mulher de um mundo tão diferente. Mas, sem sombra de dúvida, tinham sido feitos um para o outro.

— Nada — respondeu Clarissa, suspirando.

As palavras jamais poderiam traduzir sua alegria profunda. Aninhou-se

melhor nos braços de Brandon, desejando que a noite perdurasse para sempre.

Com olhar sonolento e sonhador, Clarissa cumprimentou a tia na manhã seguinte.

— Fiquei sabendo que o Sr. Phillips esteve aqui ontem à noite. Ele podia ter deixado um recado para mim com Ellen. Não foi muito correto de sua parte recebê-lo, Clarissa — disse Lavínia num leve tom de repreensão.

— Tem razão, titia — concordou Clarissa, eufórica com o motivo secreto que impossibilitava uma discussão entre ambas. — Mas foi, mais ou menos, uma emergência.

— Ellen deu isso a entender. Espero que ele tenha saído cedo.

— Claro, titia — afirmou Clarissa, acrescentando mentalmente: *cedo, de manhãzinha*.

— Qual era a emergência? — Lavínia quis saber.

— Um dos professores de Brandon marcou uns trabalhos extras para serem feitos durante as férias.

Ocupada em podar um vaso de samambaia na janela, ela não deu muita importância à informação e comentou distraída:

— Muito bom para o Sr. Phillips, minha querida. Porém não entendo o que isso tem a ver com você.

— Brandon quer que eu o ajude nas pesquisas como sempre fiz com papai — explicou Clarissa ao apanhar uma laranja na fruteira.

— Não acho certo — declarou a tia, interrompendo a poda. — O Sr. Phillips é pago para ajudar em sua instrução e não você na dele. Não me entenda mal, gosto do rapaz. Mas o que seu pai diria sobre a questão?

— Ele não espera ser pago a mais pelo tempo que gastarmos juntos — contou Clarissa, munida de paciência, pois estranhava a relutância da tia.

Teria Ellen notado a hora que Brandon saíra?, conjecturou. Não, Lavínia não se mostraria tão calma se soubesse, concluiu, formulando um plano para convencê-la.

— Mesmo assim, não concordo muito, Clarissa.

— Você é quem resolve, titia — declarou ela ao começar a descascar a laranja cujo aroma invadiu o ar. — Se eu não o ajudar, Brandon não terá tempo para me dar aulas durante as férias, o que não seria mau.

— O quê? — indagou Lavínia, alarmada.

— Sem o meu auxílio, ele precisará de todo o tempo disponível para fazer os tais trabalhos. Mas isso não faz diferença. Resolva como bem entender — disse Clarissa em tom cordato demais, o qual Lavínia, se não

começasse a se preocupar e fosse mais esperta,-acharia muito contrastante com a expressão de teimosia dos olhos da sobrinha. — Afinal, eu gostaria bem de ter uma folga. Ela nos daria mais oportunidades de ficarmos juntas, titia.

— Não seria ótimo? — comentou Lavínia com um sorriso forçado enquanto procurava uma solução para o problema.

A sobrinha era uma criatura alegre e querida, porém passar quatro semanas ininterruptas em sua companhia e longe de Geoffrey? Alisou os cabelos enquanto o pânico crescia. O que deveria fazer? Vasculhando a mente confusa, teve uma idéia.

— Sabe, Clarissa, por mais tentadora que seja sua sugestão de gastarmos mais tempo juntas, eu a considero um tanto egoísta, pois ela nos forçará a fugir de nossas obrigações.

— Do que está falando? Brandon Phillips é meu instrutor e não um membro da família — argumentou Clarissa num leve tom de soberba e mordeu a laranja para esconder o sorriso.

— Minha querida, ele deu tanto de si mesmo a você que merece ser considerado como um parente — censurou Lavínia, ignorando o fundo de verdade em suas palavras. — É nosso dever auxiliar os menos favorecidos da sorte — acrescentou temerosa de fazer parte do grupo. — Se o Sr. Phillips precisa de nossa assistência, só nos resta atendê-lo.

— Tia Lavínia... — começou Clarissa.

— Sinto muito, minha querida, mas já me resolvi. Vou logo mandar um bilhete ao Sr. Phillips avisando-o de que você pode começar a ajudá-lo esta tarde. Sendo sua tia e responsável por sua conduta na ausência de seu pai, não posso permitir tanto egoísmo. E por favor, Clarissa, demonstre um mínimo de boa vontade com o rapaz.

— Vou tentar — respondeu Clarissa, disfarçando a satisfação com um suspiro de desânimo —, mas só porque você insiste, titia.

CAPÍTULO X

Horas mais tarde, Clarissa esperava na saleta pela chegada de Brandon. Ma! continha a impaciência, mas congratulava-se com o êxito obtido junto à tia. Ao envolvê-la em seu plano a tinha tornado tão ansiosa quanto ela mesma para que Brandon freqüentasse a casa diariamente. Curiosa sobre a afobação e rubores constantes de Lavínia, Clarissa suspeitava que não eram os negócios da Sociedade de Horticultura que a afastavam de Hertford Court tão amiúde. Plantas e flores não podiam exercer tanta atração. Poderiam? Contudo, não lhe competia questionar a razão para as ausências freqüentes da tia. Satisfazia-se em mantê-la sossegada a seu respeito, pois assim poderia fazer o que bem desejasse.

Mas o quê, exatamente queria?, indagou-se, pensativa. Havia se entregado a Brandon e ignorava o que ambos deveriam esperar, um do outro, dar em diante. Não tinha a mínima experiência nesse assunto. Não fazia idéia do que aconteceria a seguir. Brandon tentaria fazer amor em todas as oportunidades possíveis, ou se satisfaria com uma única vez? Como ficaria sabendo?

Embora ele lhe houvesse murmurado um sem-fim de palavras carinhosas, Clarissa tinha ouvido mulheres mais velhas e experientes comentar que os homens diziam muitas coisas no auge da paixão para esquecê-las depois. E se indagava, como muitas outras moças, se o homem encarava o ato de fazer amor como o ponto culminante de um relacionamento, ou o início.

Após avaliar as possibilidades, Clarissa concluiu que o amor encerrava muitas dificuldades. Era bem mais fácil contentar-se com um simples flerte e manter o homem interessado a uma distância conveniente. Todavia, as recompensas não eram tão grandes, admitiu ao sentir um arrepio ao longo da espinha quando se lembrou das emoções proporcionadas por Brandon.

Pela janela, Clarissa reconheceu a silhueta de Brandon aproximando-se a passos firmes, com os livros sob um dos braços. Os ombros largos a recordavam da sensação deliciosa ao acariciar-lhe a pele. Lembrava-se também como o torso amplo terminava nos quadris estreitos. Tais pensamentos provocaram-lhe outra dúvida. Em pânico, indagou-se como uma mulher cumprimentava o amante ao encontrá-lo após a primeira

incursão de ambos pelo reino da paixão. O que Brandon esperava dela? Por Deus, como gostaria de saber.

A batida da aldrava quebrou o silêncio da casa, tão sossegada após a saída de Lavínia para uma de suas reuniões de jardinagem. Em seguida, a voz vibrante de Brandon chegou-lhe aos ouvidos e, em instantes, ali surgia ele à sua frente.

Clarissa permaneceu onde estava, admirando-o, mas hesitante em se aproximar. Ela, que havia sido sempre atirada e voluntariosa, sentia-se acanhada e incerta diante desse homem atraente que fora primeiro seu instrutor aborrecido, depois um bom amigo e, então, seu amante ardoroso.

Ao vê-la imóvel, Brandon notou-lhe a tensão e o silêncio reticente. Comoveu-se e, apesar de não ter havido cerimônia alguma, comparou-a a uma noiva embaraçada. Largou os livros numa mesinha, chegou-se junto a ela e a tomou nos braços.

Através do toque leve dos lábios dele nos seus, Clarissa reconheceu uma atitude de posse que acalmou sua ansiedade. Pertencia aos braços de Brandon, não importava a opinião da sociedade.

— Ai, que coisa boa — murmurou Brandon. — Embora você seja uma tentação, outras coisas exigem nossa atenção no momento — declarou ao soltá-la e olhar para os livros.

Clarissa não conteve o riso diante da expressão desconsolada de Brandon.

— Vamos lá, um pouco de paciência. Precisamos solucionar o problema em que se meteu, Brandon.

“Não”, disse uma vozinha era sua mente, “você arranjou a confusão. Precisa lhe confessar a verdade”.

“Eu sei”, respondeu para si mesma, “mas ainda não. Tenho de esperar pelo momento certo. A fúria dele pode ser tão escaldante quanto a paixão. Este homem não faz nada com indiferença. Ele vai ficar furioso comigo, apesar de meu esforço para ajudá-lo. Juro contar-lhe tudo, mas agora é mais importante auxiliá-lo na pesquisa”.

Na tentativa de acalmar a consciência, Clarissa atirou-se ao trabalho com o maior empenho, surpreendendo e alegrando Brandon com os resultados positivos. Naturalmente reconhecia-lhe a mente sagaz, porém tal diligência significava seu interesse por ele. Até esse trabalho aborrecido tornava-se agradável ao lado de Clarissa. Trabalhavam tão bem juntos que, por um instante, ele considerou a possibilidade de fazê-lo pelos anos vindouros. Chocado, sacudiu a cabeça a fim de livrar-se de tais fantasias. Ele não estava

em condições de planejar o futuro, com ou sem Clarissa, até Humphrey se mostrar satisfeito. Embora a tentação fosse grande, não havia lugar para uma mulher em sua vida, ainda.

Mesmo assim, apesar de muito disciplinado, Brandon ergueu o olhar e admirou-lhe o perfil delicado, a curva do pescoço e a elevação dos seios sob a blusa de seda rosa. Lembrava-se da pele sedosa e do sabor dos lábios. Era de imaginar que o conhecimento íntimo de seu corpo lindo deveria ter-lhe acalmado o desejo, porém apenas instigava o ardor. A atração misteriosa continuava a estimulá-lo, percebeu ao sentir a excitação familiar. Maldição! Ele era um homem saudável e normal, mas nenhuma mulher o havia afetado dessa forma antes. Foi preciso um grande esforço para reiniciar o trabalho.

— Ora, ora, então este é o lugar onde veio se esconder? Para ser honesto, não duvidei quando você me afirmou que, talvez, viesse aqui — disse uma voz animada da porta.

— O Sr. Newcomb — anunciou Ellen atrasada e nervosa com o rapaz enérgico que a tinha ultrapassado no curto trajeto entre a porta de entrada e a saleta. — Desculpe, d. Clarissa, eu tentei...

— Não precisa se explicar, Ellen — interrompeu Brandon. — Eu assumo a responsabilidade por este cavalheiro. Reconheço a natureza impetuosa do Sr. Edward Lowell Newcomb e, se a Srta. Manning não conseguir suportar-lhe a companhia por mais de cinco minutos, iremos embora. Entre, Ned, e venha conhecer a Srta. Clarissa Manning.

— Até que enfim! — exclamou Ned. — A senhorita é muito mais encantadora do que eu tinha imaginado.

— Com certeza, o senhor ouviu muitas reclamações de Brandon a meu respeito — brincou Clarissa, bem-humorada.

— De jeito nenhum! Brandon nunca fez referências à senhorita a não ser elogiosas — garantiu Ned, rindo.

— Bem posso imaginar. Mas se o senhor jura não ter acreditado em uma única palavra dele, considero um prazer conhecê-lo, Sr. Newcomb. Se não me engano, minha tia conhece seu pai. Estou certa?

— Sim. Mas não vamos deixar esse fato nos atrapalhar, impedindo de nos divertir. Prometo não contar nada a seu respeito a meu pai, caso a senhorita não revele meu comportamento à Srta. Cooper. Se estamos de acordo, podemos agir com naturalidade e franqueza. Que diabruras a senhorita sugere? — perguntou Ned, pondo sobre uma mesinha um maço de papéis.

— Pelo aspecto do que trouxe aí, tenho a impressão de que vamos

continuar a nos distrair com algo extremamente legal

— respondeu Clarissa, rindo.

— Lamentável — queixou-se Ned. — Ainda mais com a tentação tão perto — acrescentou, fitando-a.

— Não vamos transgredir nenhuma regra, não é mesmo, Ned? — interpôs Brandon com severidade fingida ao colocar-se ao lado de Clarissa. — Especialmente os laços de amizade. Devo adverti-la, Srta. Manning, para tomar cuidado com este malandro. Ele já feriu metade dos corações femininos de Londres e nunca fala a verdade a uma mulher.

— Sou sempre sincero — protestou Ned. — Pelo menos, estou sendo agora.

— Será? — duvidou Brandon. — Mas que papéis são esses? Processo contra a quebra de palavras?

— Sabe, estive no Tribunal Real de Justiça bem cedinho hoje de manhã. Imagine eu, que detesto me levantar antes do meio-dia, fui lá procurar papéis de seu interesse, Brandon. Depois passei por seus aposentos e, como não o encontrasse, vim para cá — explicou Ned, suspirando com suposta exaustão.

— Bem, trouxe a cópia de um parecer que, talvez, lhe seja útil. Pois é, aqui estou eu, em plenas férias, trabalhando em vez de me divertir. E o que recebo em troca? Não entendo como suporta este indivíduo, Srta. Manning.

— Por favor, me chame de Clarissa e eu o tratarei por Ned — pediu ela, simpaticamente bastante com o filho de *lord* Geoffrey. — Quanto a tolerar o Sr. Phillips, só Deus sabe o quanto é difícil. Mas você deve conhecer a situação, pois Brandon é seu professor também.

— Parem já os dois de me criticar — advertiu Brandon rindo e ao tomar uma das mãos de Clarissa. — Ela não é exatamente como a descrevi, Ned?

— Sem dúvida. Só não entendo como pôde considerar irritante uma criatura tão bonita — confessou, perplexo.

Clarissa não só riu da franqueza de Ned como também se divertiu ao ver Brandon corar. Então, o bem controlado professor não tinha ficado insensível às suas táticas exasperantes nos primeiros encontros de ambos como fingira.

— Chega, Ned! Pare de falar bobagem antes que Clarissa acredite em você — avisou Brandon, planejando ser bem mais severo quando estivesse a sós com o rapaz.

A bem da verdade, preferia muito mais encontrar-se a sós com Clarissa do que com Ned.

— Seria muito bom se pudéssemos ficar conversando, mas o professor Humphrey conta com resultados rápidos e precisos. Acho bom voltar ao

trabalho — aconselhou Clarissa.

Logo, os três ocupavam-se laboriosamente em compilar textos baseados em informações de livros, tratados e processos. O silêncio só era quebrado com algum pedido de esclarecimento. Embora fosse um trabalho moroso, Clarissa sentia-se satisfeita por tomar parte nele. Ali estava ela fazendo algo útil e desafiador ao mesmo tempo, ao lado do homem por quem se apaixonara. A saleta de tia Lavínia passara a ser o lugar mais agradável do mundo em sua opinião. Nada poderia toldar-lhe a serenidade, porém ela não persistiu por muito tempo e foi quebrada com o bater da aldrava na porta da rua. Logo, Ellen aparecia para anunciar a chegada do Sr. Waverly-Smythe. A exclamação aborrecida de Ned e a expressão irritada de Brandon indicaram a Clarissa a inconveniência de receber Preston ali na saleta.

— Diga ao Sr. Waverly-Smythe para me esperar na biblioteca. Irei vê-lo em instantes — instruiu ela.

— Pois não — respondeu a criada ao sair.

Tão logo se desincumbisse da ordem, iria correndo contar a novidade à cozinheira. Imagine, a dona da casa não estava e a sobrinha recebia a visita de três homens! Esta casa já não era mais a mesma.

Embora tanto Ned quanto Brandon fossem atenciosos ao dispensá-la, Clarissa percebeu o desagrado do último. Como era possessivo, refletiu. O fato não a ofendia, pois não ameaçava seu senso de liberdade. Aliás, sentia-se estimulada com ele, admitiu, resolvida a mandar Preston embora o mais depressa possível.

— Que prazer em vê-la! — exclamou Preston ao erguer-se com a entrada de Clarissa na biblioteca. — Vim convidá-la para dar um passeio de carruagem.

— Lamento, Preston, mas um passeio está fora de questão hoje.

— Que tal uma voltinha a pé pelo parque?

— Também não. Estou ocupada, agora.

— Então, vamos andar de bicicleta. Posso ir buscar duas e estar de volta dentro de uma hora. Com certeza, aí você já estará livre.

— Sinto muito, Preston, não vai ser possível — declarou Clarissa, sorrindo da persistência dele.

— Está uma tarde lindíssima e eu gostaria de passá-la em sua companhia, Clarissa. Diga, o que posso sugerir para tentá-la? — perguntou ao tomar-lhe as mãos e sorrir.

Não entendia por que Clarissa mostrava-se tão evasiva. Com todos os diabos, como iria conseguir a recomendação de James Gregory Manning se a

filha se esquivava de sua companhia? Felizmente, ele não desistia com facilidade.

— Ah, já sei. Vou buscar uma de minhas máquinas e nós iremos tirar fotos no parque. Não será divertido?

— Você é muito amável, Preston, mas estou com visitas.

— Tudo bem, passamos a tarde aqui dentro mesmo. Por que não me leva lá para dentro e apresenta?

— Você já os conhece — disse Clarissa, não vendo uma saída para o impasse e, ao mesmo tempo, querendo evitar um encontro desagradável de Brandon com o rival.

Por que havia aceitado as atenções desse rapaz?, indagou-se ao observá-lo. Isso agora complicava tudo. Porém a culpa não cabia a Preston, pois ela o encorajara.

— Alguém que eu conheça? — indagou ele curioso, mas logo percebeu de quem se tratava. — Não me diga que é Phillips outra vez! — E a um aceno afirmativo de Clarissa, declarou: — Isso não é problema. Vamos nos livrar dele num instante e a Srta. Cooper nunca ficará sabendo.

— Não quero me livrar de Brandon — afirmou Clarissa, decidida. — Ele não veio aqui para me dar aula e sim por uma razão bem diferente.

Preston semicerrou os olhos verdes enquanto analisava suas palavras. Maldição, como e quando Phillips havia se insinuado afetivamente a Clarissa? A resposta não tinha importância, pensou decidido enquanto se preparava para lutar pelo que desejava. De forma alguma permitiria a esse pobretão superá-lo e obter a conexão com J. G. Manning almejada por ele.

— Clarissa — começou num tom de censura afetuosa —, 'você não considerava Phillips um sujeito desagradável? Quando mudou de opinião?

— Ao... ao... conhecê-lo melhor — gaguejou ela, corando profundamente. — Temos passado muito tempo juntos e Brandon sempre se mostra bondoso e gentil.

— Devia se lembrar, Clarissa, que a bondade e a gentileza dele são compradas e bem pagas por sua tia — respondeu Preston, dando vazão ao veneno destilado contra Brandon.

Porém quando Clarissa abriu a boca para protestar, ele readquiriu o controle e fechou-a com uma das mãos enquanto punha a outra em seu ombro.

— Desculpe se eu a aborreci. Não faria isso por nada neste mundo a não ser para poupá-la de um sofrimento maior — confessou com expressão carinhosa, encobrindo o ódio que sentia. — Tenho medo de Phillips estar

sendo atencioso por motivos interesseiros, talvez as credenciais de seu pai.

— Brandon nem faz idéia de quem seja meu pai, duvido muito — declarou, enérgica. — Brandon Phillips nunca mencionou nada sobre meu pai.

— Não e jamais mencionará — concordou Preston em tom suave, a fim de acalmá-la. — Ele é muito inteligente para fazer isso. Todavia, em se tratando da possibilidade de conseguir um lugar nas Inns of Court, ele pode se tornar inescrupuloso. Faça como entender, minha querida, mas prometa tomar cuidado. Sua felicidade é muito importante para mim — mentiu numa voz bem convincente.

— Obrigada por seu interesse — disse Clarissa, rejeitando as críticas desse homem contra Brandon.

Ele havia lhe provocado raiva ao expressar as suspeitas, mas os sentimentos de Preston nasciam da rivalidade. Por essa razão, encarava a interferência dele em sua vida com certa tolerância.

— Não precisa se preocupar comigo, Preston — disse numa voz menos exaltada.

— Impossível, Clarissa querida. Mas o simples fato de você ter resolvido ser amiga de Phillips, não quer dizer que precisemos romper nosso relacionamento. Passarei aqui em uma outra ocasião e, se você não estiver ocupada, faremos alguma coisa para nos divertir — disse ele numa orquestração perfeita de assentimento e amabilidade.

Clarissa não teve tempo para responder antes de Preston beijá-la, de leve, na face, e enlaçar-lhe o braço.

— Seja gentil e me acompanhe até a porta, senão, vou ficar sentido.

— Ora, ora, vejam quem está aqui — soou a voz de Ned quando Clarissa e Preston surgiram no vestíbulo a caminho da saída. — Até parece que estamos na universidade, tal o número de estudantes presentes. Brandon Phillips também está aqui — anunciou sem disfarçar o ar de satisfação. — E ele tenciona passar o resto da tarde em companhia da Srta. Manning.

Clarissa sentiu o braço de Preston, sob o seu, contrair-se. Teve pena dele apesar de achar graça no olhar malicioso e no humor malévolo de Ned.

Embora furioso, Preston conteve-se. Não seria sensato ofender o herdeiro de *lord* Geoffrey. Só lhe restava aceitar as idiotices de Ned como se não passassem de brincadeiras habituais entre colegas.

— Como vou indo embora e vocês dois continuarão aqui, considero-os os homens de maior sorte neste mundo. Voltarei em outra oportunidade quando puder ser recebido.

Sob o sorriso falso, Preston fervia de ódio. As provocações de Ned só podiam ser resultado da influência de Phillips. Mais uma vez, jurava esmagar esse pobretão maldito.

Após despedir-se de Preston, Clarissa retornou à saleta. Sua concentração no trabalho sofrerá com a visita inesperada.

Surpreendera-se com a persistência de Preston e, o tempo todo em que havia conversado com ele, pensara em Brandon esperando-a ali. Não sabia qual seria a reação dele à aparição do intruso. Só desejava que ela não estragasse o ambiente agradável reinante até então.

— Que bom, está de volta — disse Brandon com calma. — Sentimos sua falta — acrescentou sorrindo.

Não se atrevia a dizer mais nada temendo uma explosão de ressentimentos. Como lhe contar que, enquanto ela estivera na biblioteca, ele não conseguira trabalhar, consumido pelo ciúme? Também não poderia mencionar que a sua irritação tinha forçado Ned a deixar a saleta. Ele nunca havia se sentido tão desamparado como nesses momentos em que Clarissa recebera Waverly-Smythe, nem mesmo quando, em um dos navios do tio, tinha ficado perdido num mar tempestuoso durante dias. Como explicar a mágoa irracional ao ver Clarissa e Preston passarem pelo vestibulo de braços dados? Afinal, não podia se ressentir das atenções que outros homens lhe dispensavam.

Eles haviam feito amor, mas no momento, não tinha nada para oferecer a Clarissa. E não teria até se formar e conseguir trabalho como advogado. O primeiro passo seria solucionar a maldita situação atual. Com isso em mente, passou a Clarissa um maço de papéis e tentou dedicar-se ao trabalho.

Consciente apenas da seriedade de Brandon e não dos motivos, Clarissa entregou-se à tarefa designada por ele. Deveria se sentir satisfeita com o fato de a chegada imprevista de Preston não ter prejudicado a tarde agradável. Todavia, a aceitação indiferente de Brandon ante a aparição de um possível namorado seu a deixava intrigada. Talvez precisasse lembrá-lo do quanto significava para ele, refletiu, arquitetando um plano. Tendo resolvido como agir, voltou a dedicar toda a atenção à pesquisa.

O relógio acabava de bater dez horas quando Clarissa, prendendo a respiração, tentou abri-la a porta de serviço da casa da tia. Depois de girar a chave, experimentou a maçaneta, porém esta resistiu com ruídos estranhos. Não tinha encontrado tal dificuldade poucos dias atrás. Fez nova tentativa, porém o barulho resultante a amedrontou. Se acordasse Ellen e a cozinheira, nos quartos um pouco mais adiante do corredor estreito, provocaria uma

catástrofe. Jamais poderia ser apanhada ali, envolta numa capa e pronta para sair.

Embora a tia tencionasse ficar em sua companhia essa noite, não fora difícil afastá-la do caminho. À mesa do jantar, fingira inapetência e queixara-se de cansaço. Pouco depois, tinha ido para o quarto. Lavínia, que não costumava ficar acordada até altas horas, em pouco seguia-lhe o exemplo. A liberdade tornara-se acessível um pouco antes das dez, porém esse trinco, agora, a limitava.

Se ao menos conseguisse abri-lo, em uns poucos vinte minutos, estaria nos braços de Brandon. Ninguém seria capaz de identificá-la sob a capa e o capuz, mesmo assim, não lhe era muito animador aventurar-se pelas ruas de Londres sozinha e à noite. Contudo, o pavor de ser apanhada ali a deixava trêmula. Talvez devesse voltar para o quarto, refletiu ao forçar a maçaneta outra vez. O mesmo clique repercutiu no silêncio, porém o trinco cedeu.

Clarissa respirou o ar refrescante da noite e sentiu-o na pele quente do rosto como um convite animador para pôr em prática o plano audacioso. Brandon a tinha surpreendido no jardim-de-inverno na noite anterior. Nessa, era a sua vez de fazê-lo, pensou, sorrindo.

Não seria difícil chegar aos aposentos de Brandon. Já conhecia bem as ruas de Londres e, uma vez, passeando com a tia, esta lhe apontara o prédio dele. Pretendia caminhar apenas um ou dois quarteirões e, então, tomar uma carruagem de aluguel para levá-la até bem perto de seu destino. Desceria antes a fim de não levantar suspeitas desnecessárias e angariar testemunhas indesejáveis de seu comportamento arrojado. Para o bem de ambos, precisava se encontrar com Brandon logo.

De cenho carregado, Brandon empilhou as anotações. Com o auxílio de Clarissa e Ned, tinha adiantado o trabalho muito além das expectativas, contudo, sentia-se deprimido. Tal estado emocional, sabia bem, era o resultado da visita de Waverly-Smythe a Clarissa esta tarde e à maneira casual do infeliz enlaçar-lhe o braço.

Maldição! *Ele* era quem tinha feito amor com ela e não o rival! Isso deveria pesar na balança, mas, de acordo com o seu comportamento com Preston, não para ela. Mais tarde, ao tentar marcar um encontro para essa noite, Clarissa tinha dito qualquer coisa sobre ter de fazer companhia à tia. Com Ned a poucos passos, não fora possível insistir. Agora, imaginava se ela estava, realmente, com Lavínia.

Por Deus! Pensava novamente em Clarissa, apesar de haver passado quase o dia inteiro em sua companhia. Por que não se sentia satisfeito? O seu

fascínio tinha raízes no fato de ser tão genuinamente americana, ou feminina ao extremo? Pouco importava, pois de nada lhe adiantaria lutar contra esse feitiço avassalador.

Dando de ombros, Brandon começou os preparativos a fim de se deitar. Todavia, as reflexões persistiam. Achava curioso ter consciência dos motivos da ansiedade e isso não ajudá-lo a se imunizar. Talvez não fosse de estranhar a apreensão contínua de Lavínia Cooper. A pobre não tinha poder algum sobre a sobrinha imprevisível. Ele também não.

Brandon acabava de entrar no quarto e tirar a camisa, quando ouviu uma batida na porta. O que dera em Ned para usar de cerimônia?, indagou-se irritado.

— Entre! Não passei a chave ainda — gritou do quarto. Imaginou quais seriam as intenções do amigo àquela hora, depois das dez da noite. Esperava que não se tratasse de outra comemoração à base de rum. Estava exausto e não podia pensar em outra coisa a não ser entregar-se a um bem merecido sono, concluiu ao ouvir a porta abrir e fechar.

Pondo a cabeça e ombros para fora do quarto a fim de cumprimentar Ned e tentar mandá-lo embora, Brandon ficou estarrecido. Bem nó centro da sala, estava Clarissa com a capa caída a volta dos pés como uma peça de veludo, usada pelos comerciantes de pedras preciosas com o intuito de ressaltar a beleza de uma jóia. E que jóia! Banhada pela luz suave do bico de gás, ela sorria sedutora enquanto desabotoava o vestido verde-claro.

— Olá, Brandon — murmurou em voz suave e apaixonada. O efeito da visão percorreu o corpo de Brandon apagando todo e qualquer vestígio de fadiga. Incrédulo, disse:

— Clarissa, pensei que estivesse com sua tia!

— Deveria, mas consegui ludibriá-la quando percebi não poder ficar longe de você, seu malandro atraente — confessou ela com um brilho malicioso no olhar.

Brandon não conteve o riso diante de tanta franqueza. Não conhecia mulher alguma capaz de se expressar com tal sinceridade. Todas preferiam usar de rodeios e insinuações, mesmo ao tentar seduzi-lo. Clarissa, jamais! Ela sempre dizia o que pensava. Muitas vezes, o irritara com essa característica, mas agora, ele admitia suas vantagens.

— Você não se importa em receber minha visita, não é?

— É um prazer imenso. Eu não poderia pensar em coisa melhor para fazer — respondeu Brandon com um brilho de desejo nos olhos azuis.

— Ainda bem — disse Clarissa ao deixar cair o vestido e ficar apenas

com a roupa de baixo, de cambraia transparente.

Aproximou-se de Brandon e, na ponta dos pés, enlaçou-o pelo pescoço, rindo alegre. O som aqueceu o ambiente sóbrio como a luz do sol matinal.

— Sua diabinha, não sabia que não deveria ter vindo aqui? — censurou Brandon, sem esconder a felicidade.

— Ninguém me viu chegar. Eu não faria nada para prejudicá-lo — garantiu, séria.

— Não estou preocupado comigo e sim com você.

— Bobagem — disse ela ao começar a percorrer-lhe o peito com as pontas dos dedos e beijos provocadores.

— Ah, minha querida, você me leva ao desespero! Como pode ser tão insaciável?

Todavia, foi a própria avidez que levou Brandon a tomar-lhe os lábios com ânsia incontável. Clarissa entregou-se por completo à carícia, atendendo não só a carência de Brandon como também a sua, despertada por ele.

Apenas Brandon tinha libertado nela uma força estimulante vagamente percebida, antes, através de flertes inocentes com outros rapazes. Não existia nada que pudesse diminuir a magnitude de seu desejo a não ser o poder desse homem cujo sangue fervia com uma paixão idêntica à sua.

Eram como mariposas ao redor das chamas. Atraídos pela exaltação do amor, imolavam-se de bom grado, pois sabiam que, como fênix, ressurgiriam do fogo de sua união abrasadora.

Numa lentidão agonizante para Clarissa, Brandon livrou-a das roupas de baixo e, depois, despiu-se. Com olhar ávido, ela percorreu-lhe os ombros largos, o peito musculoso e os quadris estreitos. Mas foi a prova física do desejo de Brandon que a levou a estender a mão e tocá-lo. O contato com o membro rijo excitou-a ainda mais, embora há poucos instantes, ela achasse isso impossível.

Ao ouvir o gemido de Brandon, intensificou as carícias até ter a mão afastada com um gesto brusco. Ele a ergueu nos braços e levou-a para a cama no quarto ao lado.

Enquanto Brandon se inclinava sobre ela, Clarissa rodeou um dos seios com as mãos e ofereceu-o. A boca úmida e quente à volta do mamilo provocava-lhe exclamações incontidas de prazer. Mas em poucos instantes, debatia-se gemendo, chamando por Brandon e implorando-lhe pela satisfação plena.

O abandono completo de Clarissa às exigências do desejo destruiu os

planos de Brandon de fazer amor com ela de maneira prolongada e sem pressa.

Possessivo e estimulado por puras sensações, ele aprofundava cada vez mais os impulsos no âmago de Clarissa como se quisesse dar-lhe um pedaço da alma.

Clarissa igualava-se em paixão, sentindo a excitação ir dominando-a em ondas enquanto os corpos buscavam mais e mais proximidade.

Finalmente, ao pensar que não resistiria mais, entregou-se ao impacto do êxtase ao mesmo tempo que Brandon e com um gemido rouco, estremecia. Gritaram o nome um do outro, mergulhados no mais intenso prazer.

Não havia outro homem para ela exceto Brandon, reconheceu Clarissa deitada ao lado dele e intoxicada pelo amor. Sério e controlado grande parte do tempo, ele possuía emoções que, a um leve toque seu, explodiam. Aninhada entre os braços fortes, refletiu satisfeita sobre todos os aspectos do relacionamento: o sabor do proibido, o domínio que podia exercer sobre um homem tão controlado e, acima de tudo, a intensidade do amor. Sereno e puro, não obstante primitivo, dava-lhe uma segurança e uma alegria jamais experimentadas.

Sorriu satisfeita. Depois de uma comunhão amorosa tão magnífica, Brandon perceberia o quanto ela o amava. Portanto, ele não se mostraria mais tão complacente com as atenções de Preston para com ela.

Saciado, Brandon observou-a pelo canto dos olhos e estendeu o braço livre para acariciar-lhe os caracóis acobreados e absurdamente curtos. Mais uma vez sorriu de seu desapego às regras da sociedade. Tal atitude a tornava mais querida ainda. Clarissa lhe pertencia, exultou. Waverly-Smythe que fosse para o inferno, ponderou. Nada vindo desse sujeito deveria preocupá-lo.

Preston Waverly-Smythe continuava sob o umbral da porta da casa em frente à de Brandon. Carrancudo, consultou o relógio de bolso à luz do lampião de gás. Clarissa estava lá havia três horas, um péssimo sinal.

Não era a possibilidade de Phillips estar mantendo um relacionamento sexual com a moça a razão para a inveja raivosa de Preston. Enfurecia-se porque a atração de Clarissa pelo rival poderia desviar o prestígio do pai em benefício do infeliz. Depois de se desmanchar em atenções para com ela, não estava disposto a permitir tal absurdo.

E pensar que, se não fosse por mero acaso da sorte, ele não teria descoberto o envolvimento de Clarissa com o pobretão miserável.

A experiência o tinha ensinado que nada o aliviaria da tensão tão bem

quanto umas horas passadas com suas máquinas fotográficas. Ter sido obrigado a deixar a casa em Hertford Court esta tarde enquanto Phillips lá permanecia, tinha sido frustrante demais.

Por essa razão, Preston tinha resolvido ir, à noite, aos cômodos baratos em Holywell Street onde mantinha o estúdio de fotografia. Para ir ao bairro pobre, tinha de passar pela rua de Brandon, também um tanto modesta. Ao fazê-lo, viu uma carruagem parar a curta distância e dela descer uma silhueta feminina que, a passos rápidos, dirigiu-se à moradia de Phillips. Sempre disposto a angariar informações úteis, Preston escondeu-se nas sombras a fim de verificar quem era a visitante do rival presunçoso. Todavia, ele não se encontrava preparado para identificar a mulher alta e esguia que, por uma fração de segundo, parou sob a luz do lampião. O fato de Clarissa Manning ir se encontrar com Phillips nos aposentos dele o enraiveceu a tal ponto que mesmo a perspectiva do prazer com a fotografia evaporou-se.

Quando se tornou óbvio que Clarissa não sairia de lá logo após a chegada, Preston pensou em avisar as autoridades da universidade da presença de uma mulher nos aposentos de Phillips. Por duas razões, desistiu. Primeira: não convinha se afastar dali, pois Clarissa poderia ir embora enquanto estivesse ausente. Segunda: envolver a filha de J. G. Manning num escândalo seria desastroso para sua carreira.

Havia ainda uma terceira razão. Uma investigação sobre o comportamento moral de um dos candidatos ao patrocínio de Dobson e Whittaker poderia levar a sindicâncias sobre a vida dos outros. Preston não podia arriscar ter algumas de suas atividades descobertas.

Só lhe restava esperar. E isso vinha fazendo com um ódio crescente e consumidor. Finalmente, viu surgir o casal amaldiçoado, a mão possessiva de Phillips na cintura de Clarissa. O gesto deixava clara a natureza do relacionamento— entre os dois. Preston rangeu os dentes ao observá-los se afastarem depressa em direção à casa de Lavínia Cooper.

Todavia, Preston Waverly-Smythe não aceitaria a derrota. Esta noite, se consolaria bebendo e com a companhia de uma prostituta. Porém num futuro próximo, o conforto nasceria da vingança.

CAPÍTULO XI

Brandon sorriu ao apanhar-se assobiando uma alegre melodia. Não se sentia tão calmo havia muito tempo. Deveria estar exausto por ter ido dormir muito tarde e levantado ao amanhecer para uma audiência com Humphrey. Mas, para surpresa sua, um vigor inesperado o dominava, e a vida, até então sombria, parecia-lhe um céu sem nuvens.

Ao postar-se diante do espelho a fim de fazer a barba, gostou da imagem jovem refletida no cristal. Nos últimos tempos, sentira-se envelhecido, mas, por Deus, não aparentava mais muitos anos de diferença de Ned. Os lábios normalmente apertados em determinação, a testa franzida em sinal de ansiedade, mostravam-se agora relaxados.

A sua amada era, de fato, uma feiticeira, concluiu rindo ao observar-se no espelho. E como apreciava as mudanças provocadas por Clarissa! Ao pensar nela, os olhos brilharam com as lembranças da véspera à noite.

Que grande sorte a sua, reconheceu ao correr a navalha pelo rosto. Afastou a cabeça para trás e riu alto das ironias da vida. A mesma moça que agora adorava, tinha considerado uma irritação monumental até dois dias atrás. Como podia ter sido tão cego? Ninguém, no mundo, igualava-se a Clarissa em encanto, beleza, meiguice, altruísmo... Deus amantíssimo, essa litania só podia ter um significado, reconheceu Brandon. As emoções adormecidas nos últimos anos despertavam como a fúria das águas através do rompimento de uma barragem. Ele estava verdadeira e irrevogavelmente apaixonado. A imagem no espelho confirmava a descoberta.

Com passos lépidos, foi até o guarda-roupa escolher um terno entre outros bem cuidados. Ao começar a se vestir, o olhar caiu sobre a cama, cujos lençóis e travesseiros em desordem o lembraram do amor vivido. Uma excitação bem conhecida o dominou. Misericórdia, estava reagindo como um rapazinho na puberdade, porém a idéia não o perturbou nem um pouco. Apenas o medo de se atrasar para o encontro com Humphrey, refreou-lhe o entusiasmo.

Terminando a toalete, Brandon consolou-se com a perspectiva de ir a Hertford Court tão logo encerrasse a audiência com o professor. Naturalmente, o tempo ao lado de Clarissa seria gasto em consultas e anotações, mas mesmo essa tarefa cansativa se tornaria agradável em sua

companhia. Ele não tinha intenção de possuí-la outra vez na casa da tia, todavia contava com a possibilidade de alguns beijos.

Num impulso, Brandon voltou ao guarda-roupa e procurou uma caixinha de couro escondida no fundo. Ele a abriu e contemplou sua única herança de família: duas jóias. Haviām pertencido à sua bisavó que as dera à nora e esta, por sua vez, as passara para a mãe de Brandon. Quando se vira forçado a vender os bens da família para pagar os débitos do tio, ele tinha resolvido guardar as duas jóias para uma ocasião de emergência. Mas agora que o amor de Clarissa lhe aquecia o coração, ele admitia não tê-las vendido por razões sentimentais.

Havia um broche pesado, de ouro com pérolas e esmeraldas e um anel. Afastou o primeiro a fim de tomar o outro na mão. Mesmo na luz opaca do amanhecer, o enorme rubi quadrado brilhava intensamente como se refletisse o amor de várias gerações. Brandon sorriu ao pensar nas probabilidades de, um dia, colocar esse anel no dedo de Clarissa. Mas era muito cedo para alimentar tais sonhos, censurou-se. Não poderia fazer promessas antes de se formar e conseguir a bolsa para o período de residência.

Meio desafinado, Brandon pôs-se a cantarolar uma canção em moda enquanto devolvia a caixinha ao esconderijo. Nesse instante, ouviu uma voz irritada vinda da porta do quarto.

— Por Deus, nunca ninguém lhe disse o quanto é grosseiro demonstrar bom humor logo de manhã?

— Não mais do que entrar, sem bater e ser convidado, no quarto de uma pessoa — respondeu Brandon, seco.

Mas ao virar-se para o amigo, não conteve um sorriso. Ali estava Ned, com olheiras, o chapéu torto na cabeça, segurando uma cestinha de morangos e, sem dúvida, a caminho de casa após uma noite de extravagâncias.

— Eu lhe trouxe algo para comer — disse Ned começando também a sorrir, já que a música maldita tinha parado.

— Onde conseguiu morangos nesta época do ano?

— Foram cultivados numa estufa. Eu os roubei do escritório de papai. Ele foi juiz em um concurso da tal Sociedade de Horticultura e estes aqui foram os perdedores, embora estejam bem gostosos — acrescentou, levando um à boca. — Mas, mudando de assunto, qual é a razão de seu bom humor?

— Não sei a que se refere — respondeu Brandon.

— Deixe de ser fingido, Sr. Phillips — repreendeu Ned, assumindo um ar severo como se representasse, a um só tempo, o conselho da universidade, o delegado de Londres e o cabeça da Inquisição espanhola. — Quando nos

despedimos ontem, você me garantiu que ia gastar a noite trabalhando na tarefa de Humphrey. Não vai querer que eu continue acreditando nisso depois de constatar as evidências ao contrário, como a desordem deste quarto e sua exuberância. Confesse logo. O que aprontou ontem à noite?

— Agora, não, Ned. Tenho menos de meia hora para chegar ao escritório do velho Humph — esquivou-se Brandon.

— Se vai levar tanto tempo para contar, entendo o seu bom humor — comentou o amigo com ar malicioso.

Embora aprovasse muitíssimo qualquer aventura de Brandon, ele não ia deixar passar em branco a oportunidade de retribuir-lhe as inúmeras admoestações que sempre se via obrigado a ouvir.

— Olhe aqui, Phillips, não posso admitir que meu professor particular seja reprovado sob a acusação de receber mulheres em seus aposentos. O fato repercutiria em minha reputação. Trate de mudar seu comportamento, senão acabará sendo chamado pelo conselho universitário a fim de explicar seus hábitos amorosos.

— Ora, vejam só quem está falando! — caçoou Brandon. Gostava de Ned como se fosse seu irmão mais novo, mas agora via a inconveniência irritante de se ter um. Felizmente, era filho único.

— Esses dias acabaram — protestou Ned, rindo. — Nunca mais vou receber mulheres em meus aposentos, aqui em casa.

— Não diga! Todas lhe deram as chaves dos delas?

— Nada disso, meu velho. Segui o exemplo dos estudantes mais experientes e aluguei um em outra parte da cidade. Apesar de não ser uma área muito residencial, não se corre tanto perigo de se encontrar alguém conhecido.

— Quantas vezes já lhe chamei de incorrigível desde que nos conhecemos? — indagou Brandon, fingindo-se de bravo.

— Se não me engano, pelo menos uma dúzia de vezes — respondeu Ned sem se impressionar com o tom de repreensão.

— Pela sua atitude, não foi o suficiente.

— Se você houvesse conseguido me corrigir eu não poderia lhe oferecer isto agora — declarou Ned ao tirar uma chave do bolso e colocá-la na mão do amigo.

— Do que se trata?

— Não reconhece? O endereço é Eleven Derham Court. No momento, só estou usando o lugar às terças e quintas-feiras, à noite, depois das oito horas. Fora isso, o lugar está a sua disposição.

— Ned! — exclamou indignado e tentando devolver a chave.

— Você não iria lá sozinho, portanto não deve tomar uma decisão antes de conversar com a moça, seja ela quem for — aconselhou Ned numa tentativa de deixar o professor e amigo numa situação menos constrangedora.

— Ned, tenho de chegar ao escritório de Humphrey na hora marcada — disse Brandon, enfiando a chave no bolso. — Mas ainda tenho tempo para perguntar o que você andou fazendo esta noite. Pelo seu jeito, não viu cama, pelo menos uma em que dormisse.

— Quem, eu?! Fui a um teatro de variedades, vi o espetáculo em The Palace, dei uma chegadinha a um clube privado e andei um pouco pelas vizinhanças de meus novos aposentos. Se você tivesse mais tempo, eu descreveria a moreninha que vi em The Palace. Ela...

— Não é à toa que seu pai se desanima com você — comentou Brandon, rindo. — Tenha paciência, Ned, você é um estudante de Direito e não um diletante.

— Não sou o único a freqüentar esses lugares para apreciar suas exposições artísticas. É preciso mais de uma pessoa para manter os negócios — defendeu-se Ned.

— Aposto como os outros freqüentadores não são calouros da universidade. Esses têm mais juízo.

— Acertou, são dos últimos anos — afirmou Ned. — Vi uns oito deles em minhas andanças de ontem, inclusive Waverly-Smythe.

— Preston? Onde estava ele?

— Eu o avistei da janela de minha sala.

— O que fazia por lá? — conjecturou Brandon.

— O mesmo que eu, divertia-se. Abraçava duas moças, uma de cada lado. Foi embora e voltou uma hora depois para apanhar uma terceira. Isso é que chamo de energia!

— É difícil imaginar o aristocrático Waverly-Smythe numa área tão modesta.

— Talvez seja a presença de tipos como os de Preston que torne o lugar deselegante, de mau gosto. Mas meus aposentos e móveis são de qualidade, eu lhe garanto. Quando tiver oportunidade, vá ver — recomendou Ned, abafando um bocejo.

Comeu mais um morango e dirigiu-se para a porta. Ia embora, pois estava morto de sono. Porém virou-se e disse ainda:

— Sabe, Brandon, estou muito contente por você ter encontrado alguém.

Já era tempo de gozar alguma alegria na vida. De acordo com seu excelente estado de espírito, isso está acontecendo.

— Embora você seja um ótimo amigo, Ned, ainda não estou preparado para conversar sobre esse assunto com você — declarou Brandon em voz baixa, mas firme.

— Graças a Deus não vou ter de me preocupar mais com você. Meu sofrimento acabou. Tinha certeza de que você acabaria sendo um empedernido bibliófilo, rabugento e inacessível como Humphrey. Felizmente, tomou o caminho certo agora — concluiu com a costumeira expressão maliciosa e afastou-se correndo antes de ser atingido pelo livro atirado pelo amigo.

Rindo das tolices de Ned, Brandon reconheceu o valor da amizade entre ambos. Era difícil encontrar uma tão franca e desinteressada, refletiu ao colocar algum dinheiro no bolso. Ao fazê-lo, seus dedos tocaram a chave. As possibilidades oferecidas por ela tomaram conta de sua imaginação. Talvez Ned tivesse razão. Deveria conversar com Clarissa sobre o oferecimento dos aposentos e pedir-lhe para decidir a questão. Para o bem dos dois, não seria bom ela voltar a aparecer ali a altas horas da noite. Tal risco poderia destruir-lhes a vida. Com essa idéia em mente, Brandon saiu para a audiência com o professor. A chave no bolso queimava-lhe a pele como dinheiro algum jamais o faria.

Apressada, Clarissa entrou na pequena e pouco usada biblioteca da tia. Brandon chegaria em menos de uma hora e ela ainda tinha muita coisa para fazer. O tempo teria sido suficiente se não houvesse ficado na cama até tarde, censurou-se. Porém, sentira uma preguiça imensa sob o aconchego dos cobertores e com a lembrança deliciosa da visita a Brandon. Por isso, tinha se levantado e começado o dia atrasada.

Quando descera, a tia já estava de saída para a segunda fase de um concurso de morangos na Sociedade de Horticultura. Afobada, havia perguntado pela indisposição da sobrinha na véspera e, mal ouvindo a resposta, descera os degraus rumo à carruagem à sua espera.

Deixada por conta própria, Clarissa tinha desperdiçado boa parte do tempo disponível sonhando acordada. Apenas poucos minutos antes de Brandon chegar, lembrara-se de consultar um dos livros escritos pelo pai. Apesar de não se relacionar diretamente com o tópico escolhido por Brandon na defesa de Rhodes, talvez fornecesse material valioso em ações de reintegração de posse.

Clarissa pensava encontrar o livro numa das estantes. Atencioso, o pai

sempre enviava à cunhada uma cópia de cada nova publicação sua, mesmo sabendo que não seria lida. Ao percorrer os olhos pelas lombadas dos livros, sorriu divertida. Ao lado de volumes sobre plantas e flores, estava uma edição de *Shakespeare da Família*, de Thomas Bowdler. O autor não acrescentava nada ao texto das peças do bardo, porém orgulhava-se de haver expurgado todas as palavras e expressões consideradas impróprias pelos bons costumes. Bem característico de tia Lavínia tentar civilizar até mesmo Shakespeare, refletiu Clarissa.

Vendo alguns livros para fora do alinhamento no canto de uma prateleira baixa, tentou arrumá-los, porém encontrou resistência. Retirou-os e encontrou outros atrás. Puxou-os também a fim de ordená-los melhor e não conteve o riso ao ver que eram vários romances picantes de Ouida.

Sob esse pseudônimo, Marie Louise de La Ramée, tinha escrito dúzias de livros sobre amor e paixão. Dizia-se que mulheres decentes não liam esse tipo de literatura, porém os romances eram muitíssimo bem vendidos. Pelo jeito, Lavínia tinha comprado sua quota. Quem haveria de pensar que ela era admiradora de Ouida! Ela gostava de romances excitantes, concluiu, ao esconder novamente os livros. Tencionava subtraí-los, um a um, em ocasião oportuna, para lê-los. A tia, mulher fina e de maneiras exemplares, possuía outras características surpreendentes, apesar de bem dissimuladas.

Clarissa passou os dedos pelas lombadas dos livros, em todas as estantes, tentando encontrar os do pai, mas sem êxito. Perguntaria a Lavínia onde os guardava, resolveu, desistindo da busca no momento em que uma voz masculina e conhecida a cumprimentava.

— Bom dia, minha querida. Ellen me informou que você estava aqui e eu lhe disse para não se dar ao trabalho de me anunciar. Está um dia lindíssimo para ficar escondida entre livros, não concorda?

Clarissa virou-se para cumprimentar o homem que, parado junto à porta, a observava com olhar intenso.

— Olá, Preston. Não esperava sua visita hoje.

— Não mesmo, imagino — respondeu ele em tom cordato. As maneiras afáveis do rapaz encobriam completamente o ódio que alimentava desde que a vira sair dos aposentos de Phillips. Mas, no momento, não convinha deixá-la saber que a tinha visto nem como ele se sentia. Precisava ser o mais encantador possível a fim de atrair Clarissa para longe daquele malandro com pretensões a cavalheiro. Talvez não tivesse sido Phillips quem a seduzira na noite anterior, Ela poderia, muito bem, ter querido um homem que a levasse para a cama. Se esse fosse o caso, refletiu Preston, teria o máximo

prazer em servi-la.

Entretanto, Clarissa Manning poderia não querer nada com ele. Mesmo assim, ele continuaria a cobiçá-la, ou no mínimo, os favores que, certamente, lhe prestaria. Por esse motivo, não deveria afugentá-la. Representaria o papel de pretendente apaixonado e sofredor, disposto a se contentar apenas em ser um bom amigo, caso a amada não aceitasse seu amor.

— Pensei em lhe fazer uma surpresa — começou fingindo-se de tímido.
— Não quer ir jogar tênis comigo?

— Ah, Preston, agradeço muito, mas não posso. Já tenho outros planos — disse Clarissa em tom amável mas firme, na esperança de que ele fosse embora antes de Brandon chegar.

— Talvez amanhã — sugeriu ele com ar desapontado.

— Também não será possível — respondeu ela, consciente da situação embaraçosa.

— Entendo — murmurou Preston com o grau certo de tristeza na voz.

Deus amantíssimo, não pretendia causar sofrimento a Preston, reagiu Clarissa, por isso não suportava ver-lhe a expressão magoada. Afinal, tinha aceitado e incentivado suas atenções antes de se envolver com Brandon. Sentia-se em débito com ele e isso era insuportável. Porém ao consultar o relógio na parede e constatar que Brandon chegaria dentro de vinte minutos, desejou uma solução fácil e rápida para a situação incômoda e desagradável.

Preston, por seu lado, estava ansioso para angariar a simpatia de Clarissa, já que o afeto parecia impossível. Tentaria provocar-lhe sentimento de culpa e levá-la a pressionar o pai a fazer algo por ele. Enfim, esse era o ponto importante. Mas não desistiria de afastar Phillips de cena.

— Não é muito apropriado mencionar — começou ele como se sentisse dificuldade em se expressar. — É que... Bem, não sei se o meu comportamento atirado de poucos dias atrás não a fez me encarar sob uma luz negativa e...

— Por favor, Preston, você não tem...

— Mas eu preciso, Clarissa — declarou ele, imaginando como seria divertido ver a rameira de Phillips fingir-se de pura. — Entenda, eu não a ofenderia por nada deste mundo. Em sua inexperiência, você ficou chocada, mas eu, encantado, perdi o controle e...

— Preston, pelo amor de Deus! — exclamou Clarissa.

— Diga que me perdoa — implorou ele. — Prometo nunca mais me comportar de forma tão deplorável.

— Perdôo, claro. Mas...

— Com toda a sinceridade e a ponto de ainda me considerar um amigo? Só me atrevo a almejar nossa amizade.

— Sim, sem dúvida, Preston, ainda somos amigos — afirmou Clarissa, aliviada ao descobrir o pouco que ele exigia.

Não haveria mal algum se o relacionamento fosse discreto e cauteloso. Preston merecia tal atenção.

— Para sempre? — perguntou ele em tom meigo.

— Naturalmente — concordou Clarissa, sorrindo.

— Posso vir visitá-la de vez em quando para saber como está indo?

Comovida com essa demonstração de generosidade e compreensão, Clarissa assentiu com um gesto de cabeça. Ele era um homem maravilhoso. Se não houvesse conhecido Brandon, talvez tivesse se apaixonado facilmente por Preston Waverly-Smythe.

Duas semanas mais tarde, Lavínia encontrava-se na biblioteca. Há muito tornara-se hábito seu cuidar da correspondência às segundas e quartas-feiras antes do chá. Havia sempre um sem-fim de cartões, de agradecimento ou felicitações, para serem escritos. A tarefa se tornava menos árdua com a perspectiva de alguma guloseima a ser saboreada depois.

— A cozinheira fez torta de cereja hoje para a senhora, d. Lavínia — anunciou Ellen ao entrar e colocar a bandeja, em uma mesinha a seu lado.

— Clarissa não vai tomar chá? Só há uma xícara — reclamou a dona da casa.

— D. Clarissa avisou para não esperar por ela. Saiu para fazer pesquisas com o professor, eu acho.

— Minha sobrinha tornou-se mesmo muito estudiosa, Ellen. Ocupada de manhã com seu próprio trabalho e à tarde com o do jovem Phillips, nós quase não a vemos mais. Mas como o filho de Geoffrey está sempre com eles, não precisamos nos preocupar — comentou Lavínia mais para si mesma do que para os ouvidos da criada.

— Tem razão, senhora. — concordou Ellen, embora alimentasse dúvidas a esse respeito.

O jovem Newcomb podia fechar os olhos às aventuras do amigo, especialmente se tivesse puxado ao pai. Phillips, com certeza, tinha feito isso inúmeras vezes às extravagâncias de Ned. Nada impossível que este, agora, retribuísse tais favores, considerou ela.

— Quer que eu sirva o chá, senhora? — ofereceu.

— Não, obrigada. Vá ver se chegaram outras cartas na distribuição da tarde e providencie para estas serem postas no correio — disse Lavínia,

entregando-lhe um maço de envelopes. — Mal acabo de responder a umas, chegam outras. Ainda bem que aos domingos não entregam correspondência, senão eu nunca ficaria em dia com a minha — queixou-se.

Ellen saiu e, pouco depois, voltava com novas cartas. Ao ler o nome dos remetentes, Lavínia contou alegre:

— Há uma de James Gregory. Ele vai ficar muito orgulhoso do amadurecimento de Clarissa e de sua dedicação aos estudos. Para mim, é um grande alívio. Mal posso acreditar em sua transformação.

Sem dúvida, a menina estava muito aplicada, pensou Ellen ao sair da biblioteca, mas não aos estudos. Se a patroa não reconhecia o fato, não seria ela quem iria alertá-la.

Após a porta se fechar, Lavínia abriu e leu a carta do cunhado com interesse. Ele sempre descrevia as viagens com certo laconismo, o que só aguçava-lhe a curiosidade e tentava-a a ir conhecer o continente. Costumava mencionar isso a Geoffrey. Dessa vez, entretanto, James Gregory falava pouco sobre os lugares visitados. Grande parte da carta referia-se à filha e à aprovação pelas providências tomadas por Lavínia. Lamentava apenas a demora da carta, comunicando-lhe a expulsão de Clarissa da Academia Briarley, em alcançá-lo nas idas e vindas constantes entre várias cidades.

“Clarissa, às vezes, é muito teimosa e precisa de mão firme”, escrevia ele. “Você contornou a situação muito bem. Humphrey foi a escolha acertada para orientá-la na busca de um professor particular. Talvez a idéia de ter um haja partido de Clarissa, porém você agiu da maneira mais conveniente possível. Eu a congratulo e aprecio seu interesse por minha filha. Espero poder recompensá-la. Quem sabe você não gostaria de conhecer o sul da França? Falaremos a respeito quando eu terminar esta viagem de conferências e chegar aí. Até lá, muito obrigado por seus sacrifícios.”

Ela, na Riviera Francesa, ou melhor, ela e Geoffrey, pensou Lavínia, entusiasmada. Que roupas levaria?, indagou-se. Mas se o cunhado ficara satisfeito com a solução do problema, exultaria ao saber dos resultados. Não podia deixá-lo pensar que a idéia do professor particular tinha sido de Clarissa e não sua. O melhor seria responder a carta imediatamente.

Prezado James Gregory,

Num esforço para encorajar o amor de Clarissa pelo estudo, contratei aulas extras com o mesmo jovem cavalheiro. Apesar dos contratempos provocados em meus hábitos, ela agora tem aulas diárias e não apenas duas vezes por semana. A instrução intensa recebida de Phillips vem lhe mudando o comportamento de forma admirável. O fato, meu caro James, chega quase a me convencer que a sua defesa da educação

feminina tem um certo valor.

Decidida, Lavínia continuou a escrever e logo já tinha preenchido três folhas de papel com sua letrinha miúda. Mencionou os aspectos mais interessantes da situação, porém teve o cuidado de não se referir à ida da sobrinha ao museu em companhia do instrutor. Afinal, até a tolerância de um pai americano tinha seus limites.

Sob o afeto de Brandon, Clarissa florescia mais e mais a cada novo dia. A sociedade a condenaria se soubesse de seu relacionamento amoroso, porém ela não o considerava pecaminoso. Atravessava um período sereno de sua vida, reconheceu certa tarde ao dar um maço de papéis a Brandon. Desde o momento em que ele lhe entregara uma cópia da chave dos aposentos de Ned, a existência de ambos passara a ser matizada por horas infindáveis de paixão imensa. Em dias ensolarados como esse, gastos em atividades acadêmicas, as lembranças delas tornavam a tarefa quase insuportável para Clarissa.

— Muito bem, crianças, uma pausa no trabalho agora. Vejam o que o velho Ned trouxe — soou a voz animada do amigo precedendo-o à saleta.

O esforço de concentração de Clarissa esvaiu-se por completo. Precisava mesmo interromper a tarefa exaustiva.

A maneira metódica de passarem o dia estabelecera-se tão depressa que Ellen não questionava mais a chegada de Ned, ponderou Clarissa, sorrindo. Ela e Brandon gastavam a manhã com seus estudos, almoçavam juntos e, à tarde, dedicavam-se às exigências crescentes de Humphrey. Havia adotado Ned quase como um mascote e ele aceitava o posto com satisfação. Aparecia sempre, um pouco antes da hora do chá, com algo para entretê-los. Às vezes tratava-se de uma novidade bisbilhoteira, em outras, de parágrafos obscuros de alguma lei, ou ainda sugestões para programas. Em uma única ocasião, trouxera uma jovem para conhecê-los. Consciente das saudades que sentiria quando as férias da universidade terminassem, Clarissa tentava usufruir ao máximo da convivência dos três. Brandon e Ned a tinham levado para ver o trabalho de Madame Tussaud, e a semelhança das obras em cera com os presidentes americanos a fascinara. Havia ido também à Torre de Londres e fazer um passeio pelas áreas subterrâneas de Londres. Lavínia se escandalizaria, caso soubesse que a sobrinha se expusera ao ar sulfúrico desses lugares. O Jardim Botânico Real e Kew eram considerados locais bem mais apropriados para uma jovem conhecer.

— Ned, não pode esperar um pouco? — protestou Brandon sem muita energia. — Precisamos só de mais uns minutinhos para terminar esta leitura.

Ela poderá nos fornecer a evidência procurada.

— Até amanhã quando você descobrir uma nova fonte de informação para ser consultada — disse Clarissa com um sorriso. — Nosso carcereiro está nos liberando mais cedo hoje. Vamos aproveitar. Está na hora de nos distrairmos um pouco — disse enquanto fechava o livro roçando-lhe as mãos bem devagar.

— Vou lhe dizer como vamos nos distrair — murmurou Brandon ficando em pé e ousando tocá-la nos quadris.

— Esqueça, tenho uma ótima sugestão — aparteou Ned antes de desenrolar algo estranho.

— Duvido muito, mas quero saber do que se trata antes de julgar — provocou Brandon ao piscar para Clarissa. — Isso? ! Duas varetinhas e um pedaço de papel de seda? Por que estaríamos interessados...

— Ai, Brandon, é um papagaio! — exclamou Clarissa animada, examinando o brinquedo mais de perto. — Foi você quem fez, Ned? Ele sobe?

— Minha cara, se eu o tivesse feito, o coitado não sairia do chão. Mas como não foi habilidade minha, aposto como voará bem alto. Vá vestir seu casaco a fim de sairmos. Passei a mão em duas garrafas de vinho de meu pai e apanhei frutas e queijo. A carruagem dele está aí, esperando para nos levar ao parque Battersea. O tempo está ótimo!

— Para empinar papagaio? — indagou Brandon, incrédulo.

— Não me diga que não sabe, meu velho. Não conheço ninguém que não tenha feito isso na infância — disse Ned.

— Nem todo mundo — discordou Clarissa. — Mas é muito fácil e divertidíssimo, Brandon. Vai aprender num instantinho e adorar sentir como o vento leva o papagaio às alturas e, de repente, o trás de volta a seus pés. É quase como a elevação das emoções de duas pessoas e... — parou confusa, mas o sorriso do amante mostrou-lhe ter sido compreendida. — Vamos, por favor — pediu.

— Ir aonde, meus queridos? — perguntou Lavínia ao entrar na saleta.

— Ao parque Battersea empinar papagaio, Srta. Cooper — respondeu Ned. — Meu pai costumava distrair minhas irmãs com essa brincadeira e eu achei que sua sobrinha gostaria de passar umas horas ao ar livre, praticando-a.

— Muito atencioso por parte de seu pai, e da sua também, meu rapaz — comentou Lavínia, sorridente. — Lá se vai o tempo em que eu apreciava correr puxando a linha de um papagaio dançarino! Se não fosse por meus compromissos, eu os acompanharia para matar as saudades. Divirtam-se

bastante.

— Obrigado, Srta. Cooper. Não se preocupe com Clarissa. Tomarei bem conta dela. Com sete irmãs, eu me tornei muito experiente como acompanhante de casais, apesar de indesejado — explicou Ned bem sério e sem dar atenção ao olhar zangado de Brandon.

— Calculo. Esteja de volta antes do jantar, Clarissa. Nem mais um minuto depois das seis e meia — recomendou Lavínia numa demonstração de autoridade.

Na verdade, não sentia a mínima preocupação quando o filho de Geoffrey acompanhava a sobrinha e o professor. Ele era um rapaz muito ajuizado.

— Empinar papagaio, não é? — reclamou Brandon ao ajudar Clarissa a subir na carruagem.

— Ora, essa idéia vai lhe proporcionar um ótimo passeio neste dia lindo de primavera — argumentou Ned.

— Que eu saiba, três continua sendo demais.

— Vai deixar de ser quando eu apanhar Miranda. Tenho um papagaio para você e Clarissa e outro para nós dois. O parque é bem grande, você sabe. Depois de descermos da carruagem, talvez não nos vejamos por umas boas horas — disse o maroto simpático, piscando um dos olhos.

— Ned, você não tem conserto — censurou Brandon, rindo divertido e já antecipando beijos apaixonados.

— Somos muito gratos a você, Ned — interpôs Clarissa ao se aconchegar a Brandon.

— Bobagem. Apenas tratem de empinar papagaio por algum tempo a fim de terem respostas, caso meu pai e a Srta. Cooper perguntem sobre nosso sucesso com o brinquedo.

— Naturalmente — concordou Clarissa meio encabulada.

— Tenho o pressentimento de que Brandon alcançará novas alturas hoje.

Alguns dias mais tarde, Brandon irritava-se ao vestir as roupas emprestadas, um terno a rigor conseguido por Ned a fim de acompanharem Clarissa e Lavínia ao teatro. Os olhos azuis faiscavam diante do espelho enquanto ele tentava dar o laço na gravata de seda. Fazia anos que ele não via necessidade de usar tais roupas.

— Ned, não entendo como me deixei convencer por você — queixou-se ao perder a batalha para a tirinha de seda. — Estou me sentindo um macaco nesta vestimenta.

— Bem, você realça mais o terno do que um símio. Fique quieto um

instante e eu dou o nó nessa gravata — ofereceu o amigo impecavelmente vestido. — Você quer estar à altura de Clarissa, não quer? Além do mais, já está na hora de a Srta. Cooper começar a vê-lo como admirador da sobrinha e não apenas como seu instrutor.

— Pois ela que olhe para o homem e não para as roupas. O que há de errado com meu terno cinza?

— Nada, exceto estar velho e fora de moda. Se quer mesmo assistir a uma estréia no teatro...

— Esse é o ponto — interrompeu Brandon, exasperado com a necessidade de satisfazer as exigências fúteis de alguém. — O plano foi seu e da tia idiota.

— Com alguém tão adorável quanto Clarissa a seu lado, você tem de estar à altura. Especialmente com Preston sempre à espreita para tomar seu lugar. Se recusasse mais um convite, a Srta. Cooper começaria a questionar sua educação e não seu guarda-roupa.

— Lavínia que vá para o inferno! — exclamou Brandon, aliviado por encontrar alguém em quem descarregar a irritação. — O que ela sabe a meu respeito e de Clarissa?

— Ah, ela continua na ignorância. Vocês não correm perigo de serem descobertos se continuarem a se comportar com discrição. Entretanto, Brandon, de vez em quando você precisa ceder às expectativas da sociedade, caso queira ser aceito pela família de Clarissa. Não vai poder usar meus cômodos em Derham Court para sempre, você sabe. O que vai acontecer quando o pai de Clarissa chegar? Permitirá que ele a leve de volta para os Estados Unidos?

Brandon não respondeu à indagação de Ned, porém ela lhe martelou a cabeça durante o espetáculo no teatro, na volta para casa e até o amanhecer. O amigo tinha razão. Esse último mês tinha sido uma fantasia deliciosa, porém havia o futuro para ser considerado. Apreciava o que tivera, mas queria muito mais.

Desejava Clarissa de corpo e alma, sem reservas, para sempre. Esperava dela o que estava preparado para lhe retribuir.

Mais uma vez, Brandon procurou a caixinha de jóias no guarda-roupa. Examinou as peças usadas pelas mulheres da família como símbolos do amor de seus homens. Talvez já estivesse na hora de o anel brilhar novamente no dedo de uma linda mulher, refletiu.

Todavia, o orgulho o impedia de oferecer a jóia na atual situação financeira precária. Esperaria mais um pouco, apesar do medo de perder

Clarissa. Tão logo fosse aceito por Dobson e Whittaker, estaria em posição de lhe ofertar não só o anel como também a promessa de um futuro feliz.

CAPÍTULO XII

Finalmente chegara a tarde de sexta-feira, refletiu Brandon, aliviado ao chegar em casa após outra sessão com Humphrey. O inquisidor tinha determinado mais duas pesquisas para a quarta-feira seguinte. Por Deus, o homem era irascível e insaciável! A bem da verdade, ele lhe dera a oportunidade de provar seu valor, mas atravessava o inferno para satisfazer as exigências do velho mestre. Um dia lhe seria grato, advertiu-o a parte argumentativa de sua mente de advogado. Talvez Humphrey quisesse uma prova cabal de que ele não apresentaria outro lixo semelhante ao exame. Seis semanas já haviam passado e ele ainda não acreditava ter sido o autor daquela barbaridade.

Talvez, raciocinou ao começar a subir a escada devagar, devesse apenas terminar o último ano de estudos e se contentar em ser empregado de algum advogado, no campo, como Preston sugerira. Assim teria mais tempo para gastar consigo mesmo em vez de viver correndo entre a universidade, a biblioteca, as aulas particulares, as sessões com Humphrey e, claro, os encontros com Clarissa.

Ah, mas estes valiam toda a sorte de sacrifícios. Sorriu feliz, antecipando o dessa noite nos aposentos de Ned. Pelo tempo que passavam lá, ele deveria pagar parte do aluguel.

Colocando os livros sob o outro braço, Brandon enfiou a mão no bolso a fim de apanhar a chave. Precisava correr, pois não tinha muito tempo para se aprontar e chegar lá na hora combinada.

Clarissa compensaria as atribulações do dia. Cada vez mais, sua beleza, meiguice e paixão aumentavam. Ele mal podia se lembrar da moça voluntariosa e mordaz que era quando se conheceram. Seu olhar amoroso o estimulava quando já se encontrava cansado demais para continuar a ler, suas palavras encorajavam-lhe o espírito, as batidas do seu coração junto ao dele, ao fazerem amor, o lembravam o milagre da vida. Quando abriu a porta, Brandon viu uma carta no chão, fato estranho, pois não tendo parentes, sua correspondência limitava-se a avisos da universidade em épocas específicas. Talvez fosse de Clarissa, avisando não poder ir ao encontro marcado. Não, a letra não era dela. Aberto o envelope, começou ler.

Meu caro Sr. Phillips,

Foi com uma certa apreensão que me inteirei do fato de minha cunhada ter contratado um estudante de Direito para dar aulas para a minha filha. Como já deve ter descoberto, a menina tem uma propensão marcante para armar confusões quando lhe dão oportunidade.

Sem dúvida, o homem conhecia bem a filha, pensou Brandon, rindo. Lembrando-se de como Clarissa aparecera vestida para a aula na segunda-feira, ele tinha de concordar com o pai. Com uma saia aberta do lado e calções, ela insistira que seria tão fácil estudar Ptolomeu num passeio de bicicleta como na saleta da tia. Clarissa possuía a habilidade de, repentinamente, desmanchar os melhores planos de uma pessoa, embora nem sempre com resultados negativos. Mesmo o relacionamento amoroso entre ambos não era exatamente como ele antecipara. Todavia, não tinha do que se queixar. Sorriu e voltou a se concentrar na leitura da carta.

Espero que me desculpe por ter tomado a liberdade de entrar em contato com Michael Humphrey. Mas somos velhos amigos e o instinto protetor de um pai não pode ser ignorado. Bem, recebi as mais elogiosas referências a respeito de sua escolaridade, dedicação aos estudos e comportamento em geral, e desejo congratulá-lo. Com esses comentários tão bons sobre seu sucesso, meu rapaz, posso lhe garantir que a residência, sob o patrocínio de Dobson e Whittaker, será sua, caso o senhor a deseje.

“Minha?! Com todos os diabos, quem esse americano pensa que é? Só por que estou dando aulas para a filha, ele vai me abrir a porta para a estabilidade na carreira?”, conjeturou Brandon, incrédulo, ao baixar os olhos para a assinatura da carta. James Gregory Manning. Manning?!

Deus misericordioso, como podia ter sido tão estúpido? Os livros de J. G. Manning constituíam leitura obrigatória desde o primeiro ano do curso de Direito! Sempre o imaginara um velho. Tendo escrito catorze livros, ele não poderia calcular que o homem fosse jovem o suficiente para ser pai de Clarissa. Sentindo-se um perfeito idiota, atirou-se numa cadeira e reassumiu a leitura.

Conheço os dois advogados muito bem. Algumas palavras minhas e a sua ficha acadêmica impecável serão suficientes para lhe assegurar a carreira. Por outro lado, uma pessoa capaz de domar minha filha desordeira trata-se de alguém que eu gostaria de ter por perto. Sendo assim, talvez pudéssemos considerar uma posição minoritária para o senhor em minha firma de advocacia em Filadélfia. Trataremos do assunto quando eu chegar a Londres.

Atenciosamente,

James Gregory Manning

Aturdido, Brandon fitou a assinatura firme. Quem acreditaria que, até

esse dia, ele não sabia quem era o pai de Clarissa? Que jamais tinha feito ligação alguma entre a jovem animada, de cabelos cor de cobre, e o famoso advogado a quem julgava ser um ancião?

Mas Preston sabia, refletiu de repente ao pôr-se de pé e a caminhar de um lado para o outro. Claro, aí estava a explicação pelo interesse do rival em dar aulas para Clarissa, concluiu ao tentar absorver o impacto da carta.

— Maldição! Não só não sabia estar lecionando à filha de uma das maiores sumidades do mundo em Direito como também duvidei de sua capacidade de aprendizado — balbuciou consternado.

Por que Clarissa não havia se identificado? Se lhe perguntasse, ela responderia que não importava quem seu pai fosse. E estava certa, pois o conhecimento do fato não lhe teria mudado o comportamento. Afinal, esforçava-se para ser um bom professor...

“E um melhor amante”, soou uma voz de censura em sua mente. “Depois de acusar Ned tantas vezes de quebrar promessas de casamento, você comprometeu a filha de J. G. Manning. E agora o homem lhe oferece, numa bandeja, o ingresso para a carreira jurídica!”

— Maldição, maldição! — Brandon voltou a exclamar.

Como a vida podia se complicar tanto com a simples chegada de um mísero pedaço de papel?, questionou-se. Na verdade, ele não mudava nada. Precisava continuar se esforçando para conseguir o primeiro lugar na classe e a recomendação de Humphrey. A carta do professor para Manning fora escrita, com certeza, antes do infeliz exame, caso contrário, o homem não o deixaria chegar perto da filha.

“Se mantiver pai e filha satisfeitos”, começou uma voz insinuante em sua mente, “a indicação para as Inns of Court será sua. Então, para que se preocupar com Humph?”.

Não, de forma alguma tiraria benefícios em causa própria do relacionamento com Clarissa, refletiu, instigado pelo sentimento de honra.

“Nesse caso, afaste-se dela até o final do semestre e veja se consegue o patrocínio de Dobson e Whittaker sem a ajuda de Manning”, desafiou a voz.

Não, um rompimento a magoaria muitíssimo. Clarissa pensaria que ele a tinha usado e fingido não conhecer seu pai.

“Ela sabe quem você é.”

Ele também pensava estar bem a par de suas características, entretanto não lhe reconhecera o sobrenome.

Com a mente atormentada por indagações e o coração dividido entre o impulso de ser honrado e o anseio de continuar ao lado de Clarissa, Brandon

jogou a carta na escrivaninha e foi se aprontar. Já estava atrasado. Talvez no caminho descobrisse uma solução. Maldição! A filha de James Gregory Manning! Era como se acabasse de ser informado que seu barbeiro era filho de Dalila, a megera que cortara os cabelos de Sansão. Como voltar a sentar-se à vontade na cadeira dele apesar de lhe reconhecer a habilidade com a tesoura?

Dez minutos de caminhada rápida pelo ar frio da noite serviram para clarear a mente de Brandon. Ao se aproximar de Derham Court, ele já estava bem otimista. Se a paternidade de Manning não tinha provocado problemas até então, não havia razão para esperá-los daí em diante. Ele continuaria a se aplicar ao máximo à conquista do primeiro lugar com honra ao mérito e ao amor. Humphrey podia dificultar-lhe o esforço o quanto quisesse, pois com o encorajamento de Clarissa, ele venceria. Depois, ambos enfrentariam o futuro e tomariam todas as decisões juntos.

Ao passar por uma banca de flores, Brandon parou e tirou umas moedas do bolso. Com medo de levantar as suspeitas de Lavínia, ele nunca tinha dado flores a Clarissa. Todavia, nos aposentos de Ned não existia tal perigo.

— O que vai levar, senhor? — perguntou a vendedora.

— Algo que este dinheiro compre e tão perfumado como a dama a quem vou oferecer.

— Ah, ela tem muita sorte em receber as atenções de um cavalheiro tão fino — disse a mulher, embolsando as moedas e entregando-lhe dois marinhos de violetas.

— Também penso assim — respondeu Brandon, rindo. — Mas minha opinião é suspeita.

— Vá embora, meu rapaz. Aposto como, com a sua boa aparência, pode ter a mulher que desejar. Mas não a deixe esperando. As boas, costumam sumir de repente — afirmou a vendedora com ar de entendida.

— Obrigado pelo aviso, porém não vou deixar isso acontecer — disse Brandon ao afastar-se.

Dobrou a primeira esquina e, em poucos passos, alcançava seu destino. Mal acabava de subir os degraus em frente à porta quando esta se abriu e uma silhueta envolta em verde atirava-se em seus braços.

— Quando cheguei aqui e não o encontrei, fiquei com medo de ter acontecido alguma coisa — disse Clarissa ao puxar-lhe a cabeça e beijá-lo.

— Cuidado, a rua, Clarissa!

Embora apreciasse a recepção amorosa, Brandon se preocupava com o decoro. Tentando aceitar a demonstração de afeto e fechar a porta a fim de

que olhares curiosos não testemunhassem a desinibição de Clarissa, ele derrubou os buquezinhos de violeta. Retrocedeu um passo para apanhá-los, porém seu pé os encontrou primeiro, esmagando-os. No mesmo instante, seu perfume encheu o ar enquanto a mensagem de sua beleza se perdia na confusão.

— Ora, veja o que aconteceu — disse desapontado. — Clarissa, já lhe expliquei antes o perigo que sua reputação corre quanto está nesta vizinhança. Por isso mesmo não devia se exhibir assim à porta onde todo mundo pode vê-la.

— Eu, me exhibir?! — repetiu Clarissa, surpresa com o tom estranho da voz dele. — Apenas dei um beijinho. Pelo amor de Deus, Brandon, até parece que me despi em Piccadilly Circus!

— Clarissa, eu me preocupo com você. Não adianta argumentar com a sua nacionalidade americana. Ela não a ajudará em nada se alguém a vir por aqui e começar a fazer indagações curiosas — disse Brandon em tom enérgico ao mesmo tempo que a acariciava na face. — Eu sofreria um desgosto muito grande se lhe provocasse problemas, ainda mais levando-se em consideração o quanto você tem sido dedicada na solução do meu.

“Dedicada?”, ecoou sua consciência. “Você prometeu contar-lhe a verdade sobre o infortúnio dele. Quando?”

— Você sabe que eu me importo menos com a minha reputação do que com a sua carreira, Brandon. Já falamos tanto sobre isso. Vamos subir — convidou, tomando-lhe o braço e encerrando a discussão. — Sinto muito o que aconteceu com as violetas. Eu trouxe sanduíches, queijo, vinho e uns morangos lindos para sobremesa.

— Onde você...

— Não se aflija. Eu não assaltei a despensa de tia Lavínia. Fui à costureira e, na volta, comprei tudo. Escondi os embrulhos em meu quarto até a hora de vir para cá.

— E onde você deveria estar agora? — perguntou Brandon, depois de abrir a porta dos aposentos de Ned.

— Aqui em seus braços — respondeu Clarissa, rindo feliz e esquecida do mundo lá fora.

— Que desculpa deu à sua tia?

— Ah, ela deduziu que Ned ia nos levar a um concerto na catedral de São Paulo.

— Você disse que Ned ia à igreja? Clarissa, uma mentirinha inocente não tem muita importância, mas você está tentando sua boa sorte com essa

história. Ned não pisa numa igreja a não ser na Páscoa e no Natal, assim mesmo sob a ameaça de ser deserdado pelo pai.

— Pois desta vez, o seu amigo encontrou a religião, meu amor. Priscilla, uma loirinha linda cujo pai é o regente do coro, conquistou...

O riso sonoro de Brandon abafou o resto da explicação. Ele se sentou e puxou Clarissa para o colo.

— Eu jamais deveria duvidar da capacidade de meus dois melhores alunos. É muito difícil enfrentá-los quando se tornam cúmplices.

— Não fique com inveja. Graças à índole romântica de Ned, podemos ficar sozinhos aqui por algum tempo.

— Esqueça Ned. Estou interessado apenas em você — murmurou Brandon de encontro a seu pescoço e começando a desabotoar-lhe a blusa.

Clarissa encorajou-o, acariciando-lhe a nuca ao mesmo tempo que lhe mordiscava o lóbulo da orelha. Em instantes, beijavam-se apaixonadamente.

— Ai, você está certo — sussurrou ela, sentindo o calor do desejo espalhar-se pelo corpo. — Apenas não comece algo que não tenhamos tempo para terminar. Ned e Priscilla vão chegar às nove horas para cear conosco.

— Ora, e eu só apareci depois das oito — queixou-se Brandon ao reparar na mesa posta a um canto da sala. — E se não abrirmos a porta quando eles baterem? — sugeriu.

— Não seria delicado. Além do mais, Sr. Phillips, temos uma grande novidade para ser comemorada — contou Clarissa, levantando-se e indo mexer na bolsa de onde tirou um papel meio amassado. — Recebi uma carta maravilhosa de meu pai.

— Ah, é? — comentou lacônico, ao ver a alegria da noite evaporar-se.

— Ele está muito satisfeito com o que você vem fazendo comigo, quer dizer, com a minha instrução. Tia Lavínia escreveu a ele fazendo um relatório completo das aulas. Bem, meu pai diz aqui para você não se preocupar com a tal residência. Ele conhece o Sr. Dobson e *lord* Whittaker há muitos anos e, a uma palavrinha sua, eles lhe darão a bolsa, Brandon. Mas ele tem uma idéia melhor. Você poderá ir conosco para Filadélfia onde trabalhará na firma de meu pai, se quiser. Leia a carta você mesmo — disse, ao sentar-se no braço da poltrona de Brandon. — Graças a Deus você não vai precisar fazer mais os trabalhos horrorosos determinados por Humphrey e...

Sem dar atenção à carta, Brandon virou-se e fitou Clarissa tem dentro dos olhos. Os dele lembravam a rigidez de pedras cinzentas e, ao falar, o fez num tom seco, pois o assunto desagradável finalmente tinha de ser abordado.

— Por que você não me contou que era filha de James Gregory Manning?

— Eu sabia que você ignorava o fato no início, mas depois, pensei... — Algo estava errado. Brandon a fitava como se nunca a tivesse visto. Ele deveria estar contentíssimo e não bravo. — Bem, como Preston disse que os livros de papai constituíam leitura obrigatória para vocês, deduzi...

— Os textos jurídicos dele são, mas a biografia não é — declarou Brandon, sacudindo a cabeça. — Não, eu não fazia a mínima idéia. Para grande mortificação minha, não liguei o sobrenome da moça a quem amo com o do gigante do Direito Internacional.

Desprezando o hábito arraigado de sempre mostrar-se reservado, Brandon tinha revelado demais. Mas quando Clarissa não era capaz de manejá-lo? Num movimento brusco, levantou-se e caminhou até a janela a fim de manter distância entre eles.

— Que diferença faz quem meu pai é? Francamente, não entendo — queixou-se Clarissa ao segui-lo e tocar-lhe o pescoço. — Meu querido, olhe para mim e explique por que a identidade de meu pai deveria mudar algo entre nós dois.

— Clarissa, reflita um pouco. Há cinco minutos, você me contou que seu pai garantiria minha escolha por Dobson e Whittaker, caso eu quisesse. E agora não vê a diferença que isso faria? Não quero ser acusado de ter recebido a bolsa graças a você ou a seu pai. Sempre me mantive em pé, de cabeça erguida, e abri meu caminho neste mundo sem ajuda de ninguém. Não conseguiria mudar agora. Não me peça isso.

Clarissa acariciou-o longamente na face até ele lhe tomar a mão e beijá-la.

— Brandon, ninguém está sugerindo para você mudar, muito menos eu, mas você não pode ser menos inflexível consigo mesmo? Meu pai não interferiria em seu favor se você não possuísse as qualificações exigidas. Humphrey não vai fazer a recomendação até o final do semestre e uma palavrinha de J. G. Manning reduziria o tempo de espera trabalhosa. Você não pode, simplesmente, aceitar e agradecer? Sabe muito bem que é o melhor para essa posição.

— Eu pensava assim também até escrever aquele maldito exame. Se não fosse por ele, a bolsa já seria minha. Mas não há como voltar atrás e mudar os fatos.

“Por causa disso, vai passar mais seis semanas no inferno, pagando penitência por algo que não fez.” Se a verdade o levasse a aceitar o auxílio do pai, este era o momento para revelá-la, refletiu Clarissa. Seus olhos encheram-se de lágrimas, pois não sabia qual seria a reação de Brandon. Mas se ele realmente a amava, acabaria compreendendo.

— Brandon...

— Clarissa, lamento muito se minha atitude a magoa, porém não posso permitir que seu pai...

— Por favor, Brandon, me escute — pediu ela, calando-o com os dedos em sua boca. Respirou fundo e disse: — Você não escreveu aquela dissertação pela qual Humphrey o vem castigando. Eu a escrevi.

Pronto. Havia confessado. Restava ser perdoada.

— O quê?! — exclamou Brandon.

Não podia ter ouvido direito! Não fazia sentido! Mas ao ver-lhe o rosto pálido e os lábios trêmulos, sentiu-se inocentado. Não tinha sido o seu trabalho que falhara em agradar o mestre, mas o dela. O dela?! Levantou-lhe o queixo e a obrigou a fitá-lo. Em voz ríspida, ordenou:

— Conte tudo.

— Eu... Naquela manhã, você estava embriagado e me beijou. Até então, eu ignorava o quanto me importava com você.

— Sei. Por isso, decidi providenciar a minha reprovação a fim de Preston ganhar a bolsa e, assim, você poder me levar para Filadélfia como lembrança de sua estada em Londres? — perguntou, fora de si.

— Não foi isso. Eu queria que você passasse com honra ao mérito. Fiz de tudo para acordá-lo, mas não consegui. Sabia que seria reprovado se não comparecesse para fazer a prova, então vesti sua toga e fui. Ninguém percebeu. Por ter feito tantas pesquisas para meu pai, eu tinha certeza de poder responder às questões. Contudo, eu não esperava que eles quisessem uma defesa da posição da Coroa. Escrevi sob o ponto de vista americano, mas por pura ignorância e não para prejudicá-lo. Jamais... — Vacilou diante da expressão tensa no rosto de Brandon, do vazio em seus olhos, do porte altivo.

— Eu te amo e nunca...

— Ama? O que sabe sobre o amor? Passei anos trabalhando como escravo nos navios de meu tio para saldar as dívidas dele e financiar meus estudos, e quase alcancei meu alvo. Um semestre mais e eu teria terminado a luta. Mas por causa do seu amor, estou na sarjeta, ou estarei tão logo...

— Não! — O grito angustiado de Clarissa interrompeu seus passos em direção à porta. — Não vá procurar Humphrey. Que diferença faria? Ele já o faz trabalhar dez vezes mais do que qualquer outro aluno e você está pagando, com juros, pela dissertação; mas, pelo menos, vai se formar. Como arrisquei sua carreira, pensei que a ajuda de meu pai...

— Será possível que não compreende? — Em uma fração de segundo estava à sua frente e a sacudia pelos ombros. — Eu não quero a ajuda dele,

nem a sua também! — declarou ao largá-la e virar-se para ir embora sem, contudo, controlar as emoções que o atormentavam.

— Está bem, pode me odiar, mas não estrague a sua vida por causa de minha estupidez. Eu não conseguiria continuar vivendo se soubesse que destruí sua carreira. Foi essa a razão de tudo começar.

— A razão de tudo começar?! — explodiu Brandon no auge da fúria. — Está me dizendo que fez amor comigo por misericórdia? Pois a sua virgindade foi um preço muito alto para aplacar a culpa de sua consciência, não acha? — ironizou, magoando-a profundamente.

As lágrimas começaram a rolar pelas faces pálidas de Clarissa. Brandon tinha razão para se sentir ultrajado, porém, ela não tencionara prejudicá-lo. Por que não via que o seu sofrimento com a situação era tão profundo quanto o dele?

— Brandon, por favor, não vá. Eu...

— Você o quê? Vai me ajudar a pesquisar os novos tópicos determinados por Humphrey hoje? Esqueça o meu trabalho e a mim também, Clarissa. Não tenho mais tempo para você e acho bom avisar seu pai. Brandon Phillips vai conseguir a bolsa, com toda a certeza. Mas será apesar dos Manning, pai e filha, e não graças a ele!

A porta bateu com estrondo após a saída de Brandon. Clarissa ouviu-lhe os passos pesados escada abaixo e, em seguida, a violência com que ele fechava a porta da rua. Em prantos, sentou-se no chão. Essa noite deveria ter sido tão perfeita! Já não tinha certeza de querer ver o amanhã.

Quando Brandon, finalmente, chegou em casa, o céu atrás do Big Ben já clareava. Durante horas, ele tinha vagado pelas ruas da cidade, ao longo do rio Tamisa, em frente ao Parlamento, mas desviara-se da residência de Lavínia Cooper. As construções de pedra mantinham um silêncio frustrante, alheias à sua raiva.

Ele tentava se convencer de que deveria estar contente. Não fora reprovado, pois não tinha feito o exame fatídico. Mas seria, caso explicasse a situação para Humphrey. Nesse ponto, Clarissa tinha razão, era preciso manter segredo. A confissão aliviara sua alma, porém lhe castraria a carreira com um golpe tão certo como o que lhe destruíra o amor. Embora detestasse viver uma mentira, essa era a única maneira de salvar o futuro. Teria de continuar o trabalho acadêmico, satisfazendo todas as exigências de Humphrey e provando que Brandon Phillips enfrentava qualquer desafio. Em sua consciência, reconhecia merecer o pergaminho no final do curso e esperava obter a cobiçada posição com Dobson e Whittaker.

Ao abrir a porta da rua, o pulso de Brandon voltou a disparar. Lembrava-se da tentação oferecida por Clarissa. Como esses americanos presunçosos atreviam-se a desafiar as tradições britânicas? Não tinham escrúpulos? Clarissa não possuía um pinga e, pelo jeito, o pai também não, considerou, subindo a escada devagar para não fazer barulho. Pois que fossem para o inferno! Ele preferia ver Waverly-Smythe recebendo a bolsa a ter de aceitar a ajuda dos Manning.

Brandon entrou na sala e não se deu ao trabalho de acender o bico de gás. Uns poucos passos e ele tropeçou num par de pernas estendidas em frente da poltrona. Perdendo o equilíbrio, caiu com o rosto no chão, praguejando contra a visita indesejada.

— Com todos os diabos, enlouqueceu de vez? Já não fez o suficiente para destruir minha carreira e ainda entra aqui na minha ausência? Eu disse que não queria mais nada com você! — esbravejou enquanto se levantava e segurava a porta aberta. — Maldição, fora daqui! Vá para casa, para sua tia! Como a silhueta na poltrona não se mexesse, Brandon acendeu a luz e, em vez de encontrar Clarissa como imaginava, viu Ned pestanejando sob a claridade súbita.

— Por onde andou, Sr. Phillips? Ou eu deveria perguntar, com quem? Abandona um anjo como Clarissa e, depois, vagueia pelas ruas à procura de prazer? Eu fazia um outro juízo a seu respeito — repreendeu Ned, espreguiçando-se.

— Pelo amor de Deus, você só pensa em sexo? Por acaso Clarissa se acomodou em sua cama e você trouxe Priscilla para dormir na minha? Paciência tem limites! O que veio fazer aqui, Ned? Ninguém o nomeou meu anjo da guarda.

Teria o amigo vindo para oferecer-lhe simpatia ou para censurá-lo? Como não estivesse em estado de espírito para suportar nenhuma das duas coisas, resmungou com ar bravo:

— Pegue sua namorada, vá embora e me deixe em paz com meu trabalho. Ele vai me infernizar bem o fim de semana e não estou disposto a conversar.

— Não espero que você tome parte em prosa alguma, Brandon, apenas que me escute. Pelo menos uma vez na vida, tente fazer isso. Em primeiro lugar, não precisa se preocupar com sua reputação de cavalheiro. Eu não a mancharia trazendo uma mulher aqui, embora seu comportamento desta noite lance dúvidas sobre seu grau de civilidade. Para seu conhecimento, não que pareça interessado, levei Clarissa e Priscilla para casa poucas horas atrás.

Não ouvindo uma palavra sequer, fosse de agradecimento ou de reclamação, Ned sacudiu a cabeça. O homem paralisado diante dele, com expressão indecifrável, não era o seu amigo.

— Com todos os diabos, Brandon, o que deu em você? Ao que tudo indica, Clarissa poderia ter sido atacada e morta no caminho para a casa da tia que você não derramaria uma única lágrima. Vá ser ingrato assim no inferno, homem! A moça passou dias inteiros, sem falar em noites, cuidando de seus interesses, fossem eles pesquisas, transcrições de textos ou físicos. Qual foi a sua retribuição? Largou-a imersa na mais profunda tristeza só porque o pai prontificou-se a ajudá-lo a se estabelecer como advogado! Eu já tinha ouvido falar em imbecis desse tipo, mas nunca...

Um murro ensurdecador no tampo da mesa ecoou na sala, deixando Ned em dúvida sobre em que lugar Brandon preferia tê-lo dado.

— Não se meta, Ned. Você não sabe da missa a metade e eu não estou disposto a explicar nada — advertiu Brandon numa voz baixa e ríspida, deixando clara a ameaça de violência.

— Mas sou amigo de vocês dois e não posso compreender seu comportamento. Por vezes incontáveis, você condenou minhas aventuras amorosas, porém, em todos os casos, minha namorada e eu só estávamos interessados em nos divertir um pouco. Isso não acontece com você e Clarissa. Brandon, ela tem um grande amor por você! Como pode ignorar o fato e abandoná-la?

— Se eu tiver a sorte de conseguir isso — respondeu com uma voz angustiada, pois todas as horas gastas em caminhar pelas ruas não tinham apagado de sua memória a lembrança dos olhos castanho-escuros tão expressivos.

Contudo, sabendo da verdade sobre o exame, nunca iria procurar Clarissa. Também não podia explicar a situação sem comprometer a ambos, exceto se ela já tivesse contado a Ned.

— Que história ouviu da Srta. Manning?

— Nada muito esclarecedor. Ela chorava bastante e quase não podia falar. Cheguei a pensar que você não houvesse aparecido e algum malandro, depois de arrombar a porta, a tivesse atacado. Já ia chamar a polícia quando Priscila conseguiu acalmá-la um pouco e entender o que Clarissa dizia.

— E o que foi isso?

— Já falei, quase nada. Apenas que o pai é o famoso J. G. Manning e o quanto você ficou furioso com a oferta do homem para ajudá-lo na carreira. Por que abandonou Clarissa, Brandon? Seja franco. Se não se importa em

receber uma carta de recomendação de meu pai, por que não uma de Manning?

— Não se trata da mesma coisa — esquivou-se Brandon, furioso por ter de defender-se quando tinha sido Clarissa quem errara.

— Por que lhe fez amor? O que tem isso a ver com a história? Tanto quanto eu, Clarissa é sua aluna, e seu pai, como o meu, sente-se grato pela contribuição acadêmica que você dá à filha. O que você e Clarissa fazem o resto do tempo não é da conta do velho. Ponto final, sem obrigações pessoais.

— Exatamente. Nada de obrigações pessoais! Não quero mais saber dessa maldita família, da tia louca, da sobrinha sedutora e do pai ausente. Eles que tratem de procurar outro professor, pois eu não piso mais naquela casa.

— Brandon, não faça isso!

— Pois espere para ver. Eu deveria ir lá segunda-feira às dez da manhã. Nesse horário, estarei na biblioteca trabalhando na pesquisa de Humphrey.

— Olhe, se não quer reconsiderar sua decisão por amor a Clarissa, faça por você mesmo — sugeriu Ned, convencido de que, se o casal amigo se encontrasse, resolveria as dificuldades. — Foi Hump quem o recomendou à Srta. Cooper. Se você largar as aulas sem dar aviso prévio, ele ficará sabendo, não acha? Aborrecido com seu exame, ele não o perdoará de novo.

— Está bem — concordou Brandon. — Vou dar o aviso prévio de uma semana. Esse é o meu limite. E você, Ned, preste bem atenção. Se mencionar o nome da moça uma vez sequer, também terá de procurar outro professor. Agora, suma daqui e me deixe dormir por umas horas.

Esperto o suficiente para perceber quando sua presença além de indesejável tornava-se inútil, Ned bateu continência e saiu sem dizer palavra. Contentava-se em saber que Clarissa e Brandon se encontrariam na segunda-feira de manhã. Até então, esperava, os ânimos já teriam se acalmado e os dois agiriam com mais sensatez.

CAPÍTULO XIII

Às duas horas da tarde, Lavínia começou a se alarmar. A sobrinha não tinha descido nem para o café da manhã nem para o almoço. As bandejas levadas por Ellen tinham voltado intatas, pois Clarissa afirmara sentir-se doente demais para ter apetite. No jantar da véspera, antes de sair para o concerto na catedral de São Paulo, ela apenas beliscara a comida, porém Lavínia não dera muita importância ao fato. Mas agora sentia-se preocupada. James Gregory jamais a perdoaria se ela negligenciasse a saúde da filha. A Sociedade de Horticultura e Geoffrey estavam lhe absorvendo muito tempo, refletiu. Talvez a menina precisasse um pouco mais de sua atenção.

Decidida a verificar o que acontecia, subiu a escada e, depois de uma batida leve na porta, entrou no quarto da sobrinha. Surpreendeu-se ao encontrar o aposento, geralmente bem iluminado, na maior penumbra.

— Clarissa, minha querida, por que as cortinas estão fechadas? Há um sol forte hoje e os seus raios só lhe poderão fazer bem — declarou ao se aproximar da janela e além de puxar as cortinas pesadas para o lado, abriu um pouco a vidraça. — Só um pouquinho de ar fresco para lhe clarear a mente. Nem imagina como o sol e a natureza estimulam a saúde. Agora conte o que há de errado com você.

Ao virar-se da janela para a cama, Lavínia admirou-se com o péssimo aspecto da sobrinha, realçado então pela luminosidade do sol da tarde. Clarissa ainda estava de camisola e com os cabelos despenteados e, nas faces pálidas, as olheiras se destacavam. Mas o sintoma mais alarmante era o desânimo aparente. Clarissa nunca se mostrara tão quieta e indiferente, reconheceu a tia.

— Clarissa, minha querida, você comeu alguma coisa que lhe fez mal? Talvez um laxante...

— Não, titia, não é nada grave. Não dormi bem durante a noite e estou muito cansada. Só isso.

Clarissa admitia a necessidade de impedir a tia de lhe fazer muitas perguntas, porém não tinha energia nem vontade de mandá-la embora do quarto. Lavínia, pelo menos, se importava com ela.

— Você não estará com febre? Talvez eu deva mandar Ellen buscar o médico — sugeriu Lavínia ao tocá-la na testa, cuja temperatura mostrava-se

normal. — Não exagerou ontem em sua dedicação ao Sr. Phillips? — indagou.

— Não. Fizemos apenas o que estamos acostumados. Aliás, bem menos, pensou Clarissa pesarosa. Pela primeira

vez em seis semanas, não tinha passado algumas horas da noite entre os braços de Brandon, para depois, entregar-se a um sono reparador. Após a discussão amarga da véspera, ela mal conseguira chegar em casa da tia e atirar-se na cama. Dormir tinha sido impossível. Não poderia explicar isso, claro.

— Não sei. Acho melhor mandar buscar o médico. Ele lhe receitará um tônico e, num instante, você se sentirá outra.

Os olhos da sobrinha estavam bem vermelhos, talvez cansados de tanto ler. Mas o que mais alarmava Lavínia era a falta de brilho neles, como se a luz interior de Clarissa houvesse se apagado.

— Não, tia Lavínia, por favor, não faça isso. Tudo não passou de um pesadelo horrível. Cada vez que eu fechava meus olhos, ele reaparecia.

Mas a reação de Brandon à sua trapaça não fora um sonho que desapareceria ao amanhecer. De maneira insensata, tinha-lhe exposto a carreira ao perigo e ele jamais a perdoaria.

— Ora, um pesadelo? Por que não contou isso logo? — disse Lavínia aliviada ao sentar-se na beirada da cama. — Que bobagem a manteve acordada? Sua mãe costumava sonhar com cachorros bravos correndo-lhe ao encalço e ela ia se esconder em minha cama. Você poderia ter feito o mesmo.

Uma sombra de sorriso cruzou a face de Clarissa. Imaginava-se deitada ao lado da tia, falando-lhe sobre a rejeição de Brandon. Sua vida, de fato, tornara-se um pesadelo, mas teria de encará-lo sozinha. Se Brandon não a queria mais, ela certamente não gostaria de vê-lo outra vez. Havia instantes, Lavínia lhe dera uma idéia para conseguir isso.

— Pensando bem, titia, talvez você esteja certa. Tenho me excedido nos estudos. O tal pesadelo era com Brandon. Aos gritos, ele me sacudia pelos ombros.

— Como assim? Ora, eu não poderia imaginar que um rapaz tão fino e simpático... — Lavínia hesitou. Afinal, não sabia muito a respeito de Phillips além das recomendações de Geoffrey. — Mas isso não aconteceu na vida real para lhe provocar o sonho, não é?

— Não, claro! — mentiu Clarissa depressa, admitindo merecer bem mais do que ser sacudida pelos ombros. — Porém ele se mostrava tão bravo e gritava que eu não era digna de estudar com ele.

— Ora, já se viu? Ele parecia tão educado e maneiroso — comentou Lavínia, perplexa. — Sabe, Clarissa, algumas senhoras da Sociedade de Horticultura acham que os sonhos tentam nos revelar verdades irreconhecíveis quando estamos acordados. Não seria possível... Vocês davam a impressão de se darem tão bem, de compartilharem entusiasmados os estudos.

— Era o que eu pensava, mas me enganei — confessou Clarissa, mas ao perceber o erro, corrigiu-o: — Foi o que deduzi com o meu sonho. Para ser franca, depois desta noite horrorosa, prefiro interromper as aulas e enfrentar o desapontamento de meu pai a ter de estudar com o Sr. Phillips. Talvez suas amigas estejam certas e ele tenha uma faceta estranha na personalidade, que eu não percebi.

Havia tentado. Contava ter convencido a tia. Enquanto prendia a respiração e esperava a resposta, uma batida na porta impediu Lavínia de falar.

— Com licença, d. Lavínia. Há um cavalheiro lá embaixo querendo ver d. Clarissa — avisou Ellen.

— Não desejo ver o Sr. Phillips hoje. Diga-lhe para ir embora, Ellen. Não pretendo passar a tarde de sábado estudando — declarou Clarissa, amedrontada.

— Não se trata do Sr. Phillips. O seu visitante é o Sr. Waverly-Smythe — informou a criada.

Desapontada, Clarissa abafou um soluço. Não teria descido para ver Brandon, mas já seria uma esperança se ele a houvesse procurado.

— Ora, que boa surpresa, minha querida. Ellen, vá avisar o cavalheiro que minha sobrinha descera em instantes — determinou Lavínia, sentindo-se aliviada ante a oportunidade de adiar a decisão sobre a dispensa do Sr. Phillips.

Quando se sentisse melhor, Clarissa poderia mudar de idéia e logo o cunhado chegaria. Ele que resolvesse a questão, refletiu ao abrir o guarda-roupa.

— Levante-se, Clarissa, e venha escolher um vestido. Está uma tarde linda para um passeio no parque. Ele vai limpar sua cabeça do tal pesadelo. Quando voltar, o chá já estará à sua espera com as guloseimas da cozinheira.

— Não acredito estar com disposição para andar — protestou Clarissa, inconformada ainda pelo visitante não ser um Brandon arrependido.

— Está bem. Vou mandar providenciar a carruagem. Preston poderá acompanhá-la numa volta por aí. Vai se sentir muito melhor depois. Espere

para ver.

— Ah, se fosse assim tão simples — murmurou Clarissa ao deixar a cama e se aproximar da tia em frente ao armário.

— O que disse, minha querida?

— Quero vestir algo simples, titia. Nada com babadinhos e rendas. Não toleraria me enfeitar hoje.

— Muito bem, você sabe o que lhe convém, exceto esse corte de cabelo, claro. Aliás, ele já cresceu um pouquinho. Enquanto se apronta, vou fazer companhia ao Sr. Waverly-Smythe. Vista-se com calma.

Satisfeita com o que acreditava ser o seu controle da sobrinha, Lavínia dirigiu-se ao seu outro alvo. Estava convencida de que umas poucas palavras a Preston resultariam numa tarde agradável para ambos. Na volta do passeio, a sobrinha já estaria recuperada.

O brilho intenso do sol fez Clarissa sentir-se grata pela insistência da tia em fazê-la usar um chapéu de abas largas. Com a ajuda atenciosa de Preston, subiu na carruagem e acomodou-se no almofadado macio do banco. Sentia-se mais relaxada do que imaginara ser possível. Talvez o método de Lavínia para afastar pesadelos tivesse seu mérito, refletiu com um sorriso discreto para o companheiro.

— Vá ao Regents Park, mas mantenha um passo vagaroso — ordenou Preston ao cocheiro.

Ao subir na carruagem, ele preferiu sentar-se ao lado de Clarissa e não no banco em frente como deveria. Percebendo-lhe a surpresa com a escolha do lugar, tomou sua mão enluvada e levou-a aos lábios.

— É uma alegria muito grande escapar do mundo enfadonho em que vivo e passar a tarde em sua companhia, minha cara — confessou ele, largando-lhe a mão e encostando, levemente, o corpo no dela.

O fato de ter se contentado com amizade em vez de romance, ponderou, não era motivo para não lembrá-la do prazer provocado pelo contato físico.

— É muito mais desejável estar a seu lado do que suportar o indigesto velho Blackstone — acrescentou, referindo-se a um dos pilares da Justiça britânica.

Se ao menos Brandon fosse da mesma opinião, pensou Clarissa triste, mas reagiu determinada a expulsá-lo do pensamento. Se não confiava nela e não tentava compreender suas razões para ter feito o exame, não devia amá-la. Preston, entretanto, era um amigo dedicado que não lhe exigia nada a não ser o privilégio de estar a seu lado. Virou-se para ele e disse sorrindo:

— Assim espero. Afinal, o homem está morto há mais de um século.

— Ah, esqueci que você está familiarizada com as obras e autores remissivos da lei.

— E também com uns poucos considerados ilegais, eu me atreveria a dizer — respondeu Clarissa, achando relaxante conversar sobre banalidades.

— Srta. Manning! Está precisando de alguma orientação em como evitar confissões voluntárias — disse Preston com um risinho forçado ao lembrar-se de sua chegada aos aposentos de Brandon, tarde da noite, semanas atrás. — O seu instrutor não a advertiu contra os perigos da auto-acusação?

— Até bem demais, devo reconhecer.

De repente, o sorriso de Clarissa desapareceu dando lugar a uma expressão tristonha. Ali havia um segredo culposamente, concluiu Preston. Embora tivesse montado guarda nas vizinhanças dos aposentos de Phillips, não voltara a vê-la por lá. Talvez eles se encontrassem em outro lugar. Seria essa a ilegalidade em sua mente? Em caso afirmativo, conseguiria levá-la a confiar nele?

— O que uma jovem tão linda como você precisaria esconder? Não me diga que se serviu de uma fatia extra de bolo, na hora do chá, aproveitando-se de uma distração de sua tia! — Apesar de falar num tom bem-humorado, o olhar de Preston era frio e calculista. — Não sei por quê, mas desconfio de um papel relevante de seu instrutor nessa sua tristeza — acrescentou, alisando-lhe as sobrancelhas contraídas.

— Brandon Phillips não passa disso, Preston, um instrutor contratado para me dar aulas e me acompanhar em umas poucas excursões instrutivas. Se não fosse por minha idade, tia Lavínia teria ficado mais satisfeita em providenciar uma babá. Ele cumpre a obrigação e é muito bem pago. Nós duas sabemos que ele faz qualquer coisa por uns trocados a mais.

Por que se sentia melhor ao referir-se a Brandon em termos monetários, apesar de não acreditar em suas palavras?

— Não gosto de falar mal de um colega, Clarissa, mas eu a avisei sobre o espírito interesseiro de Phillips. A reputação de seu pai deve tê-lo atraído muito mais do que o pagamento pelas aulas, assim como o pai de Ned é a motivação principal para Phillips ajudar o rapaz nos estudos. Naturalmente, ele não é culpado de sua própria educação. A bem da verdade, dar aulas particulares não é vender a alma, ainda mais se a aluna for uma criatura adorável como você e caso o professor não esteja procurando favoritismo profissional além da remuneração financeira.

Recebidas em silêncio, as palavras de Preston não provocaram comentário algum. Observou Clarissa e notou suas mãos crispadas no colo

enquanto o olhar perdia-se em algum ponto fora da carruagem. O melhor seria calar-se também e deixá-la refletir sobre as dúvidas semeadas.

Todavia, Clarissa não alimentava incertezas sob esse aspecto do caráter de Brandon. Preston tinha interpretado mal a situação e ela não estava disposta a esclarecê-la. Em vez disso, sugeriu num entusiasmo repentino:

— Vamos aproveitar a tarde, esquecer nossos estudos e as pessoas envolvidas neles. Sempre quis ir ao zoológico, mas tia Lavínia, como não gosta de bichos, nunca deu permissão. Vamos até lá, Preston?

— Claro, se essa é a sua vontade — concordou ele, desapontado ao ver o momento oportuno desaparecer, mas outros surgiriam. — Cocheiro, siga para o zoológico, por favor. Pelo menos, lá os animais estão trancafiados em jaulas. Espero, Clarissa, que as travessuras dos macacos lhe provoquem boas risadas.

— Ah, eu também espero. Chega de melancolia. Tenho a impressão de haver passado um tempo enorme sob uma nuvem escura e carregada.

— Pois vamos afastá-la, eu prometo — garantiu Preston, satisfeito com o fato de a filha de J.G. Manning permitir que ele a consolasse.

Isso não lhe custaria nada. Estava preparado a se distrair com um prazer infantil já que a noite prometia prazeres bem mais adultos.

— Eu avisei você para lavar o rosto, Beatrice — a moreninha advertiu a amiga enquanto caminhavam pela Wych Street, sob a luz esmaecida do entardecer. — Ele só pega as bem limpas e o seu rosto está com linhas escuras mais largas que a Regent Street.

— Tra-lá-lá — cantarolou a loira, também um tipo pequeno, cuja vida se desenrolava pelas vielas escuras e sujas da cidade. — A maioria dos homens com quem lido gosta de uma mulher em seu estado natural. E olhe, eu conheço muitos — acrescentou com um risinho agudo.

— Ora, controle-se e trate de se comportar bem. Estou lhe avisando, este aqui gosta delas bem limpinhas e jovens. E, pelo amor de Deus, se aquele diabrete que você teve deixou marcas em sua barriga, disfarce. Caso contrário, o Sr. Walker nos manda embora sem dar nem ao menos um beliscão.

— Mas se ele gostar do que viu, Alice, como vai ser?

— Tudo depende do humor dele — respondeu Alice com expressão preocupada. — Para ser sincera, nunca saí de lá de mãos vazias quando precisava de dinheiro. Outra coisa importante: nós só temos quinze anos.

— Quinze?! Já lá se vão cinco quando eu tinha essa idade! Como nós duas somos pequenas, vai dar para tapear. Mas se esse sujeito quer moças

das ruas de Londres que nunca tiveram filhos, terá de procurar mais novas do que isso. Ora, eu tinha quatorze quando Evelyn nasceu.

— Tente representar o papel de meninota, Beatrice — ordenou a moreninha irritada —, ou vamos acabar sem recompensa alguma no fim da noite. Ele não gosta de moças com filhos.

— Não estou entendendo. Esse idiota não pensa que vai se divertir com virgens, não é?

— Não, claro, ele quer prostitutas, mas com ar inocente. Esse freguês está mais interessado em tirar nossas fotos.

— De que tipo? — indagou a loira, desconfiada. — Ele não é maníaco, é?

— Deixe de ser boba. São fotografias artísticas e, ainda por cima, clássicas. É por isso que temos de ficar nuas, como os espíritos da terra, ele explicou. Da última vez, eu não usei nada, só uma coroa de flores na cabeça. Eu representava uma escrava romana antiga, segurando um prato enorme de frutas, meus seios entre as uvas e as laranjas. A imaginação do Sr. Walker não tem limites.

— Se a gente só posa nua, o que ele ganha com isso? O homem não pode usar o que a natureza lhe deu?

— Não se preocupe com o Sr. Walker. Ele vende as fotografias, por um bom dinheiro, para um distribuidor particular na Holywell Street. Mas isso não é tudo. Depois da sessão de fotografias vem a parte em que lhe damos prazer e o distraímos. E se você acha que a imaginação dele é pouco comum para tirar fotos, nem queira saber depois.

— Ah, esse tipo de coisa não me incomoda, desde que o sujeito deixe uma garrafa de gim à mão. O meu homem, Freddie, tem lá suas suspeitas de como sustento a gente, mas não sabe ao certo. Deus meu! Posar para fotografias vendidas em Holywell Street? Isso lhe daria provas e se o meu senhor jamais tiver notícias...

— Ora, Beatrice, como ele descobriria se não tem dinheiro para desperdiçar em fotografias?

— E nem precisa, pois tem a modelo para lhe esquentar a cama — ponderou a loirinha.

— Então, não existe perigo, só um bom dinheiro para a gente ganhar.

— É, você tem razão — concordou Beatrice quando chegavam a uma porta, numa ruazinha escura, e na qual Alice bateu de leve. — Olhe, se esta noite compensar, vou falar com a irmã de Freddie. Ela já tem quase treze anos e está bem bonitinha. Claro, a menina terá de me dar metade do dinheiro por lhe arranjar serviço.

— Cuidado em envolver Annie nessa história. Ela é muito novinha ainda, enquanto você e eu sabemos lidar com um homem desse tipo — advertiu Alice.

Nesse instante, a porta se abriu impedindo a continuação da conversa entre as duas.

— Olá, Alice, é muito bom ver você — cumprimentou Preston Waverly-Smythe, cujo tom debochado dava uma conotação perversa às palavras inocentes.

Após um exame rápido da loirinha atrás de sua rameira habitual, achou-a satisfatória e continuou:

— Você trouxe uma amiguinha hoje. Mas entrem! Onde já se viu deixar duas meninas em pé na calçada? Venham aqui, crianças, onde poderão *brincar*.

— Manhã de segunda-feira — murmurou Clarissa como se precisasse ser lembrada do dia.

Durante o fim de semana, fora possível fingir que, na hora habitual da aula, Brandon apareceria já menos magoado e bravo. Eles reatariam o relacionamento sem nem mais um segredo entre ambos. Agora, entretanto, sabia ser esse o dia do ajuste final de contas. O seu olhar inquieto e os lábios apertados indicavam sua pouca esperança de ver Brandon materializar-se ali na saleta.

O pêndulo do relógio no consolo da lareira tiquetaqueava o passar dos segundos, e Clarissa, irritada com o ruído, levantou-se do sofá e pôs-se a andar de um lado para o outro.

— Não quero vê-lo aqui! Não quero — murmurou numa tentativa desesperada de se preparar para o pior.

Virou-se abrupta ao ouvir a porta ser aberta. Todavia, era apenas Ellen quem surgia com expressão reticente.

— O Sr. Phillips está aí, d. Clarissa — informou a criada baixinho. — Devo lhe avisar que ele parece muito aborrecido. Nunca vi um homem tão arrogante.

Arrogante, aborrecido? Então não era o amante vindo para oferecer reparações? Obviamente, Brandon não tinha sofrido tanto quanto ela desde sexta-feira à noite. Naturalmente, seu comportamento havia sido a causa da discussão, porém ele tinha uma boa parcela de culpa também. Fora ele quem tinha aparecido ali embriagado na manhã do exame e já deveria tê-la perdoado, caso realmente a amasse. A irritação de Clarissa aumentou. Centenas de vezes, nos últimos dois dias, desejara estar perto dele, porém já

não via motivo para suportar-lhe o mau humor e aquele detestável complexo de superioridade masculina. Afinal, por que Brandon tinha vindo? Para testemunhar-lhe a tristeza e cantar vitória?

Um orgulho feroz forçou-a a não pensar nos beijos possessivos de Brandon, no aconchego dos braços dele, na expectativa de seu próprio corpo ao saber que ele estava a poucos passos além da porta. Muitíssimo magoada ainda, não lhe daria a oportunidade de aumentar seu sofrimento. Numa voz segura, ordenou à criada:

— Informe o Sr. Phillips que não desejo vê-lo esta manhã. Diga-lhe para voltar qualquer outro dia.

— Pois não, d. Clarissa — respondeu a criada, antevendo o problema com o homem autoritário à espera no vestíbulo.

— Não é preciso, Ellen — soou uma voz enérgica ao lado.

— A Srta. Manning vai me receber. Ela não tem outra escolha

— informou Brandon ao entrar na saleta e fechar a porta, enquanto Ellen, perplexa, corria para informar à cozinheira sobre a iminência de uma briga entre os dois jovens.

Brandon tinha fechado a porta para indicar desejo de privacidade e não para sugerir intimidade. A fim de deixar bem clara a intenção, manteve-se distante da criatura linda e perigosa que o fitava calada. No silêncio pesado, ele não teve outra alternativa senão retribuir-lhe a avaliação. Ah, os cabelos cor de cobre, cujo brilho lembrava os raios de sol ao amanhecer. Quando os vira pela primeira vez, o sangue já lhe correra agitado nas veias. E a pele alva, lisa como a porcelana e com o viço da juventude? A silhueta esguia e o contorno delicado dos lábios o faziam duvidar do acerto da decisão tomada. Mas então, fitou-lhe os olhos. O brilho desafiador quebrou o encanto.

Não, advertiu-se, concentrando a atenção na linha voluntariosa de seu queixo, não podia perdoar essa moça desatenciosa pelo que lhe tinha feito. Atormentado nesses dois últimos dias com a situação, ele não havia pensado na possibilidade de Clarissa ter sentido medo de lhe falar sobre o exame, nem haver tido sempre a intenção de revelar a verdade. Ele apenas via seu comportamento como uma traição premeditada. A idéia de que ela pudesse ter agido assim, quando a amava tão profundamente, o magoava muitíssimo. Desde sexta-feira à noite, seu tormento era constante, e o coração, que começara a se abrir depois de tantos anos, fechava-se novamente.

Clarissa percebeu a reação fria de Brandon e um arrepio percorreu-lhe o corpo. Quase soluçou ao quebrar o silêncio, suas palavras acaloradas visando derreter o gelo desse homem a quem não identificava como o seu Brandon,

mas o Sr. Phillips amedrontador que ficara conhecendo sexta-feira à noite.

— Lamento, mas é impossível termos aula hoje — disse ríspida e observou atentamente sua expressão.

— Como queira — respondeu ele, indiferente. — Para mim, tanto faz. Vim porque me comprometi estar aqui.

— Ai, Brandon! — exclamou Clarissa num misto de frustração e raiva. — Como imaginou que poderia entrar aqui como se nós nunca tivéssemos nos amado, como se nunca tivéssemos brigado e reassumir a aula no ponto onde paramos?

— Para ser franco, não tinha e nem tenho a intenção de fazer tal coisa — foi a resposta inflexível. — Vim porque prometi a sua tia...

— Minha tia! — gritou Clarissa furiosa, sem demonstrar o menor vestígio de remorso. — Nesse caso, não temos mais nada para dizer um ao outro hoje!

— Ou talvez, nunca mais — disse ele numa voz profunda e segura que escondia a luta sendo travada entre seu orgulho e a paixão tão facilmente despertada por essa mulher.

Que tentação imensa de estreitá-la entre os braços, só mais uma vez, e captar-lhe os lábios como o corpo traidor exigia. Mas a disciplina férrea, tão antiga, dominou o desejo e ele permaneceu onde estava.

— Bem, isso impede que continue a me dar aulas. Acho melhor cancelarmos esse arranjo também — declarou Clarissa.

Deu uma volta pela saleta, sem desviar os olhos de Brandon, à espera de um gesto ou de uma palavra de rejeição à sua proposta. Mas não obteve nada além de um silêncio deprimente que só podia ser explicado pela obstinação de Brandon em se recusar a entender suas razões para fazer o malfadado exame. Por que ele não dizia nada?

Com as últimas palavras de Clarissa queimando-lhe os ouvidos, o ódio de Brandon o impedia de falar. Então, ela o demitia agora? A Srta. Clarissa Manning assumia ares de grande dama e punha-o no olho da rua como se ele não passasse de um lacaios! Roubava-lhe o prazer de dar o aviso prévio como tinha planejado. Ela não passava de uma americana insolente que assumia ares aristocráticos como se fosse uma condessa inglesa. Desta vez, entretanto, não escaparia impunemente.

— Fico contente que pense dessa forma, Srta. Manning — disse Brandon em tom controlado. — Isso me deixa mais à vontade para dar meu aviso prévio de uma semana.

— Uma semana? Para que esperar tanto? — perguntou Clarissa,

deixando-se dominar pelo orgulho. — Podemos terminar nosso relacionamento já, neste instante.

— Se sua tia concordar, tudo bem comigo. Quanto a esse nosso relacionamento, referido com tanta ternura, saiba que, para mim, ele terminou sexta-feira à noite — respondeu Brandon num misto de ironia e amargura.

— Por quê? — gritou Clarissa. — Porque já tinha o que queria, ou seja, tanto o meu oferecimento como o de meu pai para ajudá-lo?

— Não — disse Brandon da porta. — Foi porque eu, finalmente, compreendi o quanto você estava me custando.

No instante seguinte, ele desaparecia, deixando Clarissa atormentada com o gosto amargo da primeira desilusão amorosa.

Enfurecido, Brandon distanciava-se quase correndo de Hertford Court. Alheio a tudo, amaldiçoava Clarissa, o pai e o bom amigo Ned. Mas, acima de todos, amaldiçoava a si mesmo e à atração renitente por um par de olhos castanho-escuros.

CAPÍTULO XIV

O estado melancólico de Clarissa já durava quinze dias, contabilizou Lavínia com a cabeça apoiada no peito amplo de *lord* Geoffrey.

— Ah, meu querido, só Deus sabe quando nos encontraremos outra vez — suspirou.

— Ora, ora, gatinha — ele a consolou com um sorriso indulgente. — Para que se preocupar? Não conseguimos sempre criar nossas oportunidades?

— Certo. Mas você tem de admitir que nessas duas semanas, após Brandon Phillips desistir das aulas, eu só pude escapar umas poucas vezes.

— Por isso mesmo, valorizamos e aproveitamos mais os momentos passados juntos — ressaltou Geoffrey, beijando-lhe as pontas dos dedos uma a uma.

— Como você é compreensivo. Eu não poderia desejar homem melhor. Mas continuará sendo paciente depois da chegada de meu cunhado amanhã? Aí sim, não terei mais tempo para mim mesma e tardes deliciosas como esta não serão possíveis.

— Quanto tempo ele pretende passar em Londres antes de ir embora com a filha? — perguntou Geoffrey, tentando disfarçar a inquietação crescente.

— Umas duas semanas, imagino. Segundo me escreveu, James Gregory deseja renovar amizades antigas aqui em Londres.

— Ah, duas semanas passam depressa — afirmou o pai de Ned. — Além do mais, ele, sem dúvida, passará a cuidar de Clarissa e nós dois voltaremos a ter a liberdade que tínhamos antes da invasão americana.

— Não estou muito certa disso — lamentou-se Lavínia.

Sentada junto a Geoffrey na sala de estar da casa dele, ambos com as roupas em desalinho e tentando afastar os obstáculos que lhes bloqueavam o caminho da paixão, ela se sentia como uma das heroínas de Ouida.

— James é um homem maravilhoso, mas muito ocupado também — continuou. — Duas semanas podem se alongar em três ou quatro. Embora goste muito da filha, tenho medo que ele se envolva com o trabalho e acabe esquecendo Clarissa. Isso já aconteceu antes. Depois, James se dá conta do que fez, aparece todo arrependido e enche a menina de mimos. Por essa razão, a pobrezinha era uma criatura voluntariosa e exigente quando a tomei

sob meus cuidados.

— Você fez um trabalho excelente com sua sobrinha. Até o meu Ned está encantado com ela — afirmou o amante antes de lhe dar um beijo úmido na testa franzida.

— Graças ao auxílio prestado por Brandon Phillips, ao menos no início — disse ela com modéstia. — Mas agora que ele resolveu cuidar dos próprios livros, Clarissa voltou a ser um problema, embora de natureza diferente.

— Como assim, doçura?

— Você sabe como minha sobrinha era teimosa e independente antes de Phillips controlá-la com pulso firme. Após o pedido de demissão dele, Clarissa transformou-se numa criatura muitíssimo diferente. Vive apática, mal se alimenta e mostra-se dócil demais à vontade dos outros.

— Sendo assim, não se tornou mais fácil lidar com ela? — perguntou o conde, confuso.

— Engana-se, meu querido. Apesar de ter tido sete filhas, um homem de sua posição não pode entender o trabalho exigido na formação adequada de uma moça fina. Essa nova Clarissa precisa de muito mais cuidado e atenção. Não sei o que James vai pensar a respeito de mim e de meus esforços quando constatar a mudança na filha — lamuriou-se Lavínia.

— Se a menina sente falta dos estudos, por que não lhe arranja outro instrutor para mantê-la ocupada? Dessa forma, teremos pai e filha fora do caminho — sugeriu *lord* Geoffrey com um sorriso malicioso.

Lavínia corou e riu como uma adolescente. Adorava as maneiras do amante, porém a boa vontade dele não lhe solucionava o problema.

— Ora, Geoffrey, não me tome por boba. Acha que eu não agarraria e poria em prática a primeira idéia para nos facilitar o maior número possível de encontros? Eu só tinha um outro pretendente para dar as aulas e, ontem, tomei as medidas necessárias para contratá-lo.

— Então, qual é o problema? — indagou o conde ao percorrer os dedos ao longo do pescoço de Lavínia.

— Já comentei com você minhas suspeitas sobre a atração que Waverly-Smythe sente por Clarissa. Não seria prudente sair e deixá-los a sós.

— Fazia isso com Phillips — argumentou Geoffrey, preocupado com o perigo de uma abstinência forçada.

— Com Brandon era diferente, ele me inspirava confiança. Além do mais, Clarissa o detestava no início e, depois, Ned estava sempre lá para lhes fazer companhia. Mas não vamos deixar que as perspectivas sombrias das próximas semanas atrapalhem nossas últimas horas juntos — pediu Lavínia,

aproximando os lábios dos dele. — James pode chegar amanhã, porém, se não pensarmos nele, não haverá mais nada para nos interromper esta tarde.

— Está bem — concordou Geoffrey menos desalentado. Tomou-lhe os lábios com ardente paixão. Não queria que

Lavínia se esquecesse de ter todas as razões do mundo para voltar correndo para ele na primeira oportunidade. Ela, como sempre, mostrou uma receptividade excitante e, quando já se preparava para despi-la, a porta escancarou-se e Ned entrou na sala.

— Ned! O que significa isto? — gritou o conde enquanto ele e Lavínia se separavam.

— Papai, preciso de seu conselho — Ned começou apressado e com as sobrancelhas franzidas, mas só então deu-se conta do que, exatamente havia interrompido.

Pela primeira vez na vida, Edward Lowell Newcomb ficou muitíssimo desconcertado. O pai e a tia de Clarissa?!

— Deve ser algo muito importante, Ned, para você invadir a sala dessa maneira rude sem ser anunciado — repreendeu o conde enquanto Lavínia, de costas, abotoava a blusa. — A Srta. Cooper e eu discutíamos um novo projeto da Sociedade de Horticultura.

— Ah — foi só o que o rapaz conseguiu balbuciar ao fazer um esforço imenso para se recuperar da surpresa. — É... Isso... Isso me... parece muito importante — gaguejou ao mesmo tempo que recuava para a porta. — Muito mais importante do que...

— Acha que poderíamos conversar sobre seu problema numa outra ocasião? — indagou o pai.

— Sim, senhor — concordou Ned depressa e continuando a se afastar de costas. — Eu o vejo em nosso jantar semanal.

Mal acabava de se virar a fim de escapulir da situação embaraçosa, quando a voz autoritária do pai o imobilizou.

— Onde estão suas boas maneiras, rapaz? Despeça-se da Srta. Cooper.

Deus amantíssimo e misericordioso! Então o velho representava uma burla como se nada tivesse acontecido, reconheceu Ned cheio de admiração. O pai era bem mais esperto do que imaginava. Mas se ele queria as coisas dessa maneira, não lhe custava nada satisfazê-lo.

— Foi um prazer vê-la, Srta. Cooper — disse Ned sem pensar, porém, ao ver o rubor intenso de Lavínia, percebeu como suas palavras poderiam ser interpretadas. Depressa, acrescentou: — Passe bem, Srta. Cooper. Por favor, dê minhas lembranças à Srta. Manning.

— Obrigada, Ned — agradeceu Lavínia com a maior naturalidade possível. — Por que não passa lá em casa para vê-la? Sei que foi o Sr. Phillips quem o levou lá a primeira vez, mas você pode repetir as visitas em companhia do novo professor de Clarissa, o Sr. Waverly-Smythe. Você o conhece, não é?

— Sim, sim. Irei lá sem falta — prometeu Ned, cujo sorriso amável desviava a atenção dos olhos arregalados.

Finalmente, saía da sala de estar do pai, então transformada num ninho de amor.

Com a cabeça em parafuso, o jovem Edward Lowell Newcomb afastou-se da casa paterna o mais depressa possível. Tinha ido lá com um dilema e saía com dois. Na verdade, admitiu contrafeito, não deveria ter irrompido sala adentro como fazia quando era menino. Mas já começava a se desesperar e precisava de conselhos.

Desde a briga entre Brandon e Clarissa, nada mais voltara a ser como antes. De um lado estava Brandon, teimoso e irracional. Ned ainda não conseguia entender por que o amigo se ofendera tanto com a oferta de J. G. Manning para ajudá-lo.

Do outro lado encontrava-se Clarissa, cuja situação triste lhe cortava o coração. No meio estava ele sem saber como dar apoio incondicional ao amigo do peito e, ao mesmo tempo, ajudar Clarissa neste momento de amargura. Como censurar Brandon e instigá-lo a se reconciliar com a namorada sem correr o perigo de perder sua amizade?

Foi esse desespero que havia empurrado Ned à casa do pai, na esperança de receber orientação esclarecedora. Todavia, fora o constrangimento que o forcara de lá para fora. O pai e Lavínia Cooper! O impacto da surpresa ainda não havia passado, apesar de já estar a uma boa distância do local de sua descoberta. Não sabia se deveria se indignar ou se divertir com o conhecimento dos fatos. Imagine! Gente dessa idade comprazer-se com contato físico! E de que natureza!

Tornava-se óbvio que ele era bem mais parecido com o pai do que tinha pensado, concluiu Ned com um largo sorriso. Nesse caso, o seu prazer com o sexo fraco poderia se estender por muito mais anos do que calculara. Que descoberta maravilhosa, ponderou felicíssimo até lembrar-se da novidade contada por Lavínia sobre Waverly-Smythe. Sério, refletiu em como dar a notícia a Brandon. Embora o amigo garantisse o contrário, Ned desconfiava que continuava apaixonado por Clarissa.

Depois de furar o dedo com a agulha pela terceira vez em cinco minutos,

Clarissa atirou longe o bordado. Tia Lavínia tinha idéias muito antiquadas sobre os deveres de uma mulher. Jamais terminaria a peça antes da chegada do pai.

— Minha querida, você afirmou que eu seria seu modelo de feminilidade. Você sabe o quanto valorizo minhas plantas e meu bordado — a tia argumentara diante de seus protestos ao receber o pedaço de tecido e as meadas de linha. — Seu pai chegará em poucos dias e seria muito bom se você tivesse algo concreto para provar seus dotes. Afinal, a mente é invisível e ele não poderá constatar, de improviso, o seu aprendizado. Além disso, você precisa de alguma atividade agora que o Sr. Phillips interrompeu as aulas. Um bordado bem-feito vai desviar a atenção de seu pai de seus cabelos.

Meus cabelos! Nesses últimos dias, a tia voltara a reclamar deles, pensou Clarissa ao levantar-se e ir para a frente do espelho examiná-los. Em sua opinião, eles lhe davam uma aparência bem moderna, apesar da desaprovação silenciosa de Preston e dos protestos eloqüentes de Lavínia. Desde que os cortara dois meses atrás, eles haviam crescido bastante. Os caracóis, na nuca, já tocavam a gola da blusa e fazia semanas que não usava a peruca providenciada pela tia. Brandon, após o choque inicial, passara a adorar a simplicidade de seus cabelos. Com os lábios, capturava-os, traçando uma linha de beijos na nuca. A mensagem de paixão chegava-lhe à alma, passando em cada fibra de seu ser.

Brandon!, suspirou angustiada. Desde a manhã em que ele se fora no auge da fúria, seu coração disparava ao ouvir a aldrava da porta ou ao ver a correspondência chegar. A esperança de receber uma mensagem sua persistia. Em momentos como esse, sentindo-se inquieta demais para ler ou estudar, o corpo ansiava por suas cadeias. Postava-se à janela como se o desejo fosse capaz de trazer o amante de volta. O ex-amante, corrigiu-se. Mas era tão difícil aceitar o fim de um futuro sonhado ao lado dele. Deveria odiá-lo, e às vezes o fazia, porém não por muito tempo. Brandon era o único homem capaz de levá-la a se sentir preciosa. Sabia ter sido muito tola, mas Brandon também fora.

Por que Brandon não podia ser mais razoável e menos temperamental como Preston? “Preston não inflama de paixão o seu corpo como Brandon, nem estimula seu coração e mente na busca de novas emoções”, argumentou uma voz conhecida.

Mas Preston respeita minhas vontades e os limites que impus em nosso relacionamento. Ele é atencioso e de confiança. Para mim é melhor, não terei

complicações, Clarissa tentou se convencer.

Então por que o perfume de violetas esmagadas a perseguia até mesmo ali na saleta? Por que continuava sonhando com uns olhos azuis que a fitavam cheios de mágoa? Seria bem mais simples se Brandon não fosse um homem de princípios tão inflexíveis. Pelo menos, graças a Deus, ele não tinha procurado Humphrey para confessar a verdade sobre o exame. Sendo assim, continuava candidato à bolsa. Talvez ela conseguisse convencer o pai a interferir no caso sem Brandon saber. Para tanto, precisaria arranjar uma explicação convincente.

— Papai! — Clarissa abandonou as conjeturas ao ver o homem a quem pensara recorrer materializar-se, descendo de uma carruagem de aluguel em frente à casa. Impossível! O pai só era esperado no dia seguinte e ela não estava preparada para recebê-lo. Mas a batida da aldrava na porta anunciava o imprevisível. James Gregory Manning estava de volta.

Respirando fundo e devagar, numa tentativa de acalmar o coração disparado, Clarissa ajeitou os cabelos e rezou para que sua aparência não horrorizasse o pai severo. Em instantes, ouvia-lhe os passos e sentia-se envolvida por seus braços.

— Minha querida, posso ver que, pela primeira vez, sua tia não exagerou.

— Exagerou?!

— Lavínia me escreveu que você, apesar dos cabelos cortados, estava muito bonita e bem-comportada. Esse segundo ponto ainda preciso verificar, mas quanto ao primeiro, concordo plenamente com sua tia. Você está uma jovem muito atraente, Clarissa, muito mesmo.

Vindo do pai, esse era um elogio tão inesperado quanto a sua chegada antecipada, e Clarissa, corando, não conseguiu falar. Ele, entretanto, prosseguiu:

— Talvez você tenha se tornado uma responsabilidade maior. Onde está sua tia?

— Não o esperávamos a não ser amanhã, papai.

— Vamos lá, Clarissa, você deveria saber que uma de minhas estratégias mais eficientes em um tribunal consiste em apanhar a oposição desprevenida. Amanhã, tudo seria como Lavínia imagina que eu espero encontrar. Hoje, vejo a verdade. Mas, afinal, onde está sua tia? A criada que me recebeu não soube dizer ao certo.

— Tia Lavínia foi à reunião de um comitê da Sociedade de Horticultura. Deve chegar para o jantar, talvez até mesmo para o chá — explicou Clarissa

meio relutante.

— Saiu e deixou você sozinha?

— Já tenho dezoito anos, papai.

— Joana D'Arc só tinha quatorze e veja a grande confusão que armou quando a deixaram por conta própria.

Andando pela saleta, o homem notou vários detalhes. Viu o bordado largado num canto, livros de história espalhados a esmo e vários textos de filosofia. Avistou, sob uma mesinha, a ponta de um livro caído. Com certeza, a filha o tinha derrubado e esquecido de apanhá-lo. Curvou-se e o pegou.

— Um livro de Direito, Clarissa? — indagou surpreso. — Não me diga que sua tia a incentivou a ler textos sobre o assunto. Ou você o escondeu ali para que ela não visse?

— Não, não. Brandon e eu o usamos para documentar alguns pontos de um trabalho. Eu nem tinha visto que ele o havia deixado aí — respondeu.

Brandon devia desprezá-la muito, pois esquecera o livro ali havia quase duas semanas e não tinha vindo buscá-lo.

— Você sempre teve muita facilidade para localizar referências valiosas para qualquer caso. Espero que o Sr. Phillips a aprecie, quer dizer, sua competência em pesquisas, tanto quanto eu a valorizo.

— Não sei, ele nunca disse — respondeu Clarissa relutando em falar sobre Brandon, porém consciente da necessidade de explicar a ausência dele.

— Na verdade, papai, ele não está mais me dando aulas.

— Sua tia não me escreveu contando isso. Por que não?

— perguntou Manning, aborrecido com esse imprevisto, pois esperava que o rapaz lhe prestasse alguns serviços.

— Você já devia estar viajando para cá — improvisou Clarissa, tentando arranjar uma história para tranquilizar o pai.

— Ele estava exigindo muito do meu tempo e eu não suportava mais o seu ar presunçoso de superioridade e as tarefas absurdas que me dava. Era como se ele não reconhecesse a capacidade feminina para estudos mais elevados ou que as mulheres fossem tão criativas quanto os homens.

— Clarissa, isso é impossível, pois ele permitiu que você o ajudasse no seu próprio trabalho. Naturalmente, o Sr. Phillips notou que você era mulher e, mesmo assim, poderia ter algum valor para ele.

“Apenas na cama”, disse para si mesma, mas em voz alta, afirmou:

— Apenas em termos do dinheiro pago por seu tempo.

— Entendi, nas suas cartas e nas de Lavínia, que vocês passavam mais horas trabalhando juntos ultimamente — comentou Manning.

A explicação de Clarissa lhe soava falsa. Não estava disposto a deixar escapar um estudante de Direito tão brilhante como Brandon Phillips só porque a filha não gostava de ser tratada com pulso firme. Decidido a esclarecer a situação, expressou a dúvida:

— Se ele se interessava só pelo salário, teria continuado a dar as aulas, ainda mais quando contava com sua ajuda desinteressada em pesquisas, não concorda?

— Só Deus sabe, senhor, o que Phillips pode fazer se lhe derem oportunidade — apartou uma voz masculina vinda da porta. — Desculpe interrompê-los, Clarissa. Não sabia que estava com visita.

— Não sou visita, rapaz, e sim o pai dela. Quem é o senhor para entrar aqui sem ser anunciado? — perguntou o pai, zeloso de uma filha bonita.

Se rapazes apareciam ali com tal liberdade, fora muito oportuno ter chegado um dia antes. Lavínia podia levar a vida que bem entendesse, mas Clarissa devia gozar de um ambiente saudável e de moralidade exemplar.

— Ah, mil perdões. Clarissa disse que o senhor estaria aqui amanhã e eu... — Apanhado de surpresa, Preston sentiu-se confuso, por uns instantes, diante do homem que desejava como protetor. Tinha de reparar o erro depressa. — Dr. Manning, aceite minhas profundas desculpas pelo que pode parecer grosseria de minha parte. Sou Preston Waverly-Smythe e tenho a honra de ser o novo professor particular de sua adorável filha, agora que Phillips pediu demissão.

— Foi demitido — corrigiu Clarissa depressa. — Eu estava justamente explicando a papai como a atitude dele tinha se tornado insuportável.

— Sim, muito burguesa e nem um pouco adequada ao tratamento de uma jovem de sua sensibilidade — concordou Preston. — Mas o que se poderia esperar quando o trabalho era feito apenas pela compensação monetária?

— Então, devo entender que o senhor assumiu as responsabilidades de Phillips sem remuneração? — indagou Manning, pensativo.

— Não, não. Quer dizer, a Srta. Cooper não quis ouvir falar nisso — declarou Preston com meia verdade, pois não tinha sugerido trabalhar de graça. — Sua filha é muito inteligente, por isso, torna-se um prazer cuidar de sua instrução.

— Quando deseja, Clarissa aprende depressa — disse o pai em tom seco. — O senhor sabe, por acaso, se Phillips arranhou algum outro trabalho depois de largar as aulas aqui?

— Não creio, senhor, não nesta época do ano escolar. Ele deve estar

enterrado nos livros e sem tempo para outros afazeres. Ele não soube apreciar o talento de Clarissa, desculpe, da Srta. Manning — corrigiu-se o ambicioso Preston.

— Bem, já que minha filha é tão inteligente, o senhor vai dispensá-la da aula desta tarde. Preciso de uma pessoa para me ajudar em meu trabalho aqui em Londres e até encontrar uma, talvez Phillips, conto com Clarissa.

— Naturalmente, senhor — concordou Preston aturdido ao ver desaparecer a oportunidade de impressionar Manning. — Se eu puder lhe ser útil, por favor, não faça cerimônia.

— Obrigado. Prazer em conhecê-lo.

— O prazer foi meu. Sou seu admirador há muito tempo. Bem, Clarissa, até amanhã à tarde.

— Pensando melhor, deixe as aulas para a semana que vem, rapaz. Lavínia me escreveu estar planejando dar uma festa por esses dias e, sem dúvida, minha filha terá de ajudá-la.

Manning começava a desconfiar desse indivíduo. Ele era maneiroso e rebuscado demais para seu gosto e, ao mesmo tempo, mostrava-se um tanto confiado para ser fino. Precisava investigar tal ponto antes de acolhê-lo em casa de Lavínia.

Sem outra alternativa, Preston teve de ir embora sem falar em particular com Clarissa. Só lhe restava esperar que ela lembrasse os dados importantes a seu respeito para mencioná-los ao pai. Maldição! Tornava-se imperioso encontrar uma maneira de desacreditar Phillips, especialmente se Manning tencionava, de fato, contratá-lo como auxiliar. Desde o exame seis semanas atrás, Humphrey dispensava mais tempo e atenção a Brandon do que a qualquer outro aluno. Entretanto, ainda não tinha lhe colocado a nota no quadro. Com todos os diabos, o que fazia do infeliz alguém tão especial? A resposta talvez estivesse no exame dele. Se fosse ao escritório de Humphrey, poderia vê-lo. Com esse propósito em mente, Preston afastou-se de Hertford Court bem menos desanimado.

— Papai, você não está pensando seriamente em contratar Brandon, não é? — indagou Clarissa meio hesitante após a saída de Preston.

— Estou sim, sem sombra de dúvida. De acordo com as referências de Michael Humphrey e o entusiasmo nas cartas de Lavínia, sem falar no das suas, Clarissa, o rapaz é excelente. Não vou permitir que um desentendimento trivial me impeça de ter um assistente de primeira qualidade. A não ser que exista algo mais sério escondido nessa sua cabecinha.

— Não! — negou Clarissa, assustada. — Mas por que eu mesma não me encarrego das pesquisas como sempre fiz?

— E muito bem. Mas, se não me engano, de vez em quando você reclamava o quanto o trabalho atrapalhava sua vida social. Vamos passar um mês aqui em Londres e eu quero que você aproveite bastante a estada. Não há razão para ficar enfurnada em bibliotecas como na Filadélfia.

— Um mês?! — exclamou Lavínia, esbaforida, ao entrar apressada na saleta.

— Um pouquinho mais. De amanhã a cinco semanas, embarcamos para os Estados Unidos — informou Manning.

— Mas você não escreveu que tinha trabalho urgente para ser terminado? — questionou a cunhada.

— Ah, Lavínia querida, você não mudou nem um pouco — disse Manning rindo ao beijá-la no rosto. — Só mesmo você para se preocupar com meu trabalho. Tenho, de fato, de terminar de escrever um livro, mas a pesquisa de um certo capítulo ficará melhor se for feita aqui em Londres. Espero não estar lhe causando transtornos, pois, caso contrário, Clarissa e eu podemos ir para um hotel.

— Não, jamais permitiria! Há tantos quartos nesta casa — disse Lavínia ao atirar-se no sofá com um suspiro e pensando como seria bom se hospedagem constituísse seu único problema. — Clarissa, por que você não pede e serve o chá? Quero subir e descansar um pouco antes do jantar. A reunião da Sociedade de Horticultura hoje foi exaustiva. Você me dá licença, James?

— Naturalmente, Lavínia. Obrigado mais uma vez por tudo o que você vem fazendo por Clarissa e por mim.

“E por tudo que não fiz por Geoffrey e por mim mesma e nem poderei fazer”, disse para si própria. Família!

Sentado no escritório de Humphrey, na tarde do dia seguinte e durante outra sessão desagradável, Brandon fitou a expressão severa do mestre com indignação crescente.

— Senhor, neste período eu me enterrei nos estudos, eu me desincumbi de uma quantidade exorbitante de pesquisas, comi, bebi e respirei Justiça e leis sem reclamar. Mas isto, se me der licença, é ir longe demais.

— Não, não lhe dou licença, seu ingrato. Se Manning quer você, vai tê-lo. Eu já não o coloquei como professor da filha dele? Aliás, você deu um jeito de armar confusão lá. Que eu saiba, seu rival é o novo instrutor da menina.

Com o mesmo gosto amargo sentido na véspera quando Ned lhe dera

essa notícia, Brandon assentiu com a cabeça.

— Pois muito bem, agora que o grande homem encontra-se em Londres e requisitou seu trabalho, embora só Deus saiba porquê, você vai atender o pedido.

— Mas senhor...

— Não quero ouvir nem mais um pio. Você vai trabalhar para ele.

— Isso é tão irracional. Como vou conseguir fazer meu trabalho e, ao mesmo tempo...

— Seu o quê? Sua obrigação é completar toda tarefa determinada por mim. A próxima é trabalhar para Manning, não importa se você a considera irracional ou racional — declarou Humphrey em tom autoritário.

Ele se recusava a alimentar curiosidade sobre as razões de o protegido não agarrar, entusiasmado, a oportunidade fantástica. Só podia ser por motivos de ordem pessoal, e Humphrey, havia muitos anos, tinha o hábito de não se imiscuir na vida particular dos alunos. Seu interesse resumia-se em preparar os melhores advogados possíveis é, para tanto, lançava mão de todos os recursos disponíveis para ver os estudantes mais talentosos com a carreira garantida. Os ingênuos pensavam ser possível alcançar sucesso e servir o Império Britânico por que eram inteligentes? Ora, esse ponto nem pesava na balança! Conexões, sim, eram importantíssimas. Só depois de estabelecidas, o talento poderia florescer.

— Muito bem, Phillips, estamos entendidos. O que eu não teria dado para trabalhar com um homem como J. G. Manning quando tinha sua idade! Pelas suas reclamações até parece que eu esteja lhe pedindo para entrar no inferno e não lhe dando uma oportunidade de ouro.

— Esse é o ponto, Dr. Humphrey. O senhor não está me pedindo e sim, ordenando — respondeu Brandon, exasperado, ao pensar que seria mesmo um inferno ouvir o riso cristalino de Clarissa, vê-la passar, ser atormentado pela sua proximidade e saber que ela nunca se importara realmente com ele.

— Correto, Phillips, estou lhe dizendo o que fazer. Se você se sente incapaz ou sem vontade de me atender, pode sair por aquela porta — disse o mestre com um gesto de cabeça em direção à saída. — Hoje, você ultrapassou as medidas.

Brandon nunca tinha feito antes esforço tão grande para se controlar. Rubro de raiva, fitou Humphrey, porém não abriu a boca. Em silêncio, o professor congratulou-se pela avaliação acertada que fizera do aluno. Em circunstâncias adequadas, esse falcão subiria muito mais alto do que os companheiros, e a possibilidade incentivou-o a atirá-lo para fora do ninho a

fim de experimentar suas asas.

Por seu lado, Brandon refletia se o tirano, afinal, tinha lhe feito um favor em não reprová-lo. Teria sido mais fácil repetir o semestre do que suportar as punições sem-fim por causa do maldito exame feito por Clarissa.

E agora esse velho sem coração queria que ele entrasse de volta na cova dos leões. Dessa vez, entretanto, não teria de enfrentar as fêmeas, mas o líder do bando. Deveria lembrar Humphrey que se chamava Brandon e não Daniel.

La fazer uma nova tentativa de protesto, porém não teve oportunidade. O mestre estendia-lhe um pedaço de papel em que acabara de escrever algo.

— Você vai trabalhar com o Dr. Manning neste endereço. Conseguimos um escritório para ele perto das Inns of Court. Esteja lá amanhã cedo. Ele o estará esperando.

— Sim, senhor — respondeu Brandon de cabeça erguida, sem deixar dúvida de que a obediência não significava submissão absoluta.

Sentia uma vontade enorme de arrancar fora a coleira posta por Humphrey em seu pescoço. O tal Manning não podia ser muito diferente da filha, e a perspectiva de trabalhar para ele era-lhe muito desagradável. Pelo menos, refletiu ao se levantar para ir embora, seria em um escritório e não na residência de Lavínia. Esse era o único lado positivo, pois diminuía as possibilidades de um encontro com Clarissa. Mas se o americano mencionasse a filha, ouviria poucas e boas a respeito da belezinha. Ao girar a maçaneta da porta, consolou-se com a idéia de que Humphrey não conseguiria encontrar muitas outras formas de puni-lo. Este seria seu pior castigo.

— Um momento, Phillips. Ao ir encontrar-se com Manning amanhã significa que não assistirá a minha conferência. Peça a um colega para lhe emprestar as anotações.

— Sim, senhor — respondeu Brandon em tom seco, o estrondo da porta sendo batida quase lhe abafando a voz.

Sorridente, Humphrey sacudiu a cabeça. Phillips ia ser um grande e causticante advogado realmente!

Maldição! Essa rameira Manning o estava fazendo perder a cabeça. Num esforço de concentração, Preston girava o grampo na fechadura do escritório de Humphrey tarde da noite. Semanas atrás, devia ter desconfiado de algo errado no exame de Phillips e do que poderia se beneficiar, caso o tornasse público, raciocinou já dentro do aposento. Indo logo ao fichário, encontrou o que procurava. Felizmente, Humphrey não o escondera. O idiota não

esperava visitantes.

Aumentando a luz do bico de gás, já encontrado aceso, ele percorreu os olhos pela letra quase ilegível da primeira página. Era o suficiente. Nunca vira tanta asneira junta. Por isso Humphrey não havia dado nota. Brandon deveria ter sido reprovado pela insensatez dos argumentos expostos ali. Mas apenas Humphrey tinha visto o exame, e ninguém mais o veria segundo os critérios ordinários do conselho da universidade.

E os extraordinários?, refletiu Preston, considerando as opções possíveis. Se, anonimamente, acusasse Humphrey de parcialidade, ele próprio corria o risco de ser expulso junto com Brandon, caso descobrissem como passara a mão no exame. Além do mais, eles eram tidos como documentos sagrados e a nota do professor, inviolável. Portanto, Humphrey nem seria censurado. Todavia, era lamentável que esse lixo não pudesse ser usado para desacreditar Phillips a fim de eliminá-lo da competição pelo patrocínio de Dobson e Whittaker. Humphrey talvez se deixasse levar pela esquisitice do idiota, mas um pilar da Justiça da estatura de Manning...

Manning? E se ele visse o exame? Continuaría o homem disposto a contratar como seu auxiliar, mesmo temporariamente, um estudante de idéias tão radicais? Não, claro, concluiu Preston ao devolver os outros exames ao fichário e conservar o de Brandon. Com um pouco de sorte, conseguiria fazer o papel chegar às mãos de Manning no dia seguinte. O homem teria tempo, antes da festa de Lavínia, de digerir aquelas asneiras e procurar um outro assistente. “E eu, como instrutor da filha, estarei à disposição”, ponderou satisfeitíssimo.

— Olá! Quem está no meu escritório?

A voz zangada de Humphrey apanhou Preston de surpresa. Que diabos o velho fazia ali àquela hora da noite? Antes de conjecturar uma resposta, o instinto o levou a jogar a lâmpada no chão e passar correndo pelo professor alarmado.

— Ei, você aí! Pare!

Empurrado para o lado pelo intruso, Michael Humphrey caiu sentado, derrubando os óculos e a pasta. Levou alguns instantes para entender o que tinha acontecido.

— Um vândalo em meu escritório? Não se respeita mais nada! As troças dos estudantes estão passando dos limites! Eles costumavam esperar até a última semana de aulas do ano para pôr as manguinhas de fora!

CAPÍTULO XV

Quando o dia da festa de Lavínia chegou, tudo estava preparado de acordo com os requisitos exigidos para recepcionar os convidados circunspectos e amigos do cunhado famoso.

— Ah, nesta você não vai acreditar — disse Ellen rindo divertida e com o livro *Linguagem das Flores*, de Kate Greenaway, aberto nas mãos.

— Ora, conte logo — ralhou a cozinheira, ocupada nos últimos detalhes dos pratos para a recepção. — O tempo que você ficou lá dentro daria para ler uns vinte livros de botânica e não só esse aí sobre o sentido dos buquês.

— Eu tive de esperar a patroa acabar de descobrir as últimas mensagens — justificou-se Ellen.

— Está bem. O que quer dizer cravos vermelhos com ramagens de loureiro?

— Não, não. Você tem de apreciar o desespero crescente do pobre homem — discordou Ellen, voltando a rir da correspondência floral entre Geoffrey Newcomb e a amante. — Primeiro, ele mandou as prímulas querendo dizer “inquieto com sua ausência” e ela respondeu com “amor e paciência”, através de mirto e rudbéquias.

— Já sei, já sei. Ontem chegaram os junquinhos: “Desejo seu afeto de volta”. A patroa, então, enviou margaridas: “Compartilho de seus sentimentos”. Veja logo a mensagem de hoje — ordenou a cozinheira impaciente.

— Ai de meu pobre coração! Morrerei se for negligenciado — leu Ellen.

— Morrerei se for negligenciado? — repetiu a outra. — Vou ter de arranjar uma cópia desse livro de mensagens para o meu Andrew.

— Ora, isso não ajudará seu marido em nada — contradisse Ellen sem pensar. — Quer dizer, ele não conseguiria encontrar as flores e folhagens apropriadas como esses dois. Eles contam com as plantas das estufas. Você não acha o conde o homem mais romântico do mundo? Mas também é o demônio em pessoa. Onde já se viu tentar a pobre com a casa cheia de convidados? Ela ficou nervosíssima e deixou a sala.

— Você tem razão, ele é muito galante. E ninguém suspeita das flores — comentou a cozinheira.

— O cunhado não notou nada e d. Clarissa, trancada sempre no quarto,

nem viu os buquês.

— Ela não tem comido nada desde que o simpático Sr. Phillips parou de vir aqui. A menina só belisca a comida, não importa as delícias que eu prepare. Talvez ela devesse mandar umas flores para o rapaz — ponderou a cozinheira ao acabar de guarnecer uma bandeja de sanduíches de pepino e agrião.

— Sabe, esse novo professor não se compara com o outro.

— Não mesmo. Mas vai servir bem para provocar ciúmes no Sr. Phillips. Com os dois aparecendo aqui hoje, aposto como essa é a intenção dela. A nossa americana vai provocá-lo até que ele a apanhe — predisse Ellen com um sorriso sagaz.

— D. Clarissa não é do tipo de tomar chá de cadeira.

Nesse momento, entretanto, Clarissa tentava arranjar uma desculpa para não descer.

— Titia, não estou com vontade de ver gente e conversar

— disse baixinho, ainda de camisola e penhoar. — Prefiro ficar aqui em cima e não ver os convidados de papai.

— Tolice. Uma jovem bem-educada e de boas maneiras, primeiro, cumpre seu dever e, só depois, dá atenção às vontades próprias — admoestou Lavínia em tom áspero e pouco comum, irritada por se sacrificar por James Gregory e a filha se recusar a dar um mínimo de apoio. — Sua atitude me envergonha, Clarissa. Já não está na hora de você fazer algo por outras pessoas?

“Eu fiz e veja o que aconteceu. Ele me odeia”, refletiu Clarissa. Evitando olhar para a tia, foi até a janela e entreabriu um pouco a cortina a fim de observar a rua e o parque. Qualquer coisa servia para desviar sua atenção da expressão desapontada de Lavínia. Ela não entenderia que, na verdade, não se sentia bem.

— Veja o trabalho admirável da Srta. Simmons em seu vestido, minha querida. O bordado a mão no decote e nas mangas desta seda deve ter levado horas e horas para ser feito. A tonalidade clara do bege vai lhe realçar muito a cor dos olhos e dos cabelos — argumentou Lavínia na iminência de perder o resto da paciência. — Olhe aqui, Clarissa, você atormentou a coitada para terminar o vestido a tempo para a festa de seu pai. Não pense que ele, agora, vai ficar pendurado aqui no armário — disse, mas não obteve resposta alguma.

Sentindo-se impotente, aproximou-se da sobrinha e colocou o braço em seus ombros. Na verdade, tinha vontade de estrangulá-la. Olhando pela

janela, Lavínia viu, entre os convidados que chegavam, a oportunidade de oferecer mais um argumento a Clarissa.

— Olhe, minha querida, não é o professor Michael Humphrey chegando com Brandon?

— O que ele veio fazer aqui?

Para constrangimento de Clarissa, sua voz saiu embargada por um soluço. Nos últimos dois dias o pai não se cansara de elogiar Brandon e ela não suportava mais ouvir falar no ex-amante. De forma alguma queria vê-lo, ainda mais quando não se sentia bem. O estômago, de fato, estava enjoado.

— Ora, nós fomos apresentadas a ele na recepção dos estudantes de Direito, não se lembra? Como é colega de seu pai, eu o...

— Não estou falando de Humphrey e sim de Phillips.

— Brandon?! — perguntou Lavínia, perplexa. — Então ele era a raiz do problema? Clarissa, tudo não passou de um pesadelo, e mais de duas semanas atrás. Você me garantiu que Brandon tinha sido sempre muito atencioso e educado com você. Não entendo por que a presença dele aqui a perturba, especialmente quando Brandon, agora, trabalha para seu pai.

— Não fiquei perturbada, titia, apenas surpresa ao vê-lo — contestou Clarissa, dividida entre o desejo de atirar-se nos braços de Brandon e a necessidade de negar-lhe a existência.

Como ele podia tornar sua vida mais miserável ainda com o simples fato de aparecer ali?, indagou-se.

— Eu a avisei que, além dos professores, os melhores alunos de Direito seriam convidados. Preston e Ned, entre outros, virão. Você não tem nada a temer em relação a Phillips. Nem vai precisar conversar com ele se não quiser.

— Não tenho medo dele — afirmou Clarissa, “apenas de mim mesma quando estamos perto um do outro”.

— Ótimo. Nós a esperamos lá embaixo dentro de vinte minutos — informou Lavínia num tom que não admitia contestações.

Afinal, se alguém merecia passar a tarde na cama seria ela. Com Geoffrey, naturalmente.

Envergando seu melhor sorriso, Lavínia entrou na sala disposta a proporcionar uma tarde agradável a James, embora à custa do sacrifício da sua.

— Professor Humphrey, é um prazer imenso revê-lo. Fico muito satisfeita que o senhor tenha preterido seus livros em favor de nossa companhia.

— Minha cara senhora — começou Humphrey com expressão espantada —, ao convidar meus colegas e alunos, a senhora solucionou meu dilema. Eu me encontrava entre o dever ao trabalho e a tentação de vir aqui me distrair. Neste ambiente, posso satisfazer as duas coisas.

— Não, não, cuide só da segunda parte. O senhor não está a serviço aqui. Esqueça seus discípulos — aconselhou Lavínia, sorrindo para Preston do outro lado da sala.

— Não posso. Tenho de avaliar-lhes o comportamento social, especialmente o dos mais adiantados que deverão deixar a universidade dentro em breve. Não se pode ser indulgente ao medir sua capacidade para nos representar pelo mundo.

— Claro — concordou Lavínia, pronta para ir cumprimentar outro professor, um senhor de cabelos grisalhos. — Com licença, devo receber alguns convidados.

— Pois não — respondeu Humphrey —, mas não encoraje os alunos a ficarem muito à vontade.

— Ora essa, Michael — disse Manning tendo ouvido suas últimas palavras ao se aproximar. — Não acha que está exagerando seu papel de professor tirano? Sob essa sua aparência inflexível, existe um coração, tenho certeza. Sei que ele abriga alguns de seus jovens estudantes.

— Talvez um, mas não repita isso a ninguém — advertiu Humphrey enquanto observava Brandon recusar o ponche oferecido por Ellen. — Às vezes, um deles se sobressai e merece um esforço extra de nossa parte.

O rapaz parecia tão pouco à vontade e não tirava os olhos da porta como se quisesse ir embora, ou, quem sabe, esperasse a entrada de alguém, pensou Humphrey.

— Obrigado, Ellen — agradeceu Manning à criada que oferecia sanduíches. — Prove um destes, Michael. Trata-se de uma das muitas especialidades da cozinha de Lavínia. Bem, se você se referia a Phillips, concordo plenamente. Aliás, quero lhe agradecer por tê-lo indicado para dar aulas a Clarissa e, mais ainda, para trabalhar comigo. Em se tratando de pesquisa e análise de leis, a colaboração do rapaz é inestimável. Pena ele ser um tanto retraído. Parabéns, Michael, você o preparou da maneira mais completa possível. Duvido ter encontrado, em minhas andanças pela Europa, estudante de Direito com tantas qualidades e tão bem orientado.

— Não sei se eu lhe faria tantos elogios — comentou Humphrey com discrição ao notar Waverly-Smythe a poucos passos de distância. — Algumas idéias do rapaz são afrontosas.

— Está se referindo ao exame dele que você me mandou?

— Que eu lhe *mandei*? — indagou Humphrey, surpreso. Tanto quanto soubesse, o livreto com a dissertação de Brandon continuava em seu fichário junto com os outros.

— Exato, dois dias atrás. Fiquei surpreso com a sua liberalidade em abrir mão de uma composição tão brilhante. Certamente, ela me mostrou uma perspectiva bem diferente da que Phillips deixa ver quando trabalha comigo. Na primeira oportunidade, devolvo-lhe o exame.

Brilhante? Santo Deus, como uma sumidade da fama de Manning considerava aquele lixo brilhante quando nem passável era? Perplexo, Preston chegou mais perto dos dois homens. Ostensivamente, fingia admirar o retrato a óleo de Lavínia pendurado na parede ao lado.

— Diferente não é o sinônimo de bom, James. Explique-se melhor — pediu o mestre sempre vigilante.

Só então compreendia a invasão de seu escritório na noite de quarta-feira. Sem dúvida, o exame tinha sido roubado, mas quem o mandara para Manning? Phillips não tinha mostrado vontade de trabalhar para o homem. Teria ele pensado que o exame chocaria o americano a ponto de recusá-lo como seu auxiliar? Enquanto avaliava a indagação, Humphrey disse ao amigo:

— Bem, James, não deve ser difícil esclarecer seu ponto de vista.

— Não, de forma alguma, Michael. Mas por que não almoçamos juntos na segunda-feira a fim de discutirmos o assunto com mais tempo e em particular? — sugeriu Manning, indicando com o olhar o estudante ao alcance da voz. — Afinal, esta é uma reunião social e não de trabalho. Deixe-me falar sobre a coisa mais fascinante que vi em Milão.

Seguindo-lhe o olhar, Humphrey concordou. Então Manning também não simpatizava muito com Waverly-Smythe? Ali estava um tipo bem capaz de roubar algo com o propósito de prejudicar Phillips e, ao mesmo tempo, se beneficiar. Brandon era inteligente o suficiente para imaginar que Manning poderia apreciar sua abordagem inovativa do imperialismo histórico. Por seu lado, o conservadorismo político de Waverly-Smythe se escandalizaria com os argumentos pouco ortodoxos da dissertação, considerando-os verdadeira heresia. Sim, ele era o candidato certo para o crime, mas sem evidências seria impossível acusá-lo, considerou o professor. Contudo, essa idéia merecia não ser esquecida.

— Dr. Manning, professor Humphrey, quero lhes dizer como é estimulante gozar da companhia de homens com mentes tão privilegiadas

como as dos senhores — disse o rapaz em questão, aproveitando um intervalo da conversa dos dois para conquistar-lhes a simpatia. — Só espero, um dia, possuir um terço da reputação formidável de ambos.

— Não se possui uma sem conquistá-la primeiro, senhor — rebateu Humphrey irônico e seco ao ver Brandon, novamente, com o olhar fixo na porta. — Diga uma coisa, James, onde está sua filha adorável? Não a vejo desde a recepção para os estudantes em fevereiro.

— Não sei por que ela ainda não se encontra aqui. Mas, conhecendo Clarissa, imagino que ela queira fazer uma entrada triunfal, não é mesmo, Preston? Alguma vez ela apareceu à aula na hora certa?

— Quase sempre, senhor — respondeu o estudante aborrecido porque a conversa não girava sobre legislação para poder exibir seu conhecimento. — Mas quando a aluna é uma criatura encantadora como sua filha, a hora em que chega é sempre um prazer. Ah, lá está ela. Linda, não concordam?

Em qualquer ocasião, Clarissa ficaria muito satisfeita ao contar com todos os olhares masculinos voltados em sua direção.

Nesse momento, entretanto, sentia-se desolada com o único que se desviara para o lado oposto. Sabia estar atraente com o vestido novo, mas não se achava preparada para ser recebida com esse silêncio de admiração, nem para a aproximação súbita dos rapazes. A criação da Srta. Simmons modelava-lhe o busto com elegância e enfatizava sua cintura fina antes de cair em pregas soltas e graciosas à volta dos quadris. Terminava a quinze centímetros do chão deixando à vista as sapatilhas de pelica macia e os tornozelos bem torneados. As flores, bordadas em tom pastel nas mangas e ao longo do decote, tinham detalhes tão precisos como os de uma fotografia. Mas os olhares masculinos não paravam aí, absorviam a beleza completa de Clarissa. Todos os homens, com uma única exceção, desejavam que ela lhes pertencesse.

— Clarissa, você já conhece o Dr. Humphrey, não é? As palavras do Dr. Manning quebraram o silêncio e as pessoas à volta reassumiram suas conversas.

— Srta. Cooper, foi muito simpático de sua parte incluir os alunos do início do curso entre seus convidados — disse Ned com seu sorriso matreiro. — É muito difícil as pessoas pensarem em nós a não ser para nos dar trabalho.

— Ora, Ned, o prazer é meu em tê-los aqui — mentiu Lavínia ao conduzi-lo para junto de Brandon e imaginando o quanto o filho de Geoffrey tinha contado ao amigo sobre o encontro inesperado na casa do amante.

Melhor seria enfrentar logo a situação, decidiu. — Outro dia, não tivemos muito tempo para conversar e...

— Lamento, Srta. Cooper, mas deve estar enganada. Não a vejo há semanas, desde a noite em que fomos ao teatro com Brandon e Clarissa — corrigiu Ned com um brilho no olhar muito parecido com o de Geoffrey, reparou Lavínia.

— Devo, então, estar confusa. Pensei tê-lo visto em algum lugar, mas agora me lembro, foi outra pessoa — disse ela, satisfeita com o tato do rapaz.

— Por culpa minha, Srta. Cooper, Ned tem andado sem tempo para ir ao teatro. Com os estudos na universidade e comigo, ele vive ocupado — comentou Brandon.

— Poucas semanas atrás era tão diferente. Quando vocês três trabalhavam aqui, eu tinha a impressão de que se distraíam bastante. Infelizmente, Brandon, você não pôde continuar.

— O tempo não pára, Srta. Cooper, e a vida muda. Sua sobrinha parece ter se adaptado bem ao novo instrutor — disse Brandon em tom seco e fazendo um gesto de cabeça em direção a Clarissa que acabava de se apoiar no braço de Preston.

Sentindo o olhar de Brandon, Clarissa fitou-o para, em seguida, virar-lhe o rosto e rir com Waverly-Smythe. Tal mensagem bastava para o ex-amante.

— Se me der licença, Srta. Cooper, vou me retirar. Trabalhar para o Dr. Manning toma muito de meu tempo e quase não tenho nenhum para cuidar de meus estudos. Preciso aproveitar toda e qualquer hora disponível — justificou-se Brandon. — Até mais ver, Ned.

Quando procurou Brandon com o olhar, Clarissa não o encontrou. Talvez tivesse ido à cozinha buscar algo para Lavínia que também não estava mais na sala. Soltando-se do braço de Preston, foi ver se o achava.

— Estou procurando minha tia e o Sr. Phillips — disse ela às duas serviçais ao entrar na cozinha.

— O Sr. Phillips? — repetiu a cozinheira piscando para Ellen. — Ele não andou por aqui. Sabe dele, Ellen?

— Ah, eu ouvi quando ele se despediu da Srta. Cooper meia hora atrás mais ou menos.

— Sei. E ela, onde está?

As duas criadas trocaram olhares aflitos, mas não disseram nada.

— Muito bem, o que aconteceu a minha tia? Não me digam que ela foi a uma reunião da Sociedade de Horticultura!

— Vou ver se posso achá-la, d. Clarissa. Com certeza, está mostrando as

plantas raras para algum convidado. Posso verificar, se quiser — ofereceu Ellen depressa.

— Está bem — concordou Clarissa, deixando a cozinha com a intenção de falar com Ned e descobrir algo sobre Brandon.

— Avisei d. Lavínia para não deixar o homem vir aqui hoje — resmungou a cozinheira. — Ela não me deu ouvidos. Com o sangue fervendo daquele jeito, nem sei o que pode acontecer. Vá até o jardim de inverno, Ellen, e leve uma jarra de limonada para esfriar aqueles dois. Afinal, quando só há duas mulheres numa festa, o desaparecimento demorado de uma dá na vista.

— Clarissa, você está lindíssima! — elogiou Ned ao beijá-la na face com a familiaridade de um amigo querido, quando ela se aproximou alguns minutos mais tarde. — Como tem passado ultimamente?

— Muito bem, e por que não? — respondeu ela, brava. Por acaso Ned imaginava que ela estivesse morrendo aos poucos por causa da teimosia de Brandon em ver o seu lado? Sua resistência enfrentaria bem mais do que isso!

— Não sei. Sua tia mencionou que você não estava muito bem. Mas eu lhe garanto, sua aparência não poderia ser melhor nem mais encantadora — disse o amigo, confuso.

Ele se preocupava com Clarissa e não tivera a intenção de humilhá-la. Por que, de repente, ela se mostrava tão sensível? Sabia qual era a razão como também compreendia a crescente irritabilidade de Brandon. Ambos se desejavam, mas eram orgulhosos demais para admitir o fato.

— Você se desencontrou de Brandon por pouco. Ele saiu para enfrentar outra maratona determinada por Humphrey. Seria muito bom se pudéssemos contar com sua ajuda, Clarissa.

— Lamento, porém ando numa roda-viva. Mas dê-lhe minhas lembranças — recomendou no momento em que Lavínia, com os cabelos meio desalinhados pelas atenções do visitante inesperado, se juntava a eles.

— Ah, aqui está você, titia. Fiquei preocupada quando sumiu. Alguns convidados já vão indo embora.

Não em número suficiente, pensou Lavínia, ansiosa para escapar na primeira oportunidade.

— Pois vamos ficar junto à porta para nos despedirmos dos restantes. Foi uma tarde muito cansativa e longa. Os salgadinhos e doces já estão no fim. Adeus, Ned. Apareça quando quiser.

Enquanto subia os degraus em frente à porta da casa de Lavínia, Brandon mal continha a irritação.

— Seja camarada e dê um pulo a Hertford Court — dissera J.G.

Manning. — Esqueci umas anotações na biblioteca de minha cunhada e preciso delas para a reunião das dez e meia.

Por isso, ali estava ele, pela segunda vez em uma semana, na casa onde Clarissa morava por uns tempos e na qual ele desejara nunca mais entrar após o rompimento de ambos. Mas a vida o levava ao lugar onde a vontade jamais o faria. Primeiro, fora a maldita festa e, agora, essa incumbência.

Se não fosse a possibilidade de Clarissa estar em casa, ele não se importaria em pegar os tais papéis. Entretanto, considerava muito irregular o organizado J. G. Manning esquecer documentos e, muito mais ainda, pedir-lhe para ir buscá-los, uma tarefa própria para meninotes. No relacionamento entre ambos, o grande jurisconsulto o tratava de igual para igual, pedia e respeitava suas opiniões e jamais lhe designava trabalho algum que ele mesmo não o fizesse. Não era o semideus imaginado por ele, mas um indivíduo inteligente e afável que, depressa, lhe conquistava o respeito e a lealdade. Sem sombra de dúvida, caso Manning não fosse o pai de Clarissa, seria um prazer imenso trabalhar para ele.

Era preciso reconhecer, admitiu Brandon enquanto batia a aldrava ameaçadora em forma de leoa, que Manning o tratava com grande consideração apesar de qualquer coisa revelada por Clarissa. Obviamente, ela não contara tudo. No primeiro encontro, ele tinha feito algumas perguntas sobre as aulas para a filha e, satisfeito com as respostas, não voltara a mencionar o assunto. Quando conversavam em momentos de folga, o Dr. Manning limitava-se à narração de experiências e casos, alguns engraçados, vividos em sua carreira de advogado.

As reflexões de Brandon foram interrompidas quando Ellen abriu a porta. A criada não escondeu o ar de preocupação.

— Tudo bem, Ellen — disse Brandon amável. — Só vim buscar umas anotações deixadas pelo Dr. Manning na biblioteca. Se você me deixar entrar para buscá-las, irei embora antes de alguém dar por minha presença aqui.

Incrível! O Sr. Phillips aparecia ali e nem perguntava por d. Clarissa, pensou Ellen. A cozinheira e ela desconfiavam de alguma coisa, mas achavam que tudo não passava de uma rusguinha entre namorados. Postou-se de lado para deixar o bonitão passar e, tão logo ele entrou na biblioteca, correu até a cozinha a fim de contar as novidades.

Um momento depois, Clarissa começou a descer a escada com intenção de ir à saleta. Após alguns degraus apenas, foi tomada por uma forte náusea e gosto amargo na boca. Apoiada no corrimão, parou à espera de que o mal-estar passasse. Não desejava que ninguém, suspeitasse de algo que ela

mesma já aceitara.

Criada sem mãe ou parentes chegados, Clarissa não havia tido oportunidade de observar, de perto, uma gravidez. Todavia, não era ingênua. Não tinha ficado menstruada este mês, nem ficaria nos próximos oito. No início, tinha posto a culpa na irregularidade do ciclo nos nervos abalados, mas a frequência dos enjôos matinais e o cansaço extremo à noite a haviam convencido do inevitável. Estava grávida do filho de Brandon.

Retomou a descida e, alcançando o último degrau, parou outra vez a fim de analisar os sentimentos em relação a essa virada da sorte. Continuava tristíssima com Brandon, tinha medo de contar a novidade ao pai e preocupava-se com o estigma que uma criança sem pai teria de enfrentar na vida. Surpresa, Clarissa descobriu, entre esses pontos negativos, uma réstia de alegria e felicidade. Somando tudo, não se tratava de uma tragédia horrível, pois desejava esse bebê. Ao aceitar a situação, sabia estar facilitando as atitudes a tomar.

Mas, no momento, o que deveria fazer? Existiria algo para aliviar os efeitos desagradáveis da gravidez? Ocorreu-lhe que a tia poderia ter, na biblioteca, algum livro sobre a anatomia da mulher.

Com passos firmes, dirigiu-se para lá. Precisava não só se distrair como também descobrir o que lhe aconteceria nos próximos meses. Ao entrar na biblioteca, não viu a silhueta máscula curvada sobre a escrivaninha remexendo papéis. Todavia, um limpar discreto de garganta a fez virar-se devagar.

A surpresa ao ver o pai de seu filho transformou-se num anseio imenso. Ele parecia mais velho, sombrio e sério de que se lembrava. As feições continuavam as mesmas, porém Brandon tinha mudado. O queixo ainda era firme e o nariz mantinha a linha reta e aristocrática. Mas a boca, que ela ensinara a sorrir, voltara a ser um risco fino cheio de determinação e os olhos azuis, antes cheios de paixão ardente, mostravam-se agora tão sem vida quanto as cinzas frias de uma lareira abandonada.

Encontrá-lo nesse momento, sem a presença perturbadora de outras pessoas, só poderia ser um presságio, concluiu Clarissa. Se fosse lhe contar a respeito do bebê haveria de ser nesse momento. Talvez não surgisse outra oportunidade. Contudo, não conseguia, embora tentasse. As palavras morriam em sua garganta diante da aparência indiferente de Brandon. Incapaz de falar, permaneceu fitando-o apenas.

Brandon absorveu-lhe a imagem como um homem que, encerrado num calabouço escuro, de repente se visse livre sob a luz do sol. A pele de Clarissa

emanava uma radiossidade como ele nunca tinha visto. Mas a exposição ao sol podia produzir queimaduras, lição aprendida quando lhe entregara o coração. Porém não permitiria que os sentimentos, mais uma vez, se transformassem numa oferenda no altar dessa deusa cruel. Por isso mesmo, manteve as emoções turbulentas, escondidas sob a máscara da indiferença e enquanto imaginava qual dos doisalaria primeiro, ou na verdade, se um deles o faria.

Finalmente, foi ele quem quebrou o silêncio. Desejava-lhe ouvir a voz melodiosa, pronunciar seu nome. Disse o dela como se fosse um encantamento suplicante que a levaria a falar.

— Bom dia, Clarissa — começou num tom brusco, provocado pela incerteza de sua receptividade.

— Brandon — murmurou ela não se atrevendo a dizer mais. Temia deixar escapar o segredo num turbilhão de palavras impensadas. Se ele, ao menos, demonstrasse um pouquinho de afeto, ou indicasse sentir saudades do amor compartilhado, talvez criasse coragem de lhe contar a respeito do filho. Apenas um pequeno sorriso seria suficiente para convidá-lo a sentar a fim de conversarem e derrubar a muralha erguida entre ambos.

— Vim aqui apanhar uns papéis para seu pai — explicou ele, mantendo distância entre os dois. — Falta encontrar apenas um e, então, irei embora, pois não desejo atrapalhá-la.

— Esteja à vontade — disse Clarissa, dando um passo em sua direção. — Por que não fica um pouco aqui?

— Não posso, seu pai precisa das anotações — justificou-se Brandon ao passar a mão pelos cabelos loiros e fartos, gesto que, como Clarissa sabia, indicava indecisão.

— Talvez você possa voltar numa outra hora — sugeriu ela com um sorriso tímido.

— Quem sabe — respondeu ele baixinho, desejoso de revelar, porém consciente da facilidade com que Clarissa poderia voltar a magoá-lo.

— Faça um esforço para vir — insistiu ela. — Na minha opinião, deveríamos conversar.

— Já não dissemos tudo? Não seria melhor deixar as coisas como estão?

— Existe algo que você precisa saber, Brandon.

— O quê? — indagou ele, fitando-a bem dentro dos olhos.

— Bem, eu... eu estou... — gaguejou confusa, mas foi interrompida por uma voz masculina vinda da saleta.

— Clarissa, onde está você, queridíssima?

Brandon mal conteve a fúria ao reconhecer a voz de Waverly-Smythe. Ali estava a prova cabal de que Clarissa não sofria a mesma solidão e tormento enfrentados por ele. *Queridíssima!*, pensou com desdém e desprezando a si próprio por ser um idiota completo. Por um triz, quase caía, pela segunda vez, nas artimanhas de Clarissa.

Ela, entretanto, ao ouvir a voz de Preston, assumiu uma expressão consternada. Ele não podia ter aparecido em momento mais impróprio. Precisava conversar com Brandon antes de perder a oportunidade. Já ia falar quando o homem endemoniado, do outro lado da escrivaninha, a impediu.

— O que ia me contar, Clarissa? Que tem um novo instrutor? Que continuou com Waverly-Smythe de onde paramos? Espero que você aprecie seus ensinamentos. Com ele, você se mostra também a aluna aplicada que era comigo?

Deus do céu, percebeu Clarissa, Brandon pensa que Preston o substituiu em todos os sentidos.

— Brandon, eu...

— Vá contar para Preston — interrompeu ele, ríspido. — Quando se encontrar entre os braços dele, murmure-lhe ao ouvido seus segredos como fazia comigo. Quanto a mim, não estou nem um pouco interessado em nada que você queira me contar.

Ignorando a tentativa de Clarissa em se explicar, Brandon apanhou os papéis selecionados na escrivaninha e saiu levando consigo suas últimas esperanças de reconciliação.

Paralisada com tal atitude, Clarissa permaneceu onde estava. Então, ele a considerava capaz de passar de sua cama para a de Preston? Nesse caso, jamais acreditaria que ela estivesse grávida de um filho seu. A razão para informá-lo do fato deixava de existir. Com os olhos marejados, imaginou o que iria fazer.

— Phillips lhe provocou problemas? — indagou Preston ao entrar na biblioteca e, vendo Clarissa enxugar os olhos, correu até ela, tomando-lhe as mãos entre as suas. — O que aconteceu? Aquele pobretão disse ou fez algo para aborrecê-la? — insistiu com preocupação fingida.

— Não, não, estou muito bem — afirmou Clarissa, forçando um sorriso.

— Vamos lá, minha querida, você não pode me enganar. Se não quer me contar seu problema, pelo menos diga o que posso fazer para melhorar a situação — insistiu Preston, disposto a prestar favores a fim de angariar a gratidão da filha de J.G. Manning.

— Não existe problema algum.

— Não me subestime, Clarissa. Faria o maior sacrifício se pudesse lhe provocar um sorriso, você sabe — garantiu ao beijar-lhe uma das mãos. — Diga o que deseja e eu moverei céus e terras para satisfazê-la.

A preocupação na voz de Preston e o gesto de ternura apanharam Clarissa de surpresa. Ele a tratava tão bem, de maneira oposta à de Brandon, que, momentos antes, destruía o futuro de ambos e do filho com umas poucas palavras ríspidas. Tudo seria bem diferente se estivesse grávida de Preston, refletiu desolada.

Comovida com tanta bondade, Clarissa não pode impedir algumas lágrimas de lhe rolares pelas faces. Sempre alerta às oportunidades de se mostrar compreensivo, Preston largou-lhe as mãos e, com os polegares, enxugou seu rosto.

— O mundo é um lugar maravilhoso e tudo que se tem a fazer é aproveitá-lo — disse ele numa voz suave que estimulava confidências. — Uma jovem encantadora como você não merece chorar numa manhã linda e ensolarada com esta.

Embora tentasse controlar a tristeza, Clarissa não conseguiu e cedeu à tentação de apoiar a cabeça no ombro de Preston enquanto dava vazão a novas lágrimas e soluços. Ultimamente, ele era a única pessoa que a fazia se sentir querida. Só ele tinha paciência para ouvi-la, além de se importar com sua felicidade. Não podia confiar seus problemas ao pai e à tia, pois ambos viviam desligados em seus próprios, mundos. Mas ali estava Preston tão solícito nesse momento angustiante em que ela precisava, desesperadamente, de alguém para ajudá-la. Não foi difícil decidir-se a desabafar as mágoas com Waverly—Smythe enquanto ele lhe acariciava os cabelos e murmurava palavras de segurança.

— Tudo se arranjará, minha querida, se você me deixar ajudá-la. Lembre-se, prometeu me considerar sempre seu amigo. Agora, diga o que posso fazer.

— Não existe nada que alguém possa fazer — disse Clarissa ao afastar-se um pouco de Preston. — Sabe, desta vez eu me meti numa complicação muito séria e da qual não existe saída.

— Vamos ver do que se trata — murmurou Preston, começando a se impacientar com essa criatura irritante.

— Você sabe que Brandon era meu namorado?

Era! A palavra ecoou na mente de Preston. Não existiriam mais possibilidades de reconciliação? Em caso afirmativo, o caminho se abria para ele. Após uma desilusão amorosa, as mulheres se tornavam presas fáceis.

Acreditavam em qualquer promessa que outros homens lhe fizessem.

— Sim, eu sei, como também, que vocês romperam poucas semanas atrás. Quer que eu tente uma reaproximação dos dois, Clarissa? — ofereceu ele, forçando uma nota de sinceridade na voz e pensando como afastar os dois idiotas mais ainda.

— Infelizmente, isso é impossível. Brandon imagina que eu esteja envolvida com você.

— Como ele se atreve a pensar tal absurdo? — explodiu Preston. Acariciando-lhe a mão, acrescentou: — Vou procurá-lo e tomar-lhe satisfação.

Sim, iria falar com Phillips, mas apenas para lhe dizer como achara fogosa sua rameira na cama, resolveu ele.

— Não vai adiantar nada — garantiu Clarissa, inconsciente das intenções malévolas de Preston. — Ele não acreditaria em você mais do que em mim. Brandon também duvidaria que... — hesitou por um segundo, mas ansiosa por verbalizar seu apuro, terminou depressa: — que eu estivesse grávida de um filho dele e não de um seu.

— Filho?! — repetiu Preston, incrédulo.

Brandon havia engravidado Clarissa? Isso destruía as possibilidades que ele, Preston, teria de obter a ajuda de Manning, reconheceu cheio de ódio.

— O que o desgraçado disse quando você o informou? — perguntou ele em tom frio.

— Eu não lhe contei nada. Pelas acusações que ele me fez hoje, poderia levantar a suspeita de você ser o pai do bebê. Levando em consideração sua bondade para comigo, Preston, tive medo de acabar envolvendo-o nesse caso desagradável.

— Então, ele não sabe — murmurou Preston, refletindo em como tirar vantagem da situação. — Nem vai precisar saber, Clarissa — afirmou pensativo.

— Mas meu pai talvez convide Brandon para trabalhar com ele em Filadélfia. Se ele for para lá conosco, acabará descobrindo meu estado e fazendo conjeturas.

— Não se você estiver casada com outro homem — argumentou Preston ao tomar uma decisão.

Não seria perfeito casar-se com a rameira de Phillips e roubar-lhe o filho? Porém, vingança não constituía seu único incentivo. Como genro de J. G. Manning, seria herdeiro de uma das firmas mais prestigiosas em Direito Internacional no mundo. Após o casamento, informaria o advogado americano como lhe salvara a filha preciosa de um escândalo ao dar-lhe seu

nome. Tal façanha o levaria a reconquistar as boas graças do pai e, mais importante, a fazer parte novamente do testamento do velho. Nunca o futuro de Preston parecera tão promissor.

— Do que está falando, Preston?

— Case-se comigo, Clarissa.

— Impossível!

— Só porque você não me ama? Isso não será empecilho. Tenho amor suficiente para nós dois.

— Impossível — afirmou ela.

— Não precisa se preocupar. Posso lhe oferecer casamento apenas no nome — insistiu Preston, disposto a dizer qualquer mentira a fim de conquistar o alvo.

— Por que se oferece para fazer isso? — perguntou Clarissa, perplexa.

— Apenas para estar perto de você, minha querida — inventou ele —, vê-la todos os dias à mesa do café da manhã, levá-la para passear no parque e compartilhar de conversas tranqüilas à noite. Isso será mais do que suficiente para me fazer feliz, caso você não deseje me oferecer mais. Com o tempo, acredito, aprenderá a me amar.

— Tem certeza? — indagou Clarissa, já vislumbrando uma solução para seu dilema.

— Absoluta. E você não terá de se preocupar com o bebê também. Quem o gerou pode ser um idiota, mas ele terá em mim um pai amoroso porque é seu filho — garantiu Preston, já premeditando manter a criança em berçários grande parte do tempo e até ter idade para ficar interno em um colégio. — Quando estivermos casados, talvez as pessoas contem os meses entre o dia da cerimônia e o do nascimento do bebê, mas ninguém fará comentários. Não haverá escândalo para você, sua família e a criança. Aliás, nem mesmo seu pai e sua tia ficarão sabendo que o filho não é meu.

— Ai, Preston — exclamou Clarissa com novas lágrimas nos olhos castanhos. — Não mereço tanta bondade.

— Tolice. Você é mais do que digna do futuro que eu lhe planejei — declarou Preston, não vendo obstáculos para, depois de casado, continuar a cultivar seus passatempos. — Dentro de três semanas, farei meus exames finais e, após receber meu diploma, estarei livre para lhe dar o meu nome. Diga que aceita casar comigo.

Clarissa fitou o homem diante de si. Seria muito tola se não lhe aceitasse a oferta. Caso concordasse em ser a Sra. Preston Waverly-Smythe, não teria de enfrentar o olhar magoado do pai, nem o escandalizado da tia, e o filho

não seria um rejeitado pela sociedade. Todavia, ao fazer os votos sagrados, se desligaria para sempre de Brandon. Mas não podia ser egoísta, tinha de pensar nos outros. Baixinho, respondeu:

— Sim, Preston, aceito me casar com você.

CAPÍTULO XVI

James G. Manning levantou-se de detrás da escrivaninha e dirigiu-se à janela de onde se avistavam os campos da Lincoln's Inn. A argumentação que acabava de preparar para um determinado caso o tinha deixado nervoso. Porém, como várias gerações de advogados haviam descoberto nesses aposentos, ele conhecia o poder tranqüilizante da natureza. Pessoalmente, ele teria preferido arranjar escritórios na Gray's Inn cujos jardins, projetados por *sir* Francis Bacon, sempre lhe despertavam admiração. Contudo, sendo americano e à procura de um escritório temporário, não tinha direito a se instalar em nenhuma das Inns of Court. Estava ali graças à amizade de Dobson e Whittaker que haviam lhe cedido umas salas reservadas para reuniões. Com isso, os amigos tinham a oportunidade de observar o trabalho de um dos estudantes candidato à residência ali.

— Mente muito sagaz para alguém tão jovem — Dobson tinha comentado a respeito de Phillips.

Manning abriu um pouco mais a vidraça e, deliciado, aspirou o ar estimulante da primavera. Viu dois advogados, com perucas antiquadas, atravessarem a praça em direção ao prédio dos tribunais. Teriam a mesma aparência dois séculos atrás, ponderou ele. Aliás, bem pouco havia mudado nas Inns of Court. Elas continuavam quase idênticas como na época em que o clérigo e a lei tinham se separado. Constatavam-se apenas pequenas mudanças. Espalhadas pela cidade e rodeadas por lindos jardins, elas mantinham certas tradições. Nelas, encontravam-se escritórios de advocacia, capelas, bibliotecas, refeitórios e dormitórios para os recém-formados residirem durante o período de estágio. Voltando a refletir no problema particular do momento, Manning admitiu que o seu segundo propósito para se instalar ali obtivera sucesso. De acordo com o comentário de Dobson, ele e o sócio estavam interessados em patrocinar a residência de Brandon ali. Como Clarissa pedira, tinha conseguido a aprovação dos dois advogados sem insinuar coisa alguma ou agir indiretamente. Nem mesmo o inflexível Brandon Phillips poderia acusá-lo de protecionismo. Lamentava que seus outros planos tivessem ' falhado, refletiu em sua qualidade de pai amoroso. Por que, quando se tratava de parentes, a linha divisória entre o certo e o errado tornava-se confusa?

Nesse dia, sem falta, tinha de falar com Brandon. Embora a conversa promettesse ser desagradável, ele já a adiara bastante e o rapaz merecia ser informado. Talvez o brilho nos olhos dele, quando o nome de Clarissa era mencionado de vez em quando, significasse o interesse pela filha. Essa tinha sido a esperança de Manning ao mandar Brandon apanhar, duas semanas atrás em Hertford Court, uns papéis desnecessários. Mas a julgar pelo humor sombrio do estudante quando voltara, algo tinha dado errado. Desde então, Phillips encontrava um sem-fim de desculpas sempre que ele lhe pedia para ir à casa de Lavínia. Sua ética profissional o impedia de impingir a filha a um colega, especialmente tratando-se de um a quem respeitava muitíssimo.

Todavia, Preston Waverly-Smythe tinha pedido a mão de Clarissa. Preston! Considerava tal união desastrosa. Quando tentara falar com a filha sobre sua falta de entusiasmo, ela rejeitara-lhe o interesse. Tinha alegado um amadurecimento profundo no qual não existiam ilusões sobre a paixão fantasiosa. Ainda o acusara de negar-lhe o direito de escolher seu marido.

Talvez Brandon tivesse mais êxito. Ah, lá vinha ele atravessando o campo num passo firme e indicativo de sua disposição para trabalhar. Talvez hoje não, ponderou Manning franzindo a testa ao pensar como seria uma sessão desagradável.

— Não! Senhor, sinto muito, mas não posso. Não falarei com sua filha — declarou Brandon, enfático. — Isso não compete a mim.

— Com todos os diabos, a menina precisa de um amigo!

— Mais uma razão para não contar comigo.

O tom de Brandon era inflexível, porém o rubor que lhe subia pelo pescoço revelava o tumulto das emoções sob a máscara de boas maneiras e comedimento. Como esse homem se atrevia a lhe pedir para questionar os sentimentos de Clarissa quando não fazia outra coisa desde que ouvira Preston chamá-la de queridíssima? Os dois se mereciam, pensou furioso, ambos grandes mentirosos.

— Preste atenção. Não posso ser o único homem a duvidar da escolha de minha filha para marido — prosseguiu Manning numa tentativa de vencer a resistência de Brandon. — Eu até poderia aceitar Waverly-Smythe como genro, sem grande entusiasmo, é verdade, se soubesse que ele faria Clarissa feliz.

Revirando uma espátula de madeira entre as mãos enquanto a mente se revoltava contra a inconstância do amor de uma mulher, Brandon afastou-se um pouco da escrivaninha. Iludira-se ao pensar que tinha expulsado Clarissa do coração, pois inflamava-se ao saber de sua decisão de se casar. Ainda a

amava ou, por vaidade, não aceitava a idéia de que ela não pudesse mais ser sua? Pouco importava. Não tinha cabimento ir procurá-la e protestar contra seu noivado com Preston. Clarissa o acusaria de estar bajulando o pai.

— Brandon, minha filha se recusa a falar sobre esse casamento seja comigo ou com a Srta. Cooper. Você trabalhou com Clarissa durante quase dez semanas e conhece o noivo. Acha que os dois combinam?

Brandon reconheceu-lhe, na voz, a angústia de pai desesperado. Não se tratava de um argumento forjado cuidadosamente por um advogado competente. Porém, mesmo o sofrimento do Dr. Manning jamais o forçaria a confrontar Clarissa.

— Quanto ao meu relacionamento com a Srta. Manning, devo dizer-lhe que, quando desejava, sua filha era uma aluna aplicada — afirmou ele, lembrando-se do prazer sentido ao ensiná-la a amar para, então, o desgraçado do Waverly-Smythe beneficiar-se de suas aulas. — Minha opinião sobre o caszinho feliz é que um completa o outro — respondeu ressentido.

— É mesmo? Pois eu não consigo entender a preferência de minha filha quando vejo homens tão melhores a minha volta.

— Senhor, lamento muitíssimo se sua filha ama Waverly-Smythe e, mais ainda, se não o ama, porém isso não é de minha conta — declarou Brandon com firmeza, ignorando a pressão de Manning e tentando afastar da mente a imagem de Clarissa despindo-se para ele.

— Tudo bem, vejo não ter outra escolha senão acatar sua decisão. Porém, esta é a primeira vez que não concordo com sua interpretação dos fatos, Phillips — disse Manning tristonho, pensando se não tinha errado ao imaginar um interesse recíproco entre a filha e esse estudante de Direito. Era uma pena, lamentou, decidido a voltar ao trabalho e, ' para tanto, apanhou um papel na escrivaninha.

— Aqui está a lista de casos que eu quero que verifique para mim, Brandon. Depois disso...

— Depois, Dr. Manning, gostaria que o senhor me liberasse pelo resto da tarde. Tenho uns negócios urgentes para tratar — disse Brandon, visualizando copos de uísque que, esperava, banissem Clarissa de seus pensamentos.

— Claro, Phillips. Você ainda não teve folga alguma comigo. Eu compreendo.

Talvez de fato o compreendesse, caso houvesse acertado na suposição de que o jovem Phillips estivesse mais perturbado com os planos de Clarissa do que deixava perceber. Quem sabe ele ainda não lhe salvaria a filha do

desastre.

Enlevada com os preparativos do casamento, Lavínia não se sentia tão pessimista quanto o cunhado.

— Aí está você, minha querida — disse ao entrar na biblioteca e encontrar Clarissa encolhida numa poltrona lendo um número da revista *The Illustrated Strand*. — Finalmente localizei uns botões de rosa branca, fechados ainda, claro, mas muito promissores. São da roseira, aliás premiada, da Sra. Halpern. Estarão abertos no dia do casamento — informou triunfante ao postar-se diante da sobrinha. — Em minha opinião, além das tradicionais flores de laranjeira, rosas brancas, samambaias e laços de tule, darão um ar festivo e delicado ao ambiente da festa aqui em casa. Talvez até sobre um pouco para enfeitar o altar de São Pancrácio. O que acha?

— Muito bom, tia Lavínia — Clarissa respondeu indiferente e sem afastar os olhos da leitura.

— Se não gosta de rosas, podemos procurar outra flor — sugeriu a tia, desapontada com o desinteresse demonstrado.

— Não, tudo bem com rosas — disse Clarissa ao virar a página da revista e manter os olhos nela para que a tia não lhe visse os olhos vermelhos.

O que teria a menina agora, pensou Lavínia, exasperada. Só Deus sabia como nada que fizesse agradava a sobrinha e era muito estranho ela se manter tão quieta e melancólica por um período muito grande de tempo.

Na verdade, ao anunciar a resolução de se casar, Clarissa o fizera com uma ponta de desânimo na voz. Todavia, tinha demonstrado firmeza extrema a respeito dos planos, e Lavínia não se atrevera a confessar as dúvidas que alimentava sobre tal união. Pelo contrário, tinha aceitado a decisão de Clarissa com naturalidade e tentado compartilhar de sua felicidade. Mas a cada dia, a menina se tornava mais alheia ao mundo à sua volta e mais abatida. Tanto Lavínia quanto James punham a culpa no nervosismo habitual de uma noiva às vésperas do casamento. Contudo, o comportamento dessa manhã deixava claro que Clarissa não queria participar do planejamento da cerimônia e da recepção. Algo estava errado e a tia decidiu descobrir do que se tratava.

— Sabe, minha querida, não está sendo muito fácil organizar seu casamento num espaço tão curto de tempo para que você, seu pai e Preston embarquem para os Estados Unidos na data marcada.

— Eu sei e agradeço seus esforços — foi a resposta lacônica e indiferente.

— Aprecio seu reconhecimento, mas preferia contar com sua ajuda no cuidado de certos detalhes. Coordenar tudo está ficando muito complicado.

— Não havia necessidade de minúcias elaboradas. Uma coisa mais simples seria melhor para todos os participantes e menos cansativa para você.

— Mas Clarissa, o seu casamento será p único em nossa família até chegar a vez de seus filhos. Naturalmente, seu pai quer tudo feito de maneira condizente com sua posição social. Não poderia ser diferente.

— Tudo bem, façam como quiserem — disse Clarissa, impaciente. — O que decidirem, estará bom para mim.

— Por Deus, Clarissa, trata-se do *seu* casamento. A maioria das noivas exige dar opinião em tudo. Entretanto, você que sempre tem algo a dizer a respeito de qualquer coisa, não mostra interesse algum quando toco no assunto.

— Não é verdade — contradisse, sorrindo para Lavínia a fim de disfarçar a miséria íntima.

A gravidez estava sendo difícil. Seios doloridos, náuseas e cansaço extremo não a ajudavam a dominar a infelicidade que sentia por haver perdido Brandon. Como poderia se fingir de noiva eufórica quando tudo que fazia e pensava produzia conseqüências tão desagradáveis?

— Olhe, Clarissa, é como eu disse — continuou Lavínia sem se deixar enganar pela sobrinha. — Você não quer ouvir falar no arranjo das flores e o que vai ser servido na recepção não a interessa. Ora, nem consigo arrastá-la até o ateliê da Srta. Simmons para experimentar o vestido de noiva!

Por que essa criatura não a deixava em paz?, indagou-se Clarissa, fechando a revista com um gesto brusco. Como se não bastassem seus problemas, ainda tinha de aturar a tia abelhuda e insistente.

— Tia Lavínia — começou Clarissa num tom um tanto alto demais —, você entendeu mal minha atitude. Como é muito competente na organização de reuniões sociais e recepções, achei melhor deixar tudo em suas mãos. Mas se o trabalho está sendo demais...

— Esse não é o ponto — interrompeu Lavínia. — Seu comportamento me deixa perplexa. Alguma coisa a está atormentando e eu estou disposta a descobrir do que se trata.

Deus misericordioso, a tia não ia desistir, percebeu Clarissa. Em sua situação atual, não resistiria a mais aborrecimentos. Sem dúvida, a fim de apaziguar Lavínia, teria de lhe contar alguma coisa e esse era o momento oportuno.

— Está bem, titia, mas para eu confiar em você é preciso que me prometa duas coisas.

— Mas é claro, minha querida — concordou Lavínia depressa, pois

queria se inteirar logo desse mistério.

— Primeiro, não pode repetir uma única palavra minha para qualquer pessoa e, segundo, não vá ficar muito aborrecida — determinou Clarissa.

— Eu, aborrecida?! Se fiz algo errado, algum arranjo que a desagradou...

— Prometa — interrompeu Clarissa, tencionando revelar metade da verdade para que a tia, criatura boa mas intrometida, lhe desse um pouco de sossego. — Jure pelo amor que tinha por minha mãe.

— Juro, juro, Clarissa. Agora diga, foi a lista de convidados ou o cardápio da recepção?

— Estou grávida — contou Clarissa numa voz tão baixa que Lavínia pensou não ter ouvido bem.

Mas o desafio no olhar triste da sobrinha removeu-lhe as dúvidas. Embora atônita, conseguiu reprimir uma exclamação de susto. A sobrinha ia ter um filho, provavelmente o resultado dos passeios pelo parque com o namorado sem ninguém para acompanhá-los. Porém esse não era o momento para recriminações, pois a pobre precisava de conforto.

Estendendo a mão, Lavínia Cooper tomou a de Clarissa. Só agora compreendia por que a menina implicava com tudo e com todos. Como sua tia, cabia-lhe ajudá-la.

— Clarissa, as coisas não são tão negras como você imagina. Afinal, vai haver um casamento e, se tiver sorte, o bebê será pequenininho. Mas se não for o caso, seus amigos dos Estados Unidos não precisarão ficar sabendo a data do casamento. Veja o lado positivo da situação. O pai da criança concordou em se casar e é isso que importa.

— Não, não é assim — contradisse Clarissa.

Comovida com a compreensão e comportamento inesperados de Lavínia, Clarissa começou a chorar. E a necessidade de desabafar com alguém a quem queria bem, a levou a revelar mais do que pretendia no início.

— O que não é assim? — indagou Lavínia, temerosa de ouvir mais novidades problemáticas. — Preston vai se casar com você, não vai? Diga que todos os preparativos para o casamento não foram inúteis.

— Fique sossegada, vai haver casamento sim, e Preston será o noivo, mas não estou apaixonada por ele — confessou já em prantos.

Lavínia reprimiu a tentação de lhe dizer que deveria ter levado isso em consideração antes de ceder aos chamados da primavera. Passou o braço pelos ombros da sobrinha, consternada com sua tristeza embora achasse que ela deveria se sentir feliz com o fato de Preston estar disposto a se casar.

— Ah, Clarissa, minha queridinha — murmurou como se falasse com

uma criança assustada —, ele é bom para você e não há razão para pensar que, um dia, o amor não floresça entre vocês. Até então, pense no bebê, o filho *dele*. A criança, certamente, os unirá.

— Duvido — murmurou, levada pela necessidade de confiar em outra mulher. — O bebê não é dele.

— O quê?! — gemeu Lavínia, largando os braços ao longo do corpo e em verdadeiro estado de choque.

— O pai do bebê é Brandon, tia Lavínia, mas mesmo assim Preston quer se casar comigo.

— E quanto a Brandon? O que ele tem a dizer sobre isso?

— Ele não sabe que estou grávida.

— Clarissa! Você tem de lhe contar!

— Por quê? — indagou, sem esconder o desânimo. — Ele me detesta, tia Lavínia, foi o que me disse. E mesmo se Brandon estivesse disposto a agir de maneira correta por causa do bebê, o que seria de mim, amarrada, pelo resto da vida a um homem que desejaria nunca ter me conhecido?

— Mesmo assim, Clarissa — murmurou Lavínia, começando a compreender os acontecimentos das últimas semanas — você deveria...

— Não, não quero ouvir nem mais uma palavra. A minha decisão é para o bem de todos os envolvidos na questão.

— Tem certeza?

— Absoluta — respondeu de cabeça erguida. — Lembre-se do juramento, tia Lavínia. Nada do que ouviu pode ser repetido.

— Eu sei — concordou Lavínia com ar triste, ao se curvar para dar um beijo na testa de Clarissa.

Em silêncio, deixou a biblioteca. Não desejava aumentar ainda mais o tormento da sobrinha insistindo que Brandon devia ser informado sobre a criança. Não podia fazer prevalecer sua opinião, pois não seria ela quem teria de enfrentar as conseqüências.

Sem pensar, Lavínia foi até a saleta onde se serviu de uma boa dose de conhaque, embora fossem apenas onze horas da manhã.

Tudo não passa de culpa sua. Fora uma péssima guardiã e, como resultado, a sobrinha estava grávida de um homem e ia se casar com outro. Se James Gregory soubesse... Mas não havia perigo. Nem ele nem Brandon Phillips descobririam nada. Ela havia jurado, pelo amor à irmã falecida, e manter segredo. Se tinha falhado como guardiã, não o faria como confidente.

Ao tomar tal decisão, Lavínia ponderou se estava sendo sensata. Tinha sérias dúvidas. Serviu-se de outra dose de conhaque, porém o calor da bebida

espalhando-se pela garganta e pelo peito não a confortou. O que era ele em comparação à tristeza de um coração ferido?, questionou-se.

Sentado sozinho em uma das mesas do Solitary Lion, Brandon percebeu que o uísque não lhe aliviava o sofrimento. Clarissa ia se casar com Preston Waverly-Smythe. Maldição! Como podia fazer isso com ele? Imaginara estar a salvo de suas maldades, mas tinha se enganado. Toda a perspectiva de felicidade no futuro havia desaparecido, e ele nunca se sentira tão triste e perdido.

No dia seguinte, prestaria o exame final de Humphrey. Brandon riu baixinho, o ruído não indo além da própria mesa. Clarissa, outra vez, calculara o tempo com precisão. Como ele iria estudar se não pensava em outra coisa a não ser na feiticeira compartilhando a cama de Preston legalmente?

Frustrado, apertou o copo, tão vazio quanto sua vida, e acenou ao garçom pedindo nova dose. Seria a segunda e a última, resolveu, apesar da intenção anterior de beber bastante. Recusava-se a afundar num mar de autopiedade, ainda mais ao lembrar-se das conseqüências desastrosas quando abusara da bebida na última vez.

Nesse dia, mais do que nunca, precisava se controlar, mas não só em relação ao álcool. Tornava-se imperioso dominar a vontade de invadir a casa de Lavínia e forçar Clarissa a refletir com sensatez. Na verdade, desejava muitíssimo atender ao pedido do Dr. Manning, porém o orgulho o impedia. Também de nada adiantaria. A independente Srta. Manning não costumava fazer uso da inteligência privilegiada e sempre agia levada pela obstinação. Nenhuma palavra do ex-instrutor sobre sua falta de juízo ao se casar com o crápula a convenceria. Portanto, era melhor não se intrometer no caso.

Uma sombra caiu sobre a superfície da mesa e Brandon ergueu o olhar surpreso. Sua aparência mal-humorada não estimularia ninguém a se aproximar exceto, claro, Ned Newcomb.

— Brandon, eu não esperava encontrá-lo por aqui a não ser depois do exame de Humph — declarou o rapaz ao sentar-se, sem a menor cerimônia, na cadeira ao lado.

Temendo que o tom de voz revelasse mais do que palavras escolhidas, Brandon manteve-se calado. Todavia, o silêncio não inibiu o amigo. O relacionamento entre ambos tinha se tornado tenso desde o rompimento de Brandon com Clarissa, mas não porque Ned, constrangido, se mostrasse reservado. Aliás, essa palavra não fazia parte de seu vocabulário.

— Não sei o que você está comemorando, porém faço questão de

acompanhá-lo nuns dois ou três copos, bem como numas boas risadas — afirmou Ned.

— Sinto muito, já vou indo embora.

— Ah, de jeito nenhum, Brandon. Quero acabar com esta situação. Não agüento mais seu tratamento formal dessas últimas semanas. Olhe, seja lá o que estiver acontecendo entre você e Clarissa...

— Esse é o ponto, Ned, não está acontecendo nada — disse Brandon com expressão ameaçadora.

— Tudo bem, vamos mudar de assunto. Que tal conversar sobre algo menos letal e ver se ainda conseguimos ser bons companheiros?

Quando Ned desejava, o seu encanto tornava-se irresistível, admitiu Brandon, observando o amigo a quem vinha tratando de maneira indigna. Se uma conversa descontraída não lhe minorasse o sofrimento, também não aumentaria, ponderou. Já estava na hora de voltarem às boas. Ned era um amigo excelente e raro.

— Está bem — concordou numa voz morosa e tão condescendente como a de um irmão mais velho exasperado. — Fale sobre suas últimas aventuras amorosas. Sendo um malandro experiente, você pode me proporcionar algumas boas risadas.

— Para ser franco, elas têm sido bem amenas nestes últimos tempos. Talvez por causa da influência delicada de Priscila. Mas isso vai mudar logo. Ela está se tornando muito possessiva. O nosso amigo Waverly-Smythe é quem parece ter encontrado a boa vida.

— Não é mesmo? — comentou Brandon em tom seco enquanto os dedos tamborilavam num ritmo furioso no topo da mesa.

A notícia tinha corrido depressa, mas custava acreditar que Ned fosse tão insensível a ponto de tocar no assunto. Não podia mesmo esperar que um homem que nunca tinha amado realmente uma mulher entendesse quão duro seria ter de esquecê-la.

— Ned, o que Preston faz não é de minha conta — disse, numa tentativa de pôr um ponto final no assunto.

— Nem mesmo se eu lhe contar que ele deve ter passado esta noite em companhia de uma vagabunda?

— Chega, Ned! — explodiu, colérico.

— Mas... mas pensei que você quisesse saber... — começou o rapaz, atônito com a reação furiosa do amigo.

— Acha que já não sei?

— Que Preston tem aposentos perto dos meus?! Como ficou sabendo? —

perguntou Ned, espantado.

— Sobre o que está falando? — resmungou Brandon.

— Ontem, quando bem tarde da noite eu ia para meus cômodos, não os da casa de meu pai, vi Waverly-Smythe ser abordado por umas mulheres da rua. Como ele não se interessasse pelo que elas lhe ofereciam, as fulanas desviaram a atenção para mim tão logo me aproximei um pouco.

— E daí? O que tem isso?

— Me deixe terminar, por favor. Rindo, disse-lhes que já tinha um compromisso, infelizmente, mas não entendia como o outro cavalheiro havia resistido a seus encantos. As mulheres explicaram que o Sr. Walker só gostava de moças bem novinhas e já tinha uma à espera dele.

— Walker?! — indagou Brandon, curioso.

— Pelo jeito, o nojento frequenta a região de West End com assiduidade, caso contrário por que a identidade falsa? — concluiu Ned, triunfante, para, no momento seguinte, perceber o que Brandon poderia imaginar sobre as atividades de Waverly-Smythe nos tais aposentos e com quem. — Claro, ele só deve receber as tais lá, quer dizer, ninguém mais se exporia... — parou sem se atrever a mencionar o nome de Clarissa.

— Sei. Não me interessa o que as pessoas fazem — declarou enfático. — Afinal, eles vão se casar, não é?

— Quem vai se casar? — perguntou Ned, confuso.

— Clarissa. Clarissa vai se casar com Waverly-Smythe. O Dr. Manning me contou hoje de manhã.

— Deus todo-poderoso! Eu não sabia! — murmurou consternado e entendendo o motivo do mau humor de Brandon. — Você não pode permitir que ela...

— Clarissa tem idade suficiente para saber o que quer.

— Claro, mas Waverly-Smythe é um cafajeste de primeira! Não podemos deixá-la ser induzida a fazer algo de que se arrependerá. Mulher decente alguma se casa com um homem desse tipo! Como acabo de contar, ele mantém aposentos em West End com propósitos ilícitos.

— E você não? — ironizou Brandon.

— O meu caso é bem diferente — protestou Ned. — Eu me divirto lá, admito, mas não finjo ser o que não sou. Jamais escondi minha atração por um rabo-de-saia. Waverly-Smythe é outro caso. Existe algo perverso a respeito dele.

— Como também com o senso de lealdade de Clarissa. Como vê, eles foram feitos um para o outro — retrucou Brandon.

— Olhe aqui, você pode esbravejar e resmungar o quanto quiser, mas não vai me tapear — atreveu-se Ned, superando a apreensão de se imiscuir mais uma vez na vida do amigo. — Você está desconsolado com essa história.

— Não se meta, Ned — advertiu Brandon.

— Ah, eu me meto, sim! — persistiu Ned. — Muito mais do que eu, você não quer que Clarissa se case com Preston.

— Você é um imbecil — resmungou o outro em tom condescendente, na esperança de pôr fim na discussão.

— Sou mesmo? Brandon, você é um formando em Direito e está a caminho de se tornar um ótimo advogado. Como tal, deveria estar interessado em revelar a verdade e não em escondê-la — argumentou o amigo.

— Como eu me sinto a respeito desse caso não pesa na balança — declarou baixinho, cansado demais para continuar fingindo indiferença. — A decisão cabe a Clarissa.

— Vá procurá-la e conte como se sente.

— Impossível. Não tenho nada para lhe oferecer. Clarissa vai concluir que estou interessado na recomendação do pai. Se ela tivesse esperado um pouquinho mais para resolver se casar, até pelo menos Humphrey se decidir sobre a bolsa, então, talvez eu...

— Brandon, se você não pode falar com ela, procure o Dr. Manning. Revele nossas suspeitas a respeito de Preston manter cômodos em West End onde se relaciona com mulheres da vida. Que pai há de querer que a filha se case com um homem assim tão sem caráter?

— Para ser franco, Manning não simpatiza com Waverly-Smythe. Mas isso não adianta nada. Pai nenhum, após a filha confessar-se apaixonada, vai acreditar nas palavras de um namorado enciumado, cujas únicas evidências são as informações de umas prostitutas. Não, Ned, já me conformei. Clarissa que se case com Preston. Vou sobreviver a isso.

— Sem dúvida, Brandon, mas você não vê a diferença entre simplesmente existir e gozar a vida em sua plenitude?

— Possuo ainda minha carreira.

— A advocacia não lhe esquentará a cama.

— Não mesmo — concordou Brandon. — Porém se eu a tratar com respeito, ela também não me abandonará. Se me der licença, Ned, vou estudar para o exame de amanhã. Não quero que a advocacia siga o exemplo de Clarissa dando preferência a Waverly-Smythe e não a mim.

Deixando o amigo, Brandon foi para casa a fim de contender com a

justiça do Direito Internacional e a injustiça de sua própria vida.

Na manhã do dia seguinte, Preston consultou o relógio de bolso e, irritado, constatou faltar ainda dez minutos para o início do exame. Queria fazê-lo depressa a fim de ter tempo de trabalhar um pouco no estúdio de fotografia, antes de ir a Hertford Court acalmar a noiva nervosa. A essa altura, não desejava que caprichos femininos interferissem em seus planos, provocando mudanças.

Pela primeira vez durante o curso, ele não tentara descobrir, com antecedência, as questões do exame. Achara muito arriscado entrar no escritório de Humphrey depois do incidente ocorrido lá em sua última visita furtiva. Também não se importava mais em conseguir o primeiro lugar. Até mesmo um terceiro o deixaria satisfeito. Dali a uma semana, já seria o marido de Clarissa e o sócio minoritário da firma de J. G. Manning. O que mais poderia almejar?

Phillips teria de engolir seu sucesso, pensou ao ver o rival entrar na sala. A aparência dele não era muito boa. Tanto melhor. Talvez o cretino escrevesse outro lixo igual ao da dissertação anterior e perdesse a oportunidade de ganhar a bolsa. Ele, então, a obteria. Não seria fantástico roubar a amante, o filho bastardo e a carreira de Brandon com uma única tacada? Não poderia haver perspectiva melhor.

Já não havia mais tempo para considerações supérfluas, pois os vigilantes acabavam de entrar.

— Cavalheiros, podem iniciar o exame.

Com um sorriso malévolo, Preston abriu o livreto.

CAPÍTULO XVII

Quatro dias mais tarde, Michael Humphrey levantou-se da cadeira da mesa de conferências, compartilhada por Dobson e Whittaker. Num gesto de acordo, apertou a mão do primeiro.

— Devo confessar, senhor, jamais ter apreciado uma decisão tão acertada, apesar do episódio do exame preliminar. Mas, levando-se em consideração o contexto geral, Phillips...

— Michael, você pode parar de vender o rapaz — disse Elmer Dobson, sorrindo. — Nós já confirmamos sua escolha para a residência. Só resta agora resolver se você quer notificá-lo, ou devemos esperar até que ele receba a carta oficial para vir nos ver.

— Obrigado, mas eu gostaria de dar a notícia para o rapaz. Ele deve ir ao meu escritório esta tarde. Exigi demais dele — confessou o professor intransigente —, embora não exista nada melhor do que um bom desafio acadêmico para testar a capacidade de um estudante.

— Nós sempre contamos com você para apresentar um aos candidatos à residência — disse Whittaker, conhecedor das táticas de Humphrey. — Avise Phillips para vir nos ver, amanhã cedo, às nove horas, para a entrevista final.

— Aconselhe o rapaz para chegar na hora certa. Pontualidade conta bastante — acrescentou Dobson.

— Naturalmente. Tenho certeza de que obstáculo algum o impedirá de chegar aqui — afirmou Michael Humphrey.

Brandon colocou as abotoaduras nos punhos da camisa enquanto imaginava por que Humphrey queria vê-lo nessa tarde de sexta-feira, após o encerramento do ano escolar. Tinha ido muito bem no exame, embora as notas ainda não estivessem no quadro, e a escolha do bolsista não seria anunciada, provavelmente, até meados da semana seguinte. Sentia-se tentado a não atender o chamado do mestre. Iria vê-lo apenas porque não gostava de mostrar falta de consideração por certas pessoas. Mas qualquer requisição do tirano receberia o mais enfático não, especialmente se tivesse alguma coisa a ver com a família Manning.

Desde que se negara a atender o pedido do americano para falar com Clarissa, a última semana de trabalho para ele tinha sido muito constrangedora. O curso universitário estava completo com a prestação dos

exames finais e ele venderia a alma antes de se curvar novamente às exigências do velho Humphrey. Iria, sim, ver o mestre, mas não como um escravo diante do feitor. Havia lutado para conseguir a liberdade e a conquistado com as provas legais, descobertas através de todos os malditos casos pesquisados. Não importava o que o homem tentasse exigir dessa vez, não o atenderia, jurou Brandon.

— Deseja que eu faça o que, senhor? Desculpe, não creio tê-lo ouvido bem — protestou Phillips meia hora mais tarde.

— Deixe de história, ouviu muito bem, sim. Eu o mandei desabotoar o colarinho, tirar as abotoaduras, relaxar e nos servir uma bebida. Vai encontrar a garrafa atrás do busto de Blackstone e os copos, atrás do busto de Platão.

A perplexidade no rosto do rapaz era extraordinária, notou o professor, reprimindo o riso. Um dos prazeres de se ter a reputação de severidade era, de vez em quando, vê-la despedaçar-se. Porém, o rapaz não estava mostrando muita sagacidade. Precisava ser advertido para não revelar muita coisa sobre si mesmo pela expressão facial.

— Mas senhor, bebida alcoólica dentro dos limites...

— Não estamos em dormitórios ou em alguma outra área de estudantes, e sim, em meu escritório. Também não estamos falando de bebida alcoólica, porém de um excelente xerez guardado para ocasiões muito especiais. Levando-se em consideração o trabalho feito em parceria por nós dois nos últimos três anos, principalmente neste semestre final, é o mínimo que merecemos. Por isso, sirva com liberalidade — determinou Humphrey ao dar um tapa nas costas do rapaz que, obediente, tirava garrafa e copos do esconderijo.

— Nós merecemos? — indagou, senão curioso mas perplexo, imaginando se a mente afiada do velho mestre não fora atacada pela senilidade.

— É claro. Você não supõe que foi muito fácil produzir todos aqueles projetos especiais dos quais o encarreguei, supõe? Criar um currículo suplementar para enfatizar a experiência de aprendizado de alguém tão talentoso quanto você e, ao mesmo tempo, frear sua maneira independente de pensar, exigiu esforço. Mas valeu a pena, filho. Alguns de seus trabalhos foram brilhantes — elogiou o mestre ao apanhar um dos copos servidos por Brandon e erguê-lo em sua direção. — E mais, Dobson e Whittaker concordaram com minha avaliação. Parabéns, Phillips, a residência é sua. Você deve se apresentar na Lincoln's Inn amanhã, às nove horas em ponto, para atender os requisitos finais. Por questão de segurança, vá um pouco

mais cedo, pois pontualidade é levada em grande consideração lá.

O rosto do professor alargou-se num imenso sorriso ao constatar, no olhar do aluno, o choque genuíno seguido pela satisfação de não estar sonhando e sim vivendo a realidade. Para qualquer jovem, refletiu Humphrey, este seria um momento de júbilo, porém mais ainda para o estudante à sua frente. Apesar dos problemas de família e da falta de recursos, ele havia vencido.

— Mestre, é o senhor a quem devemos brindar. Eu não teria conseguido sem a sua ajuda.

A gratidão de Brandon era sincera, ainda mais ao avaliar o significado de sua nova posição na Inns. Agora, com o futuro garantido graças aos esforços próprios, poderia pedir a Clarissa... Não! Preston já a tinha conquistado e, como testemunhara sua felicidade com o amor do rival, ele, Brandon, não tinha motivos razoáveis para se opor.

— Com todos os demônios, não teria mesmo! Especialmente depois daquela dissertação no exame preliminar. Ela quase arrancou dos quadros da universidade um excelente candidato a advogado. Entretanto, por mais peculiar que fosse a sua argumentação, o tal exame mudou-lhe a vida, Phillips — comentou Humphrey sem saber o quanto estava certo.

— Sem dúvida nenhuma — concordou Brandon, lembrando-se das lágrimas de Clarissa na noite em que ela confessara a autoria do exame.

Sabia agora que ela havia feito isso com intenção de ajudá-lo, porém era tarde demais. No dia seguinte, ela se casaria com outro e, depois de havê-la rejeitado, ele não tinha o mínimo direito de interferir, apesar de seus sentimentos e novas perspectivas de vida.

Brandon nem tentara dormir essa noite. Deitar-se seria um esforço inútil, por isso continuava sentado na poltrona da sala. Entretanto, não era a euforia que o mantinha acordado, reconheceu ele sem desviar os olhos do anel de rubi que segurava entre os dedos. Essa deveria ser uma noite de grandes comemorações, porém transformava-se em uma de lamentações pelo que poderia ter sido. Brandon guardou o anel no bolso do colete, resolvido a vendê-lo no dia seguinte. Para que precisaria dele ainda? O amanhecer anunciaria o casamento de Clarissa Manning e nem a sua acolhida pelas câmaras compartilhadas pelos mais prestigiosos advogados de Londres podia dissipar a tristeza que o envolvia como uma mortalha.

Essa era uma noite de espectros quando as lembranças do amor vivido com Clarissa apareciam livremente. A imagem de seu sorriso o perseguia sem piedade e o som de sua voz ecoava na sala cuja única presença era a dele. Por

mais que tentasse exorcizá-los, os fantasmas o pressionavam, deixando-o vazio de emoções, exceto uma, as saudades imensas de Clarissa.

Tratava-se de um mal sem cura. Nem mesmo o fato de haver atingido o alvo pelo qual lutara tanto servia-lhe de bálsamo. Apenas Clarissa poderia aliviar-lhe o sofrimento, porém esse remédio não estava a seu alcance.

Ouviu bater cinco horas da manhã.

— Quatro horas mais para eu me tornar um praticante de advocacia e ela, a Sra. Preston Waverly-Smythe — murmurou continuando a vigília solitária, enquanto as perspectivas de um futuro feliz desapareciam mais e mais a cada tique-taque do relógio.

Não deixava de ser uma grande ironia do destino que ele iniciasse a carreira no exato momento em que ela abraçava a vida matrimonial. Era como se a Justiça, a exemplo de uma amante ciumenta, estivesse decidida a mantê-los separados.

Contrariando a natureza paciente, deixou a poltrona e pôs-se a andar de um lado para o outro. A mente agitada procurava alguma solução até então ignorada.

— Maldição! O que posso fazer? — bradou ríspido e frustrado. — Implorar para que desista do casamento? Raptá-la? Pelo amor de Deus, Clarissa já se decidiu. Que vá para o inferno! E eu também por ser tão estúpido em continuar apaixonado por ela!

Agitado, deu um murro na palma da mão. A concentração de Brandon era tão intensa que ele não ouviu a batida na porta, ou as palavras abafadas em seguida. Mas o visitante era insistente e empregou mais volume na voz.

— Brandon! Vamos, meu velho, é muito importante! Abra a porta! — gritou Ned.

Brandon abafou uma exclamação de impaciência e pensou se seria sensato receber o amigo quando se encontrava tão deprimido. Mas como as batidas persistissem, acabou girando a chave e escancarando a porta com um gesto irritado. Diante dele, surgiu Ned em absoluto desalinho.

— Exagerou na elegância para o casamento desta manhã, não acha? — ironizou Brandon.

— Ah, é um dever vestir-se de acordo com a ocasião — respondeu Ned com o seu sorriso matreiro.

— Você está muito bem-humorado neste pior dia de minha vida — resmungou Brandon, deixando-o passar.

— Se ficar quieto o tempo suficiente, talvez descubra a maneira de transformar esta data na mais feliz de sua existência — declarou o amigo

num tom de discurso rebuscado. — Existe uma vaga possibilidade de não se realizar o casamento.

— O que está insinuando? — questionou Brandon depressa, a voz traíndo as emoções inflamadas como resultado da insinuação de Ned.

— Você se lembra das duas rameiras que encontrei uns dias atrás? Pois esbarrei nelas de novo há umas duas ou três horas. Umas doses de gim num boteco das vizinhanças as deixaram com a língua solta.

— O que isso tem a ver com o casamento? — interpelou Brandon, impaciente e pronto para estrangular o amigo caso ele não se explicasse depressa.

— O Sr. Walker! — respondeu Ned com ar vitorioso. — Ele aluga mesmo uns cômodos em Drury Lane. Minhas novas amigas não sabem o endereço certo, mas fica entre as ruas Wych e Holywell.

— Só isso? — perguntou, desapontado. — Mesmo se Preston mantivesse uma amante lá, ninguém se importaria. Afinal, ela não o acompanharia para os Estados Unidos.

— Ah, não existe um amor proibido lá — garantiu Ned, com ar misterioso. — Existe algo muito pior, pornografia.

— Por acaso ele coleciona quadros eróticos? Péssimo gosto, naturalmente, mas duvido que isso fosse motivo para Manning impedir o casamento da filha.

— W. S., o sem-vergonha, não é colecionador, Brandon, ele produz e fornece esse material. Segundo minhas companheiras de bar, não é algo divertido, vendido por ninharia, mas trata-se de arte pervertida, de preço altíssimo e procurada por colecionadores particulares. Entendi também — acrescentou Ned sem esconder a aversão —, que ele se especializa em fotografar meninotas bem novas.

— Maldito! — exclamou Brandon, colérico com a pretensão de tal víbora de se casar com Clarissa.

— Você precisa avisar Manning.

— De nada adiantaria. Preciso de provas, pois não posso fazer acusações baseadas apenas nas palavras de duas prostitutas bêbadas. Eu passaria por um ex-amante enciumado, capaz de qualquer mentira grotesca para impedir o casamento. Clarissa, com toda a certeza, atribuiria a sua colaboração a nossa amizade. Vou até lá para ver o que posso encontrar. Se não conseguir chegar a Hertford Court antes de Clarissa sair para a igreja, eu o encontro na porta de São Pancrácio.

— Não, eu vou com você — discordou Ned.

— De forma alguma — determinou Brandon ao vestir o paletó. — Você vai para casa pôr uma roupa decente para o casamento e, de lá, para a igreja. Se eu não conseguir voltar a tempo, conto com você em São Pancrácio para atrasar a cerimônia. Você será muito mais útil lá do que comigo.

— Embora convidado, eu não ia assistir ao casamento — contou Ned numa demonstração de lealdade.

— Pois agora, vai. Se tivermos sorte, não haverá casamento. A noiva nem sairá de casa — garantiu Brandon, empurrando-o para a porta.

— Como vou saber o que estará acontecendo?

— Se Preston ficar abandonado no altar, vá se encontrar comigo em casa da Srta. Cooper.

— Tudo bem — resmungou Ned, não muito convencido. — E quanto à sua entrevista com Dobson e Whittaker agora de manhã?

— Que vá paia o inferno! — gritou Brandon ao sair e fechar a porta.

De repente, surgira uma ponta de esperança e ele se tornara novamente um homem com um propósito em mente. Impedir o casamento, caso o conseguisse, não significava que Clarissa o aceitaria. Mas pelo menos ele teria o consolo de haver salvado a amada de um tipo sórdido como Waverly-Smythe.

Considerando-se a curta distância a percorrer, era de estranhar a pouca freqüência com que fazia esse percurso, refletiu Brandon ao caminhar apressado por Drury Lane rumo a Holywell Street. Mas o fato não era de todo estranho, considerou, enquanto o mau cheiro advindo de excremento humano e hortaliças estragadas, nas proximidades do mercado Clare, o enauseava. Apenas aqueles que por questão financeira de sobrevivência ou por vantagem pessoal não tinham outra escolha, apenas eles, visitavam Holywell e as vielas adjacentes. O lugar sombrio favorecia o comércio principal feito ali: o do pecado da carne. Há muito as autoridades da cidade discutiam a necessidade de demolir as casas de cômodos e cortiços da região a fim de ligar High Holborn e Strand. Porém cinquenta anos já haviam passado e as palavras não cediam lugar à ação.

— Ei, gracinha, está bem disposto? Posso atender você por meio guinéu — ofereceu uma voz fanhosa ao mesmo tempo que uma mulher aparecia do interior escuro de uma casa. — Mas se quiser ir lá para cima, é mais caro.

— Não, obrigado, estou procurando uma pessoa.

— Não faça pouco da gente — advertiu uma segunda mulher, surgindo também das sombras para revelar um rosto maltratado, de idade indeterminada e cabelos bem mais pretos do que a natureza poderia lhe dar.

— Ele pensa ser bom demais para a gente, Marie.

— Isso mesmo. Nem reconhece uma dama quando vê uma. Sou Marie Antoinette desde o dia em que nasci — falou a primeira mulher.

— Não é isso, senhora. Estou à procura de uma certa pessoa e lhe pagarei o meio guinéu, com prazer, caso me ajude.

— Ah, ah, ah! Espere só até eu contar para meu patrão que fui chamada de “senhora” e paga para abrir a matraca que ele vive mandando eu fechar — caçoou Marie. — Mas continue falando, *excelência*, sua voz é muito bonita.

— Estou procurando um homem chamado Walker. Pelo que me disseram, ele tira fotografias num estúdio por aqui e usa modelos da redondeza.

— É amigo dele? — questionou a segunda mulher.

— Deus me livre! — protestou Brandon, não só por sinceridade como também por notar antagonismo na voz da prostituta. — Ele perdeu uma aposta para mim e me deve vinte libras esterlinas. Quero encontrá-lo e ver se arranco o dinheiro do cretino.

— O que você acha, Marie? Ele é um desses gaudões que aparecem por aí para pintar os diabos, ou será que a gente pode confiar nele?

— O melhor é pegar o dinheiro primeiro e depois abrir o bico. Eu sempre disse que o Walker não prestava. Tirar fotos de Alice, vá lá, mas usar Beatrice e Annie e não querer moças como nós não me passa pela garganta. — Calou-se um instante e depois acrescentou, virando-se para Brandon: — Olhe doutor, ele não é o favorito de ninguém por aqui.

Como não continuasse, Brandon deu-lhe o dinheiro. Com a moeda no bolso, ela passou a informação desejada.

— É só virar a esquina. Os cômodos dele ficam no fim da viela, no número 16-A. Mas duvido que esteja lá. Ele costuma vir à noite e não fica até o dia seguinte.

— Tudo bem. Vou tentar assim mesmo. Muito obrigado — agradeceu Brandon e afastou-se depressa.

Apesar de ser muito cedo ainda, já havia bastante movimento na rua e ele não desejava despertar a atenção de mais ninguém. Também não podia perder tempo, pois o casamento se realizaria dali a três horas.

Bem no fim da viela, encontrou o número 16-A. Como esperava, a porta estava trancada a chave. Rodeou a casa à procura de outra entrada, porém não havia nada além de janelas. Se tivesse sorte, uma delas estaria destravada. Sem êxito, tentou abri-las. Maldição! Teria de recorrer a uma medida drástica; resolveu abaixar-se e pegar um pedaço de telha caída no

chão. Com ele, abriu um buraco no vidro, grande o suficiente para enfiar a mão e abrir a janela.

“Arrombamento e invasão de domicílio com intenção de furto”, sua mente de advogado catalogou os crimes. Todavia, estava disposto a enfrentar qualquer penalidade a fim de salvar Clarissa das garras de Waverly-Smythe. Nem mesmo o preço a pagar quanto sua indicação à Inns — quebrava a lei em lugar de ir à entrevista com Dobson e Whittaker — o deteria. No momento, só importava encontrar a evidência que ligaria Preston a Walker, pseudônimo usado pelo autor de material pornográfico.

Depois de relancear o olhar pela viela deserta, Brandon subiu no parapeito da janela e deixou-se escorregar, para dentro, entre a parede e a cortina pesada. O lugar estava na mais profunda escuridão e, antes de se orientar, ele bateu em uma mesa, ouvindo no mesmo instante o estalido de garrafas espatifando-se no chão.

Com todos os demônios! Como podia ser tão desastrado? Se já não tivesse alertado a vizinhança ao quebrar o vidro da janela, agora devia ter despertado até os mortos! Manteve-se imóvel à espera de um grito de alarme vindo da rua, porém não ouviu nada. Seriam barulhos dessa natureza comuns por ali, a ponto de não mais chamarem a atenção? Em caso afirmativo, contava com uma certa vantagem.

Como não conseguisse ver nada além da escuridão, Brandon irritou-se consigo mesmo por não ser providente e ter trazido uma vela. Felizmente, tinha fósforos. Riscando um atrás do outro, examinou o aposento pequeno. Havia várias bacias de metal, prateleiras com garrafas de líquidos e a mesa. **Ali** devia ser onde Preston revelava os filmes.

Contudo, não existiam armários para arquivar as fotos. Onde Preston as guardaria? Não haveria de ser em seu dormitório na universidade. Ou esse Walker não seria o rival?

Por uma porta estreita, passou para o outro cômodo onde encontrou uma lamparina numa mesinha. Acesa, ele constatou que o ambiente ali assemelhava-se ao que imaginara. Havia um diva cheio de almofadas, uma banqueta alta, uma cadeira de balanço onde se via uma boneca, uma cama bem larga com colcha de veludo preto, um tapete imundo, branco, de pele de carneiro e, bem no centro do aposento, duas câmaras fotográficas sobre tripés altos. Do lado esquerdo havia uma cortina de brocado, porém não deveria ser com propósitos de privacidade, pois três espelhos imensos triplicavam qualquer movimento. De posse da lamparina, atravessou-a.

Atrás dela, encontrou uma escrivaninha e uma cômoda. Talvez numa

das gavetas encontrasse a evidência procurada. Maldição! O relógio de uma igreja batia sete horas!

Nas primeiras três gavetas havia espartilhos, robes, meias e camisas dos mais variados tamanhos e tecidos. Havia também acessórios curiosos como plumas, echarpes coloridas, ligas para meias, bijuteria de todos os tipos, até uma miniatura de gaiola, banhada a ouro e esmaltada. Mas nada de fotos. Ao abrir a última gaveta, deparou-se com duas caixas grandes de madeira e fechadas a cadeado. E agora? Não podia sair à rua sobraçando as duas sem chamar muita atenção. Aliás, nem sabia se encontraria dentro delas o que procurava.

Sem pensar duas vezes, voltou ao primeiro cômodo e, pela janela, apanhou o pedaço de telha já utilizado uma vez. Disposto a devassar os segredos de Preston, Brandon sentiu um prazer perverso em forçar as dobradiças de uma das caixas com a ferramenta improvisada. Lamentava apenas não a estar usando na cabeça do crápula. Conseguindo o intento, viu apenas umas moedas de ouro pequenas com as quais, certamente, pagava as meninas após o árduo trabalho delas. Havia ainda um caderninho de anotações que Brandon achou por bem enfiar no bolso. Determinado a prosseguir na busca, tomou a segunda caixa.

Talvez por estar mais prático, Brandon não levou muito tempo para abri-la e, para regozijo seu, ali estava o que procurava. Tendo passado temporadas no mar, em navios do tio, ela já tinha visto retratos “artísticos” colecionados por marujos solitários. Chegara mesmo a admirar os de algumas “damas” mais atraentes. Porém o que via agora não era natural e sim nojento e indecente, condenou ao examinar, uma atrás da outra, as fotos de meninas nuas e, de vez em quando, de um rapazote, sozinho ou acompanhado, e em várias poses de sensualidade degradante.

Ned havia dito que as modelos de Preston eram crianças e, a julgar pelas fotos, a maioria deveria ser inocente demais para saber o que fazia. Reprimindo a aversão, Brandon continuou a examiná-las, esperançoso de achar uma com o próprio Preston. Vendo o retrato de uma menina loira, de uns doze anos, ele maldisse a alma depravada que a tinha feito posar, sentada nua na cama e com um cachorrinho no colo. Por Deus, onde estariam os pais da criança? Eles mereciam pena de morte! Furioso, pôs-se a considerar se as leis que havia estudado jamais conseguiriam civilizar pessoas como essas.

Mas o achado seguinte provocou-lhe satisfação. Ali estava uma foto de Preston, com a mesma menininha loira e nua, sentada em seu colo enquanto ele beijava-lhe um dos seios. Já tinha tudo de que precisava, exultou. Essa

foto valia milhões, pois pagaria o preço da liberdade de sua amada. Guardou-a no bolso do paletó, pegou um bom punhado das outras e rumou para o outro lado da cortina para ir embora. Não lhe restava muito mais tempo antes da cerimônia do casamento. Teria de ir diretamente à igreja de São Pancrácio, sem passar por Hertford Court.

Nesse instante, a porta de entrada escancarou-se com um estrondo tremendo e Brandon achou-se diante de um homem, cuja estatura avantajada lhe bloqueava a passagem.

— Tirou retratos de minha irmã, não é? E ainda por cima, com um cachorro pulguento no colo! Pois olhe, Sr. Walker Todo-Poderoso, tenho novidades! Mexeu com a irmãzinha de Freddie leva o troco — gritou o gigante ao agarrar Brandon pelas lapelas do paletó e atirá-lo contra um dos espelhos.

Estilhaços do cristal voaram para todos os lados.

— Está enganado, moço, não sou o Sr. Walker — protestou Brandon, levantando-se.

— Deixe de mentiras, seu salafrário. Vai se lamentar muito não ser mesmo o sem-vergonha. Beatrice me deu o endereço daqui. Ela também não vai mais se prestar para suas fotos imundas! O inchaço no seu rosto vai baixar, mas os dentes caídos não vão crescer outra vez. Acho que vou arrancar uns dos seus para ver o quanto dói — ameaçou o homem passando da ação à palavra.

Com um murro certeiro, Freddie acertou o queixo de Brandon com tanta força que imaginou tê-lo matado. A cabeça tinha vergado para trás com um estalo do pescoço e ele caíra desacordado no chão. Não que o desgraçado não merecesse morrer, mas tinha outros planos para ele. A polícia que lhe desse o destino merecido, planejou enquanto amarrava a figura inerte a seus pés. Em seguida, saiu e seguiu apressado pela viela. Essa seria a única informação que daria à polícia com prazer.

CAPÍTULO XVIII

A luminosidade opalescente da madrugada cedeu lugar depressa demais aos raios de sol, pensou Clarissa ao vê-los invadir-lhe o quarto. O anel de safira, dado por Preston, emitia um brilho pálido, meio amedrontador.

Embora ele adornasse sua mão desde o momento em que o noivo o colocara nela, Clarissa havia considerado a jóia como uma lembrança impessoal de seu destino e tentara ignorá-lo. Entretanto, a incandescência aprisionada sob a lapidação da pedra adquirira um fulgor sinistro cujas fagulhas pareciam estigmatizá-la em mulher destinada ao homem errado.

Com um gemido de irritação, virou a pedra para baixo e cobriu a cabeça com o lençol. Não desejava pensar no casamento e sim passar uns poucos momentos em tranqüilidade, esquecida do mundo e de suas exigências.

Uma batida leve na porta avisou-a de que isso não seria possível. Em seguida à sua resposta abafada, ouviu o clique da fechadura e o som de passos leves atravessando o quarto.

— Clarissa, minha querida, você já devia estar de pé há algum tempo — soou a voz de Lavínia com um toque forçado de animação.

Por Deus, o que teria a sobrinha agora?, indagou-se preocupada enquanto esperava por uma resposta. Certo, o casamento não era por amor, porém Clarissa não insistira em realizá-lo? Já devia ter se levantado e começado a se preparar para a cerimônia. Eram mais de sete horas. Seria essa hesitação um caso normal de nervosismo de noiva, ou Clarissa, na realidade, não queria se casar com Preston Waverly-Smythe? Já ia expressar as dúvidas quando viu a sobrinha deixar a cama.

— Bom dia, tia Lavínia. Você madrugou hoje.

— Sim, mas você, não, embora precisasse — comentou a tia, observando-lhe as feições à procura de indícios de arrependimento quanto ao casamento iminente. — É muito pouco comum uma noiva mostrar tanta indiferença no grande dia.

— Você se esquece das circunstâncias — disse Clarissa, pouco disposta a ouvir conselhos.

— Pelo menos, você quer bem a Preston, não é? Foi o que me garantiu e sempre demonstrou quando ele vinha visitá-la. — Lavínia apanhou-se dizendo, instigada por uma grande e repentina inquietação: — Não posso

entender. Se gosta um pouquinho dele, por que não demonstra uma ponta de felicidade em vez dessa indiferença estranha?

— Tia Lavínia, não interprete minha tranqüilidade como falta de entusiasmo — pediu Clarissa enquanto, com um gesto distraído, tocava o lindíssimo vestido de noiva pendurado numa armação em um canto afastado do quarto.

— Minha querida, você está realmente convencida de que essa é a melhor solução para seu dilema?

— Sem sombra de dúvida — garantiu, cheia de determinação.

Já não se havia feito a mesma pergunta, centenas de vezes, desde que aceitara o pedido de Preston? Não tinha passado noites inteiras acordada, desejando que fosse Brandon seu companheiro no futuro e não Preston, por mais bondoso que ele se mostrasse?

A inquietação de Lavínia aumentava. Talvez houvesse se distraído demais com os preparativos do casamento e não notado o total descontentamento da sobrinha com tal união, apesar de a menina disfarçar muito bem qualquer sinal.

— Sabe, Clarissa, nem todas as mulheres precisam se casar. Veja meu exemplo. Recebi vários pedidos e recusei a todos. Isso não quer dizer que eu não valorize o amor. Neste exato período, mantenho um relacionamento com um homem. Ele me ofereceu seu nome, mas eu preferi conservar minha liberdade — confessou Lavínia enrubescendo, mas empalideceu em seguida ao imaginar a reação de James Gregory se ouvisse o conselho que ia dar. — Você poderia fazer o mesmo.

— Essa seria uma ótima idéia, tia Lavínia — começou Clarissa, vendo a irmã de sua mãe sob outro prisma —, mas você está se esquecendo do bebê, o meu filho escondido. A sua situação e a minha são completamente diferentes. Não quero ouvir mais nada sobre esse assunto. Isso só serviria para sombrear este dia, já um tanto difícil de ser enfrentado.

— Não acredito...

— Nem mais uma palavra, minha tia querida — interrompeu Clarissa, inflexível. — E lembre-se, você jurou, pelo amor a minha mãe, não trair minha confiança.

Com um aceno curto de cabeça, Lavínia saiu apressada do quarto, deixando Clarissa a sós, e indo para o seu a fim de angariar toda a coragem possível para enfrentar os acontecimentos desse dia.

Aproximando-se da cama, puxou o cordão da sineta chamando Ellen. Não sentia disposição para apreciar a farta refeição preparada pela

cozinheira, nem para fazer companhia ao cunhado à mesa do café da manhã. Mas isso não queria dizer que se privaria do conforto dado por uma boa xícara de chá.

Pouco depois, deliciava-se com a bebida enquanto tentava se distrair com a leitura do jornal. Como sempre, procurou a sessão de divórcios que publicava, minuciosamente, os fatos escandalosos das separações sancionadas pelos tribunais na véspera. A descrição dos casos constituía sempre uma prova de sua sensatez em se manter solteira.

Nesse dia, entretanto, apesar das declarações da Sra. Pringle sobre a visita que o marido, o coronel Pringle, tinha feito durante à noite ao quarto de sua casa, onde se hospedava uma amiga do casal, Lavínia não conseguiu esquecer seu problema angustiante. Aliás, o caso descrito no jornal só a atormentava mais. A cerimônia nupcial dessa manhã só serviria para, em pouco tempo, o nome da sobrinha ser impresso numa coluna de divórcios, caso os jornais americanos publicassem tais notícias.

— O que vou fazer? — choramingou, retorcendo, entre os dedos, o sempre presente lençinho de renda. — Se eu tivesse cuidado melhor da menina em vez de me preocupar com minha própria vida, teria evitado esta catástrofe. Como posso me manter impassível e deixar que esse casamento se realize sem tentar ajudar Clarissa? Ela é muito teimosa para ir procurar Brandon e o meu juramento me impede de fazê-lo.

Mas quando seu olhar caiu novamente na coluna de divórcios, teve certeza de que a irmã a perdoaria. Tinha jurado, pelo amor a ela, a guardar segredo, porém era esse mesmo afeto que a instigava a agir, mesmo quebrando a promessa. Em nome desse amor não poderia deixar que a filha de Pamela se entregasse a uma vida de infelicidade. Com essa idéia em mente, Lavínia apanhou a caneta, tinta e papel.

Não poderia mandar um bilhete a Brandon sem levantar as suspeitas das criadas, porém uma carta a Geoffrey seria considerada normal. Explicaria a situação e imploraria a ajuda dele. Talvez Ned pudesse ir procurar Brandon antes que fosse tarde demais. Que mal poderia advir dessa sua providência? Se Clarissa estivesse certa, a informação não significaria nada para o Sr. Brandon Phillips. Ele ignoraria a situação e o casamento se realizaria sem que Clarissa ficasse sabendo de sua intervenção. Mas caso Brandon fosse o homem que Lavínia julgava ser, ele poria um paradeiro nas tolices ridículas dessa manhã. Então, Clarissa e o ex-professor poderiam superar o orgulho insensato e esquecer as razões que os tinham separado.

O conde de Hammerford apreciava uma xícara de café forte e olhava

para o terno que, dentro em pouco, vestiria para ir ao maldito casamento. Detestava ter de usar roupas formais a essa hora da manhã, porém não queria desapontar Lavínia.

Por Deus, como a amante e sua situação o tinham transformado num homem paciente, concluiu ao pensar em seus hóspedes e na mudança que eles tinham provocado na rotina de ambos. Na verdade, até com o filho havia se indisposto por causa do tal casamento. Amigo leal de Brandon Phillips, Ned recusava-se a comparecer à cerimônia. O rapaz não tinha noção sobre o comportamento social adequado, e, caso a tivesse, não a respeitava, concluiu mal-humorado.

Uma batida na porta aumentou-lhe a irritação. Tinha dado ordens para não ser molestado.

— Uma carta, senhor — informou o criado.

— Traga aqui — disse, permitindo que o aborrecimento provocado pelo filho desse um tom áspero na voz geralmente agradável.

Ao reconhecer a caligrafia no envelope, sentiu-se animado e abriu-o com a sofreguidão de uma criança ao rasgar o invólucro de um presente.

Esperando encontrar uma mensagem de amor, o conde ficou aturdido com o conteúdo da carta. Mesmo quando imaginava que Clarissa Manning já se encontrava fora das asas protetoras de Lavínia, a mocinha conseguia arranjar outra catástrofe. Ela só não tinha dado trabalho na época em que estudava com Brandon Phillips. *Lord* Geoffrey descobria agora por quê. Mas o que Lavínia esperava que ele fizesse?

Enquanto especulava as possibilidades, Ned chegou disposto a ceder às exigências do pai a fim de, caso fosse necessário, ir à igreja e atrasar o casamento.

— Papai, acabei lhe dando razão — declarou na voz mais humilde possível. — Vou assistir à cerimônia do casamento como me pediu.

— Ah, se houver uma. Leia isto, Edward.

Edward? Devia ser algo sério para o pai não tratá-lo pelo apelido, pensou Ned ao pegar a carta e começar a ler.

— Temos de avisar Brandon! — falou nervoso poucos segundos depois e esquecido do que o amigo o incumbira de fazer.

— Concordo — disse Geoffrey, consciente de que Lavínia não o perdoaria se não tomasse alguma providência. — Vá fazer isso e nada de se distrair pelo caminho. Você tem pouco mais de uma hora para dar a Phillips a oportunidade de corrigir essa confusão. Mas lembre-se, Ned, eu o espero às nove horas em ponto na igreja, não importa o que Phillips decida fazer!

Brandon sentiu a cabeça latejar e o queixo doer, mas por quê? O que teria lhe acontecido? De repente, lembrou-se: Freddie, Waverly-Smythe, o casamento! Não seria tarde demais? Com todos os diabos, por que não conseguia ver nada ou pôr a mão no bolso a fim de tirar o relógio? Maldição! Aquele gorila idiota devia tê-lo amarrado muito bem e posto uma venda em seus olhos. Não havia barulho de mais ninguém ali, porém Brandon não podia se arriscar, gritando por ajuda.

“Quando eu puser as mãos em Preston Waverly-Smythe, vou matá-lo”, jurou. Esse era o único remédio, refletiu calmamente ao fazer um inventário dos ferimentos que havia sofrido em lugar do desgraçado. A cabeça era a parte mais castigada. Os braços e pernas não tinham sido machucados, porém estavam dormentes. Deitado de costas, sobre os braços amarrados, julgava estar na cama, pois sentia a textura do veludo da colcha nas mãos. As pernas, também firmemente presas, o impediam de fazer grandes movimentos. Talvez pudesse rolar o corpo até a beirada da cama e, dali, jogar-se no chão. Se conseguisse apanhar um dos cacos do espelho poderia cortar as amarras. Com um pouco de paciência e caso o atacante não voltasse, acabaria por se livrar.

Devagar e com as pernas esticadas para o lado, começou a vencer a superfície da cama. Quando sentiu apenas o ar sob os pés, deu um impulso mais forte e rolou para o chão. A sorte o favorecia, pois em questão de minutos, os dedos, que tateavam à volta, acharam um estilhaço afiado do espelho. Começou logo a esfregá-lo nas amarras.

— Olá? Alguém está aí dentro? — gritou uma voz vinda da rua. — Brandon, por acaso você se encontra aí?

Graças a Deus, pensou Brandon aliviado. Era Ned. Não precisava mais se preocupar em gritar por socorro e ser ouvido por estranhos desconfiados.

— Aqui, Ned, venha depressa. Estou precisando de ajuda. Que horas são? Por que não foi para a igreja como eu disse?

— Acalme-se, vamos chegar à São Pancrácio antes de Clarissa. Mas existe algo que você precisa saber logo — informou Ned, indo em direção à voz de Brandon. — Deus do céu! — exclamou ao entrar correndo no aposento e se deparar com o instrutor, amarrado com echarpes coloridas e com a peça do vestuário feminino, usado para acomodar os seios servindo-lhe de venda nos olhos.

— Chega de exclamações, Ned, venha me soltar. Encontrei todas as provas necessárias para incriminar Preston e impedi-lo de se casar com Clarissa. Já ia saindo para ir me encontrar com você, quando apareceu o

parente de uma das modelos e me tomou por Walker. Ai, que alívio — suspirou Brandon ao se ver livre da venda e enquanto Ned soltava as amarras. — Já tenho algumas, mas pegue mais dessas fotos. Deve ter sido Freddie quem as espalhou para cá da cortina. Depressa!

— As fotos que vão para o diabo, Brandon. Você não precisa mais delas. Por isso vim até aqui.

— Como não? Se ao chegarmos à igreja, o casamento já tiver terminado, poderá ser anulado com base nestes retratos. Tenho até um de Preston com uma menina que poderia ser...

— Acredite em mim. O passatempo sujo do desgraçado não importa mais. Clarissa quer se casar porque está grávida de um filho seu, Brandon, e tem certeza de que você não a ama.

— Por essa razão vai se casar com Preston? Por que está grávida de um filho meu?! — trovejou Brandon, rumando para porta. — Que desmiolada! E eu que a achava inteligente!

— Segundo entendi, ela ficou com medo de lhe contar. Não sei por quê. Afinal, você é um sujeito tão calmo e compreensivo — aplacou Ned, seguindo-o.

Não chegaram a alcançar a rua, pois dois policiais surgiram impedindo-lhes a saída.

— Sr. Walker, queremos dar uma palavrinha com o senhor.

— Não, não — protestou Brandon, ansioso para chegar ao lado de Clarissa. — Não sou o Sr. Walker, embora a outra pessoa me tenha confundido com ele. Se não se importa, nós vamos indo. Tenho de impedir um casamento para me casar com a noiva.

— Um minuto, por favor. Dê um passo aí para dentro. Quero lhe fazer umas perguntas — ordenou o policial mais alto enquanto o companheiro apanhava as fotos espalhadas no chão. — Recebemos queixa sobre certas imoralidades cometidas aqui, Sr. Walker, e esses retratos parecem confirmar o fato.

— Sem dúvida, mas eu não sou o Sr. Walker — argumentou Brandon tentando manter a calma. — Na verdade, ele é Preston Waverly-Smythe que está prestes a se casar com a mãe de meu filho, a não ser que eu chegue a tempo de impedi-lo.

— Nesse caso, quem são vocês dois para estarem tão à vontade aqui dentro? Alguns dos modelos mais velhos do homem? — indagou o policial que juntara as fotos. — Não acho nenhum retrato de vocês.

— Olhe, pela terceira vez lhe digo que não sou Walker. Meu nome é

Brandon Phillips e vim até aqui para conseguir provas da depravação de Waverly-Smythe e, com isso, impedir que uma jovem inocente se case com ele.

— Por essa razão provocou essa desordem enorme nos cômodos e quebrou as duas máquinas fotográficas?

— Não — respondeu Brandon, desanimado por eles não se convencerem da verdade. — Quebrei uma janela e entrei para procurar as fotos. Ao encontrá-las, já ia embora quando Freddie apareceu e...

— Esse aí é Freddie? — indagou o policial.

— Com todos os demônios, não! Sou Edward Lowell Newcomb, filho do conde Hammerford. Pode perguntar a quem quiser. Mas meu amigo está certo. A cerimônia do casamento já terá terminado quando chegarmos lá, a não ser que saíamos imediatamente daqui.

— Ah, vão sair já, mas não para ir a casamento algum. Vão ficar na delegacia Bow Street até encontrarmos esse tal Freddie.

— Mas não sou Walker! — protestou Brandon, desesperado por ver evaporar-se a oportunidade de impedir o casamento de Clarissa com Preston.

— Se não é, no que ainda não acredito, temos sua confissão de arrombamento e invasão de domicílio para discutir. Isso sem falar no preparo e distribuição de material pornográfico — declarou o policial, irredutível.

— Examine meus bolsos. Tenho papéis que podem me identificar — disse, exasperado por não ter pensado nisso antes e enquanto lhe punham algemas.

— Tudo bem, mas não sei o que espera provar com isso. Qualquer pessoa pode carregar papéis com o nome que bem entender. Ora, ora! O que é este caderninho? — indagou, fazendo Brandon estremecer, pois não se lembrara de ter posto o maldito no bolso. — Muito bem, Walker, você acaba de nos dar a melhor razão para detê-lo. Está tudo aqui: o pagamento para suas modelos, as datas em que posaram e quanto você ganhou com a venda do material. E esta foto aqui? É de um de seus modelos favoritos?

— Não! Tirei o retrato porque mostra o verdadeiro Walker, quer dizer, Waverly-Smythe, com...

— Então admite tirar fotografias? Acho bom não variar a sua história, filho. Não lucrará nada armando confusões com os detalhes — aconselhou o mais alto. — Vamos levar os dois para a delegacia e deixar o caso a cargo dos detetives. Para eles vai ser distração não se tratar dos costumeiros batedores de carteiras e bêbados arruaceiros.

— Meu amigo está falando a verdade — aparteou Ned. — Vim da igreja

para encontrá-lo e...

— Ah, são religiosos, ou vão à igreja para procurar menininhas bonitas? Bem, isso fica para depois. Fomos mandados aqui para apanhar um fotógrafo pornográfico e pegamos dois. Ou quem sabe, um é isso e outro é ladrão. Dá na mesma. — Meu pai é *lord* Geoffrey Newcomb, conde de Hammerford — insistiu Ned com veemência —, e vai ser o diabo se não acreditarem em mim. Por favor, mande alguém à igreja de São Pancrácio buscar meu pai. Ele testemunhará a nosso favor.

CAPÍTULO XIX

Dando alguns passos entre os convidados ao casamento, reunidos na escadaria de São Pancrácio, *lord* Geoffrey percorreu os olhos pela avenida em busca de sinais da aproximação do filho e de Phillips. A jovem Manning deveria chegar a qualquer instante, acompanhada do pai e de Lavínia, indicação para todos entrarem na igreja.

Quem haveria de pensar que alguém tão sério como o professor particular de Ned cederia a olhares sedutores, refletiu *lord* Geoffrey. Mas ao lembrar-se do sorriso encantador de Lavínia, compreendeu e perdoou a fraqueza de Brandon Phillips. Porém aí a comparação cessava. A moça em questão só havia provocado problemas, acusou o pai de Ned.

— Fiz tudo que podia. Lavínia não vai poder reclamar de mim — resmungou o conde. — Daqui para frente, o que acontecer não será responsabilidade minha. Lavo minhas mãos. Não vejo razão para me envolver mais em tal assunto.

— *Lord* Newcomb? — soou uma voz discreta ao lado.

— Sim? — respondeu o conde ao virar e se deparar com um indivíduo de aparência indefinida.

Vestido em um terno modesto, marrom, ele não poderia ser um dos convidados ao casamento.

— Posso falar um momentinho com o senhor? — pediu o estranho, apontando para um canto longe das demais pessoas.

— Só disponho de um segundo — concordou Geoffrey a contragosto ao ver a carruagem da noiva chegar. — O que quer?

— Bem, senhor — começou, em voz baixa, a explicar sua missão enquanto dois outros colegas mantinham-se ao lado em silêncio.

— Meu filho está *aonde*. — perguntou *lord* Geoffrey sem conseguir controlar o volume de voz.

Felizmente, o burburinho provocado por um grupo de amigos à volta de Lavínia, já fora da carruagem, não permitiu que ele fosse ouvido.

— Na delegacia Bow Street, senhor, caso seja, de fato, seu filho. Ele pode ter roubado a carteira do rapaz e, agora, estar tentando se passar por ele. Edward tem um metro e setenta e cinco de altura, cabelos pretos e é magro?

— Sim, sim. O senhor diz que ele foi detido numa casa de má reputação,

posando para fotos pornográficas? — indagou o pai de Ned contraindo os músculos do rosto.

— Ele afirma o contrário, é claro, senhor, mas pelo relatório dos policiais, não há dúvida. Só queremos ter certeza absoluta antes de lavrar a queixa contra os dois.

— Os dois?! Prenderam também a mulher envolvida no caso? — perguntou o conde, vendo seus piores pesadelos tornarem-se realidade.

Havia pensado que Phillips conseguira domar os impulsos mais loucos de Ned, mas já se convencia do contrário. E isso acontecia, justamente, quando o rapaz tinha obtido o primeiro lugar nos exames. Sua carreira acadêmica ficaria arruinada se a universidade tivesse notícia do caso. Não tinha outra escolha senão ir à delegacia e esclarecer o assunto.

— Na verdade, senhor, não há uma mulher envolvida com ele e sim outro rapaz — explicou o homem com relutância.

— Ai, meu Deus! — exclamou *lord* Geoffrey respirando com dificuldade.

Quem poderia imaginar que o filho de Annabelle sairia com tal tendência?

— Não se trata do que está pensando, senhor. O seu suposto filho afirma que o outro é professor particular dele.

— Creio já ter ouvido o suficiente. É melhor irmos até a delegacia — declarou Geoffrey.

Pelo jeito, Ned e Phillips, dois irresponsáveis, tinham desistido de vir ao casamento e partido em busca de aventuras condenáveis.

— Geoffrey? — murmurou Lavínia ao juntar-se a ele enquanto James Gregory ajudava Clarissa a descer da carruagem. — Você recebeu minha carta? Brandon está lá dentro?

— Calma, minha querida — aconselhou o conde enquanto os detetives, discretos, se afastavam um pouco. — Mandeí Ned procurá-lo, mas não adiantou muito. Os dois se meteram numa confusão e eu preciso ir já tentar ajudá-los.

— Ai, Geoffrey! — suplicou Lavínia com os olhos arregalados de pavor. — Você não pode ir a lugar algum! O que vou fazer sozinha? Como impedir a cerimônia? Já vai começar.

— Minha querida — começou Geoffrey, paciente, ao afagar-lhe a mão. — Não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo. Se não for logo resolver o problema, não veremos Brandon e Ned agora de manhã.

— E o casamento?

— Não se aflija tanto, doçura. No momento oportuno, sua mente esperta

lhe dará inspiração. Tenho a máxima confiança em você — reconfortou-a o amante. — Só lamento que meu filho desmiolado seja a causa de algum transtorno para você. Quando encontrar o rapaz...

— Tudo bem, Geoffrey — interrompeu Lavínia, tentando criar coragem para fazer o que fosse preciso a fim de interromper a cerimônia nupcial.

— Então, minha querida, vá ajudar sua sobrinha — aconselhou o conde com um aceno em direção a Clarissa que, diante da escadaria, chamava a atenção geral. — Quanto a mim, tenho de cuidar de meus deveres de pai, por mais desagradáveis que sejam eles.

— Naturalmente — concordou Lavínia com uma tranquilidade longe de ser sentida. — Mas por favor, Geoffrey, não seja muito severo com o rapaz. Ned é tudo que você sempre imaginou que fosse, tenho certeza.

Lembrando-se das insinuações do detetive momentos atrás, Geoffrey murmurou:

— Às vezes, Lavínia querida, desejo que Ned não corresponda a minha imaginação.

Ao ouvir os elogios das amigas de Lavínia ao lindíssimo vestido de noiva, Clarissa corou.

Seguindo a tradição popularizada pela rainha Vitória em seu casamento, meio século atrás, as noivas continuavam a usar vestidos brancos e a enfeitar a cabeça com véus de renda, presos por uma tiara de flores de laranjeira. Desde então, a moda passara a ditar cada vez mais luxo aos modelos, salientando-se os brocados de cetim bordado com fios de prata.

O estilo dominante no momento exigia também que o vestido de noiva fosse enfeitado com folhas e flores de laranjeira. Sendo assim, apesar dos elogios das amigas da tia, Clarissa sentia-se mais como uma exibição exótica de horticultura do que como noiva.

Não era um pensamento delicado, censurou-se ao ver a tia retornar a seu lado. Lavínia tinha se desincumbido muitíssimo bem da tarefa ao organizar tudo em tão pouco tempo. Seus esforços mostravam-se evidentes até nos menores detalhes e seu propósito tinha sido proporcionar um dia memorável à sobrinha. Naturalmente, Lavínia havia elaborado os planos antes de conhecer as verdadeiras razões para Clarissa se casar.

Se esse dia viesse a ser muito desagradável, refletiu a noiva, sorrindo para a tia, saberia eximi-la de toda culpa. Tudo que uma jovem pudesse desejar em seu casamento fora providenciado, exceto o noivo certo, mas a culpa era sua, reconheceu Clarissa.

Em poucos minutos, sua vida estaria irremediavelmente mudada.

Embora temesse o passo a ser dado, Clarissa não desejava delongá-lo mais. Já estava na hora de acabar com a situação amorfa em que vivia. Seus olhos não podiam continuar procurando, numa esperança vã, uma certa pessoa sempre ausente. Não, seria melhor casar-se depressa e antes que mudasse de idéia.

A atitude de Lavínia, entretanto, entrava em conflito direto com os desejos da sobrinha de enfrentar logo a cerimônia. A tia, mais loquaz do que de costume, não parava de conversar com as amigas da Sociedade de Horticultura. Com isso, impedia que as tais senhoras entrassem na igreja. Nesse andar, levariam a manhã inteira para celebrar o casamento.

— Titia, não acha melhor continuar sua conversa mais tarde? Tenho um noivo me esperando no altar e já estamos um tanto atrasadas — censurou Clarissa.

— Claro, claro, minha querida — concordou Lavínia no auge do desespero e à procura de outra desculpa para adiar um pouco mais o início da cerimônia.

Num gesto nervoso, tentou empurrar para baixo da copa do chapéu, uns caracóis soltos. Ao fazê-lo, teve uma idéia.

— Ai, meus cabelos! Devem ter se despenteado todos. Por favor, me dêem uns minutinhos para arrumá-los ali no vestíbulo — pediu enquanto o resto dos convidados entravam na casa de Deus. — Mais um pequeno atraso não vai atrapalhar em nada — argumentou, sem dar atenção aos resmungos irritados de James Gregory.

— Tia Lavínia, você está linda, não é verdade, papai? Vamos começar já este casamento — insistiu Clarissa.

— Mas... mas... — gaguejou Lavínia. — Olhe, umas flores de seu vestido parecem meio soltas. Talvez seja bom mandar buscar uma costureira. Deve haver uma pelas vizinhanças.

— O vestido não apresenta defeito algum! — aparteou James Gregory, impaciente. — Pare de se afligir, Lavínia, e vá para seu lugar lá dentro, para podermos entrar também.

— Mas...

— Nem mais uma palavra, minha cara cunhada. Você já fez tudo que podia — declarou Manning. — Entre logo.

Lavínia se viu forçada a obedecer. Porém as lágrimas que lhe corriam pelas faces, enquanto caminhava pela igreja, não eram de alegria como supunham as amigas. Por que não era forte e inteligente como Geoffrey? O que ia fazer para atrapalhar a cerimônia? Seu coração jamais agüentaria essa ansiedade crescente.

Mal se acomodava no banco, ouviu os primeiros acordes do órgão. Conduzida pelo pai e atrás de duas meninas com cestinhas de flores, Clarissa deu os primeiros passos pela nave da igreja.

Embora São Pancrácio não fosse um templo de grandes dimensões, ela foi tomada pela sensação de que não conseguiria alcançar a outra extremidade onde via Preston esperando-a. Era como se vivesse um sonho estranho.

Todavia, a realidade do momento não podia ser ignorada, e Clarissa lutou contra um pânico insidioso. Temia largar o braço do pai e fugir correndo pela porta afora. Desesperada, desviou o olhar de Preston, pois embora ele a fitasse com expressão amorosa, não conseguiria ir-lhe ao encontro, encarando-o de frente. Por isso, concentrou a atenção nos convidados ao longo da nave, na esperança de manter firme a resolução de se casar e de ignorar a tristeza e a aflição que a oprimiam.

“Na verdade”, ouviu o coração dizer, “você queria que *ele* estivesse aqui para impedi-la de dar esse passo”. Ah, se Brandon desejasse afastá-la de Preston, já teria tentado muito antes.

Ao passar por Humphrey e outros professores da universidade, Clarissa lembrou-se da carta do mestre, que encontrara na escrivaninha do pai na véspera à noite. Ela o informava de que Brandon tinha sido escolhido por Dobson e Whittaker, com quem deveria se entrevistar, nessa manhã, para acertos finais. Claro, Brandon não poderia estar ali agora! Sentiu um ódio súbito pela advocacia que demandava sua atenção absoluta. Depois da cerimônia, estaria separada para sempre dele.

Mais uns passos vagarosos a fizeram passar pelos membros da Sociedade de Horticultura. E, finalmente, viu Lavínia no primeiro banco. Embora banhada em lágrimas, a tia querida tentou sorrir enquanto enxugava os olhos com um lençinho de renda dilacerado. Clarissa queria poder abraçá-la e lhe garantir, mais uma vez, que tudo daria certo. Mas nesse instante, ela mesma foi assaltada por dúvidas imensas.

Num estado meio nebuloso, ouviu o ministro iniciar a cerimônia e, a seguir, as respostas firmes de Preston. Quando o sacerdote já ia questionar suas intenções, Clarissa foi surpreendida por um gemido alto e murmúrios vindos de alguns passos a suas costas.

Virou-se com a leve esperança de ver Brandon entrando pela igreja adentro com sua expressão determinada. Todavia, deparou-se com a silhueta da tia, caída no chão. Sem a mínima hesitação, Clarissa jogou o buquê fora e correu para o lado de Lavínia, onde teve de afastar os companheiros da

Sociedade de Horticultura que se agrupavam à volta.

— Titia, o que aconteceu? — perguntou, ajoelhando-se no chão.

Aparentemente fraca demais até para fazer o gesto habitual de sacudir o lençinho de renda no ar, Lavínia mantinha as mãos sobre o peito ofegante. Num esforço, murmurou:

— Foi o meu coração, querida. Você vai ter de me levar para casa e chamar meu médico imediatamente.

— Claro, tia Lavínia.

— Não se preocupe, minha cara, você ficará boa — garantiu Manning, tocando-lhe a mão.

— Enquanto levam sua tia até a carruagem, vamos terminar a cerimônia o mais depressa possível a fim de podermos acompanhá-la até em casa — sugeriu o noivo baixinho.

— Ora, Preston! Francamente, não vou fazer nada até ter certeza de que tia Lavínia está bem. Vamos levá-la para casa já. Nossos votos matrimoniais vão ter de esperar.

— Só pensei que, se alguma coisa grave lhe acontecesse, pelo menos, sua tia nos veria casados — disse Preston em tom apaziguador.

Um outro gemido de Lavínia, seguido por um estremecimento do corpo, pôs fim à argumentação de Preston. Ele estava furioso. Por um triz, já não era o genro de J. G. Manning e seu futuro sócio. Não podia fazer nada, admitiu ao ver a noiva acompanhar as pessoas que carregavam a Srta. Cooper pela nave, o buquê esquecido na pedra fria do chão.

Quando a carruagem parou em Hertford Court, Clarissa teve de lutar contra as lágrimas. Em sua curta ausência e por ordem da tia, a fachada da casa tinha sido decorada com guirlandas de folhagens e flores para receber os recém-casados e seus convidados. Lavínia tivera tanto trabalho por amor a ela, reconheceu Clarissa. Rezava para que o esforço despendido não transformasse o dia numa catástrofe maior do que já era. Já lhe bastava o sofrimento de ter perdido Brandon. Não suportaria ver a tia...

A porta da carruagem abriu-se, impedindo-a de terminar o pensamento. No instante seguinte, o pai carregava Lavínia nos braços. Virando a cabeça por sobre o ombro, ele ordenou ao rapaz em pé na calçada:

— Preston, não fique aí feito um imprestável. Bata a aldrava para que venham abrir a porta. No momento, nossa preocupação é Lavínia. Minha filha não vai desaparecer — acrescentou ao ver o quase genro estender a mão a Clarissa a fim de ajudá-la a descer da carruagem. — Depressa, homem!

— Atenda meu pai, Preston — pediu Clarissa, vendo-lhe a expressão

irritada. — Ele não quis ser desagradável. Está muito preocupado com tia Lavínia.

Preston obedeceu e, em seguida, voltou para junto da carruagem. Ressentia-se de receber ordens como se fosse um menino de recados. Havia um limite do que a sociedade na firma de advocacia podia comprar. Logo o Dr. Manning descobriria isso, ou o mundo ficaria sabendo quem, na verdade, era sua filha angelical.

— James, acalme-se, eu posso andar — disse Lavínia ao entrar em casa.

— Não. Só quando o médico a examinar e der ordem — respondeu o cunhado ao colocá-la no sofá da saleta.

— Não há necessidade de tanto cuidado. Ele vai dizer que não existe nada muito sério — afirmou Lavínia.

— Sem dúvida — opinou Preston da porta. — Quer dizer, é o que todos nós desejamos — corrigiu-se.

— Pelo menos, eu quero — confirmou Clarissa ao ver a tia rodeada de laços de tule, samambaias e botões de rosa. — Sua decoração da casa ficou magnífica, aliás, como tudo que você faz. Eu me sinto tão mal ao vê-la doente. Jamais vou ser suficientemente grata por tudo que fez por mim — confessou ao ajoelhar-se junto à tia.

Vendo-a nessa posição aos pés da velha irritante, Preston mal conteve a raiva. Além do mais, as outras idiotas da Sociedade de Horticultura começavam a chegar da igreja a fim de mimar Lavínia. Elas o felicitavam como se já estivesse casado. E estaria mesmo se não fosse pela solteirona Cooper.

— Sim, cara tia Lavínia, a senhora fez do dia de nosso casamento uma data memorável — afirmou Preston, cravando os olhos verdes de expressão feroz nos de Lavínia e forçando Clarissa a se levantar para ficar junto a ele. — Sabemos não poder, jamais, recompensar sua dedicação. Só esperamos seu restabelecimento rápido, desse mal inesperado, para que possa, daqui a uns tempos, sentar nosso filhinho em seu colo.

Um silêncio profundo acolheu as palavras de Preston. Abrupta, Clarissa afastou-se e o fitou com olhar gélido. Preston precisava aprender a não tocá-la de maneira tão possessiva. Isso lhe provocava arrepios desagradáveis.

Indiferente demais para responder, Lavínia manteve-se calada. Apenas levou o lençinho à boca e tossiu um pouco a fim de ganhar uns segundos para refletir. Por Deus, onde estaria Geoffrey? Já fazia mais de uma hora que haviam se separado em frente à igreja e ela não sabia quanto mais dessa solicitude toda agüentaria. Pelo menos, tinha conseguido interromper a

cerimônia do casamento. Mas até quando?, indagou-se.

— Lavínia, devo pedir a Ellen para lhe trazer uma xícara de chá, ou um copo de água? — indagou James Gregory.

— Talvez um pouco de conhaque — sugeriu Humphrey, acabando de chegar. — Descobri que ele tem um excelente poder restaurador.

— Ah, quem sabe uma pequena dose, obrigada. Se ficar deitada aqui quieta, estarei boa logo. Estou com raiva de mim mesma por ter estragado seu grande dia, Clarissa.

— Nem pense nisso, titia. Para mim, você vale muito mais do que uma aliança no dedo — afirmou Clarissa, mas ao ver a expressão exasperada de Preston, arrependeu-se de ser sincera e acrescentou com um sorriso faceiro: — Ainda mais quando sou amada por uma criatura tão dedicada quanto Preston. Ele não me desertará.

— De jeito nenhum! Você é a luz de minha vida — declarou o noivo sorridente, embora os olhos verdes se assemelhassem a duas pedras de gelo.

— Nesse caso, Clarissa, você não quer ver se Ellen está pronta para começar a servir? Depois, vá lá em cima trocar seu vestido a fim de ficar mais à vontade, a meu lado, quando o médico chegar para me ver — pediu Lavínia.

— Claro, titia — concordou Clarissa.

— Lavínia, isso é puro absurdo! Deixe de ser anfitriã e repouse. Ninguém está pensando em comida num momento como este. Não sei por que o médico está demorando tanto — reclamou Manning. — Até ele chegar, não haverá movimentação desnecessária na casa. Clarissa, suba para se trocar e, depois, mude suas coisas para o quarto ao lado do de sua tia. Assim, estará mais perto se ela precisar de algo durante a noite.

— Esta é a minha casa, Dr. Manning, e não a sua. Ouço barulho de mais convidados chegando. Deixe minhas amigas virem me fazer companhia até o médico chegar com suas pílulas abençoadas. Você e o professor Humphrey podem ir tomar uma bebida na biblioteca. Preston, não há necessidade de você continuar aqui. Afinal, é ridícula essa preocupação toda comigo — argumentou Lavínia ao expulsar os homens e chamar as amigas para dentro da saleta.

— Bem, James, recebemos ordens explícitas — disse Humphrey ao tirar o cachimbo do bolso. — Vamos fumar, tomar uma dose de uísque e deixar a dona da casa à vontade.

— Tem razão — concordou Manning. — Preston, você nos acompanha?

— Com franqueza, senhor, eu preferiria ser útil. Se me der permissão,

vou ajudar Clarissa a mudar suas coisas.

Não gostando da idéia, Manning manteve-se calado por um instante, mas lembrou, não fossem os acontecimentos imprevistos, o rapaz já faria parte da família.

— Está bem. Afinal, pelos seus direitos, você é meu genro, ou quase, e eu posso lhe confiar minha filha. Suba.

— Desculpe, delegado, mas não posso compreender essa demora interminável — reclamou o nono conde de Hammerford. — Já identifiquei meu filho.

— Exato, senhor, e eu agradeço sua colaboração.

— O senhor garantiu que podíamos ir embora. E quanto ao Sr. Phillips? Também testemunhei a seu favor.

— De fato, mas isso não prova que ele não seja também conhecido como Sr. Walker na área de Holywell. O rapaz tinha, em seu poder, evidências incriminatórias, o senhor há de convir — explicou o delegado.

— Absurdo! — protestou Ned. — Brandon formou-se em primeiro lugar na faculdade de Direito, enquanto se sustentava dando aulas particulares. Chegou até a trabalhar como auxiliar de um advogado famoso.

— Nesse caso, ele devia saber muito bem o que fazia quando arrombou e invadiu uma casa — comentou o delegado.

— Se está tão convencido de minha culpa, porque não lavra a queixa de uma vez e me deixa ir embora sob fiança? — perguntou Brandon com ar bravo.

Já havia sacrificado a carreira por amor a Clarissa e, agora, temia perdê-la também caso não chegasse a Hertford Court antes dos recém-casados partirem em viagem de núpcias.

— Calma, Brandon, isso poderia lhe ser prejudicial. Olhe aqui, delegado, o Sr. Walker é Waverly-Smythe, o noivo do casamento na igreja de São Pancrácio onde o detetive foi me buscar. Por que não manda detê-lo lá? — sugeriu Geoffrey.

— Impossível, senhor. Sem uma queixa explícita contra o Sr. Waverly-Smythe não podemos perturbá-lo, ainda mais no dia de seu casamento. Por isso mesmo, o detetive Henry não o procurou quando foi buscar o senhor. Tão logo a menina da fotografia seja encontrada e trazida aqui para testemunhar que o Sr. Phillips não é o Sr. Walker, poderemos deixá-lo ir.

— Até lá, ele estará a caminho de Filadélfia — reclamou Brandon, impaciente. — E se eu assinar, sob juramento, uma queixa contra Waverly-Smythe, o senhor poderá agir?

— Claro, mas do que o acusaria? — indagou o delegado.

— Apropriação indébita. Ele roubou minha futura esposa.

— Isso não me parece possível, mas poderíamos investigar um suposto seqüestro.

— O senhor afirmou que agiria baseado numa queixa — aparteou *lord* Geoffrey. — A acusação tem procedência, dou-lhe minha palavra de honra. A moça em questão não alimenta a mínima vontade de permanecer ao lado de Waverly-Smythe. — “Pelo menos quando souber que Brandon a ama”, acrescentou para si mesmo. — Vá logo, Phillips. Minha carruagem e o cocheiro estão em frente da delegacia.

— Mas, senhor, não acredito — começou a protestar um policial ao ver Brandon correr para a porta onde mantinha guarda.

— Vá com ele e traga de volta o tal Waverly-Smythe para se resolver o assunto de uma vez por todas. E você, Wilson, vá ajudar a procurar a menina. Se não me engano, ela se chama Annie — ordenou o delegado, disfarçando um sorriso.

Sujeito inteligente esse Phillips, reconheceu o homem da lei. Com sua estratégia, ele forçava a polícia a lhe fazer a vontade.

Ao alcançar a rua, Brandon apanhou as rédeas das mãos do cocheiro, em pé ao lado da carruagem de *lord* Geoffrey, antes que o serviçal desse conta. No instante seguinte, sentava-se no lugar dele e partia. Quando o cocheiro gritou, o veículo já ia a toda por Bow Street, rumo a Holborn.

— *Lord* Geoffrey, ele roubou a carruagem bem em frente da delegacia, senhor! — exclamou o criado, assustado ao ver o conde deixar o prédio.

— Fique tranquilo, John, está tudo certo. Eu lhe dei ordem para usá-la. A polícia, com toda certeza, nos fornecerá transporte. Vamos ao mesmo lugar que o rapaz. Ele apenas chegará um pouco antes de nós.

Murmúrios de desagrado acolheram as palavras de *lord* Geoffrey, mas como ninguém se aventurasse a contradizê-lo, um veículo da polícia não demorou a aparecer.

Quanto a Brandon, nada mais o importava a não ser Clarissa. Tinha a premonição de que ela corria perigo e este aumentava a cada minuto. Temia alcançá-la quando já fosse tarde demais.

— Pronto. Sua tia vai se sentir mais animada com você aqui ao lado dela. Sua idéia de dormir no mesmo quarto foi melhor do que a de seu pai. Não adiantaria muito ficar no quarto ao lado — afirmou Preston, solícito, ao colocar os livros de Clarissa em uma mesinha de cerejeira. — Tão logo a Srta. Cooper esteja em sua cama, podemos mandar um recado ao ministro para ele

passar aqui, à tarde, a fim de terminar a cerimônia interrompida agora de manhã.

— Preston! Pense no que está me dizendo. Já o avisei que não vou me casar com ninguém até ter certeza do estado de saúde de tia Lavínia.

— Refleti sobre isso e só quero o que for melhor para você, Clarissa — continuou Preston num tom apaziguador que escondia sua raiva.

De forma alguma permitiria que sua associação a J. G. Manning lhe escapasse por entre os dedos só porque uma velha senil caíra doente de cama.

— Reconheço a sinceridade de seu interesse por mim, Preston, mas continuo insistindo em esperar um pouco antes de voltarmos ao altar — disse Clarissa em tom suave.

Desde o início, não sentira o mínimo entusiasmo por esse casamento e já uma sensação de culpa em relação à tia a atormentava. Ao lhe revelar sua situação verdadeira, pusera uma grande sobrecarga no coração de Lavínia. A idéia de haver contribuído para sua enfermidade extinguiu, por ora, qualquer possibilidade de se casar com Preston.

— Escute, Clarissa — insistiu Waverly-Smythe com mais firmeza. — Quero cuidar de você em períodos de dificuldade e este é um deles, doçura. Para seu próprio bem, não vou admitir argumentação em contrário.

— Mas não há argumentação alguma — respondeu Clarissa, irritada com a súbita demonstração de autoritarismo do homem. — Fiz uma simples afirmativa. Não haverá casamento algum enquanto tia Lavínia não estiver boa.

— Então, pondere o seguinte — persistiu ele não mais escondendo a impaciência e a raiva, características que Clarissa jamais associara a Preston. — Se alguma coisa acontecer à velha, caso ela morra, você terá de guardar luto por um ano. Nesse período, não poderá haver casamento. Como ficarão você e o seu filho?

— Se esse for meu destino, paciência.

— Mas eu não permitirei que isso aconteça! Não só a sua reputação estará perdida quanto a minha também. Todos vão pensar que o filho é meu, ainda mais quando íamos nos casar e só não o fizemos por uma fatalidade! Já deveríamos ser marido e mulher!

— Lamento muito esse aspecto da questão, Preston — disse Clarissa, distraída ao rodar o anel de safira no dedo. — Para ser franca, os acontecimentos de hoje me levaram a refletir sobre a vida, a morte e outras coisas que realmente importam. Tive ensejo de reconsiderar certos fatores e...

Enquanto falava, Clarissa descobriu estar livre dos temores que a

prendiam a Preston. Num gesto deliberado, começou a retirar o anel, símbolo do cativo de seu coração. Num movimento brusco e rude, Preston imobilizou-lhe as mãos.

— Pare com isso já! Você está histérica, tensa, e não sabe o que faz — disse em tom ríspido, o brilho dos olhos verdes mais sinistro do que o da safira do anel. — Vamos nos casar hoje e eu não quero mais saber de suas tolices.

— E eu não quero mais saber de você. Tire suas mãos de mim — exigiu Clarissa.

Ao conhecer esse aspecto mau do caráter de Preston, ela tinha de admitir que o mal súbito de Lavínia, embora preocupante, se constituía numa bênção.

Enfurecido com sua rejeição fria e inflexível, Preston não conseguiu mais se controlar.

— Você vai se casar comigo hoje, entendeu? Com esse propósito, vamos sair já desta casa. Se você se recusar a me acompanhar, irei lá para baixo e anunciarei a todas as pessoas reunidas que você está grávida do filho bastardo de Brandon. Fui claro? Não me subestime.

— Tia Lavínia já sabe — contou, brava e sem se intimidar.

— Ah é? Ótimo! Porém duvido que ela fique muito satisfeita quando as amigas forem informadas do fato. Ela e a família se tornarão o novo escândalo da sociedade. Que conseqüências isso terá para sua preciosa tia e em seu coração fraco?

Embora não pensasse em ceder à chantagem de Preston, Clarissa não conseguiu esconder a expressão de horror ao visualizar a cena planejada por esse homem monstruoso. A vulnerabilidade espelhada em seus olhos castanhos deu-lhe uma aparência de menina desamparada. De repente, Preston achou-a muitíssimo atraente e foi tomado pela excitação.

Isso! Ele a prenderia de uma maneira diferente, que não dependeria de ameaças e sim de ação. A intenção iluminou-lhe o olhar de forma ameaçadora. A movimentação no andar térreo era muito grande para alguém perceber o que ele estava prestes a fazer. Terminaria logo e, depois, Clarissa não teria outra escolha senão casar-se com ele. Phillips, sem dúvida, jamais quereria tocá-la outra vez e nenhum outro homem aceitaria se casar com uma mulher experiente. Ela, por seu lado, não se atreveria a contar que fora violentada, pois isso só provocaria escândalo. Gostando ou não, J. G. Manning teria de aceitá-lo como genro. Preston não tinha mais dúvida de como agir. Afinal, se um homem desejava algo, tinha de agarrá-lo. E assim, pensando no próprio futuro e não em Clarissa Manning, Preston dominou-a à

força e prensou a boca quente e úmida sobre a dela.

Sem dar atenção aos olhares curiosos dos pedestres, na rua da igreja de São Pancrácio, Brandon sacudiu as rédeas instigando os cavalos a prosseguirem em direção a Hertford Court. Depois de ver a igreja vazia e ter deduzido o pior, achava de bom alvitre os outros veículos lhe darem passagem. Ao constatarem sua velocidade, todos desviavam-se para o lado. Com a polícia vindo atrás e Clarissa correndo perigo com o marido que não conhecia bem, muito menos amava, ele não tinha tempo a perder com gentilezas no trânsito. Só quando a carruagem fez a curva numa esquina em duas rodas apenas e quase virou, Brandon diminuiu um pouco a marcha. Já estava bem perto de Hertford Court e nada haveria de acontecer ao seu amor. Não agora, quando finalmente reconhecia o quanto a amava.

Parando em frente à casa de Lavínia, Brandon largou as rédeas e pulou no chão. Numa fração de segundo, já batia a aldrava. Furioso, notou a decoração da fachada da casa. Esse casamento não merecia tanta pompa, e a Srta. Cooper, por mais fútil que fosse, deveria ter se dado conta do fato.

Impaciente, já levantava a mão para bater outra vez quando a porta se abriu e um médico saiu do interior da casa. Alguém devia estar doente ou ferido, e Brandon Phillips afligiu-se temendo a possibilidade de ser Clarissa. Afastando as pessoas à sua frente, ele gritou ao atravessar o vestíbulo:

— Onde está ela?

Com o queixo machucado, paletó e colete abertos e a camisa em petição de miséria por causa da corrida desenfreada pelas ruas de Londres, Brandon poderia ser tomado por qualquer coisa, menos por um cavalheiro londrino preparado para defender a mulher amada.

— Olhe aqui, Phillips — começou J. G. Manning ao notar-lhe a agitação.

— Sua oportunidade para interferir nesse assunto extinguiu-se. Deixe minha filha em paz e tenha um pouco de respeito pela Srta. Cooper. Ela está bem...

— Eu perguntei, onde está ela? — interrompeu Brandon, disposto a vasculhar a casa inteira se não lhe contassem o paradeiro de Clarissa.

— Ora, lá em cima, meu caro — respondeu Lavínia, recuperando-se milagrosamente.

Ela levantou-se do sofá e, com firmeza, conduziu as amigas até a porta e as despediu, sem se importar com suas expressões de surpresa e curiosidade. Lavínia agia como se fosse a coisa mais natural do mundo responder à indagação do homem meio louco. Isso sem falar em sua repentina recuperação.

Ignorando os protestos de Manning, Brandon correu para a escada cujos

degraus subiu de três em três. Furioso, o pai de Clarissa já ia segui-lo, mas a mão da cunhada em seu braço o impediu.

— O que está tentando fazer? — gritou ele, confuso com a atitude irracional de Lavínia.

— Pare onde está e não tente interferir em alguma coisa sobre a qual você não sabe nada — disse ela, enérgica.

Embora achasse sua atitude muito ofensiva, a rispidez de Lavínia o deteve.

— Se sabe o significado disso tudo, eu a aconselho a me dar explicações imediatamente — exigiu Manning na voz imperiosa empregada em um tribunal.

Mas apesar de juízes, promotores, testemunhas e jurados estremecerem ao ouvi-la, Lavínia não lhe deu importância.

— Se você ficar quieto e sossegar contarei tudo — prometeu ela com tanta calma que James concluiu ser melhor atendê-la em vez de continuar fazendo exigências.

Enquanto Brandon, no segundo andar, procurava por Clarissa, Lavínia iniciava sua história. Mal sabia que, antes de terminá-la, a polícia, Geoffrey e Ned chegariam para acrescentar novos detalhes.

— Clarissa! — gritou Brandon depois de passar por vários quartos vazios ao longo do corredor. — Clarissa! Onde está você?

Não obteve resposta, mas ouviu uns gemidos fracos vindos de uma porta fechada. Correu até ela e tentou abri-la, mas estava trancada a chave. Os gemidos, mais fortes então, revelavam desespero e Brandon percebeu a necessidade de arrombar a porta. Recuou alguns passos, a fim de dar mais força ao impacto, e atirou-se de encontro a ela, atingindo-a com o ombro. A madeira estalou, porém não cedeu. A segunda tentativa, contudo, teve êxito. Ouviu-se um estrépito agudo e a porta soltou-se das dobradiças.

Brandon nunca tinha sentido raiva tão intensa como a provocada pela cena com a qual se deparou. Alucinado, Waverly-Smythe batia em Clarissa, cujo vestido já começara a rasgar. Sem um segundo de hesitação, ele pulou sobre Preston e, segurando-o pelo pescoço, tirou-o de cima de Clarissa, mas não diminuiu a pressão dos dedos. Queria estrangular o animal miserável que tentava violentar sua amada.

Depois de sacudi-lo várias vezes, largou-o para dar-lhe a sova merecida. Murro atrás de murro ecoava no quarto e, embora o oponente tentasse esmurrá-lo também, não conseguiu diante da fúria com que era atacado. Brandon descarregava o ódio no homem que acreditava ser o marido de

Clarissa.

Só quando Preston perdeu a consciência ele parou, pois seria inútil continuar o castigo se não era mais sentido. Ofegante, sentou-se no chão.

Depois de alguns instantes, levantou o olhar e viu Clarissa trêmula e banhada em lágrimas. Ela o fitava sem saber o que esperar dele. Nesse momento, uma grande metamorfose teve lugar. A ira descontrolada de minutos atrás desaparecia para dar lugar a uma imensa ternura.

Brandon levantou-se e, aproximando-se de Clarissa, tomou-a nos braços. Enquanto lhe afagava os cabelos, mantinha-se calado, pois não confiava na voz. Sentia-se eufórico, feliz e pouco se importava que a lei a tivesse marcado como Sra. Preston Waverly-Smythe. Em seu coração, ela lhe pertencia.

Ainda em silêncio, ele a carregou nos braços, passou pela forma inerte de Preston e levou-a para outro quarto, longe do lugar de experiências tão amedrontadoras para ambos. No corredor, ele fez apenas um gesto de cabeça para as pessoas reunidas ali. Deixava a responsabilidade de Waverly-Smythe a cargo de Manning e da polícia.

Nos braços de Brandon, com a cabeça apoiada em seu peito, ouvindo-lhe as batidas do coração, Clarissa sentia-se segura e aliviada. O terror de minutos atrás desaparecia aos poucos. Só não entendia o que a polícia, *lord* Geoffrey e Ned faziam no corredor.

Transtornado com a aparência desarrumada da filha, Manning tentou segui-los porém uma vez mais Lavínia o impediu.

— Deixe os jovens em paz — murmurou enquanto o cunhado, atônito, via a porta do quarto se fechar.

— Só quero ter certeza de que Clarissa esteja bem. As evidências mostram o contrário — protestou ele.

— James, a pessoa de quem ela mais precisa agora é Brandon — disse com firmeza. — Além disso, não convém perturbar sua filha e futuro genro.

— Ela queria se casar com Preston — argumentou ele.

— Mera formalidade.

— E quanto a essa história contada por *lord* Geoffrey a respeito da confusão de Phillips com a polícia esta manhã? Ele mencionou acusações sobre vários tipos de imoralidade. Não creio que elas tenham sido retiradas.

— Como você, caro cunhado, é um advogado famoso pela competência, vai conseguir resolver tudo a contento. Mas acho bom andar depressa. Agora, vamos entrar no meu quarto e ver o que aquele criminoso tem para dizer à polícia.

Sem se importar com os acontecimentos no corredor, Brandon

centralizava toda atenção em Clarissa. Embora a tivesse posto no chão, não conseguia largá-la. Ela, por sua vez, não queria deixar a segurança e o conforto daqueles braços em volta do seu corpo. Permaneceram unidos e em silêncio por algum tempo. Ambos temiam a renovação do sofrimento suportado durante o período de separação.

— Meu amor adorado — Brandon murmurou, finalmente, junto a seu ouvido. — Pensei que a tivesse perdido.

— Não importa o que acontecer, Brandon, você jamais me perderá. Mesmo quando eu entrava na igreja, em direção a Preston, era você quem estava em meu coração.

— Vamos esquecer o que aconteceu, pois graças a Deus estamos juntos. Mandaremos anular o casamento desta manhã e realizaremos o nosso.

— Não, Brandon, não houve casamento algum. A cerimônia mal tinha começado quando tia Lavínia ficou doente e tivemos de trazê-la para casa. Aqui, eu me dei conta do erro imenso que ia cometer e disse a Preston ter mudado de idéia. Foi então...

— Não vamos falar sobre ele ou a respeito dos fatos que nos separaram, Clarissa.

Já tinha conhecimento do necessário e não desejava se inteirar de detalhes desagradáveis, ponderou ao tirar o anel de safira do anular de Clarissa.

— Sobre o que vamos falar, então?

Brandon viu a promessa de paixão dançar em seus olhos.

— Apenas isto — respondeu, antes de curvar a cabeça e tocar-lhe os lábios com os seus.

Nesse beijo delicado, Brandon expressava a força de seu amor e selou o compromisso assumido.

Receptiva, Clarissa não escondeu a felicidade e a ternura sentidas e, quando os lábios se separaram, ela já sabia tudo que precisava a respeito do futuro.

— Delicioso — murmurou com voz sonhadora, porém fitando a expressão séria de Brandon com um brilho malicioso no olhar. — Existe algo sobre o que, em minha opinião, deveríamos também conversar.

— E o que poderia ser? — perguntou Brandon, sorrindo pela primeira vez em semanas.

— Isto — respondeu Clarissa ao tomar-lhe a boca e entregando-se ao mais doce abandono.

— Gosto como sua mente trabalha, mocinha — sussurrou Brandon

enquanto tirava o anel de rubi do bolso do colete e o colocava onde deveria ficar para sempre.

EPÍLOGO

O verão do ano seguinte estava sendo muitíssimo quente em Filadélfia e Clarissa usava a carta, recebida e lida havia instantes, para se abanar. Acomodado numa cesta a seus pés, James Edward, de seis meses, a fitava com olhar solene.

— Você é igualzinho a seu pai, seriíssimo! — comentou para ser desmentida, em seguida, pelo riso alegre do bebê.

— E como sempre faz ao pai dele, você lhe provoca um sorriso de alegria — disse Brandon ao entrar no aposento e observar satisfeito a cena de tranqüilidade doméstica.

Depois de apanhar o filho nos braços, ele se sentou ao lado de Clarissa. Sentia-se aliviado por poder descansar uns momentos entre os afazeres do dia agitado.

— Já é oficial. A firma de seu pai vai abrir escritórios em Londres. Posso deixar os detalhes da organização em suas mãos, Clarissa?

— Naturalmente — concordou ela, satisfeita por ainda ser incluída nos trabalhos dos negócios da família.

— Com isso, teremos de nos mudar para Londres dentro de dois ou três anos, não se esqueça — avisou Brandon.

— Tudo bem. Não foi lá que eu encontrei o meu maior tesouro? — provocou Clarissa.

— Foi, enquanto eu tive de importar o meu — respondeu ele ao beijá-la no rosto.

— Recebemos uma carta de Ned.

— Não diga! Por quem ele está apaixonado agora? — perguntou Brandon, rindo.

— Você quer dizer: com quem vai se casar? Ele está noivo — contou Clarissa.

— Não acredito!

— Pois é verdade. Vai se casar tão logo termine a faculdade. E pelo que conta, está muitíssimo apaixonado.

— Ah, eu também — declarou Brandon.

— Eu sei — concordou Clarissa com uma voz sedutora e ao lembrar-se do amor cada vez mais fervoroso do marido.

— E o que mais ele conta? — Brandon quis saber, ansioso para se inteirar das notícias a fim de poder cuidar de algo mais importante.

— Ned gostaria que você fosse o padrinho do casamento. Diz que tia Lavínia vai muito bem e continua visitando *lord* Geoffrey, aliás, cada vez com maior frequência.

— Isso não é novidade. Imagino apenas por que eles ainda não resolveram enfrentar o altar.

— Porque algumas mulheres precisam de sua liberdade.

— Isso, minha querida esposa, eu sei muito bem. Há umas que conseguem conservar a independência dentro do casamento — comentou Brandon com exasperação fingida.

— E com ela, trazem a paixão para a cama do marido — provocou Clarissa com um sorriso de satisfação.

— Mudando de assunto, não está na hora de James dormir o soninho da tarde? — indagou Brandon com ar inocente.

— Ele acabou de acordar, meu querido! — informou Clarissa, rindo divertida.

— Uma pena — lastimou-se, acariciando a esposa e deixando claro que não desistiria dos planos para a tarde.

— Observando melhor, vejo que o menino está meio sono-lento. Não deve ter dormido o suficiente — comentou, aconchegando-se mais a Brandon.

— Bom trabalho, filho! — elogiou o pai, piscando o olho. — Continue a colaborar que logo terá um irmãozinho.

— Vocês dois não passam de dois malandros endiabrados!

— Do jeitinho que você gosta, admita — demandou Brandon na voz severa usada no tribunal, antes de beijá-la.

— Eu me declaro ré confessa.

— Então, não resta outra coisa senão conferir-lhe a pena de prisão perpétua — murmurou Brandon junto a seus lábios.



O SEQÜESTRO
PATRÍCIA POTTER

Raptora e refém, inimigos e amantes
Fronteira da Escócia, 1550

Um estranho sentimento assaltou Elsbeth, a chefe do clã escocês. O prisioneiro tinha os olhos cinzentos como o céu em dia de chuva, o rosto atraente e altivo como se nada pudesse atingi-lo. Pela primeira vez, desde que se arrojara neste ousado plano de vingança contra os ingleses, perguntava-se se o seqüestro do conde Alexander Carey não acabaria revertendo numa perigosa armadilha.

O conde refreava a imensa raiva que o consumia. Mal havia chegado a seu condado com a intenção de promover a paz na fronteira e via-se presa dos malditos escoceses. E liderados por uma mulher! Bela, fria, calculista. Apesar do desespero, uma idéia delineou-se em sua mente. Essa mulher linda seria tão fria na cama com um homem?

Ele obteria a resposta, e *sua vingança!*

Patrícia Potter

Uma história de amor
e suspense da autora consagrada
em todo o mundo!
Não perca. Nas bancas.

A SENHORA DO CASTELO
LYNDA TRENT

Uma nobre e um plebeu se unem por estranhos interesses

O Gavião Negro abandonou os mares para se transformar num respeitável homem de negócios. Ele exultava com o sucesso de seus planos. A sorte lhe sorria tanto que encontrou uma esposa nobre e bela para lhe abrir as portas da alta sociedade. Porém, *lady* Bianca Stanford representava um perigo capaz de assustar até um destemido corsário.

Fantasmas de antepassados e uma interminável sucessão de estranhos acontecimentos acompanhavam Bianca desde a infância. A vinda inesperada desse atraente e rico pretendente foi recebida como uma solução perfeita para devolver-lhe a felicidade. Nem em seus sonhos mais desvairados ela poderia imaginar que essa união os enredaria numa trama sinistra que iria ameaçar a vida de todos... da própria rainha Elizabeth!